

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

MAURÍCIO PEREIRA GOMES

**A FORÇA DE UMA PALAVRA: HOMOFOBIA NAS PÁGINAS
DA FOLHA DE SÃO PAULO (1986-2011)**

**Florianópolis/SC
2014**

MAURÍCIO PEREIRA GOMES

**A FORÇA DE UMA PALAVRA: HOMOFOBIA NAS PÁGINAS
DA FOLHA DE SÃO PAULO (1986-2011)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para obtenção do grau de mestre em história.

Orientadora: Cristina Scheibe
Wolff

**Florianópolis/SC
2014**

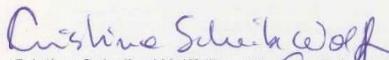
**A força de uma palavra: homofobia nas páginas da
Folha de São Paulo (1986-2011).**

Maurício Pereira Gomes

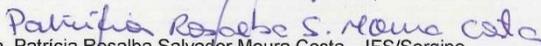
Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

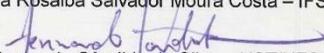
Banca Examinadora



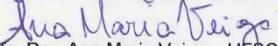
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff (Presidente e Orientadora) – PPGH/UFSC



Profa. Dra. Patricia Rosalba Salvador Moura Costa – IFS/Sergipe



Prof. Dr. Fernando Cândido da Silva – HST/UFSC



Profa. Dra. Ana Maria Veiga – UFSC

Profa. Dra. Janine Gomes da Silva – PPGH/UFSC



Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 26 de fevereiro de 2014.



Jovens acusados por ataques homofóbicos na Avenida Paulista são liberados da Fundação Casa (de menores infratores). Imagem colhida da página C5 da edição da FSP de 17.11.10/Luiz Guarnieri/Futura Press.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, especialmente meu pai, e aos meus amigos, pela paciência e apoio.

Ao Flávio, por estar do meu lado.

Às professoras Cristina Scheibe Wolff, Miriam Pillar Grossi e Joana Maria Pedro pelas portas abertas, a generosidade e o exemplo.

Aos colegas de mestrado e do LEGH - Laboratório de Estudos de Gênero e História.

À UFSC, pública e gratuita.

RESUMO

Esta dissertação conta a história como surgiram e se difundiram os discursos sobre a homofobia nas páginas do jornal Folha de São Paulo, com a sua consolidação enquanto uma demanda social. Partindo da hipótese de que naquele processo de difusão discursiva algumas práticas e sujeitos foram considerados e outros invisibilizados e silenciados, realizei a busca de dados e uma análise textual nas edições diárias que circularam no período compreendido entre 1986 e 2011. O trabalho é estruturado em três capítulos. No primeiro reuni os antecedentes históricos que possibilitaram a gradual compreensão sociocultural de que a homofobia era um problema a ser combatido. No segundo, sob o título "Discursos restritos?", narrei e expliquei quando e como surgiram (1986-1993) e começaram a ser propagar (1994-2003) os discursos sobre a homofobia, questionando o alcance conquistado por essa difusão. E no terceiro, intitulado "Discursos amplificados?", explorei os períodos de fermentação (2004-2009) e explosão discursiva (2010-2011), lançando mão da expressão com o objetivo de evidenciar o aumento quantitativo das práticas discursivas estudadas, mas, ao mesmo tempo, problematizar o alcance dessa maior visibilidade. Para além da confirmação de que nunca se falou tanto em homofobia, constatei que tal explosão discursiva não foi ampla, mas, sim, restritiva na medida que deu visibilidade para uma homofobia associada a gays brancos, das camadas médias e urbanos, mais próximos de um modelo normalizado, padronizado e integrado à sociedade. Nunca ou muito pouco se falou de casos em que as vítimas foram negras ou pardas, pobres ou remediadas, tampouco de lésbicas, travestis e transexuais. Problemas enfrentados por estes segmentos não constituem até o momento uma demanda reconhecida pela sociedade brasileira em geral e pela maioria dos mediadores sociais midiáticos, a Folha de São Paulo em particular, o que está a indicar que a necessidade de visibilidade por parte das minorias sexuais pode ter nos meios de comunicação parceiros importantes, mas que, por outro lado, dita parceria tem suas limitações.

Palavras-chave: Homofobia. Práticas discursivas. Demanda social. Meios de Comunicação. Folha de São Paulo. Mediação social.

ABSTRACT

This dissertation tells the story of how the discourses on homophobia have appeared and spread in the pages of the newspaper Folha de São Paulo, with its consolidation as a social demand. Assuming that in such discursive diffusion process that some practices and subjects were considered and other invisible and silenced, I conducted a search for data and textual analysis in daily editions that circulated in the period between 1986 and 2011. The work is structured in three chapters. In the first are presented the historical background that made possible the gradual socio-cultural understanding that homophobia was a problem to be tackled. In the second, under the title "Restricted Speeches?", I narrated and explained when and how they came about (1986-1993) and began to be spread (1994-2003) the discourses on homophobia, questioning the extent achieved by this diffusion. And in the third, entitled "amplified speeches?", I explored the fermentation periods (2004-2009) and discursive explosion (2010-2011), making use of the expression in order to highlight the quantitative increase of discursive practices studied, but at the same time, discussing the scope of this greater visibility. In addition to the confirmation that homophobia has never been so spoken of, I found that such discursive explosion was not large, but rather restrictive in that it gave visibility for homophobia associated with white gays, of middle and urban layers, closer to a normalized model, standardized and integrated into society. Never or very little is told of cases in which the victims were black or brown, poor or middle class, nor when they are lesbians, transvestites and transsexuals. Problems faced by these segments are not yet a recognized by Brazilian society in general and by most media's social mediators, Folha de São Paulo in particular, which is indicating that the need for visibility of sexual minorities can have the important means of communication partners, but, on the other hand, such partnership has its limitations.

Keywords: Homophobia. Discursive practices. Social demand. Media. Folha de São Paulo. Social mediation.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABLGBT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.
AIDS - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.
APOGLBT - Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.
BBB - Big Brother Brasil.
CLAM - Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos.
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros.
CNJ - Conselho Nacional de Justiça.
DEM - Democratas.
EUA - Estados Unidos da América.
FHC - Fernando Henrique Cardoso.
FSP - Folha de São Paulo.
GAPA - Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS.
GGB - Grupo Gay da Bahia.
GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais e Travestis.
GLS - Gays, Lésbicas e Simpatizantes.
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana.
ILGA - Associação Internacional Lésbica e Gay.
INAMPS - Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social.
LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.
MEC - Ministério da Educação e Cultura.
MHB - Movimento Homossexual Brasileiro.
MTE - Ministério do Trabalho e Emprego.
OEI - Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura.
ONG - Organização Não Governamental.
ONU - Organização das Nações Unidas.
PDT - Partido Democrático Trabalhista.
PGT - Partido Geral dos Trabalhadores.
PLC - Projeto de Lei da Câmara.
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro.
PSDB - Partido Socialista Democrático Brasileiro.
PSOL - Partido Socialismo e Liberdade.
PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.
PT - Partido dos Trabalhadores.
PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
STF - Supremo Tribunal Federal.
UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
UFBA - Universidade Federal da Bahia.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

USP - Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 HISTÓRIA	43
1.1 ANTECEDENTES DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL	43
1.2 AS "ONDAS" DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL	46
1.2.1 A primeira "onda" (anos 1970-1980)	46
1.2.2 A segunda "onda" (anos 1980-1990)	50
1.2.3 A terceira "onda" (anos 1990-2000)	51
1.2.4 A quarta "onda" (anos 2000-2010)	54
2 DISCURSOS RESTRITOS?	57
2.1 O JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.UM POUCO DE HISTÓRIA	57
2.2 QUEM LÊ A FSP?	59
2.3 DEFINIÇÃO DOS DOIS PERÍODOS CONSIDERADOS NA PESQUISA: 1986-2003 E 2004-2011	62
2.4 O SURGIMENTO DOS DISCURSOS EM TORNO DA HOMOFOBIA NA FSP (1986-1993)	66
2.5 O INÍCIO DA PROPAGAÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE HOMOFOBIA NA FSP (1994-2003)	78
2.5.1 A cobertura do assassinato de Edson Nérís da Silva	100
3 DISCURSOS AMPLIFICADOS?	107
3.1 A FERMENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE A HOMOFOBIA NA FSP (2004-2009)	107
3.1.1 Os discursos sobre a realidade nacional (2004-2009)	109
<i>3.1.1.1 As pesquisas sobre homossexualidades e homofobia (2004-2009)</i>	<i>133</i>
3.1.2 Os discursos de opinião (2004-2009)	142
3.1.3 Os discursos de lazer e cultura nacional e internacional (2004-2009)	148

3.1.4 Os discursos sobre realidade internacional e sobre realidade internacional associada a realidade nacional (2004-2009).....	153
3.1.5 Dos discursos esportivos (2004-2009)	155
3.1.6 Os discursos do tipo editorial (2004-2009)	161
3.1.7 Poucas definições (2004-2009).....	162
3.2 A EXPLOSÃO DISCURSIVA SOBRE A HOMOFOBIA NA FSP (2010-2011).....	163
3.2.1 Os discursos sobre a realidade nacional (2010).....	165
<i>3.2.1.1 A cobertura do ataque com lâmpadas fluorescentes na Avenida Paulista e dos protestos decorrentes</i>	<i>172</i>
3.2.2 Os discursos de opinião (2010).....	183
3.2.3 Os discursos do tipo lazer e cultura nacional (2010).....	185
3.2.4 Os discursos sobre a realidade internacional e de lazer e cultura internacional (2010).....	189
3.2.5 Os discursos esportivos e do tipo editorial (2010)	189
3.2.6 Os discursos sobre a realidade nacional (2011).....	191
3.2.7 Os discursos de opinião (2011).....	209
3.2.8 Os discursos de lazer e cultura nacional (2011).....	211
3.2.9 Os discursos sobre a realidade internacional e lazer e cultura internacional (2011)	214
3.2.10 Os discursos esportivos e do tipo editorial (2011)	215
3.2.11 Poucas definições (2010-2011).....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	229
ANEXO A: Quadro auxiliar: Banco de Dados Acess 2007	240

INTRODUÇÃO

- A proposta

Quando e como surgiram os discursos em torno da palavra homofobia na mídia impressa brasileira, mais especificamente no jornal Folha de São Paulo? E como foi esse processo histórico mediante o qual eles foram difundidos e restou firmada a conotação negativa que a mesma detém? Em que termos, com que sentido e alcance se deu essa vulgarização? Afinal, esse movimento foi gradual e está a indicar uma mudança: a discriminação direcionada aos indivíduos LGBT¹ tem sido mais e mais reconhecida como um problema, gerando em torno dela uma demanda social². Essa é a hipótese de partida de meu trabalho, uma afirmação que, não obstante, não pode ser lançada sem o reconhecimento de que tal mudança foi e é vacilante, às vezes contraditória até, enfim, inserida que está em um quadro maior de transformação social que precisa ser devidamente problematizado.

¹ A questão do uso de siglas requisita, desde logo, uma explicação e um posicionamento claro da minha parte. A maioria dos estudos acadêmicos da área consolidou o uso da sigla MHB para se referir ao Movimento Homossexual Brasileiro até o ano de 1992. A contar do ano seguinte a sigla foi modificada mais de uma vez, com a inclusão de novas letras e a alteração da ordem de apresentação das mesmas. Uma verdadeira Sopa de Letrinhas de que fala Regina Facchini (2005).

Aquelas alterações se deram por definição dos encontros nacionais realizados, à medida que relações de poder no interior do movimento definiram desde o uso de novos termos, como no caso das lésbicas (1993) e dos gays (1995), ou possibilitaram a conquista de espaços dentro do movimento como se deu com as travestis (1997) e transexuais (2005), ou nele foram incluídos seguindo uma tendência internacional, como se deu com os (as) bissexuais (2005).

Com o objetivo de simplificar e tornar mais limpa a exposição, no entanto, ciente de que se trata de mera convenção, optei por generalizar o uso daquelas siglas, com o uso da MHB até o ano de 1992 e LBGT, a partir de 1993. Cabe esclarecer, por fim, que a sigla LGBT foi aprovada pelo movimento na I Primeira Conferência Nacional, realizada em Brasília, em 2008, para se referir, pela ordem, às lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 14-15).

² "A construção de uma questão enquanto um problema social, extrapolando a esfera privada e individual e "afetando", de alguma forma, o coletivo, tem a mídia como um dos protagonistas centrais nas sociedades ocidentais modernas. Tudo que entra na pauta da mídia revela a existência de um "valor" prévio, a partir do qual se dá a seleção das notícias que serão publicadas e a maneira como elas serão veiculadas." (ZAMBRAMO, 2007, p. 321).

Por outro lado, certo é que aquele processo se deu e se dá mediante disputas discursivas, compreendidas como espaços de exercício de poder, nas quais noções arraigadas de sexualidade, relações de gênero, masculinidade e homossexualidade foram e são continuamente reconfigurados e reelaborados. Algumas práticas e sujeitos no curso dessas transformações foram considerados e, em alguma medida, legitimados, e isso se deu e se dá em detrimento de outras práticas e identidades, que foram e são, assim, invisibilizadas, silenciadas e desconsideradas.

Se de fato as afirmações do parágrafo antecedente procedem, será que as fórmulas integradoras de mediação social abraçadas pelos meios de comunicação investiram em um modelo “bem comportado” e homogeneizador de gays e lésbicas, talvez, com o reforço de uma padronização heteronormativa, ou seja, através de uma intensificação de “formas de ilegitimidade” ou uma “deslegitimação seletiva” de que fala Judith Butler (2003, p. 227-240)? Se for correta essa leitura, como se deu esse processo histórico?

A seleção da fonte jornalística para esta pesquisa recaiu sobre o jornal Folha de São Paulo (doravante identificado pela sigla FSP) dada a consideração de uma sequência de superlativos: trata-se do maior jornal de circulação nacional no país, do maior grupo, com sede na maior e mais importante cidade. São Paulo, além de seu poderio econômico e político, tem enorme influência no âmbito social e cultural do Brasil, é o centro da maior comunidade LGBT e palco das principais manifestações desse segmento da sociedade e, não por acaso, de algumas das tensões e incidentes que adquiriram maior importância e conferiram visibilidade à causa do combate à homofobia.

Levei em conta, ainda, o aspecto de que em boa parte do período histórico considerado a FSP foi o principal veículo para a informação diária de milhões de leitores espalhados por todo o Brasil. Neste sentido aqueles que integram minha geração (estou com 47 anos) e as anteriores, com certeza lembram da importância que a FSP tinha em nosso cotidiano, numa época em que a difusão da internet, a facilidade e agilidade que ela propiciou, ainda não eram uma realidade. Pesquisas que no decorrer da dissertação retomarei indicam que entre os leitores do periódico há um importante universo de intelectuais, professores, profissionais liberais, lideranças políticas e sociais, enfim, pessoas das camadas médias e da elite intelectual formadoras de opinião distribuídas por todo o território nacional. Cabe mencionar, por fim, também um fator prático, o fácil acesso às edições passadas do jornal, cobrindo todo o período selecionado para a pesquisa.

O recorte temporal esboçado no projeto de pesquisa tinha por marco inicial o mês de fevereiro de 2000, quando um assassinato com motivação homofóbica foi noticiado pela FSP e repercutiu por todo o país. Já o marco final proposto foi o ano de 2011, quando foi veiculada a telenovela da Rede Globo “Insensato Coração” (2011), que de modo declarado explorou a questão da homofobia.

No decorrer do desenvolvimento do projeto, no entanto, reconsiderarei parcialmente aquela disposição inicial. Isso ocorreu porque houve a necessidade de recuar até o ano de 1986, de modo a acompanhar o surgimento da palavra naquela mídia impressa e sua gradual difusão.

O marco final foi mantido e assim decidi apesar da pesquisa ter revelado que a mencionada telenovela não teve a participação decisiva que eu imaginava ter tido na explosão discursiva identificada em torno da temática da homofobia em 2011³. Afinal, trata-se de uma proposta de história do tempo presente em que a delimitação clara de um limite temporal é necessária até mesmo para abrir espaço para o distanciamento do historiador, viabilizando não só uma narração do processo histórico considerado, como sua explicação (PEREIRA, 2007).

A inconclusividade característica dos processos considerados pelas histórias do tempo presente está evidenciada nesta dissertação. O desconhecimento do devir, no entanto, não impede o objetivo encampado de problematizar, analisar e avaliar uma história (PADRÓS, 2004, p. 207), especificamente a história dos discursos veiculados no jornal FSP relacionados com a homofobia, no processo ainda em curso de sua consolidação como uma demanda social.

O motivo da escolha remete para minha trajetória de vida pessoal e profissional. Pessoal porque como gay me identifico com a luta contra a homofobia, manifestação sociocultural que não só acompanha minha história de vida desde tenra idade, como ainda me instiga, faz refletir e buscar compreender cada vez mais a homossexualidade como experiência subjetiva. Em segundo lugar, ainda no âmbito pessoal, pesa a percepção na condição de testemunha dessa mudança histórica que se pretende contar, não sem apontar suas contradições, recuos e limitações. É evidente e inegável, portanto, certo componente autobiográfico na empreitada. Esta dissertação traz consigo, não só um desejo de melhor compreender o mundo, a realidade brasileira e minha posição como sujeito e cidadão. Comporta também o anseio de contribuir com o debate historiográfico em

³ Em adição, esclareço também que a extensão até 2011 contempla a consideração (e análise por contraste) da cobertura realizada pela FSP, em novembro de 2010, de outro ataque motivado por homofobia em plena Avenida Paulista.

torno do tema e também para minha qualificação como sujeito pensante e atuante, professor universitário, militante na causa do combate à homofobia.

Ao invés de constituir um problema antevejo na possibilidade de engajamento característico da história do tempo presente uma potencialidade que deve ser explorada pois:

a história do tempo presente coloca-se como prática contemporânea do historiador que se posiciona como tal, ao construir um passado a ser por ele narrado a partir de uma problemática também por ele criada. [...] O estudo do passado emerge, assim, não como um fim em si, mas como meio de iluminar nosso olhar sobre o presente, vindo assim a contribuir, de alguma maneira, para a discussão e, quem sabe, solução de problemas nosso contemporâneos (MULLER, 2007, p. 28-29).

Assim, para além do objetivo de estudar as fontes e procurar compreender e explicar um processo histórico que ainda está em curso, dentro de minhas limitadas possibilidades, assumo o desafio de procurar indicar que problemas estão colocados na luta contra a homofobia no Brasil contemporâneo, evidenciando processos de silenciamento e esquecimento que estão em marcha.

Nesse desafio levo em conta algumas questões que considero norteadoras do estudo a ser realizado, empreendendo uma breve revisão bibliográfica como um espaço introdutório está a exigir.

- A sexualidade como objeto de estudo

O trabalho proposto inscreve-se no campo dos estudos da sexualidade e nesta condição tem na obra do pensador e filósofo francês Michel Foucault um de seus principais apoios. A sexualidade é aqui compreendida não como algo "natural", ditado pela natureza, espontâneo e alheio ao tempo e espaço de determinada sociedade, mas algo constituído na sociedade e na história (FOUCAULT, 2011).

Um espaço de disputa e embate já que questões a ela relacionadas ganham destaque na sociedade e nos meios midiáticos praticamente todos os dias, seja no âmbito regional ou nacional com relação ao último incidente de violência de gênero ou ataque homofóbico, seja repercutindo em escala mundial em torno do casamento gay, para ficar nos exemplos

mais recentes. É uma zona conflituosa, um campo de batalha moral e político (WEEKS, 1993, p. 21)⁴.

A necessária reflexão teórica com relação a esse aspecto, no entanto, deve ir além. Afinal, precisa ser melhor compreendido e reafirmado o caráter público e político da sexualidade, bem como dos debates e estudos que giram em torno da mesma. Para tanto se faz necessária uma digressão em torno da compreensão de Michel Foucault, também revolucionária, de que o poder é algo onipresente, descentralizado, horizontal e difuso (FOUCAULT, 2011, p. 102-107), que se estabelece mediante práticas e relações (MACHADO, 2000, p. XIV).

Revela-se, pois, mais apropriado não falar em poder, mas em relações de poder, relações estas que estão por toda parte, gerando tensões, disputas, equilíbrios instáveis e possíveis resistências.

Tais premissas conduzem à consideração da sexualidade como um espaço permeado por relações de poder, que a contar do fim do século XVIII sofreu uma "fermentação discursiva", mediante uma incitação política, econômica e técnica, transformando-se em questão de interesse e regulação do Estado e da sociedade e, assim, de disputa entre os indivíduos e o Estado (FOUCAULT, 2011, p. 23-31). A sexualidade é assim compreendida como um dispositivo, conjunto de enunciados, discursos, normas, afirmações de cunho moral, filosófico científico, o dito e o não dito (FOUCAULT, 2000, p. 244), uma realidade que foi e é produzida através de discursos em cambiantes contextos sociais e históricos, determinados por relações de poder.

- A sexualidade como um campo de lutas discursivas

O realce do componente relacional e de poder da sexualidade evidencia seu caráter público e político antes mencionado, bem como sua condição de espaço de disputas e (re) negociação tão evidente nos dias de hoje (RUBIN, 1992, p. 1).

As disputas estabelecidas em torno da sexualidade se configuram mediante diferentes discursos⁵, sendo que no caso desta pesquisa o interesse volta-se para os discursos jornalísticos construídos e difundidos

⁴ O mesmo Jeffrey Weeks, em outra obra, ao analisar as possíveis relações entre sexualidade e política, trata de compor um ingrediente realista àquela constatação ao ponderar que "O que estamos vendo é um reconhecimento crescente dos fatos da diversidade social e sexual." (WEEKS, 2001, p. 79).

⁵ Compreendidos não só como a fala, mas também as práticas materiais historicamente situadas que a partir de grupos sociais e instituições produzem relações de poder (SPARGO, 2004, p. 85).

em três décadas da histórica recente do Brasil, especificamente no jornal FSP, em torno do fenômeno da homofobia que aos poucos passa a ser reconhecido como um problema, uma demanda social.

As instituições midiáticas em geral e os discursos jornalísticos em particular, são aqui reconhecidos não só como instâncias privilegiadas de produção de discursos, mas também de enunciação de saberes e verdades⁶. É destacada, assim, a historicidade que marca cada "regime de verdade" das diferentes sociedades e culturas, em diferentes momentos e lugares; justificação racional que procura disciplinar as vidas e condutas, mas que também pode ser reivindicada pelos dissidentes fornecendo a eles as bases para uma crítica, ou até mesmo uma contraconduta (CANDIOTTO, 2006, p. 73).

O discurso jornalístico constitui uma instância privilegiada de produção de saberes e de verdades, gerando-os e reproduzindo-os discursivamente. Reconhecido como legítimo pela sociedade para descrevê-la e interpretá-la, detém credibilidade, vale dizer, autoridade e poder para gerar e difundir (seus próprios e outros) saberes, além de enunciar a verdade dos fatos que veicula (HOLANDA; PANIAGO, 2011, p. 8).

Destarte os discursos produzidos e veiculados pela FSP são percebidos e considerados na presente dissertação como construções sociais e históricas de seu tempo, vale dizer, são produtos de um contexto relacional e de poder permeado por disputas e resistências. Constituem, portanto, importante espaço de mediação social, um campo onde se trava a luta política, na mediação de relações e conflitos sociais, ao lado de instituições como os sindicatos, as associações, as organizações não governamentais, além dos movimentos organizados que outrora concentravam esse poder (PAIVA, 2009, p. 16), (BARBALHO, 2009, p. 35).

- A categoria gênero como ferramenta útil para uma análise histórica

⁶ Michel Foucault entende o saber como uma prática discursiva constituída por diferentes objetos que podem ou não adquirir um estatuto de "científicos", ou um espaço onde determinados sujeitos tem a prerrogativa de tomar posições e conclusões sobre determinados objetos, revelando-se, então, como um campo de coordenação e subordinação de enunciados que, dependendo das circunstâncias, adquirem a condição de "verdade" (FOUCAULT, 2012, p. 219-220). A verdade, ou melhor, os "jogos de verdade", por sua vez, revelam-se assim para ele como um produto de práticas, mecanismos discursivos mediante os quais é estabelecido um jogo do verdadeiro e do falso (FOUCAULT, 2000, p. 12).

O avanço da proposta me levou a perceber na categoria "gênero"⁷ um marco teórico e epistemológico fundamental para o trabalho. Assim afirmo com a convicção de que as manifestações homofóbicas têm em suas raízes hostilidades psicológicas e/ou sociais contra indivíduos que contrariam expectativas de identidade de gênero⁸ consideradas adequadas pela sociedade. O gênero com sua vocação para "distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens" (SCOTT, 1989, p. 4), evidencia sua estreita relação com o que entendemos por hetero e homossexualidade, a primeira se firmando mediante a estabilização de normas de gênero e a segunda como dissidência e desafio àquelas normas. O gênero, assim, revela-se uma categoria fundamental para compreender como a sexualidade é produzida, regulada e controlada (BUTLER, 2002, p. 74).

Tal relevo dispensado à categoria, no entanto, não deve se dar sem sua necessária problematização e, principalmente, sem considerar sua própria historicidade, sob pena de incidência em anacronismos, generalizações e simplificações que acabam por diminuir e menosprezar o mérito das contribuições do feminismo e das teóricas feministas.

Considero conveniente destacar que todo esse desenvolvimento teórico de inspiração feminista foi necessário e decisivo para a ampliação posterior dos estudos acadêmicos no campo da sexualidade que, sob influência dos movimentos sociais lésbicos, gays, de travestis e transexuais, despontaram ainda na década de 90. É neste período que a

⁷ Trata-se de conceito surgido nos anos 60, criado pelo psiquiatra Robert Stoller que com ele quis destacar o sexo cultural ou social escolhido por transexuais que se submetiam a cirurgias de mudança genital. Mas que nos anos 80, durante a chamada segunda onda do movimento feminista, sob a influência das obras de Michel Foucault, passou a ser utilizado por teóricas como Joan Scott sob outra perspectiva, com o objetivo de conferir visibilidade e de denunciar o componente de relações de poder desiguais e de opressão entre homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres (PEDRO, 2005, p. 88).

⁸ "Observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferenças formas, eles podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de muitos modos (WEEKS, apud BRITZMAN, 1998). Suas *identidades sexuais* se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero*." (LOURO, 2008a, p. 26, grifo do autor).

chamada Teoria Queer⁹ surgiu como um reflexo teórico de diferentes crises vividas nos movimentos sociais na segunda metade da década de 80 nos EUA e em países europeus (crise decorrente da eclosão da epidemia da AIDS, do movimento feminista e do movimento gay) (SÁEZ, 2005).

Destaca-se nessa fase a obra da já mencionada teórica feminista estadunidense Judith Butler que com seu "Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da Identidade", lançado em 1990, colocou em cheque a noção de que sobre um sexo biológico era construída uma identidade de gênero. Reconhecendo a influência de Michel Foucault, destacou o caráter discursivo da sexualidade, mas dele se distanciou ao não tomar o sexo como algo dado, com uma materialidade cuja existência no mundo não fosse permeada e mediada pela linguagem:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado de um sexo

⁹ A expressão queer é derivada do alemão, com significado de torcido e desviado. Adquiriu conotação sexual a contar dos anos 20 do século passado quando passou a ser usada em países de língua inglesa por homossexuais para se auto referirem e por não homossexuais como uma forma de insulto. A contar dos anos 30 perdeu espaço para a expressão gay cuja difusão cada vez mais generalizada acabou por redundar no seu desuso. E foi retomada com a chegada dos anos 90, quando movimentos homossexuais passam a fazer uso dela como forma de mostrar orgulho e opor-se a homofobia (LÓPEZ PENEDO, 2008, p. 17,18,36).

Nos Estados Unidos um dos principais grupos que difundiu o novo uso da expressão foi o movimento Queer Nation que surgiu em abril de 1990 e passou a organizar passeatas, protestos, "beijaços" e invasão de espaços marcadamente heterossexuais, procurando escancarar as 'invisibilidades' imposta aos gays e lésbicas, suas práticas afetivas e sexuais. Além disso, o movimento lutava contra a falta de políticas públicas para enfrentamento da AIDS, renegando e denunciando as limitações de políticas identitárias com perfil assimilacionista, encampadas pelo movimento gay desde a década de 70. Com as mesmas estratégias e na mesma época o grupo OutRage militava em Londres (LÓPEZ PENEDO, 2008, p. 47-49).

Paralelamente em universidades americanas e inglesas começaram a se difundir estudos gays e lésbicos com uma perspectiva questionadora e de crítica de uma ordem social heterossexual privilegiada. Fruto dessas influências a radicalidade dos estudos acadêmicos se direcionou para o questionamento da própria noção de gênero, não mais se limitando a associá-lo ao aspecto cultural (em oposição ao componente biológico associado ao sexo).

previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é meio discursivo/cultural pelo qual "a natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2008, p. 25).

E também qualquer resquício de naturalidade ou estabilidade do gênero é questionado e renegado:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito de gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial de identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída (BUTLER, 2008, p. 200, grifo do autor).

Assim Judith Butler propôs sua teoria performática, ou seja, de que os gêneros são constituídos de forma discursiva e mediante uma 'performatividade'¹⁰, abordagem radical que é reforçada por Thomas

¹⁰ "Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausência significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de corpo gênero ser marcado

Laqueur que com seu "Inventando o sexo - corpo e gênero dos gregos a Freud"¹¹ destacou o caráter situacional do sexo, vale dizer, o componente cultural e histórico que marca o pensamento de homens e mulheres sobre o que é o sexo (LAQUEUR, 2006).

Deste modo, para além da desnaturalização da sexualidade e sua politização, levo em conta aqui, outro importante *insight* de cunho teórico e epistemológico: a desnaturalização do próprio sexo e do gênero ou, em outras palavras, a conclusão de que "o sexo é um efeito do gênero" (PEDRO, 2005, p. 91).

- A complementaridade das teorias feministas e queer. A crítica à heteronormatividade compulsória

Depois de muito estudo percebo que afirmar onde acaba a influência das teóricas feministas e começa a ascendência da chamada Teoria Queer não constitui algo importante e nem mesmo necessário, se é que é possível propor essa delimitação. Me parece mais correto e justo do ponto de vista historiográfico perceber entre elas - as Teorias Feministas e Queers - continuidades e afinidades, evitando, assim, a incidência em uma perspectiva teórica evolutiva e linear (HEMMINGS, 2009).

Judith Butler, cuja trajetória feminista não pode ser desconsiderada, vai além da compreensão do próprio sexo como um dado cultural, investindo também no que considera uma lógica binária de gênero que reduz artificialmente o campo da sexualidade ao campo 'masculino x feminino', quando, na realidade, as possibilidades são múltiplas entre e em cada uma dessas polaridades; não só rompendo com tal dicotomia como abalando o caráter heterossexual que estava subtendido na concepção de gênero até então trabalhada (BUTLER, 2008, p. 24-25).

Como esclarece a professora Guacira Lopes Louro a concepção de gênero é assim complexificada, sem perder seu caráter político que além de realçado é amplificado para alcançar relações do poder que vão além

pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade." (BUTLER, 2008, p. 194).

¹¹ "A grande novidade deste livro era que, diferentemente de Stoller e de outros que separavam sexo de gênero, ou de outras pesquisadoras que relacionavam o gênero com as 'diferenças percebidas entre os sexos', como é o caso de Joan Scott, e que no caso dava antecedência ao sexo, colocando-o quase como um elemento pré-discursivo, Laqueur invertia a questão, afirmando que era o gênero que constituía o sexo." (PEDRO, 2005, p. 90).

da dominação da mulher pelo homem, contemplando a diversidade e os desafios visibilizados pelos movimentos negro e LGBT (LOURO, 2008a, p. 157).

Outra importante teórica queer, a também norte americana Eve Kosofsky Sedgwick, explorou a estreita inter-relação existente entre o que consideramos a homo e heterossexualidade, como a última se configura a partir do repúdio de relações entre pessoas do mesmo sexo, numa dicotomia que marca a cultura ocidental e desempenha papel importante e mesmo determinante de aspectos da sexualidade de todos, independentemente de sua orientação sexual (SEDGWICK, 1998, p. 11-12). Deste modo, o interesse dos estudos volta-se para a heteronormatividade que gera não só expectativas como obrigações advindas da consideração da heterossexualidade como algo superior, natural, até mesmo compulsório, pelo que pode ser compreendida como um dispositivo histórico - e de poder - tal como proposto por Michel Foucault. Como resume o professor Richard Miskolci:

Sedgwick deu o pontapé inicial para a compreensão de que 'a ordem social contemporânea não difere de uma ordem sexual. Sua estrutura está no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, a torna obrigatória. Em resumo, a ordem social do presente tem por fundamento o que Michel Warner denominaria, em 1991, de heteronormatividade. O dispositivo da sexualidade, tão bem descrito por Foucault em sua gênese, ganha, nas análises queer, um nome que esclarece tanto a que ele direciona a ordem social como seus procedimentos neste sentido (MISKOLCI, 2007, p. 4-5).

A crítica é direcionada para além da oposição e opressão da mulher pelo homem, alcançando o binário hetero-homo que promove uma hegemonia heterossexual. Faço aqui citação direta a mais uma importante categoria de análise teórica:

Hay toda una serie de relaciones que se entiende como heterossexualidad y esta cultura sexual privatizada confiere un sentido tácito de corrección y normalidad a sus prácticas sexuales. Este sentido

de corrección - arraigado en muchos ámbitos que no son el sexual - es lo que denominamos heteronormatividad (BERLAND; WARNER, 2002, p. 238).

Um estudo histórico da constituição da homofobia como um problema, uma demanda social, na história recente do Brasil, deve e tem muito a ganhar ao considerar que a heterossexualidade não é simplesmente "natural" e que ser homossexual, bissexual, travesti ou transexual e sofrer as consequências da homofobia por isso é uma prática social, histórica, discursiva e de poder. Disso resulta a percepção de que a crescente, ainda que vacilante, percepção/sensibilidade da sociedade de que a homofobia é um problema também pode ser historicizada.

- A hierarquia das sexualidades e a crítica às identidades.

Tendo por centro um sistema de valores sexuais as sociedades ocidentais classificam e avaliam as práticas sexuais de seus integrantes, estabelecendo uma hierarquia de acordo com uma maior ou menor conformidade com um padrão idealizado que ocupa o topo da "pirâmide erótica": um casal heterossexual unido pelo casamento, monogâmico e em período reprodutivo (RUBIN, 1992, p. 13-14).

A partir daquela matriz heterossexual remanescem as possibilidades de adequação ou subversão das expectativas (LOURO, 2008b, p. 17). Um olhar normativo orientado por aquela lente estabelece gradações hierárquicas, determinando não só o destino natural dos corpos e dos indivíduos na sociedade, como tentando impor mediante processos de homogeneização um "engessamento identitário" (JUNQUEIRA, 2007, p. 13), uma padronização heteronormativa¹² (MISKOLCI, 2009, p. 157).

A Teoria Queer denuncia e se interessa por essas formas de normalização dos sujeitos sociais, propondo uma análise desses processos que são orientados não só pelos padrões hegemônicos, mas, principalmente pelos "Outros" diferentes que desafiam as regras. Esses "Outros" não devem, pois, serem tomados como portadores de uma diferença inata na medida que sua diferença é resultante da dissidência frente a uma norma presumida, no caso, em uma heterossexualidade compulsória:

¹² "A partir da segunda metade do século XX, com a despatologização (1974) e descriminalização da homossexualidade, é visível o predomínio da heteronormatividade como marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se 'torquem heterossexuais', mas com o objetivo de que vivam como eles." (MISKOLCI, 2009, p. 158).

A ênfase queer nos processos de normalização implicados na constituição dos sujeitos, das identidades sociais e até mesmo das coletivas que fundam movimentos sociais do presente, aponta para a compreensão de que a maioria dos fenômenos até recentemente compreendidos como desvio podem ser encarados como diferenças, resultado de processos contínuos e interrelacionados de inferiorização, a criação de Outros que justificam a distribuição e o acesso desigual ao poder (MISKOLCI, 2009, p. 172-173).

Não se pode perder de vista os componentes relacional¹³ e social¹⁴ que atuam na definição recíproca e por contraste do que se entende por correto e por desvio, o que vai de encontro com a ênfase dispensada aos teóricos queer aos processos de normalização. Ou seja, as diferenças não são sinônimas de desvio *per se*, mas são assim consideradas mediante processos - relacionais e sociais - de inferiorização e distribuição de poder.

Estas são lições que se revelam profícuas para o estudo do que se considera normal e desviante em termos de sexualidade, já que diferentes formas de expressar desejo e prazer também são reguladas socialmente, instituindo identidades sexuais e de gênero que são mais ou menos aceitas sendo, assim, mediante relações de poder, classificados hierarquicamente (LOURO, 2001, p. 11).

Considerar esse componente de relação de poder permite concluir que, se de uma parte identidades são estabelecidas e estabilizadas, outras possibilidades são negadas e reprimidas:

¹³ "O conceito de desvio social, da mesma forma que o de estigma, implica necessariamente um quadro relacional, uma vez que qualquer daquelas categorias não pode ser pensada isoladamente; mas apenas dentro de um sistema de oposições sociais: neste caso, 'desviantes' e 'normais' emergem como tipos que se afirmam contrastivamente, constituindo assim, essencialmente, uma manifestação de categorização social." (VELHO, 2003, p. 30).

¹⁴ "[...] *grupos sociais criam desvios ao fazer as regras cuja infração constitui o desvio*, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio *não é* uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um 'infrator'. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso, o comportamento desviante é a aquele que as pessoas rotulam como tal." (BECKER, 2008, p. 21-22, grifo do autor).

En conclusión, la teoría queer nos sitúa en una posición en que la identidad es interrogada y criticada por sus efectos excluyentes (toda identidad se afirma a costa de un otro exterior que la delimita y constituye como interioridad), y al mismo tiempo es considerada como efecto de sutura precario en un proceso que la excede y que imposibilita su cierre y su estabilidad completa (toda identidad es constantemente amenazada por el exterior que ella misma constituye, y está inevitablemente abierta a procesos de rearticulación y redefinición de sus límites) (DAVID CÓRDOBA, 2005, p. 61).

Tal crítica feita vai além da exploração de seu caráter contingente - de acordo com cada formação histórica e social na qual nasce - e relacional de poder. Justamente por considerarem que as identidades bem como as diferenças que as demarcam não são naturais, mas, sim resultantes de contextos sociais e culturais determinados, os (as) Queer mais uma vez ressaltam seu caráter discursivo:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são resultado de atos de *criação* linguística significa dizer que não são 'elementos' da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendente, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais (SILVA, 2009, p. 76, grifo do autor).

Ainda que não constitua meu foco de análise, considero produtivo e importante realçar o alcance da crítica efetuada pela Teoria Queer às identidades, afinal, umas vingam, são estabelecidas, estabilizadas, enquanto outras são negadas ou invisibilizadas. Mais do que isso, devo enfatizar, todas elas são instáveis, relacionais e contingentes, daí advindo com maior nitidez um necessário "porém" direcionado pelo professor Richard Miskolci para o interior das próprias identidades LGBT:

Há muito é perceptível que há graus de subalternização social entre as homossexualidades e o que rege esta distribuição desigual da vergonha está tanto nas expressões de preconceito e discriminação quanto no que o mercado e o Estado acenam como formas de aceder à igualdade social e jurídica (MISKOLCI, 2011, p. 51).

Depois de se perguntar se "Só os viris e discretos serão amados?", Sérgio Carrara (2005) ao comentar o resultado de uma pesquisa realizada com o público LGBT durante uma Parada LGBT em São Paulo, no ano de 2005, concluiu com uma ponta de triste ironia:

É provável que estejamos frente a uma complicada resposta à discriminação, também presente em outras populações estigmatizadas. Nela, a rejeição da feminilidade reflete uma tentativa de desviar o preconceito, que ameaça a todos, para um subgrupo ainda mais vulnerável, para quem as conhecidas acusações de 'mulherzinha' ou 'mariquinhas' seriam adequadas e até aceitáveis. Recusa-se o estigma, mas, ao atribuí-lo ao outro, perpetuam-se os termos os quais ele se constrói (CARRARA, 2005, p. 5).

Como Bruno Souza Leal e Carlos Alberto de Carvalho apontaram ao propor um mapeamento do "Jornalismo e a Homofobia no Brasil":

Embora pareça consensual que a homofobia diz respeito aos preconceitos de toda ordem contra homossexualidades - que aparece também em certa medida, nas narrativas jornalísticas que analisamos - está-se diante de realidade social bem mais complexa do que a noção de rechaços pode oferecer. Violências físicas e simbólicas contra pessoas LGBT, se dão a ver preconceitos, não dizem exclusivamente sobre hierarquizações de fundo sexista que, para além das gradações originárias da heterossexualidade compulsória, visibilizam também hierarquias entre as próprias pessoas identificadas nas homossexualidades (LEAL; CARVALHO, 2012, p. 22).

Revela-se, pois, necessária, uma atitude de alerta constante contra uma tendência de se tomar como regra um modelo identitário branco,

elitista e urbano, que um olhar mais direto para nossa realidade, plural e complexa, não permite prevalecer:

Se nos anos 1970 'sair do armário' parecia necessário para combater a vergonha e construir o movimento homossexual, na década seguinte, afirmar a existência de uma identidade gay foi importante para a demanda por políticas estatais. A partir da década de 1990, no entanto, essas duas formas de política sexual do passado começaram a mostrar suas armadilhas. Sair do armário se revelou não uma escolha, antes um privilégio daqueles/as que têm condições materiais e simbólicas para isso. Também ficou perceptível que assumir uma identidade sexual socialmente rechaçada não traz apenas vantagens, muito menos para as pessoas em contextos morais rígidos e violentos (MISKOLCI, 2011, p. 50).

Como mencionado, a pesquisa realizada tem por objeto os discursos produzidos e veiculados pela FSP que guardaram relação direta ou indireta com a homofobia. Neste sentido não comporta a pretensão de realizar um estudo histórico de como as identidades LGBT foram representadas no dia a dia do jornal nas três décadas consideradas. Esse seria um desafio que requisitaria a seleção e o exame de milhares de dados, tarefa impossível de ser levada a cabo no curto período de tempo que um programa de mestrado faculta ao pesquisador. Tal circunstância, no entanto, não impede e nem se confunde com a disposição de levar em conta as identidades LGBT que foram relacionadas ou associadas com a homofobia nos discursos veiculados nas páginas da FSP. Com isso quero dizer que um aspecto da pesquisa vai levar em conta aquelas identidades que apareceram - e também as que não apareceram ou foram silenciadas - com a consciência de que, por um lado, as próprias identidades não são fixas ou estáveis na medida em que são resultantes de contextos sócio-históricos, discursivos-perfomáticos, o que significa dizer, de disputa por espaço, visibilidade e poder, conservação ou subversão/resistência.

- Homofobia.Referenciais teóricos

A palavra homofobia é um conceito cuja historicidade particular também cabe revisar, com o desafio adicional de que se trata de uma temática que passou a contar com estudos específicos no Brasil muito

recentemente¹⁵, como evidenciam as poucas obras e artigos citadas no decorrer desse trabalho e que constam da bibliografia.

Tal interesse dialoga com a premissa de que a história dos conceitos pode auxiliar na compreensão dos seus diferentes significados em diferentes épocas, seu uso social e político (KOSELEK, 2006, p. 103,115).

As diferentes fontes bibliográficas estudadas não são uniformes ao apontarem a autoria da invenção do termo, ainda que todos considerem que o mesmo foi cunhado nos Estados Unidos na década de 1960. Byrne Fone (2000) e Daniel Borrillo (2010) indicam o psicólogo K. T. Smith como o primeiro pesquisador a fazer uso da palavra em um artigo publicado no ano de 1971 e fazem rápida menção a um livro de um outro psicólogo, George Weinberg, de 1972.

Já outros estudos Herek (2004) e Junqueira (2007) discordam daquela abordagem e conferem ao nome de George Weinberg um mérito e um protagonismo muito maior.

Gregory Herek (2004) faz aquela defesa reconhecendo que a hostilidade contra os homossexuais já tinha começado a ser contestada nos EUA depois da II Guerra Mundial e na Europa antes mesmo disso. Mas, com base em depoimentos do próprio Weinberg, explica que a formulação do termo teria ocorrido bem antes da publicação de seu famoso livro, "Society and the Healthy Homosexual", em 1972. A ideia teria surgido em meados da década de 60, quando o psicólogo, durante seu trabalho diário percebeu a fobia manifestada por muitos colegas psicanalistas diante da simples presença de homossexuais. A palavra teria sido usada pela primeira vez em um artigo do jornal semanal

¹⁵ Segundo levantamento de Fernandes (2009) - A homofobia como categoria teórica no Brasil (2008): notas preliminares sobre a produção de trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses a partir da Plataforma Lattes ([hhpt:lattes.cnpq.br](http://lattes.cnpq.br)) - os trabalhos em diferentes de diferentes áreas que consideraram com maior ou menor relevância a categoria constituem uma novidade no meio acadêmico, surgindo somente a contar dos anos 2000, notadamente nos cursos de psicologia e educação, apresentando desde então uma escala ascendente.

Neste mesmo sentido pesquisa realizada no portal eletrônico Scielo (www.scielo.org.br) no dia 15 de julho de 2013, revelou a existência de 44 artigos acadêmicos publicados no Brasil nesta plataforma, tendo por assunto cadastrado a temática da homofobia, neles incluídos textos estrangeiros aqui publicados, traduzidos ou não. A prevalência de trabalhos acadêmicos da área educacional e da psicologia detectada por Fernandes (2009) se repete, sendo que nenhuma das ocorrências tem cunho historiográfico.

chamado "Gay", em 19 de junho de 1971, com o sugestivo título "Words for the New Culture" (HEREK, 2004, p. 6-8).

Já naquela época Weinberg usava o termo com o significado de "o receio de estar com um homossexual em um espaço fechado e, relativamente aos próprios homossexuais, o ódio a si mesmo" (HEREK, 2004, p. 8).¹⁶

Independentemente do possível debate sobre a paternidade da ideia e a invenção do termo, considero que é mais importante perceber que aqueles primeiros e decisivos passos tiveram o mesmo entorno histórico e cultural, a década de 1960 marcada por uma Revolução Sexual, os movimentos feministas, hippie e negro, e terminada com a Revolta de Stonewall.¹⁷ Uma época de profundas e rápidas transformações que foi acompanhada de uma mudança de mentalidades, de sensibilidades, e que desaguou naquele giro linguístico cuja profundidade e produtividade não podem ser menosprezadas:

A penetração da Homofobia na língua Inglesa - e, mais fundamentalmente, a ampla aceitação da ideia de que a hostilidade contra os homossexuais é um fenômeno que merece atenção – representou um significativo avanço para a causa de direitos humanos de gays e lésbicas. Claro, George Weinberg era um ativista entre muitos que ajudaram a reformular o pensamento sobre homossexualidade. Mas dando um simples nome para aquela hostilidade ajudou a identificá-la como um problema para os indivíduos e para a sociedade, ele fez uma profunda e duradoura contribuição (HEREK, 2004, p. 9).¹⁸

¹⁶ Versão traduzida constante em Daniel Borrillo (2010, p. 21).

¹⁷ Famoso bar de Nova York no qual aconteceu uma série de rebeliões da comunidade gay contra a intolerância e truculência policial, durante os meses de junho e julho de 1969. Esses embates acabaram sendo considerados como um marco histórico de resistência e luta LGBT por reconhecimento (FERNANDES, 2011, p. 69).

¹⁸ Tradução livre de "Homophobia's penetration into the English language – and more fundamentally, the widespread acceptance of the Idea that hostility against gay people is a phenomenon that warrants attention – represented a significant advance for the cause of gay and lesbian human rights. Of course, George Weinberg was one activist among many who helped to reshape thinking about homosexuality. But by giving a simple name to that hostility and helping to

A contar do início da década de 1980 aquela compreensão inicial do que era a homofobia, centrada em aspectos individuais e psicológicos¹⁹ do fenômeno, passa a ser criticada e ampliada, como se deu com um artigo dos pesquisadores americanos W. Hudson e W. A. Ricketts²⁰. Ainda que não tenha sido possível o acesso ao texto original, cumpre destacar que tais autores estabeleceram uma diferenciação entre uma homofobia em sentido estrito, centrado no caráter pessoal de aversão e ansiedade e uma "homonegatividade", centrada nas manifestações de cunho cognitivo que são exteriorizadas na realidade social, na moralidade e na legalidade imperantes nessa mesma sociedade (HUDSON; RICKETTS apud BORRILLO, 2010, p. 22):

O termo 'homofobia' designa, assim, dois aspectos diferentes de uma mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto de rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social (BORRILLO, 2010, p. 22).

Para além daquela dicotomia, no início do anos 2000 surgem trabalhos com novas abordagens que procuram dotar o conceito de maior complexidade, destacando-se os nomes de Daniel Borrillo e Daniel Wezer-Lang. Ambos são influenciados pela obra de Michel Foucault e falam a partir de uma mesma realidade, no caso francesa, quando a discussão de direitos LGBT estava no centro dos debates públicos (o Pacto de Solidariedade Civil havia sido aprovado em 1999). Produzem suas reflexões também de um mesmo lugar, um ambiente acadêmico comprometido com uma *práxis*, e posso acrescentar sob a perspectiva de uma mesma geração.

identify it as a problem for individuals and society, he made a profound and lasting contribution".

¹⁹ A leitura do artigo em comento me leva a considerar essa afirmação de forma menos preconceituosa, afinal o autor fala a partir da área acadêmica e desenvolve estudos apontando novas perspectivas para pesquisas no campo da psicologia e mesmo a psicologia social, também válidas, manejando para tanto categorias como: estigma social, preconceito sexual e homofobia internalizada, dentre outros (HEREK, 2004).

²⁰ A Strategy of the Measurement of Homophobia. *Journal of Homosexuality*, v. 5, n. 4, p. 357-372, 1980.

Ambos apontam para uma homofobia que faz estragos para além das homossexualidades. Uma homofobia que tem em sua base uma hierarquização das sexualidades, hierarquização esta que, por sua vez, tem em seu nascedouro e como pressuposto uma subordinação do feminino pelo masculino, forma de policiamento das sexualidades e de opressão que atinge não só as mulheres e os comportamentos femininos, mas os próprios homens (BORRILLO, 2010, WELZER-LANG, 2001).

Welzer-Lang (2001) destaca que os estudos feministas constituíram o berço dos estudos gays e lésbicos, mas justamente por antever limitações nos primeiros, no que diz respeito a condição homossexual, indica a importância da Teoria Queer. São as (os) teóricas (os) queer que denunciam as restrições das abordagens apegadas ao binarismo homem-mulher e o heterossexismo²¹ que são subjacentes àquela dicotomia limitante. Esta compreensão o leva a propor um conceito de homofobia como "a discriminação contra pessoas que mostram, ou a quem se atribui algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero" (WELZER-LANG, 2001, p. 465).

O estreito diálogo que pode ser estabelecido entre essas duas importantes referências bibliográficas me leva a concluir que sexismo²² e homofobia são primos pobres e próximos. E a destacar a produtividade que um conceito politizado do termo pode conquistar:

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica de sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hetero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das

²¹ Pelo autor considerado como "[...] a discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação da homossexualidade. O heterossexismo toma como dado que todo mundo é heterossexual, salvo opinião em contrário" (WELZER-LANG, 2001, p. 467).

²² Termo aqui associado à tendência de inferiorizar as mulheres, com apoio em Tomaz Tadeu da Silva (SILVA, 2000, p. 99).

sexualidade e, dessa postura, extrai consequências políticas (BORRILLO, 2010, p. 34).

A mesma preocupação com o componente relacional e de poder é encontrada em um dos poucos trabalhos acadêmicos nacionais específicos sobre o tema. Rogério Diniz Junqueira (2007), com base no referencial já explorado, reforça a necessidade de se associar o fenômeno da homofobia com questões de gênero, diante da persistente tendência em vinculá-lo (quase que exclusivamente) aos gays. Preocupado com as condições sociais que geram e reproduzem a homofobia, antevê como estreitas as relações entre esta e a heteronormatividade, manifestações que apesar de distintas, convergem e, não raro, se sobrepõem (JUNQUEIRA, 2007, p. 10,17).

Por fim, cabe referência, mais uma vez, à tese de Felipe Bruno Martins Fernandes (2011) que estuda as políticas de combate à homofobia adotadas pelo Governo Lula de 2003 a 2010. De modo minucioso é articulada uma história de como a categoria "orientação sexual" preponderou nos âmbitos das políticas públicas orientadas para a comunidade LGBT, desde quando emergiu a década de 1980 até o ano de 2003. E de como, a partir de 2004, com o "Brasil sem Homofobia", o discurso contra a homofobia passa a orientar as novas políticas públicas, para além das áreas da segurança e da saúde, com a pretensão ampliada de combate das violências direcionadas contra LGBT e de promoção da cidadania homossexual (FERNANDES, 2011, p. 73-74).

Sob aquela perspectiva fica evidente o deslocamento do caráter descritivo da categoria, centrado em formulações que a associam a um "sentimento de opressão", para a condição de uma "categoria de agência", situada dentro de campos científicos e políticos na condição de fenômeno social, um problema que precisa ser combatido (FERNANDES, 2011, p. 86-87).

Neste ponto do estudo já reuni as condições necessárias para sustentar a opção teórica deste trabalho pelo uso do termo homofobia, sem recorrer a outras alternativas que procuram conferir visibilidade a diferentes formas de discriminação enfrentadas por sujeitos LGBT, como lesbofobia, bifobia, travestifobia e transfobia, dentre outras²³. Sigo os argumentos adotados por Rogério Diniz Junqueira (2007) e ratificados por Regina Facchini (2009, p. 145-147), no sentido de que o discurso

²³ Regina Facchini (2009, p. 145-146) esclarece que o debate surgiu com maior força durante a realização da I Conferência Nacional LGBT, em 2008, quando diferentes segmentos do movimento defenderam essa posição.

sobre a homofobia, desde de que devidamente problematizado, com o destaque de sua estreita relação com as normas de gênero, ainda é a melhor das alternativas. Tal disposição persiste mesmo se confrontada com as ponderações consistentes levantadas por aqueles que defendem a superioridade do termos heterossexismo (SEFFNER, 2011) ou, então, alertam para a lacuna que seria resultante da falta de exteriorização da abjeção direcionada pela nossa sociedade ao feminino em geral e ao medo de efeminamento dos homens em particular (MISKOLCI, 2011, p. 48).

- Metodologia.

O desafio colocado é o de - a partir do estudo das fontes - estabelecer conexões, obter inferências de modo a permitir a articulação de uma explicação narrativa coerente orientada para a descrição e a interpretação histórica dos discursos relacionados com a homofobia que foram produzidos e veiculados pela Folha de São Paulo no período compreendido entre 1986 e 2011. Trata-se de proposta de uma história do tempo presente, espécie particular que tem nas demandas sociais a causa motriz e vetor central (CHAUVEAU; TÉTART, 1999, p. 17), (PEREIRA, 2007, p. 152), (PADRÓS, 2004, p. 201).

Na busca da consecução daquela tarefa, interessado nas mudanças discursivas relacionadas com a homofobia, as primeiras perguntas suscitadas foram: a) quando e como surgiram os discursos relacionados com a homofobia na FSP?, b) como foi o processo de difusão e fermentação discursiva subsequente? Em que termos, com que sentido e alcance aquelas práticas discursivas foram difundidas?

Do ponto de vista metodológico o interesse nas mudanças discursivas relacionadas com o fenômeno da homofobia vai de encontro com a perspectiva adotada pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), cuja proposta de história dos conceitos procura justamente por em evidência os diferentes significados assumidos por eles, em diferentes momentos históricos. Pois bem, ainda que a proposta aqui desenvolvida não constitua uma história conceitual em sentido estrito, já que seu objeto volta-se para práticas discursivas jornalísticas relacionadas com a homofobia, em termos práticos esse referencial teórico-metodológico me levou a agregar na análise de minhas fontes outras três perguntas, tal como sugerido por Júlio Bentivoglio (2010, p. 119): a) em que contextos históricos os discursos relacionados com a homofobia apareceram, b) o seu sentido foi objeto de disputa? e c) quem fez uso desses discursos e quais foram as identidades LGBT a eles associadas?

A imersão e a influência dessa perspectiva analítica, com a formulação daquelas perguntas dialoga com a proposta de uma Análise Crítica do Discurso, abordagem de caráter interdisciplinar, que tem no

nome do professor de linguística inglês Norman Fairclough um de seus fundadores. Norman Fairclough (2008), também influenciado por Michel Foucault, além de realçar a natureza discursiva do poder e a natureza política dos discursos, procura destacar a natureza discursiva da mudança social. Pois bem, ainda que nem de longe a pesquisa proposta tenha o caráter de um estudo de natureza linguística, influenciado por ele e por Reinhart Koselleck, ao analisar as práticas discursivas relacionadas com a homofobia procurei identificar de quem são as vozes ouvidas no texto, se o discurso é direto (com transcrição entre aspas) ou indireto (voz do narrado, jornalista ou autor), em qual caderno ou seção as matérias aparecem, e como e onde aparecem? Ainda que superficialmente, procuro levar em conta também os processos de produção, distribuição e consumo dos textos do jornal FSP.

Com um olhar permeado por aquelas questões realizei a pesquisa lançando mão de algumas ferramentas de trabalho vertidas da Análise de Conteúdo²⁴, de modo a permitir não só uma descrição e análise do material discursivo selecionado com o objetivo de “produzir uma explicação objetiva, mensurável, verificável, do conteúdo manifesto das mensagens” (RIAL, 2005, p. 117) como, também, a mencionada inferência de conhecimentos, permitindo uma potencialização das possibilidades exploratórias e de interpretação, com o manejo das fontes históricas de modo a verificar a confirmação ou não das hipóteses lançadas no início do trabalho (BARDIN, 2011, p. 35-36).

Talvez, assim como os exemplos do passado fornecidos por Michel Foucault, também os discursos circulantes em torno da homofobia, ao mesmo tempo em que vem sendo estimulados (em determinados espaços, circunstâncias, contextos historicamente situados e com relação a determinadas identidades), por outro lado, podem estar sendo submetidos a restrições, silenciamentos e invisibilidades (FOUCAULT, 2011, p. 33-34).

A análise empreendida é em grande medida uma análise textual, mas, por outro lado, procurei considerar ainda que de modo breve o modo de produção, distribuição e consumo do jornal, como também, principalmente, os contextos históricos e sociais, vale de dizer, de disputa,

²⁴ Aqui compreendido como "Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

de cada um dos períodos explorados, tentando com isso, vislumbrar os processos de mudança histórica subjacentes.

Em termos práticos a associação de alguns aportes da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica do Discurso levou à submissão das matérias jornalísticas da FSP a três etapas.

Em um primeiro momento defini que a pesquisa no banco de dados do jornal teria por parâmetro de busca a palavra homofobia, isoladamente considerada. Com isso, adotando a regra da exaustividade, consegui identificar todas as oportunidades em que discursos relacionados com a temática, direta ou indiretamente, foram veiculados no jornal.

De modo conjunto, numa tentativa de identificar eventuais silenciamentos ou invisibilidades, também fiz uso da ferramenta de busca filtrando as ocorrências nas quais em uma mesma página do jornal apareceram duas palavras, quais sejam: "preconceito" e "bissexual", "preconceito" e "gay", "preconceito" e "homossexual", "preconceito" e "lésbica", "preconceito" e "travesti", e "preconceito" e "transexual".

A segunda fase foi a de exploração do material com a leitura de todas as reportagens pinçadas na fase preliminar de constituição do *corpus* e a separação daquelas que mais contribuem para se atingir os objetivos gerais e específicos propostos no projeto, com a confirmação ou não das hipóteses nele esboçadas. Fica aqui reconhecido, pois, o processo de seleção do historiador com a escolha de algumas fontes em detrimento de outras.

Cada uma das reportagens selecionada sob o filtro da palavra 'homofobia' foi submetida a uma análise qualitativa com seu lançamento em Quadro Auxiliar, elaborado com o uso do programa "Banco de Dados Access 2007". O modelo utilizado encontra-se enxertado no anexo 01 e contemplou espaço para a resposta a algumas perguntas, o registro de aspectos considerados importantes ou então a incidência ou não de ocorrências/constâncias tidas como relevantes para o estudo.

Neste estágio lancei mão de um processo de codificação²⁵, pelo qual os dados brutos foram selecionados em unidades, agrupados por suas datas, permitindo a descrição exata de suas características, além de considerar circunstâncias como, por exemplo: a frequência da palavra homofobia, tipo de discurso, de quem é a voz no texto, qual o espaço ocupado no jornal, dentre outros aspectos.

²⁵ "Processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo" (BARDIN, 2011, p. 133).

O levantamento paralelo dos casos apurados mediante cruzamento de palavras revelou-se problemático dada a grande quantidade de ocorrências pinçadas, sendo que a maioria delas dizia respeito a situações em que os termos apareciam numa mesma página, mas totalmente dissociados e mesmo em espaços diferentes. Analisando as situações relacionadas de modo mais estreito com a homofobia, ainda que sem uso da terminologia, percebi a contradição em minha proposta inicial de procurar vislumbrar em notícias e matérias veiculadas na FSP algumas práticas e identidades invisibilizadas e silenciadas. Afinal, como o amadurecimento da pesquisa permitiu constatar, aquelas invisibilidades e aqueles silenciamentos, com as hierarquias e identidades de gênero que lhe são subjacentes, restaram mais evidenciadas nas "presenças" e constâncias percebidas, do que "ausências" declaradas. Deveria ser desnecessário dizer, mas minha ingenuidade recomenda, por definição o invisível é o "que não se pode ver ou de que não se tem conhecimento" e o silêncio o "estado de quem se cala" (FERREIRA, 2004, p. 490 e 739). Em outros termos, a luz revela suas sombras.

Não obstante as ressalvas apontadas, o levantamento permitiu a seleção de alguns casos por critérios qualitativos (não exaustivos) e, assim, contribuiu para destacar algumas ocorrências importantes nas quais o discurso da homofobia não prevaleceu, ainda que as situações tratadas guardassem relação direta ou indireta com o fenômeno.

Por fim, em uma terceira fase realizei um tratamento dos resultados obtidos com sua interpretação. Para tanto, primeiramente empreendi uma descrição analítica do material de modo sistemático, descritivo e narrativo do conteúdo das mensagens, de modo a fomentar o estabelecimento de inferências, com aptidão para ajudar na tarefa de, ao mesmo tempo, especular e explicar o que levou a adoção de determinados enunciados contidos nos discursos jornalísticos e quais foram as possíveis consequências dos mesmos (BARDIN, 2011, p. 41-45).

Dado o relevo atribuído pela Análise Crítica do Discurso à noção de intertextualidade²⁶, contemplei no Quadro Auxiliar espaço específico

²⁶ "O conceito de intertextualidade aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções sociais existentes (gêneros, discursos) para gerar novos textos. Mas essa produtividade na prática não está disponível para as pessoas como um espaço ilimitado para a inovação textual e para jogos verbais: ela é socialmente limitada e restringida e condicional conforme as relações de poder" (FAIRCLOUGH, 2008, p. 135).

para tentar perceber - ainda que a título exemplificativo - quando em um texto há referência, declarada ou não, a um texto anterior.

- Estruturação dos capítulos

O trabalho está articulado na forma de uma introdução, aqui arrematada, três capítulos, considerações finais e a indicação de referências bibliográficas. No primeiro capítulo exploro os antecedentes históricos do movimento homossexual no Brasil e seu posterior desenrolar em "ondas".

No segundo capítulo proponho uma rápida história da FSP e um perfil de seus leitores, explicando, então, como se deu a definição dos períodos considerados na pesquisa - 1986-2003 e 2004-2011 - para logo a seguir explorar o primeiro, no qual surgiram (1986-1993) e se propagaram (1994-2003) os discursos sobre a homofobia (com análise apartada da cobertura do assassinato de Edson Néris da Silva).

No terceiro capítulo desenvolvo o estudo do segundo período proposto (2004-2011), com as épocas de fermentação (2004-2009) e explosão (2010-2011) discursivas sobre a homofobia na FSP (com exame apartado das notícias sobre um ataque com lâmpadas brancas na Avenida Paulista e os protestos decorrentes).

1 HISTÓRIA

A história recente dos discursos da FSP relacionados com a homofobia no processo histórico de sua construção como uma demanda social constitui uma história do tempo presente e como tal, como alerta Jacques Le Goff (1999, p. 101), deve prezar por uma profundidade histórica suficiente e pertinente. Pois bem, tal objetivo passa, necessariamente, pelo estudo da história do movimento homossexual brasileiro, além do já analisado surgimento da categoria homofobia no cenário internacional e seus diferentes significados.

1.1 ANTECEDENTES DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL

De um modo geral os estudos acadêmicos²⁷ situam a emergência de um movimento homossexual organizado no Brasil no final dos anos 1970. Inspirado na história do movimento feminista, James N. Green no artigo "Mais amor e mais tesão": a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis" (2000c) propôs a divisão de tal história em dois períodos bem delimitados, no que foi seguido por Regina Facchini (2005) cinco anos depois, com o acréscimo de uma terceira "onda". Na mesma perspectiva Iran Ferreira de Melo (2013), em sua recente tese de doutorado, propôs a consideração de uma quarta "onda", nela aglutinando a história do movimento a contar do século XXI. Consciente do caráter arbitrário daquelas propostas e também dos riscos que a consideração delas de modo estanque possa representar²⁸, ainda mais em um trabalho de cunho historiográfico, reproduzo mais adiante aquela perspectiva, convencido que tal método pode contribuir para o ordenamento de minha exposição, imprimindo maior clareza ao texto.

Assim procedo, no entanto, não sem antes situar, ainda que de modo abreviado, algumas causas e condições antecedentes que foram decisivas para o delineamento posterior daquela história. Afinal, as mudanças ocorridas no decorrer dos anos 1970 e que se precipitaram de modo mais rápido e visível por volta de 1978, podem ser melhor

²⁷ Com destaque para as obras de Edward Macrae (1990), João Silvério Trevisan (2000), Júlio Assis Simões e Regina Facchini (2009), Regina Facchini (2005), Peter Fry (1982) e Richard Parker (2002).

²⁸ A crítica feita por Clare Hemmings (2009) às narrativas que adotam uma perspectiva evolucionista e que acabam por simplificar a complexidade existente no desenvolvimento do pensamento feminista é oportuna neste sentido.

compreendidas se tivermos em mente que desde anos 1960 os Estados Unidos e grande parte do mundo ocidental - o que incluiu o Brasil, ainda que de modo periférico - passavam por um grande período de transição, com mudanças intensas e profundas no âmbito da sexualidade e na vida privada dos homens e mulheres.

Foi "a grande transição" de que fala Jeffrey Weeks em seu *The world we have won. The Remarking of Erotic and Intimate Life* (2007). Ou seja, para ele de 1960 a 1990 quatro "mudanças-chave" impactaram e em boa medida revolucionaram o mundo no cotidiano diário das pessoas, sendo que a maioria delas guardava relação com as lutas do movimento feminista e o advento da pílula anticoncepcional (surgida ainda na década de 60 e com paulatina difusão):

a) uma democratização dos relacionamentos pessoais que se tornam mais informais e passam por um gradual desenvolvimento de profundas rupturas: entre sexo e reprodução, relações sexuais e o casamento, e entre o casamento e descendência;

b) o desenvolvimento de um crescente senso de autonomia sexual, principalmente por parte das mulheres e de modo crescente pelas lésbicas e gays;

c) uma redefinição das fronteiras entre o que se considerava assunto de interesse público e privado e;

d) uma última mudança, mais tardia, surgida no início dos anos 80 com a eclosão da epidemia da AIDS, que ao mesmo tempo aguça um senso de risco, coloca em evidência a responsabilidade e a capacidade de agência das pessoas (WEEKS, 2007, p. XI-XII).

O necessário foco na realidade brasileira remete para a consideração da obra de Richard Parker (2002), com a vantagem adicional de se evidenciar a associação entre o surgimento das comunidades e identidades gays nas principais cidades do Brasil a processos sociais, econômicos e demográficos. Fica potencializada, assim, a percepção de que "as mudanças descritas aqui não são apenas parte de uma espécie de sequência evolutiva 'natural', mas são de fato processos sociais, políticos e econômicos historicamente contingentes" (PARKER, 2002, p. 146).

A experiência brasileira pode ser compreendida em um quadro econômico maior do modelo de "desenvolvimento dependente" que atravessou séculos de nossa história e na opinião de Richard Parker (2002) foi acentuado no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1990. Especialmente durante os anos 1970, sob o regime militar, nossa sociedade não só vivenciou rápido desenvolvimento econômico (a custo de um endividamento internacional), como transitou de um perfil agrícola

e rural para urbano e industrial, sob uma forma de política autoritária.

A perspectiva adotada é profícua justamente por relacionar condicionantes de caráter econômico com um conjunto de fatores sociais, culturais²⁹ e políticos que aconteceram no mesmo período e que foram decisivos não só para o surgimento de novos espaços para as pessoas interagirem e novas possibilidades de expressão pública da sexualidade, mas também criaram condições sociais e históricas para que as experiências sexuais se consolidassem como base referente de uma nova forma de organização e mesmo identificação social (PARKER, 2002, p. 155, GREEN, 2000a, p. 424).

Ao final da década de 1960 há um recrudescimento da ditadura civil-militar, com o Ato Institucional nº 5 de dezembro de 1968, mas, por outro lado, é uma época de grande efervescência artística e de contestação cultural, sob influência do movimento da contracultura, da revolução sexual, gay e lésbica que se irradiaram a partir dos Estados Unidos (GREEN, 2003, p. 27). Na época artistas como Caetano Veloso, Ney Matogrosso do Secos e Molhados e o grupo teatral Dzi Croquetes, subvertiam as regras de gênero e davam visibilidade para a possibilidade de vivências sexuais e afetivas alternativas (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 74-75).

James N. Green (2003) ao analisar o período destaca a influência dos movimentos feministas internacionais em toda a América Latina e situa que eles ao encamparem uma crítica ao patriarcalismo e à hierarquia de gênero "forçaram a esquerda repensar assuntos de gênero e levantaram questões como estupro, violência doméstica e discriminações de gênero" (GREEN, 2003, p. 19,27). De igual modo a história vindoura do movimento homossexual organizado evidenciará em diferentes momentos as influências recebidas do movimento feminista brasileiro.

²⁹ Neste momento a referência à obra de James N. Green "Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX" (GREEN, 2000a) é oportuna, já que nela ele se interessou justamente pela realidade social e cultural relacionada com a homossexualidade desde o início do século XX até a década de 1980. Assim, explorando as práticas sociais, os espaços de sociabilidade e os primeiros jornais artesanais voltados para as subculturas homossexuais nas grandes cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, deu destaque às condições históricas que mais tarde permitiriam a eclosão de um movimento organizado.

1.2 AS "ONDAS" DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL³⁰ NO BRASIL

1.2.1 A primeira "onda" (anos 1970-1980)

Já em meados da década de 1970 a ditadura militar começou a apresentar fissuras e a dar sinais do período de mudanças históricas que se avizinhava:

[...] a combinação de dificuldades econômicas e uma oposição ao governo forjada por estudantes e um ressurgente movimento dos trabalhadores mudou o balanço de poder no país. Frente à possibilidade de uma explosão social, os generais militares orquestraram uma liberalização política controlada mas que se dimensionava com as sucessivas ondas de greves em São Paulo. Neste efervescente período de abertura política gradual, entre 1977 e 1981, novos movimentos sociais emergiram [...] (GREEN, 2003, p. 31).

Em maio de 1978 nasce em São Paulo o "Somos - Grupo de Afirmação Homossexual"³¹. Os participantes organizaram encontros homossexuais na USP, com relatos pessoais dos dilemas e dificuldades pessoais em um clima de solidariedade, autoajuda³² e viés antiautoritário. Na mesma época surgiram outros grupos similares em diferentes regiões

³⁰ Aqui considerado como "uma rede de relações sociais, no qual estão presentes indivíduos e organizações da 'sociedade civil', diferenciáveis pelo fato de compartilharem e atuarem com vistas a um mesmo objetivo geral com relação ao tema da 'homossexualidade': a 'emancipação' ou a obtenção de 'cidadania plena' para 'os (as) homossexuais' ou outras identidades sexuais tomadas como sujeito do movimento" (FACCHINI, 2005, p. 25).

³¹ A história detalhada do grupo Somos pode ser encontrada no estudo de MacRae (1990), sendo uma das obras que conferiu visibilidade e até notoriedade ao grupo, do ponto de vista historiográfico.

³² Exemplo da influência do movimento feminista que já no início da década de 1970 contava com grupos de reflexão em diferentes cidades do país, atuando na tarefa de conscientização de que os problemas vividos individualmente, na realidade, faziam parte de uma questão coletiva (PEDRO, 2012, p. 241-242,246).

do país³³, inclusive com a participação das lésbicas e foram realizados os primeiros encontros de âmbito nacional³⁴ (FACCHINI, 2005, p. 96-97).

Como observa Richard Parker:

A grande novidade foi o surgimento de uma nova atitude que, deixando de lado um certo sentimento de culpa, até então bastante comum mesmo entre os homossexuais mais notórios, passou a reivindicar um espaço de respeitabilidade pública para a homossexualidade (apud MACRAE, 1990, p. 95).

Outra referência desta primeira "onda" foi o jornal "O Lampion da Esquina", lançado em São Paulo, também em maio de 1978, com dez mil exemplares impressos (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 83). A história do periódico mensal se confunde em muitos momentos com o do Grupo Somos, mesmo porque algumas figuras do nascente movimento, escritores e jornalistas de renome, participavam das duas agremiações:

³³ Em 1980 já existiam em torno de 20 grupos espalhados pelo Brasil, com destaque para o Grupo Gay da Bahia e o Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro, os primeiros a obterem reconhecimento institucional, em 1983 e 1985, respectivamente (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 124).

³⁴ I Encontro de Militantes Homossexuais no Rio de Janeiro em dezembro de 1979, I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados e I Encontro Brasileiro de Homossexuais, em São Paulo em abril de 1980 (FACCHINI, 2005, p. 96-97).

LAMPPIÃO
 Edição experimental - Número zero
 abril 1978 - Curitiba - Paraná

Homo eroticus
 Um ensaio de
DARCY PENTEADO

CELSO CURI
 processado.
 Mas qual é
 o crime
 deste rapaz?

Duelo de machões
 Nureyev
 VS Cassius Clay

Exclusivo
 Garcia Lorca
 também assume

Uma noite no Cinema Iris

Colaboram neste número:

João Silvério	Francisco	Iaponi	Aguinaldo
Trevisan	Bittencourt	Araújo	Silva
Gasparino	Clóvis	Adão	João Antônio
Damata	Marques	Acosta	Mascarenhas

Imagem coletada no Centro de Documentação Dr. Luiz Mott mantido pelo grupo Dignidade de Curitiba, que mantém no acerto on line - no endereço eletrônico: <<http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/centro-de-dokumentacao/>>. Acesso em: 22 jul. 2013 - com todas as edições do jornal.

O jornal desde o início assumiu uma linha editorial de cunho político defendendo não só os homossexuais, como outras minorias como os negros, as mulheres, os transexuais e bissexuais, denunciando as violências sofridas por estes grupos marginalizados. Paralelamente o "Lampião" veio a se consolidar com o meio de comunicação entre os grupos homossexuais promovendo a divulgação das atividades dentro e fora do movimento (MACRAE, 1990). Para tanto adotava um formato tabloide, em uma linguagem popular e direta, com farto uso de termos correntes no meio homossexual:



Imagem coletada no endereço eletrônico:

<<http://www.grupodignidade.org.br/blog/cedoc/centro-de-documentacao/>>.

Acesso em: 22 jul. 2013.

O avanço dos anos 80 traz uma série de fatores que somados conduziram o MHB a um refluxo. Ainda em junho de 1981 uma articulação maior de âmbito nacional perde força em virtude do fechamento do "Lampião", que não resiste a uma soma de fatores: dificuldades financeiras, concorrência de pequenas revistas e jornais que surgiram na época, além de divergências entre seus editores. No ano seguinte, 1982, a AIDS faz suas primeiras vítimas no Brasil, com início de um período de exploração alarmista e preconceituosa por parte da imprensa e o aumento da discriminação direcionada aos homossexuais (COSTA, 2012, p. 84). Ademais, com o fim do regime militar em 1985, há uma desmobilização das diferentes frentes de luta antiautoritárias que de algum modo até então impulsionavam o movimento. A resultante não

poderia ser outra: uma drástica redução do número de grupos de defesa dos homossexuais, com uma redistribuição regional do poder de influência dos poucos que não fecham (FACCHINI, 2005, p. 103).

1.2.2 A segunda "onda" (anos 1980-1990)

De modo paradoxal o principal fator que contribuiu para o fim daquela primeira "onda" do movimento, a contar das segunda metade dos anos 80, transforma-se em força motora para um renascimento do movimento, uma segunda "onda". Passado um período inicial de maior histeria e preconceito com relação à AIDS, surgem redes de apoio às vítimas e seus familiares. Tais iniciativas privadas são articuladas e impulsionadas por pessoas como Hebert de Souza, o Betinho, ou grupos de pessoas que em diferentes localidades fundam GAPA's - Grupos de Apoio e Prevenção à AIDS, com uma aproximação dos ativistas com a classe médica. Tal modelo acaba por se institucionalizar nas respostas dos governos estaduais e federal à doença.

Em 1989 acontece em Montreal, no Canadá, o primeiro Encontro Internacional de ONG's-AIDS, que repercute no Brasil, já que a contar daquele mesmo ano começa a se articular uma rede nacional de ONG's-AIDS, que passam a se reunir a cada ano (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 131).

Concomitantemente com a retomada do processo democrático a sociedade brasileira vive uma época de maior liberdade e acesso à informação, com o que há um amplo debate público sobre as vivências e práticas homossexuais, com inegáveis repercussões na esfera política:

[...] a eclosão da Aids deu ensejo a um debate social sem precedentes acerca da sexualidade e da homossexualidade, em particular. Em que pesem o rastro de morte e violência que acompanhou seu avanço, a epidemia mudou dramaticamente as normas da discussão pública sobre sexualidade ao deixar, também, como legado, uma ampliação sem precedentes da visibilidade e do reconhecimento da presença socialmente disseminada dos desejos e das práticas homossexuais (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 133-134).

A redemocratização do Estado brasileiro traz consigo uma democratização correspondente nos processos decisórios mas, por outro lado, essas mudanças vêm acompanhadas de um modelo de reformas

neoliberais que marcou a política econômica dos governos posteriores³⁵, em sintonia com um objetivo maior de integração a um capitalismo globalizado (PARKER, 2002, p. 145-174).

É neste contexto maior que deve ser compreendido o surgimento de uma nova geração de ativistas, com menor envolvimento em lutas de esquerda do tempo da ditadura civil-militar e mais aberta a um estilo de militância diferente, de caráter mais organizado e formal (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 117). Outras características destacadas desse período são: as estratégias de lutas passam a ser mais pragmáticas, de caráter político declarado (não mais no plano individual como outrora, mas como representações de um grupo oprimido), tanto que as bandeiras de luta são focadas na garantia de direitos civis e contra a violência vivenciadas pelos gays e lésbicas de modo geral (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 61). Além disso, uma ênfase é dispensada às relações com grupos de defesa gay e lésbicos de atuação internacional, paralelamente com uma preocupação com o caráter institucional da organização (FACCHINI, 2005, p. 111-115).

Em tal fase há a retirada da homossexualidade do rol de doenças catalogadas pelo Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS), em 1985. O Grupos Gay da Bahia e Triângulo Rosa lançam uma campanha direcionada à Assembleia Nacional Constituinte pela inclusão na Constituição Federal da proibição de qualquer forma de discriminação por "orientação sexual", o que acaba não prevalecendo, em outubro de 1988, quando o documento é promulgado.

O período se estende até o limiar da década seguinte quando começam a se consolidar algumas das características da convencionalizada terceira "onda" do movimento.

1.2.3 A terceira "onda" (anos 1990-2000)

Em uma tendência iniciada ainda em 1989, quando foi realizado o III Encontro Brasileiro de Homossexuais, no Rio de Janeiro, encontros nacionais ganham força e passam se realizar com maior regularidade, com a participação de grupos antigos e novos que florescem por todo o país, inclusive de lésbicas (até então militantes no movimento feminista).

Grande parte dos grupos que possibilitaram um reflorescimento do movimento integrava uma rede de abrangência nacional que se articulou em parceria com o Estado Brasileiro no combate à AIDS, a maioria delas

³⁵ De José Sarney a Fernando Henrique Cardoso, passando por Itamar Franco e Fernando Collor de Mello.

sob a forma de organizações não governamentais - ONG's, modelo que passa a se difundir no meio ativista (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 61). Tal ingresso de grupos relacionados com o combate e prevenção à AIDS no movimento, no entanto, não se deu sem tensões e disputas. A contar de 1995 os próprios encontros do movimento passaram a contar com financiamento estatal (FACCHINI, 2005, p. 121-122).

João Silvério Trevisan (2000) destaca a relevância do desenvolvimento de um mercado dirigido ao público gay e lésbico, com o surgimento de revistas, bares, boates³⁶, agências de viagens, com um perfil diferenciado, em todo o Brasil:

Acuada entre o pânico (ainda que amainado) da AIDS e as expectativas do novo milênio, a década de 1990 assistiu a uma definitiva inserção de homossexuais no mercado, em todos os sentidos. O consumo guei (sic), que continuou crescendo vertiginosamente, revelou aos olhos da sociedade a capacidade de consumir a partir de necessidades homossexuais (TREVISAN, 2000, p. 375).

O termo GLS, de gays, lésbicas e simpatizantes surge daquele mercado na cidade de São Paulo e difunde-se conferindo maior visibilidade e respeitabilidade não só ao segmento econômico, mas ao próprio movimento LGBT. No particular, Richard Parker junta-se ao coro ao mencionar que esse espaço mercantil torna-se fundamental para o surgimento e consolidação de um universo gay mais amplo no Brasil, mas acrescenta a perspicaz observação de que esse

[...] mundo comercial passou a ser uma das fontes mais importantes de *status* - e com frequência um mecanismo de mobilidade social - e a adoção de identidades e estilos gays de classe média ou de elite tornaram-se parte de uma luta muito maior por ascensão em uma sociedade que continua a ser marcada por sua estrutura socioeconômica hierárquica e opressão generalizada de classe (PARKER, 2002, p. 173-174).

³⁶ Carlos Eduardo Henning (2008) explorou em sua dissertação o universo das boates GLS de Florianópolis, concluindo que longe de constituírem espaços de sociabilidade igualitários, eram locais marcados por hierarquias e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade.

Redes de grupos e associações se estabelecem, sendo que em 1995 é criada a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Encontros nacionais específicos dos transexuais e das lésbicas passam a ser realizados desde 1993 e 1996, respectivamente. Paralelamente o movimento passa a ter uma presença mais constante nos meios de comunicação e se articula com outras entidades, assumindo o discurso de defesa dos Direitos Humanos (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 138).

Como resultado do amadurecimento do sistema democrático, representações partidárias abrem espaços para dar vazão às demandas do movimento LGBT, com o surgimento de núcleos gays e lésbicos em partidos como o PT - Partido dos Trabalhadores e o PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (GREEN, 2003, p. 34-35). Nas eleições municipais de 1996 pela primeira vez despontam candidatos declaradamente LGBT por todo o país (PARKER, 2002, p. 134).

O Rio de Janeiro sedia em junho de 1995 a 17ª Conferência da Associação Gay e Lésbica Internacional. Outra prática identificada com essa terceira "onda" do movimento são as Paradas Gays, em uma estratégia de visibilidade massiva adotada pelo movimento (RAMOS, 2005, p. 35). A primeira delas foi realizada em 1997 em São Paulo, com pouco mais de dois mil participantes, mas desde então assiste a um aumento contínuo se espalhando por capitais, grandes e médias cidades por todo o país, sendo que atualmente ocorre em mais de 100 cidades³⁷. Dez anos depois da primeira edição, de acordo com algumas estatísticas, a Parada LGBT de 2007 reuniu na Avenida Paulista mais de 3 milhões de pessoas.

Há uma proliferação de leis municipais e estaduais coibindo práticas discriminatórias em estabelecimentos comerciais, enquanto tentativas no Congresso de levar adiante projetos de lei criminalizando a homofobia e regulando as uniões homoafetivas não avançam.

Desde o final de década de 1990 pesquisas sociais e na área das ciências humanas de diferentes universidades passam a ser desenvolvidas tendo por objeto temas relacionados com a homossexualidade, o homoerotismo (RAMOS, 2005, p. 35) e espaços da internet começam a ser direcionados a um público cada vez mais segmentado do universo gay, lésbico, dos travestis e transexuais (TREVISAN, 2000, p. 378).

³⁷A dissertação de Glauco Batista Ferreira (2012) apresenta uma breve histórico das Paradas no Brasil e um estudo da "Parada da Diversidade de Florianópolis entre políticas, sujeitos e cidadanias", em particular.

1.2.4 A quarta "onda" (anos 2000-2010)

Iran Ferreira de Melo (2013, p. 149-150) propõe um quarta "onda" para a história do movimento LGBT brasileiro, situando que a contar dos anos 2000 assim como há uma maior visibilidade e politização em torno de suas bandeiras de luta, por outro lado recrudescem as respostas de intolerância por parte de segmentos religiosos e conservadores da sociedade. Apesar de alguns retrocessos e das dificuldades em se avançar em projetos de lei como o que criminaliza práticas homofóbicas, o período foi marcado por conquistas históricas.

Felipe Bruno Martins Fernandes (2011) situa que para a grande maioria dos pesquisadores sociais e também para os movimentos LGBT, o período do Governo Lula que teve início no ano de 2003³⁸ representou um avanço das políticas públicas no Brasil no que diz respeito às estratégias de combate à homofobia, a promoção dos direitos sexuais e reprodutivos. Faz tal registro, no entanto, alertando para a necessidade de não se perder de vista o papel dos movimentos sociais como "agentes ativos" não só na elaboração como também na implementação daquelas políticas públicas (FERNANDES, 2011, p. 83).

Não obstante as reflexões e críticas que tal período da história brasileira ainda está a merecer, não há como negar que durante a gestão Lula iniciativas de grande repercussão e alcance foram tomadas pelo governo federal³⁹, em uma estreita parceria com a agenda e os desafios enfrentados pelo Movimento LGBT. Uma das mais importantes foi o lançamento no ano de 2004 do plano "Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e de promoção à cidadania homossexual". Vinculado a Secretaria Especial de Direitos Humanos o programa consistia em um conjunto de 53 ações destinadas a:

- i) apoiar projetos de fortalecimento de instituições públicas e não governamentais que atuam na

³⁸ Ano em que foi criada a Secretaria Especial para as Mulheres vinculada à Presidência da República.

³⁹ Como, por exemplo, o reconhecimento por parte do Instituto Nacional de Previdência Social do direito do (a) companheiro (a) homossexual de inscrição na condição de dependente no regime geral da previdência social; a aceitação pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de um casal de lésbicas para fins de inscrição num programa de reforma agrária, ocorrido em 2007; além de inúmeras decisões judiciais proferidas durante a década reconhecendo o direito à guarda e tutela de crianças por casais homossexuais, dentre outros (MELO, 2013, p. 162-163).

promoção da cidadania homossexual ou no combate à homofobia; ii) capacitar profissionais e representantes do movimento homossexual que atuam na defesa de direitos humanos; iii) disseminar informações sobre direitos e de promoção da auto-estima homossexual; e incentivar a denúncia de violações dos direitos humanos do segmento GLBT (RAMOS, 2005, p. 31).

A novidade não se restringia ao conteúdo do programa, mas a própria forma como o mesmo foi concebido e estruturado, mediante um estreito diálogo e parceria com movimento LGBT, que a partir de seus encontros nacionais forneceu os principais pontos de uma pauta LGBT para o governo Lula (FERNANDES, 2011, p. 94-104). Para além dos tradicionais campos de atuação do Estado, nas áreas de Segurança (em casos de violência letal) e de Saúde Pública, o programa lançado assume a responsabilidade pela implementação e gestão de políticas públicas voltadas às comunidades LGBT, nas mais diferentes áreas, em um esforço que se irradia a partir da área educacional, mas que envolve a atuação conjunta e transversal de diferentes ministérios (FERNANDES, 2011, p. 74-76).

Em 2008 se dá outra iniciativa de grande repercussão já que foi realizada a Primeira Conferência Nacional LGBT, convocada por um presidente da república, em Brasília, com o tema "Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais". No dizer de Iran Ferreira de Melo o encontro constituiu um marco histórico, político e simbólico eis que "representou a absorção da agenda da diversidade sexual e dos direitos humanos LGBT por parte do Estado brasileiro" (MELO, 2013, p. 154-155). As decisões tomadas durante a Conferência foram integradas ao Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT, o qual fez parte do Programa Nacional de Direitos Humanos lançado pelo governo Federal em maio de 2009.

Ainda nos idos de 2010 durante a campanha presidencial, os dois candidatos selecionados no primeiro turno, José Serra do PDSB - Partido Democrático Socialista Brasileiro e Dilma Rousseff, do PT - Partido dos Trabalhadores, manifestaram-se sobre temas como o aborto e o projeto de criminalização da homofobia com um viés moralista e conservador. No dia 15 de outubro de 2010, a então candidata que veio a ser eleita a primeira presidenta da República do Brasil quinze dias depois, divulgou

nota em que, dentre outros pontos, declarou-se pessoalmente contra o aborto, além de comprometer-se no futuro a vetar disposições legislativas que, no intuito de criminalizar a homofobia, no seu dizer, pudessem comprometer o direito de livre expressão de crença religiosa⁴⁰. Na esteira daquele posicionamento analistas têm apontado a timidez e a dificuldade do Governo Dilma em transformar incipientes políticas públicas em políticas efetivas de atuação do Estado na promoção da cidadania LGBT, com destaque para o desafio do combate à homofobia (MELLO; AVELAR; MAROJA, 2012).

Atento ao recorte final proposto encerro, assim, um resumo da história do movimento LGBT brasileiro, nem de longe com a pretensão de esgotar as possibilidades que a temática oferece, procurando reunir os elementos indispensáveis para uma condução do trabalho e uma melhor compreensão da história recente da constituição dos discursos em torno da homofobia no Brasil, como uma demanda social.

⁴⁰ Como noticiado pelo jornal Folha de São Paulo de 16.10.10, p. A 10. Disponível no endereço eletrônico: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/10/16/2/>>. Acesso em: 07 ago. 2013.

2 DISCURSOS RESTRITOS?

O questionamento contido no título proposto ao capítulo procura fomentar a necessária problematização do alcance conquistado pela difusão discursiva patrocinada pela FSP. Ao mesmo tempo, indica que neste espaço tenho por objetivo analisar como os discursos sobre a homofobia surgiram e se propagaram na FSP.

Para tanto em um primeiro momento traço uma curta história do jornal, com interesse nos seus processos de produção, distribuição e consumo; para depois esboçar um perfil de seus leitores. Num terceiro momento, explico como se deu a definição dos dois períodos considerados na pesquisa, ou seja, de 1986 a 2003 e de 2004 a 2011, explorando logo a seguir o primeiro, com a consideração das fases de surgimento (1986-1993) e difusão (1994-2003) dos discursos sobre a homofobia. Por fim, dedico um espaço apartado à série de reportagens sobre o assassinato de Edson Nérís da Silva, que ocorreu em fevereiro de 2000.

2.1 O JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. UM POUCO DE HISTÓRIA

A FSP surgiu em janeiro de 1960 como o resultado da fusão de três jornais (Folhas da Manhã, da Tarde e da Noite) em um, em uma época de rápidas transformações na sociedade brasileira e nos meios de comunicação, com a expansão das redes de televisão.

Foi a contar de agosto de 1962, no entanto, com a sua venda a Octávio Frias de Oliveira, dentre outros sócios, que a história que iria redundar na sua atual configuração começou a dar seus primeiros passos. Sob a nova administração a empresa, que era pequena e enfrentava dificuldades financeiras, deu início a uma estratégia de ampliação e modernização de seu processo de produção, além de receber investimentos na área de distribuição. Assim, ao mesmo tempo que começou a chegar nas bancas mais cedo que seus concorrentes, com o avançar da década de 1960 se consolidou como o periódico de grande circulação e de maior penetração geográfica no país (PINTO, 2012).

Como todos os grandes jornais da época apoiou o golpe militar de 1964, adotando nos anos de maior repressão (garantidos pelo Ato Institucional nº 5, editado em dezembro de 1968 e a Lei Segurança Nacional em vigor desde 1967) uma linha editorial evasiva e dócil. E foi justamente esta postura palatável que mais tarde, na época do "milagre econômico", lhe garantiu a possibilidade de avançar em seu projeto de

expansão, quando a contar de 1974, os militares decidiram que era chegado o momento para o início de uma distensão política "lenta, gradual e segura" (PINTO, 2012, p. 61).

Desde então o jornal mudou sua linha editorial, conciliando um tom mais independente, dito apartidário, com um declarado discurso liberal e burguês. Ao mesmo tempo abriu espaço para os apoiadores e as lideranças da sociedade civil que criticavam o regime, passando a denunciar violações dos direitos humanos. A mudança redundou em um grande aumento de seus exemplares diários (JAWSNICKER; BILHAR, 2008, p. 5-6).

O processo de "abertura democrática" avança sob o governo dos generais Ernesto Geisel (1974-1979) e João Batista Figueiredo (1979-1985). A Folha faz coberturas históricas em 1978 e 1979 sobre o renascimento do movimento sindical, além das greves que se espalham por todo o país a partir do ABC paulista. A contar de 1983 se destaca pela defesa da campanha pelas "Diretas Já" lançada pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB naquele ano.

Arbex Júnior considera aquela campanha como um marco na história da FSP, não sem apontar as contradições daquela fase histórica de reformulação na linha jornalística e editorial:

A forte participação da FSP na campanha Diretas Já aumentou ainda mais o espaço de aparente ambiguidade ideológica em que o veículo operava, tanto entre os jornalistas que trabalhavam no jornal como entre parte de seu público leitor. De um lado a *Folha* aparecia como um componente 'progressista' da 'sociedade civil', até mesmo ostentando uma certa tendência à esquerda. Alguns de seus principais jovens talentos haviam sido cooptados nas fileiras do movimento estudantil contra a ditadura militar. De outro lado, o caráter cada vez mais empresarial do jornal não dava margem à dúvidas quanto à estratégia de seus donos (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 151/152).

Paralela e progressivamente os administradores do periódico passam a adotar o modelo organizacional norte-americano, com critérios industriais de eficiência e controle do produto, além de uma renovação radical de seu quadro de jornalistas, com ênfase declarada no lucro (JAWSNICKER; BILHAR, 2008, p. 5-6). É a chamada Teoria Organizacional que, reconhecendo a estreita relação entre o trabalho

jornalístico e o capital, enfatiza sua condição de negócio (TRAQUINA, 2005, p. 158).

É encampado o chamado "Projeto Folha", com o qual o perfil mais politizado que então prevalecia na redação passou a ser combatido e é assumido um "discurso-para-o-mercado como estratégia empresarial e editorial" (ARBEX JÚNIOR, 2002, p. 141). Não sem razão, portanto, a Folha conquista o posto de maior jornal de circulação do país em 1986 (PINTO, 2012, p. 84).

Para Maria Gorete Juvêncio Sobrinho Frizarini (2007) a FSP é um jornal do *establishment* que, assim como outros grandes jornais do país, desde meados da década de 1980 passou a defender uma agenda política de inspiração liberal e a inserção do Brasil no cenário capitalista internacional.

A década de 1990 trouxe modernizações gráficas, mais imagens e colorido para a página do jornal.

Durante o período Collor a FSP foi um de seus críticos mais constantes, embora tenha apoiado o desastrado plano econômico. Mas, de modo geral, apesar dos eventuais períodos de crise, tratou de modo complacente o governo de perspectiva neoliberal de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e mesmo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), que deu continuidade à política econômica do antecessor, ainda que com maior preocupação com a questão social (FRIZZARINI, 2007).

Atualmente o Grupo Folha é um conglomerado de empresas com atuação nas áreas gráfica, de tecnologia da informação, pesquisas de opinião, distribuição e logística, revistas e jornais (a própria FSP, Agora São Paulo e Valor Econômico); que no ano de 2010 atingiu um faturamento de R\$ 2,7 bilhões (PINTO, 2012, p. 177).

2.2 QUEM LÊ A FSP?

De acordo com levantamento realizado pelo Datafolha⁴¹ em 2011⁴², a FSP é o maior jornal em circulação no país, com uma média de mais de 290 mil exemplares diários, sendo seguido pelo "O Globo", sediado no Rio de Janeiro, com mais de 270 mil exemplares diários e o "Estado de São Paulo" com uma média diária de mais de 250 mil peças. De seu universo de leitores - mais de 6 milhões de pessoas leem com regularidade a Folha papel e outros 9 milhões acessam o site

⁴¹ Instituto criado pelo Grupo Folha em 1983.

⁴² Na Pesquisa intitulada "Sua Excelência, o leitor" publicada na edição do dia 16.10.2011, Primeiro Caderno, páginas 12 e 13.

correspondente - 47,2% são da região metropolitana de São Paulo, 30,5% do Estado de São Paulo e 22,3% de outros estados brasileiros.

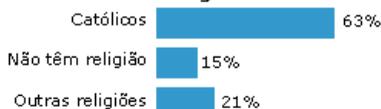
Já outra pesquisa efetuada em 2000⁴³ reuniu os seguintes dados:

Quem é o leitor da Folha

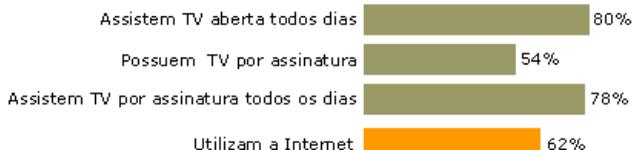
- A média de idade é de **40,3** anos
- Tem alta escolaridade: **47%** cursaram faculdade e **13%** fizeram pós-graduação
- **53%** têm renda mensal individual de até 15 salários mínimos; **36%** têm renda familiar acima de 30 salários mínimos

50% são mulheres **50%** são homens **52%** deles são casados

Religião



TV e Internet

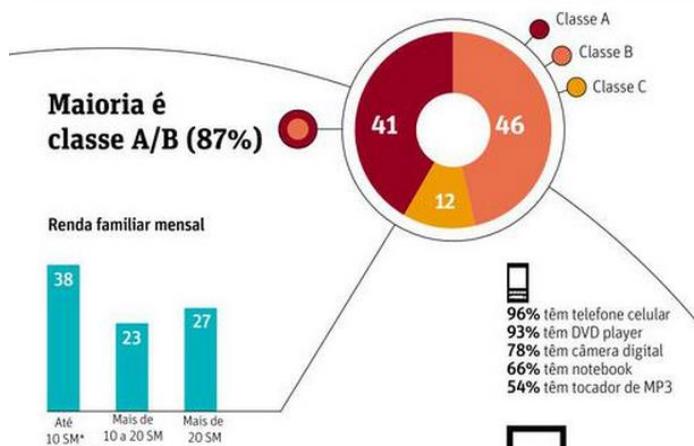


- 47%** têm muito interesse por política
- 85%** são a favor da reforma agrária
- 59%** são a favor da descriminação do aborto
- 50%** são a favor da união civil entre homossexuais
- 61%** são contra a adoção da pena de morte no Brasil
- 63%** são contra a descriminação da maconha

Fonte: Pesquisa "Perfil do Leitor 2000" realizada pelo Datafolha de 10/11 a 22/12/2000 em todo o Brasil e disponibilizada no endereço eletrônico: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml>. Acesso em: 01 ago. 2013.

⁴³ "Perfil do leitor 2000" disponível no endereço eletrônico: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml>. Acesso em: 04 nov. 2013.

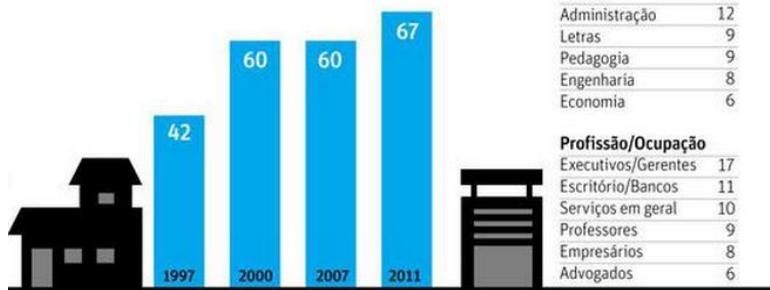
De acordo com tal levantamento, nos idos do ano 2000, o leitor típico da FSP pode ser considerado como integrante de uma elite: divididos igualmente entre homens e mulheres, com idade média de 40 anos, os (as) leitores (as) padrão têm alto nível de renda e de escolaridade, e de modo geral demonstram um perfil liberal quando confrontados com assuntos polêmicos. A mesma pesquisa realizada dez anos depois revelou um quadro semelhante, indicando um envelhecimento de seus leitores - a média etária aumentou para 47 anos - além de um aumento da escolaridade dos mesmos, sendo que 72% desses possui formação superior. Os dados considerados na apuração do nível de renda das leitoras e leitores foram aprimorados, confirmando, ainda assim, que na média integram eles uma elite econômica:



Fonte: Pesquisa "Sua Excelência, o leitor" realizada pelo Datafolha em 2011 em todo o Brasil e disponibilizada no endereço eletrônico: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/16/2/>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

Especificamente quanto a formação e a atividade profissional dos leitores e leitoras da FSP, a pesquisa de 2011 veio a confirmar a afirmação de que boa parte deles é formada por pessoas das camadas médias e da elite intelectual distribuídas por todo o território nacional:

CRESCER O NÚMERO DOS QUE LEEM A FOLHA TODOS OS DIAS



Fonte: Pesquisa "Perfil do Leitor 2000" realizada pelo Datafolha em 2011 em todo o Brasil e disponibilizada no endereço eletrônico: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2011/10/16/2/>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

O histórico e o perfil dos leitores da FSP aqui apresentado procura atender, ainda que de modo abreviado, à necessidade percebida na fase de definição do projeto de pesquisa de se levar em conta os modos de produção, distribuição e consumo do jornal. Tal esforço redundou na consideração e destaque, portanto, da sua condição de produto, um negócio cujos proprietários, burgueses e liberais, visam acima de tudo o lucro. De outra banda, as pesquisas parcialmente reproduzidas sinalizam um consumo por parte de um público igualmente elitizado, burguês e pretensamente liberal.

2.3 DEFINIÇÃO DOS DOIS PERÍODOS CONSIDERADOS NA PESQUISA: 1986-2003 E 2004-2011

Como esclareci na introdução na pesquisa tomei por ponto de partida o ano de 1986, quando pela primeira vez o termo homofobia foi usado em uma página da FSP. Tal dado foi fornecido por uma busca preliminar no banco de dados eletrônico do jornal, sendo que para tanto efetivei uma filtragem utilizando a ferramenta de busca detalhada disponibilizada no site correspondente:

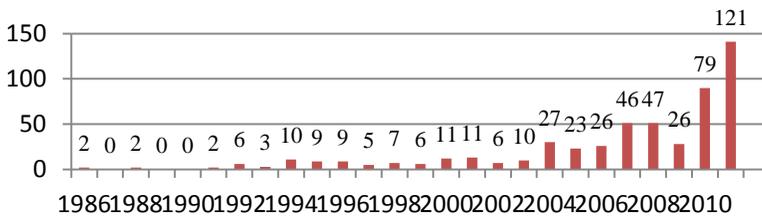


Com este primeiro levantamento identifiquei, ano a ano, desde 1986 até 2011, cada uma das ocasiões em que o termo constou nas páginas do jornal, em qualquer espaço nele veiculado, seja na forma de reportagem, artigo, coluna, painel, nota, etc., como a seguir exemplificado:



Esta pesquisa preliminar seguiu a regra da exaustividade e, ao final, permitiu montar o seguinte quadro estatístico:

ocorrências (páginas) apuradas com uso da ferramenta busca detalhada contendo a palavra homofobia



Quadro estatístico indicativo da totalização das ocorrências de uso da palavra homofobia na FSP, tendo por base "filtragem" realizada no banco de dados eletrônico do jornal.

Pois bem, uma análise detida do mesmo revela, do ponto de vista meramente quantitativo, que:

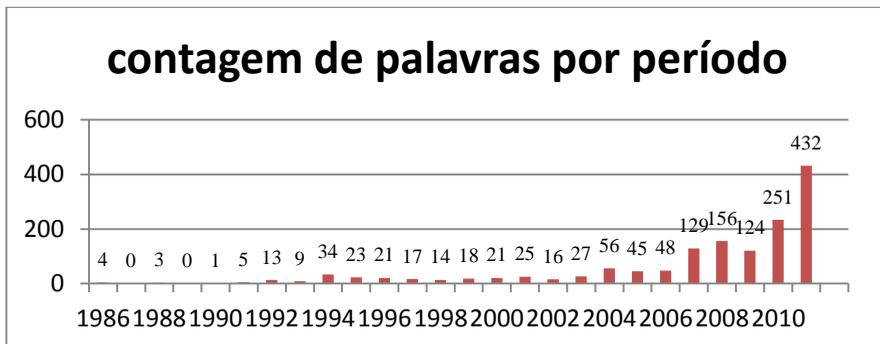
a) depois de uma breve aparição nos anos de 1986 e 1988, com dois registros cada, por dois anos (1989 e 1990) a prática discursiva não apareceu no jornal uma única vez; sendo retomada durante os anos de 1991 (por duas vezes), 1992 (6 ocasiões) e 1993 (3 vezes).

b) a comparação entre os anos de 1993 com 1994 revela um salto nas ocorrências de 3 para 10 casos e depois disso, por alguns anos, de 1995 a 2003, os discursos apareceram de modo contínuo, oscilando entre 5 e 11 aparições por ano.

c) o ano de 2004 registra quase o triplo das ocorrências do ano anterior (num total de 27 aparições), seguindo dos anos de 2005 (23 páginas), 2006 (26 páginas), 2007 (46 vezes) e 2008 (47 casos) e 2009 (26 vezes).

d) os números de 2010 (79 casos) em comparação com o ano anterior revelam um abrupto aumento estatístico, numa tendência que se mantém no ano seguinte, 2011, quando é atingido o pico do levantamento efetuado, com 121 páginas apontadas pela filtragem.

De outra parte, a contagem de quantas vezes a palavra foi utilizada nas páginas selecionadas conforme levantamento acima redundou numa totalização que pode ser acompanhada pelo seguinte quadro:



Quadro estatístico indicativo da totalização do número de vezes em que se fez uso da palavra homofobia na FSP, tendo por base "filtragem" realizada no banco de dados eletrônico do jornal.

A resultante foi a constatação de que uso do conceito homofobia nas práticas discursivas do jornal seguiu as seguintes tendências:

a) rarefeita e intermitente de 1986 a 1993 (oscilando de 0 a 13 vezes);

b) eventual e contínua de 1994 a 2003 (com oscilação de 14 a 34 vezes);

c) frequente e estável nos anos de 2004 (56 vezes), 2005 (45 vezes), 2006 (48 vezes);

d) muito frequente e estável nos anos de 2007 (129 vezes), 2008 (156 vezes) e 2009 (124 vezes) e;

e) muito frequente e em aguda ascendência nos anos de 2010 (251 vezes) e 2011 (432 vezes).

Tal conjunto de dados de modo geral deixou evidente que de início houve um período em que as práticas discursivas com o uso do termo homofobia foi restrito, seja de 1986 a 1993 (ocasional e intermitente) ou de 1994 a 2003 (eventual mas contínuo). A contar de 2004 foi constatada a amplificação daquelas práticas, dada a frequência e regularidade observadas de 2004 a 2006, numa espécie de fermentação discursiva que ficou mais evidente a partir de 2007, e resultou numa explosão nos anos de 2010 e 2011.

Motivado por aquelas primeiras percepções decidi propor a estruturação do trabalho aglutinando em um primeiro bloco os discursos identificados no período transcorrido de 1986 a 2003, assim cobrindo o surgimento (1986-1993) e o início da propagação dos discursos sobre a homofobia na FSP (1994-2003). Já o segundo bloco agrupei as matérias pinçadas de 2004 a 2011, sendo que de 2004 a 2009 na identificada fase

de fermentação e no biênio 2010/2011 de explosão discursiva. O parâmetro determinante dos cortes realizados foi, portanto, o contraste entre momentos quantitativamente distintos. Às etapas posteriores do trabalho, de descrição e análise do material selecionado, foi colocado o desafio de produzir explicações, alcançar inferências.

Registro, ainda, que aquele primeiro segmento contemplou a consideração de matérias específicas sobre o assassinato de Edson Nêris da Silva, ocorrido em fevereiro de 2000, ainda que nem todas elas tenham aparecido com o uso das ferramentas de filtragem antes explicadas. A exceção se explica pela utilidade do material especialmente pinçado para futura comparação com o tratamento dado pelo jornal de outro incidente grave de ataque homofóbico, na mesma São Paulo e que de igual modo repercutiu em todo o Brasil, dez anos depois.

2.4 O SURGIMENTO DOS DISCURSOS EM TORNO DA HOMOFOBIA NA FSP (1986-1993)

No intervalo de oito anos (de 1986 a 1993) a palavra homofobia apareceu em matérias da FSP somente em 13 diferentes dias (em duas páginas em dois deles), frequência que me levou a adjetivá-la de rarefeita e intermitente. A primeira vez foi em 1986, época da então chamada Nova República. O presidente do país era José Sarney, vice de Tancredo Neves que não chegou a tomar posse depois de eleito pelo colégio eleitoral, em uma fase de transição para um regime democrático, ainda vacilante.

No dia 1º.06.86, um domingo, a Folha destaca em sua capa a estreia do Brasil na 13ª Copa do Mundo de Futebol. Ao redor e abaixo daquele espaço centralizado, outras chamadas disputam a atenção do leitor abordando as dificuldades do governo Sarney em financiar o crescimento pretendido da economia, a declaração do presidente da CNBB - Conferência Nacional dos Brasileiros de que "Existem resquícios de fascismo no governo" e a do sociólogo Hélio Jaguaribe de que "Há um grande abismo entre massas e ricos".

A edição traz um Folhetim, caderno especial sobre a "Margem terceira da sociedade", que é aberto com um estudo da psicoanalista Sueli Rolnik com o título "As novas espécies de aliança". No artigo a professora da Pontifícia Universidade de São Paulo - PUC/SP aborda os novos arranjos nas relações amorosas, novos territórios para a circulação dos desejos, dialogando com a obra por ela lançada em coautoria com o pensador francês Félix Guattari, "Micropolítica. Cartografias do Desejo".

O mesmo suplemento traz uma crítica daquele livro feita pelo professor da Universidade de Campinas, Nestor Perlongher, intitulada

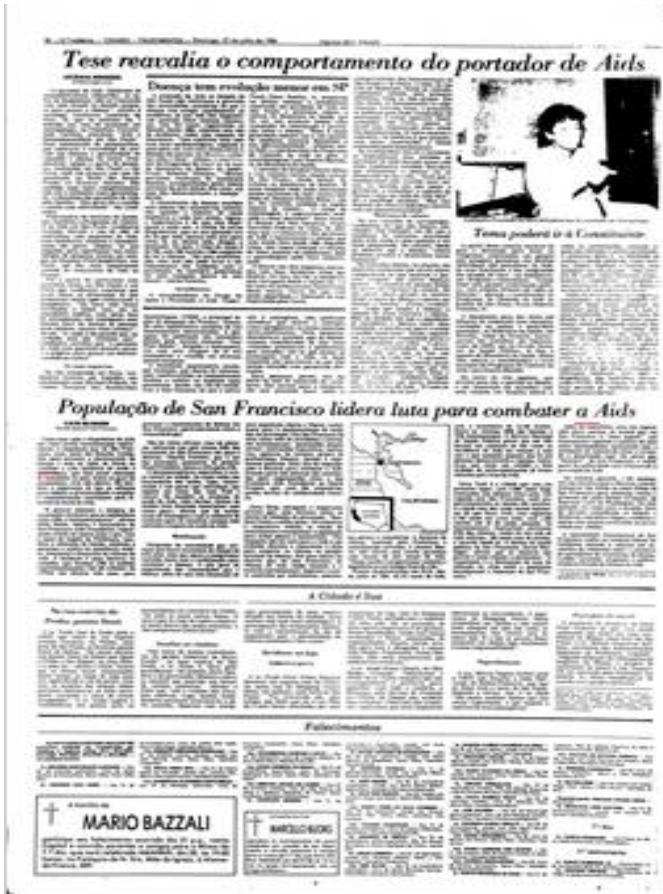
"Os devires minoritários", onde o antropólogo analisa o que teria mudado desde 1982 (época considerada no livro) nos movimentos feminista, negro e dos homossexuais. E é neste espaço que surge pela primeira vez a palavra homofobia no seguinte fragmento discursivo:

A política de minorias não parece passar, hoje, pela afirmação 'enguetizante' (sic) da identidade, acompanhada de invocações rituais à 'solidariedade' com os outros grupos minoritários, nem pela reserva de um lugar (geralmente secundário) no teatro da representação política, com resultantes do tipo: o machismo é um problema das mulheres, o racismo é um problema dos negros, a **homofobia** um problema dos homossexuais (Folhetim da edição do dia 01.06.86, p. 7, grifo nosso).

A primeira aparição discursiva se dá, portanto, no âmbito de um debate acadêmico, ainda que veiculada em um suplemento especial de um grande jornal. A palavra aparece *en passant* e apesar de relacionada de modo genérico com os homossexuais, seu significado não é explicado. O autor do discurso é um intelectual e tem por interlocutores psicoanalistas, pensadores e antropólogos.

No mês seguinte⁴⁴, em outra edição dominical três matérias com temática similar ocupam dois terços da página 26, com grande destaque:

⁴⁴ No dia 27.07.86 no Terceiro Caderno (na realidade encartado em fluxo contínuo no Primeiro Caderno).



Terceiro Caderno, p. 26 da edição do dia 27.07.86.

A primeira é sobre a realidade brasileira, produzida pela reportagem local, e noticia a defesa de uma tese de antropologia na PUC/SP que analisa e rejeita a concepção generalizada de que os contaminados pelo HIV tinham vida pregressa promíscua e, por outro lado, refuta, também a impressão de que as vítimas da AIDS eram abandonadas por suas famílias. Reflexo de uma época, a maioria dos interlocutores mencionados são vinculados ao Grupo de Apoio de Prevenção da AIDS-GAPA e médicos. Há referência, ainda, ao fato de que "Tema pode ir à Constituinte", sobre a possível garantia de direitos aos portadores da doença na Constituição que viria a ser debatida a contar do ano seguinte.

O outro espaço é o resultado do trabalho de um enviado especial à cidade de São Francisco, então mobilizada na luta contra a epidemia da AIDS. A reportagem já no seu início fornece uma explicação do significado do termo homofobia, a primeira encontrada na pesquisa, em um fragmento da história prenhe de significados:

Cinco anos após o diagnóstico de Aids em cinco jovens homossexuais californianos, a população gay de São Francisco, costa oeste dos Estados Unidos, luta para prevenir o alastramento da doença e está na linha de frente no combate a uma **epidemia de medo e intolerância, que está sendo chamada de homofobia no país**. Entre os gays há insegurança, mas não pânico. Há também a esperança de que os esforços para reduzir a promiscuidade e ampliar a conscientização contribuam para diminuir os riscos da Aids (grifo nosso).

As principais vozes ouvidas no texto, além do repórter, são as de pessoas identificadas como ativistas gays. É perceptível, ainda, a associação da homofobia com o surgimento da AIDS e a comunidade homossexual masculina de grandes cidades americanas como Nova York e São Francisco.

O conjunto de informações apresentado revela um diálogo entre o contexto norte-americano com a realidade brasileira, em uma fórmula que se repetirá em muitas outras ocasiões, sendo que neste primeiro caso há relação, ainda, com um estudo universitário.

Quase dois anos se passam para a temática ressurgir no dia 12.02.88. É uma sexta-feira e capa do jornal traz a manchete: "Presidente está sendo sabotado", afirmação feita pelo Ministro da Agricultura do governo de José Sarney. No alto da página anuncia: "Mercado financeiro aponta para um inflação superior a 17% esse mês" e mais embaixo resume "ACM defende eleições gerais este ano", com uma grande foto do político baiano abraçado com o Presidente da Federação das Indústrias de São Paulo.

Mais uma vez uma prática discursiva sobre a homofobia aparece em um Folhetim dominical (edição de 12.02.88, p. 10-11) e num contexto bem acadêmico, sobre Erotismo no cinema, na literatura e na linguística. O estudo é de um professor de Teoria do Cinema da Universidade de Nova York e aparece sob o título "Batkin e o cinema", onde o autor propõe uma complexa discussão em torno da pornografia comercial. O

A reportagem aborda as novas estratégias adotadas pelo movimento gay nos Estados Unidos, tendo por principais interlocutores ativistas. O termo homofobia aparece diversas vezes e ainda que não seja explicado de modo mais detido, é associado à discriminação direcionada aos gays e lésbicas (com a repercussão da expulsão de uma enfermeira do exército por revelar sua orientação sexual). No mesmo espaço, em sua parte inferior, há uma matéria sobre as tentativas de legalização do casamento gay na França, mais uma vez com entrevistas de ativistas.

A realidade internacional continua a ser explorada na sequência, página 5, com matérias vindas de Londres e Nova York, sendo impresso aos textos e às chamadas das matérias declarada inspiração sensacionalista:



Página 5 da seção Mais! da Ilustrada do dia 14.06.92.

Há referência à homofobia também na matéria em tom irreverente sobre a (falsa) freira gay que prega o prazer universal, "se vale do bizarro para combater a homofobia, o preconceito anti-homossexual" e na entrevista ao líder queer que ataca a hipocrisia e que responde à pergunta do jornalista em Nova York: "Você acha que a homofobia aumentou nos EUA?".

A relação com a realidade brasileira vem na página seguinte (6) de modo descarado:



Página 6 da seção Mais! da Ilustrada do dia 14.06.92.

Com uma linguagem e estratégia que fazia lembrar os velhos tempos de "O Lampião", Arnaldo Jabor, da reportagem local, defende a necessidade de se falar mais abertamente sobre a homossexualidade. Outra matéria aborda a influência gay na literatura e divide espaço com uma gravura onde o super herói Estrela Polar diz: "I am gay"!

O arremate mais bem comportado vem na página seguinte, 7, com a publicação de trechos inéditos do livro do psicoanalista Jurandir Freire Costa sobre homoerotismo.

O bloco é muito interessante não só por reunir um grande número de informações em um estilo eclético e provocativo, mas por revelar um momento em que houve a abertura de espaços para tratar de temas que despertavam curiosidade, ainda que melindrosa, talvez advindo daí o tom jocoso ou leve que dá o tom a boa parte do material reunido. Outra inferência possível é perceber a mescla realizada entre realidade internacional, nacional, com eventual suporte em trabalhos acadêmicos - no exemplo específico - em uma última matéria, provavelmente no afã de conferir uma respeitabilidade à temática como um todo, um respeito ainda não vivenciado nas ruas.

O uso de imagens é feito na declarada tarefa de chamar a atenção, mesmo que por uma via escandalosa. Na capa da Ilustrada (que então reunia as seções Ilustrada, Mais!, Letras e Ciência), um grande foto um casal gay abraçado toma toda a página e prossegue no decorrer das matérias onde, lado a lado, convivem referências à manifestações de rua irreverentes ou bem comportadas (ativista empunhando cartaz), a escolha de um retrato de um travesti e o casal lésbico numa postura de proximidade e troca de afeto, em um clube londrino. Em comum uma postura que poderia dizer *friendly*.

Encerro, por ora, destacando a edição do dia 01.07.92, uma quarta-feira, na qual identifiquei o primeiro caso de interlocução de uma das leitoras com o jornal. Uma deputada estadual do PT faz uso discursivo, explicando seu sentido, no espaço do Primeiro Caderno "Opinião do Leitor", para comentar as matérias do dia 14.06, p.

Orgulho gay

*"Há algumas semanas o suplemento **Mais!** abriu suas páginas para discutir aquilo que identificava como uma **homofobia**, querendo com isso caracterizar o fortalecimento do preconceito contra gays e lésbicas em nossa atualidade. Devo informá-lo que, na contramão dessa onda obscurantista, conseguimos aprovar na Assembleia Legislativa de Mato Grosso, que sempre se pautou pelo conservadorismo e pelas posições retrógradas, uma moção de solidariedade a todos os homossexuais brasileiros, pelo dia 28/06, Dia Internacional do Orgulho Gay."*

Serys Silhessarenko, líder do PT na Assembleia Legislativa de Mato Grosso (Cuiabá, MT)

Fragmento da p. 3 do Primeiro Caderno do dia 01.07.92.

Ao mesmo tempo este pequeno fragmento é testemunho de uma das características do movimento em sua terceira "onda", a repectividade das agremiações políticas às novas demandas colocadas pela comunidade LGBT e, por outro, é um exemplo declarado de intertextualidade (em que um texto faz referência a outro).

Uma primeira análise qualitativa desse bloco deixa evidente que a "porta de entrada" da temática na FSP foram espaços por ela veiculados destinados à matérias relacionadas com lazer e cultura pinçadas ou, então, para debates de cunho acadêmico. Em menor quantidade apareceram matérias sobre a realidade internacional, associada ou não à realidade brasileira (com marcante impacto da AIDS) ou, ainda, abrindo espaço para a opinião de leitores.

Motivado por estas e outras constatações conclui que uma classificação das práticas discursivas tendo por parâmetro suas principais características poderia contribuir não só com o necessário processo de codificação como, também, em um segundo momento, para melhor compreender os distintos períodos identificados. Para tanto levei em conta qual a natureza de cada uma das matérias, de quem era a voz do texto, quais os interlocutores referenciados e o objetivo declarado. O conjunto das ocorrências selecionadas e as constâncias nelas percebidas me levam, então, a propor (e mais adiante complementar) um tipologia dos discursos que é explicada à medida que eles surgiram e se fizeram claros com o avançar da pesquisa. Não se trata de uma proposta fechada e definitiva, nem de valor absoluto, mas tão somente uma alternativa pensada com o objetivo de permitir a tomada de mais inferências.

Como visto a primeira vez que uma prática discursiva foi adotada na condenação da homofobia foi em um Folhetim especialmente dedicado às relações amorosas e à sexualidade. Nele são reunidos longos artigos acadêmicos de autoria de professores universitários, que assumiram o declarado objetivo de fomentar um debate de cunho intelectual, sendo possível especular que, de igual modo, tratava-se de material com público alvo igualmente elitizado. Isso me leva a considerar esse tipo de discurso **acadêmico**.

De outra parte, em outras ocorrências selecionadas os materiais veiculados tiveram por objeto uma **realidade nacional** ou **internacional**, foram produzidos por jornalistas locais, ou então correspondentes ou enviados ao exterior, tendo por interlocutores pessoas de determinados lugares, ativistas ou não.

Prosseguindo, posso acrescentar outro tipo de discurso - **de lazer e cultura** - que vai se repetir muitas vezes não só nesse estágio inicial de aparição de práticas discursivas relacionadas com a homofobia, como também será o responsável pela propagação identificada de modo contínuo desde 1994 e crescente a partir de 2004. A adição da condição **internacional** ou **nacional** dessas práticas auxilia não só a identificar de que lugar é o fato de interesse cultural ou de lazer, como também permite deixar mais clara uma possível influência estrangeira ou não.

O primeiro caso identificado de "opinião do leitor", bem como tantos outros que foram identificados na fase preliminar de análise do material de pesquisa, me leva a propor como tipo discursivo aquele em que é expressada a **opinião**, seja de um leitor, colunista ou articulista, num espaço mais limitado, com o objetivo de apresentar e debater com os leitores do jornal algum tema ou fato de interesse, externando um juízo de cunho pessoal e opinativo.

Essas primeiras ocorrências deixaram evidente, ainda, que os tipos de discurso propostos podem aparecer associados ou não e que, ainda que não seja muito comum, uma mesma matéria pode contemplar a veiculação de dois ou mais tipos de discurso, como se deu no exemplo visto de associação e/ou veiculação conjunta de discursos sobre uma realidade nacional, mas também internacional, com espaço para uma paralela discussão acadêmica.

Nas quinze páginas consideradas somente em um terço delas o sentido da palavra homofobia mereceu explicação ou conceito; seja como "epidemia de medo e intolerância" (27.07.86, p. 26), "preconceito anti-homossexual" (14.06.92, p. 4), "fortalecimento do preconceito contra gays e lésbicas em nossa atualidade" (01.07.92, p. 3), "fobia à homossexualidade" (21.07.92, p. 3) e "medo ou ódio a homossexuais"

(31.01.93, fl. 9). É recorrente a associação da homofobia com os homossexuais de modo genérico, ou então aos gays e, em nos poucos casos destacados, às lésbicas.

Com relação a destacada prevalência das práticas discursivas relacionadas com **lazer e cultura** (em 7 das 15 páginas) cabe frisar que no período todas as levadas em conta comportam a adição do adjetivo **internacional**. A elas se juntam os tipos discursivos também já mencionados: **acadêmicos** (em 3 das 15 páginas consideradas), discursos de **opinião** (2 casos), sobre a **realidade internacional** (um caso) e de associação da **realidade internacional** com a **realidade nacional** (2 casos). Restam, assim, integralizadas as ocorrências filtradas.

O quadro abaixo traz a totalização das páginas pinçadas pela filtragem realizada no período de 1986 a 1993 considerando o local em que foram veiculadas no jornal:

Local	Ocorrências
Ilustrada	8
Folhateen	3
Primeiro Caderno	2
Terceiro Caderno e Mais! (um cada)	2
Total	15

Fonte: autor, 2014.

A busca paralela de ocorrências no mesmo segmento tendo por referência o cruzamento da palavra "preconceito" com diferentes sujeitos LGBT, revelou a existência de muitos poucos casos em que a temática explorada era bem específica, ainda que sem o uso do termo homofobia. É o que se deu, por exemplo, em dezembro de 1993, quando diferentes matérias da Mais! (que então reunia as seções Ilustrada, Livros e Ciência) de um domingo, 19.12.93, foram dedicadas ao homossexualismo feminino:



Página 1 da Mais! do dia 19.12.93.

A fórmula de se associar matérias focadas na **realidade internacional** com a **realidade nacional** se repete. Enquanto na página 6 correspondentes de Nova York exploram a influência do movimento lésbico na indústria cultural norte americana, na página 7 há as reportagens contam com as manchetes: 'No Brasil, o tema é restrito', 'Diretora de Festival é contra lesbianismo invisível'.

Anoto, por fim, que de modo geral há pouco uso de fotos, em preto e branco, raros desenhos e nenhum gráfico.

2.5 O INÍCIO DA PROPAGAÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE HOMOFOBIA NA FSP (1994-2003)

Neste segmento, em sintonia com os demais recortes temporais propostos, analiso o início da difusão dos discursos sobre a homofobia na Folha, apontando as principais características que foram percebidas, as constâncias e inferências que o manejo do *corpus* da pesquisa permitiu apontar. Ao final, abri um subitem onde levei em conta algumas matérias específicas sobre a cobertura jornalística de um assassinato que aconteceu no período, com o objetivo de evidenciar como muitas vezes um discurso relacionado a homofobia já estava em circulação, ainda que não fazendo uso de uma terminologia que se firmará com o avanço da década de 2000.

De modo geral no período foram identificadas duas características marcantes: uma forte influência internacional, com destaque à importância do movimento LBGT organizado, e uma consolidação das ocorrências abordando a realidade nacional, muitas vezes em situações que podem ser identificadas como peculiares da chamada terceira "onda" do movimento LBGT no Brasil. Neste sentido, percebi que os discursos de **lazer e cultura internacionais** (13 casos⁴⁷) ainda superam os registros **nacionais** (10 casos⁴⁸) e detém boa parte das práticas discursivas sobre a homofobia que foram consideradas no período (84 registros). Mas, por

⁴⁷ Cito aqui os seguintes exemplos: divulgação de filme inglês "Blue" com crítica a "clichês" sobre a AIDS (22.02.94, terça-feira, caderno Ilustrada, fl. 9), matéria sobre peça de teatro em cartaz em Londres que expõe homofobia nas forças armadas (dia 22.08.95, terça-feira, Ilustrada, p. 7), e sobre apresentação de banda de Nova York "Le Tigre" que encampa bandeiras feministas e contra a homofobia (dia 17.12.01, segunda-feira, Folhateen, p. 8).

⁴⁸ Como a matéria sobre festa em casa noturna onde vídeos no telão "fuzilavam" a homofobia (dia 24.07.94, domingo, Revista da Folha, p. 39) ou em nota sobre o lançamento de livro do antropólogo Luiz Mott intitulado "A violação dos Direitos Humanos de Gays, Lésbicas, Travestis no Brasil" (dia 10.09.97, quarta-feira, caderno São Paulo, p. 2).

No meio de anúncios publicitários, dentre os quais se sobressaem, por coloridos, os de saunas gays, é divulgada a realização do Congresso de gays e lésbicas judeus em Israel, além da Conferência Internacional dos Gays e Lésbicas - ILGA, em Nova York.

Poucas semanas depois, no dia 05.07.94, uma terça-feira, no caderno São Paulo, seção Cotidiano, a Folha destaca:

3-4 Terça-Feira, 5 de julho de 1994 cotidiano FOLHA DE S. PAULO

Rio vai sediar congresso mundial de gays

Violência e discriminação contra homossexuais e o combate à Aids serão discutidos no encontro que acontece em 95

Modelos nus são censurados no Rio
Performance divulga curso de desenho

Da Secorart do Rio

Respostas pelo curso de desenhos. Brasília não quis censurar a exposição, afirmando que faz-se "um problema interno". Veja o site do evento.

Na hora da performance —



Da Reportagem Local

Homossexuais do mundo inteiro vão se encontrar no Rio de Janeiro em junho de 1995. A cidade vai sediar o 17º Congresso Mundial da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (Iglu, sigla em inglês).

Os temas de encontro vão ser violência e discriminação contra gays e lésbicas e o combate à Aids.

O Rio foi escolhido para sediar o congresso em último momento, em Nova York (EUA), no encargo, em 1992, do então governador do Estado, César de Lencastre, de 60 países, inclusive do Brasil, entre eles Nova York.

"O encontro será uma oportunidade para discutir a violência contra gays e lésbicas e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids", afirmou o diretor do congresso de Nova York, James L. Mott, que esteve em um encontro de homossexuais no Rio, em 93. Ele está sendo o 2º Congresso Latino-Americano de Gays e Lésbicas. O país vai discutir homossexualidade e o Iglu.

No encontro encerrado domingo em Nova York, a Iglu denunciou a existência de leis antigays e ilegais, Chile e Nicarágua e a situação de homossexuais em 95.

Página 4.

A Conferência Internacional acontece de 18 a 25 de junho de 1995 e merece cobertura da FSP através de uma série de reportagens publicadas pelo jornal no decorrer daquele mês. No dia 14.06.95, uma terça-feira, o caderno São Paulo, traz na página da seção Cotidiano, diferentes reportagens nas quais o termo homofobia é explicado:

FOLHA DE S. PAULO cotidiano Quarta-Feira, 14 de junho de 1995 3-3

CONFERÊNCIA GAY

Pastor quer união estável de homossexuais

Presbiteriano gay norte-americano afirma que o 'caminho pastoral' do homossexualismo é a formação de casais



Foto: Paulo Souza/Infra Imagem

FERNANDO MOLICA
Da Secorart do Rio

Pastor da Igreja Presbiteriana, teólogo e homossexual, o norte-americano Thomas Hanks, 60, afirma ser necessário trocar as perguntas sobre a "questão homossexual".

"O problema não é o homossexualismo, mas a homofobia (preconceito contra homossexuais), disse. Segundo ele, a homofobia deve ser enquadrada na mesma categoria que o racismo.

Hanks está no Rio para participar do 2º Encontro de Travestis e Lésbicas e do 7º Conferência da Iglu (Associação Internacional de Gays e Lésbicas).

Em entrevista à Folha, Hanks disse que as religiões têm uma característica em comum: incluem como libertadoras e depois se tornam como repressoras.

A análise desta trajetória das religiões deverá ser o mote de sua participação no encontro.

Radiado em Buenos Aires, na Argentina, Hanks lidera um grupo de atendimento religioso a minorias sexuais, o Outros Ovelhas.

Esse grupo, afirmou, defende-se ao que ele classifica de único caminho pastoral que dá bons resultados com homossexuais — de estimular a formação de casais estáveis. Segundo Hanks, as duas opções de trabalho com homossexuais — a abstenção e a tentativa de mudança de orientação sexual — têm dado resultados desastrosos.

Apesar de ser pastor, Hanks não atua como pregador. Ordenado em 1962, só assumiu sua homossexualidade em 1989 — um ano depois de separar-se da mulher, com quem estava casado havia 28 anos.

Ao declarar-se gay, Hanks não perdeu a condição de pastor. A Igreja Presbiteriana decidiu manter como pastores os homossexuais já ordenados (apesar de não ordenar os que antecipadamente assumem que são gay).

Página 3.

O principal interlocutor ouvido é um ativista internacional, sendo ele que faz uso de um discurso sobre homofobia e, referindo-se sempre aos homossexuais de modo genérico, com a defesa da formação de casais estáveis a exemplo do que ocorre com os heterossexuais. Em outra matéria da mesma página é estabelecida associação da temática com as

travestis que ganham espaço para manifestação pública, na esteira de Encontro Nacional específico realizado na semana anterior à conferência:

Travesti diz que vai se candidatar a vereador

Da Sucursal do Rio

Discursos que reivindicavam direitos civis e o fim do preconceito marcaram a abertura, ontem, no Rio, do 3º Encontro Nacional de Travestis e Liberados.

Durante o encontro, o travesti Adriana, do grupo Tulipa, de Santo André (Grande SP), anunciou que será candidato a vereador nas eleições de 96. Adriana — cujo nome civil é Waldo Pereira — afirmou que será candidata pelo PT.

Adriana é representante dos travestis na Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis. "Conquistaremos o poder com solidariedade", disse.

Cerca de cem pessoas — a maioria travestis — participaram da abertura do encontro, no hotel Guanabara, no centro do Rio.

Segundo Jovana Baby, presidente da Astral (Associação de Travestis e Liberados), 22 Estados enviarão representantes para o evento. Jovana afirmou que durante o encontro será criada a U'NT (União Nacional de Travestis).

Jovana destacou a presença, na solenidade de abertura, de vereado-



O travesti Jovana Baby, no encontro no hotel Guanabara res e deputados estaduais do PT, PPS e PSDB.

A importância da organização dos travestis na luta contra a Aids foi destacada por José Stalin Pedrosa, representante do Ministério da Saúde.

O diretor do Departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids da Secretaria de Saúde do Rio, Álvaro Matida, afirmou que não haverá controle da Aids sem "o paralelo da cidadania e do direito de ir e vir". (FM)

Fragmento da página 3 do caderno Cotidiano da edição do dia 14.06.95.

A perspectiva de denúncia do preconceito prossegue em matérias dos dia 16 e 17.06.05, no caderno São Paulo, sexta-feira e sábado, ainda que sem a veiculação de um discurso propriamente embasado na homofobia, como a seguinte:

Travestis querem legalizar prostituição

Medida será maior objetivo de organização que defenderá interesses do grupo, como o direito à aposentadoria



Ilustração: Sérgio de Moraes

SILVIA NORONHA
De Secador de Rio

Os travestis decidiram criar uma organização nacional para representar a classe e reivindicar seus interesses. O principal objetivo da nova entidade será a legalização da prostituição como profissão.

Representantes de entidades regionais de 23 Estados se reuniram ontem no Hotel Guanabara, no centro do Rio, onde aconteceu o 3º Encontro Nacional de Travestis e Lésbicas.

O primeiro organismo que abrangirá todo o país será chamado de Rede Nacional de Travestis. A vista, ainda em discussão, node-

da em países como Holanda, Dinamarca, Indonésia e Tailândia", disse Ivanna Baby.

Laura de Vison, 35, transformista e dirigente do Sindicato dos Artistas do Rio, afirmou que considera a legalização da prostituição no Brasil uma utopia.

Vison disse ainda que o sindicato consegue concessão de registro profissional como artista para transformistas e travestis, desde que eles trabalhem em shows.

"É preciso mudar a mentalidade da sociedade e abrir caminhos para que travestis e transformistas possam exercer qualquer profissão, mesmo caracterizada de mulher".

O transformista faz apenas uma exceção: a única profissão que travestis e transformistas não podem exercer nunca é a de educador.

"Eu sou professor de história no município do Rio e vou a escola de homens. O educador não pode se caracterizar de mulher porque vai

Página 5.

As vozes ouvidas são de lideranças travestis que fazem a defesa do reconhecimento de direitos em favor dos travestis e transformistas, na condição de categoria profissional.

Entre as matérias reunidas no dia 20.06.95⁵⁰, segunda-feira, caderno São Paulo, mais uma vez sem que haja referência direta à homofobia, uma chama a atenção, por conferir visibilidade a um incômodo setor dissidente:

Gay que apóia sexo com menor pode ser expulso

Enviado especial ao Rio

Os mesmos militantes homossexuais que acusam os heterossexuais de discriminá-los agem de forma discriminatória em relação a uma categoria de gays: os pedófilos, adultos que gostam de se relacionar com crianças.

Esta semana, em uma reunião plenária da 17ª Conferência Mundial da liga (Associação Internacional de Lésbicas e Gays), os seus integrantes vão votar a expulsão do grupo gay alemão VSG (Sociedade pela Igualdade Sexual).

Fundado em Munique em 1973, o VSG tem entre os seus militantes defensores da ideia de que não há

nada de errado em manter relações sexuais com um menor de 18 anos se ele está de acordo.

O VSG está acusando a liga de discriminá-los apenas para agradar o governo dos EUA e a ONU.

Isso porque em 1993 a liga ganhou o status de membro consultivo (sem direito a voto) do Conselho Econômico e Social da ONU.

Em janeiro de 94, o Senado norte-americano aprovou uma emenda proibindo o governo dos EUA de dar dinheiro a qualquer organismo da ONU que apóie, direta ou indiretamente, a pedofilia.

Em junho de 94, em sua 16ª Conferência Mundial, a liga aprovou uma resolução contra a pedofi-

lia, afirmando não reconhecer a existência de "atividade sexual consentida com crianças".

Com o voto de 88% dos delegados, a liga expulsou, então, da entidade três grupos gays pedófilos.

Apesar disso, em setembro de 94, a ONU suspendeu o status da liga como membro consultivo do Conselho Econômico e Social, após receber denúncia anônima de que o grupo gay alemão VSG, filiado à liga, defende a pedofilia.

Um mês depois, a secretária-geral da liga se reuniu em Bruxelas e decidiu suspender o VSG, remetendo para a conferência no Rio a decisão de expulsar ou não o quarto filiado em um ano. (MSY)

Fragmento da página 2 do caderno São Paulo do dia 20.06.95

⁵⁰ Edição cuja capa noticia com grande destaque "FHC privilegia carro argentino".

A seguinte ocorrência filtrada se deu no dia 22.06.95, uma quinta-feira, em que a FSP, mais uma vez, mas no caderno Cotidiano, dedicou uma página quase inteira à cobertura da Conferência Internacional. São diferentes matérias sendo que aquela em que há o uso discursivo é intitulada "Ex-seminarista casa lésbicas em boate". A reportagem é produzida por enviado especial ao Rio de Janeiro, enxertada no meio da página⁵¹ 6 e destacou a realização de um "casamento" de um casal de lésbicas por um seminarista. Além do jornalista é dele a voz ouvida no texto que afirma: "Isso é muito importante para mostrar que há muita homofobia na Igreja. Jesus nunca falou contra homossexualismo".

As tensões existentes no movimento aparecem na reportagem principal daquela mesma página, no mesmo caderno São Paulo, coluna Cotidiano:

FOLHA DE SÃO PAULO **cotidiano** Quarta-Feira, 22 de Junho de 1995

Lésbicas e gays cobram apoio de bissexuais

Homossexuais dizem que grupo não participa de movimento; bissexual diz que afirmação é preconceituosa

FERNANDO MOLICA
Do Jornal do Rio

Um debate realizado na 17ª Conferência da Ipa (Associação Internacional de Lésbicas e Gays), os bissexuais foram citados como beneficiários de "lei de Gerson", que recomenda fazer concursos em todo.

No debate, encerrado ao meio de movimento, no Rio, os bissexuais foram acusados por gays e lésbicas de não se integrarem aos debates do movimento homossexual.

acabaria gerando falta de identidade e de solidiedade.

Uma outra militante do grupo lésbico presente ao debate afirmou que está desiludida, entusiasmada e feliz homossexual e feminista simultaneamente como a de mulheres lésbicas que, para atender pressões sociais, acabam se casando com homens.

Por instigação de Figueredo, foi iniciada uma proposta de ser levada para o plenário da conferência e recomendação para que as entidades bissexuais apoiem as lésbicas de gays e lésbicas.

A proposta originou paralisia e inclusão da palavra "bissexual" em documento da Ipa, que faz menção referencial a gays e lésbicas.

Integrante do Grupo de Apoio Lésbico, Bissexual de São Paulo,

A justificativa de Dardéon aponta para outra polêmica do debate: a definição sobre quem é bissexual. Segundo ele, seu grupo optou por uma definição "estritamente" bissexual, independente de suas práticas sexuais.

"Não sou eu que vou chegar para uma pessoa e dizer que ela é bissexual. Ela é que tem o direito de definir isto", afirmou.

Quatro grupos representados no debate — a Rede Australiana Bissexual — apresentaram outra definição para os bissexuais.

De acordo com parecer distribuído por Wayne Rodney Roberts, integrante do Grupo, "bissexual"

Página 6.

E também no dia seguinte, sexta-feira (23.06.95), caderno São Paulo, quando mais uma vez a filtragem acusou o uso de práticas discursivas denunciando a homofobia, desta feita com rara e declarada associação com as lésbicas⁵²:

⁵¹ Na realidade a matéria pinçada pela filtragem é a menor veiculada na página, com menor destaque, dividindo espaço com as seguintes reportagens "Lésbicas e gays cobram apoio de bissexuais", a seguir estudada, "Associação deve ser readmitida na ONU (sobre a ILGA)", "Travesti lança dicionário" e "Portadores de HIV têm sala especial". Ao pé da página há, ainda, um texto sobre turismo numa correlação não declarada, mas possível de ser percebida: "Empresas farão campanha para atrair turista do EUA para o Rio."

⁵² A referência à lesbofobia no subtítulo chamou a atenção da conveniência de ampliação da pesquisa de modo a se considerar as eventuais práticas discursivas em que houve uso, associado ou não à homofobia, dessa expressão e das correlatas travestifobia, gayfobia, transfobia e bifobia.

Lésbica negra enfrenta preconceito duplo

'Movimento negro é lesbofóbico e movimento homossexual é racista', diz professora na conferência de gays

HAURICIO STYCKER

Escritor e jornalista

FERNANDO MOLICA

Da Folha de São Paulo

Elas formam a minoria dentro de dois movimentos militantes — e se consideram discriminadas em ambos. Não bastasse serem

rejeitadas pela sociedade, a "raciedade branca heterossexual", as lésbicas negras têm de lutar por um espaço nos movimentos negros e homossexuais.

"O movimento negro é lesbofóbico (preconceito com as lésbicas) e há um profundo racismo dentro do movimento homossexual", diz a professora Neusa Pereira, fundadora do Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro.

Neusa, 43, dirigiu um encontro sobre lésbicas negras ontem na 17ª

Conferência da Liga (Associação Internacional de Lésbicas e Gays), no Rio Palace Hotel, no Rio.

Neusa salta que já é um avanço o problema das lésbicas negras ter discutido na conferência da liga.

A discursiva Wolf (nome falso), 30, se casou de frequentar boates de gays e negras. Negra, Wolf diz que sempre se sente desprezada nesses locais. "Frequentei alguns lugares por mais de um ano sem conseguir me integrar. A regra é sempre: a boia de cor de mais fosta", diz.

Sindicalistas

A realização, em 1995, no Hotel, de uma conferência sobre homossexualidade e trabalho será a primeira etapa para uma articulação internacional de sindicalistas gays e lésbicas.

Segundo Karol Kahrmanoglu, 43, representante de gays e lésbicas no maior sindicato britânico, o Unison, a proposta está relacionada com a necessidade de lutar com a **homofobia** (o preconceito contra homossexuals) nos

locais de trabalho.

Realizado na Turquia e realizado no Reino Unido, Kahrmanoglu participou ontem, na conferência da liga, de um debate sobre homossexualidade e sindicalismo.

No Rio para o encontro da Liga, Kahrmanoglu afirmou já ter se reunido com sindicalistas homossexuais brasileiros para ajudar na criação de grupos de gays e lésbicos nestes sindicatos.

Política

Uma entidade canadense de

apoio a homossexuais, a Kineta, vai financiar em parte a criação, no Brasil, de um centro de formação política para gays e lésbicas.

De acordo com a diretora Maria Elena Escobar, uma das diretoras da Kineta, o projeto do curso foi encaminhado pelo presidente do CGB (Grupo Gay do Brasil), o antropólogo Luiz Mott.

Escobar afirmou que o curso visará, principalmente, ajudar na formação de lideranças gays e lésbicas que pretendem se candidatar em eleições municipais de 96.

Página 4.

Neste momento interessa destacar que a matéria tem por mediadoras lideranças lésbicas brasileiras e também a representante de uma entidade canadense de apoio a gays e lésbicas que, de acordo com o texto, iria financiar um projeto para formar lideranças políticas tendo por objetivo o lançamento de candidaturas nas eleições municipais que iriam se realizar no ano seguinte.

A confirmar a condição eventual dessas práticas discursivas no período considerado o registro seguinte apareceu somente um ano depois, na edição de domingo, dia 16.06.96, no caderno Mais! em uma rara associação entre homofobia e travestis. Trata-se de um artigo **acadêmico** do antropólogo Luiz Mott que, a partir do assassinato da travesti Brenda Lee, ocorrido em São Paulo no mês anterior, realiza uma análise da vulnerabilidade social a que elas, as travestis, são submetidas:

A filtragem indicou três ocasiões em que houve o uso discursivo do termo lesbofobia: em 26.03.06, um domingo, na coluna GLS, página 25 da Revista da Folha, em comentário sobre o assassinato de uma lésbica na cidade de Novo Gama, em Goiás. E em duas outras oportunidades - coincidentes com as únicas (duas) referências à transfobia pinçadas - ou seja: em 09.06.08, segunda-feira, quando reportagem publicada na caderno Cotidiano, página C8, explicou resolução da 1ª Conferência Nacional GLBT que deliberou o uso das terminologias e na programação do 16º Festival Mix Brasil de Diversidade Sexual, publicada na página 21 do Guia da Folha, no dia 14.11.08, sexta-feira, ao ser feita referência a um documentário intitulado "Homofobia, Lesbofobia e Transfobia".

A expressão bifobia foi usada uma única vez, na Folhateen de 19.09.11, segunda-feira, dedicada à bissexualidade, mais especificamente na página 5, quando é utilizada como sinônimo do preconceito enfrentado pelos bissexuais.

Gayfobia também apareceu uma única vez, em 11.04.93, domingo, no então existente caderno Mundo, na página 2, numa charge sobre a discriminação enfrentada pelos gays no exército norte-americano.

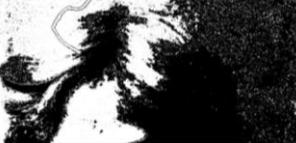
Por fim, não foi encontrada nenhuma referência ao termo travestifobia.

FOLHA DE S. PAULO domingo, 16 de junho de 2007

PONTO CRÍTICO

A tribo dos rapazes de peito

Morte de Brenda Lee chama a atenção para a vida oculta dos travestis brasileiros



LUIZ MOTT
especialista para a Folha

"Ministério da Saúde exige da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo apuração rigorosa do assassinato do travesti Brenda Lee"

mulher fúlica. Daí o índice crescente de mulheres casadas e soropositivas, com vida sexual exclusiva com seu marido, cujo HIV veio para dentro do lar pela infidelidade desprotegida e irresponsável do marido com profissionais do sexo

Na última de boa parte dos prêmios da prostituição, sobretudo os mais marginalizados, a sociedade é composta por dois tipos de gente: os "esperos" e os "caxias". Alguns misturam a travestis vêm geralmente aos clientes homossexuais como caxias em

Visualizador

Página 3.

A menção ao problema da homofobia vem no seguinte fragmento:

Tem-se a impressão de que os 'rapazes de peito' são mais numerosos porque chamam muito mais a atenção nas ruas, e atraem maior curiosidade dos meios de comunicação. São mais visíveis também porque são as maiores vítimas de **homofobia**. Prova disto é que num dossiê do Grupo Gay da Bahia contendo 1.242 assassinatos de homossexuais no Brasil de 1980 e 1995, os rapazes de silicone representam 22% das vítimas (grifo nosso).

Outra constância encontrada na década pesquisada diz respeito ao crescente componente político que passa a acompanhar os discursos circulantes sobre a homofobia. Neste sentido um dos primeiros registros encontrados foi o do dia 22.05.94⁵³, um domingo, no qual a seção do leitor (constante do Primeiro Caderno), sob o título comum "homofobia" abre espaço para a **opinião** de dois leitores que protestam contra manifestações homofóbicas externadas por um político:

⁵³ Naquele dia a FSP circulou com a manchete de capa "Sarney teme ataque de tucanos. Ex-presidente diz que não aceitará ser submetido a 'desgaste' pelos descontentes com seu apoio a FHC.".

Homofobia

*“Pela segunda vez, o governador do Ceará, **Ciro Gomes**, se refere aos homossexuais de maneira negativa. Na primeira, ao ver um ‘tape’ sobre a atuação de grupos neonazistas, falou que se tratava de ‘desvio homossexual’. Agora, numa reunião de seu partido, ele pretendeu insultar alguém chamando-o de ‘baitola’ do PT. Não satisfeito, pois viu que a outra pessoa não havia entendido o xingamento, usou um sinônimo (veado), acrescentando a ameaça de agressão física. Errar é humano. Agora, persistir no erro...”*

William Aguiar, membro do Grupo de Gays e Lésbicas do PT (São Paulo, SP)



*“Fiquei horrorizado ao ver que o sr. **Ciro Gomes** continua o mesmo, homofóbico até a medula. Por falta de argumentos para justificar a coligação oportunista de seu partido com o PFL, valeu-se de um linguajar vulgar e extremamente pejorativo para xingar seus militantes. É lamentável que um homem público se preste a este tipo de atitude, que só serve para aumentar ainda mais a intolerância da sociedade com os homossexuais.”*

Josué Delfino de Freitas (São Paulo, SP)

Fragmento da página 3 do Primeiro Caderno da edição do dia 22.05.94.

Trata-se de dois pequenos fragmentos da história que ao mesmo tempo revelam o início de uma época a partir da qual figuras públicas, no caso o governador do Ceará, **Ciro Gomes**, passam a ser cobrados publicamente por suas posturas e declarações que porventura tenham cunho homofóbico. Acredito que posso afirmar que estava em gestação uma nova sensibilidade individual e social para com o fenômeno com o que, práticas discursivas preconceituosas tão comuns, até pouco tempo atrás incentivadas, aceitas ou toleradas, passaram a reprovadas e reprimidas. Não pode passar despercebido o fato de que um dos leitores

em questão se identificou como membro do Grupo de Gays e Lésbicas do PT.

Neste mesmo sentido sinaliza o registro seguinte, um discurso de **opinião**, assinado por Marta Suplicy, que se apresenta como psicoanalista, no Primeiro Caderno, seção Opinião, na coluna Tendências e Debates de uma terça-feira, 19.07.94.

FOLHA DE S. PAULO opinião Terça-Feira, 19 de julho de 1994 1-3

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados nesta seção não representam necessariamente a opinião do jornal. São publicados sob o propósito de estimular o debate dos leitores, estimulando e mantendo de forma aberta o diálogo construtivo de parcerias e trocas de experiências.

Homossexualidade, preconceito e ignorância

MARTA SUPLICY



PAINEL DO LEITOR

Publicar aqui as cartas dos leitores. É livre a que contenham comentários, sugestões, críticas e se possível assinadas. Para enviar, enviar a Folha a rua ou através da publicação online, sempre com o endereço correto.

O Brasil do tetr



"Os jogos 'técnicos modernos' adoram apertar que o 'tetré arte' cu

Achei importante o PT ter colocado "no seu pré-programa" a discussão sobre o casamento entre homossexuais. Achei curioso o tema não estar no programa final.

Apesar de poder como Suelia e amiga da Eucandriá, e Estados como a Califórnia, nos EUA, já aprovarem o casamento entre pessoas do mesmo sexo, no Brasil ainda temos que amadurecer e laborar mais a população sobre o assunto.

Entretanto, o amadurecimento e a informação só vêm com a discussão do tema e com a quebra da homofobia e do preconceito, o que começa a acontecer, basta olhar a realidade brasileira.

Acertamos que o governo deveria ter uma relação de preços controlada e com legislação rígida sobre os remédios essenciais. É difícil acreditar que sofrerá redução, pois a indústria farmacêutica tem uma margem de lucro de 35% a 40%, através da propaganda dos remédios. Os preços só terão redução a partir do momento que for eliminada a margem de lucro da propaganda. Lamentamos que o governo mantenha essa cruel realidade do consumo de medicamentos em nosso país, de forma irracional e com legislação que propicia aumento considerável do custo de automedicação.

Gilma Almeida de Sousa, presidente da Federação Nacional dos Farmacêuticos, e Adelaide José Vas, presidente do Conselho Regional de Farmácia do

Página 3.

A articulista destaca o lado positivo existente no fato que discussões de temas relacionados com a homossexualidade, como o casamento, estivessem sendo debatidos dentro do Partido dos Trabalhadores mas, por outro lado, lamenta a desinformação e ignorância que na sua compreensão estavam presentes em falas e manifestações públicas de diferentes políticos. Engajada, Marta Suplicy pondera que existe uma realidade que não pode ser negada, a existência de milhões de homossexuais, e afirma: "Não existe consenso, entre os estudiosos, sobre a origem da homossexualidade, mas há unanimidade que esta orientação sexual não é uma opção, nem enfermidade, como afirma a Igreja, nem 'deformação' como primeiro afirmou Brizola".

O artigo é rico do ponto vista historiográfico na medida que dá outro testemunho de uma época de mudança comportamental, de valores e sensibilidades. Não obstante a maior ou menor simpatia que pudesse deter na época diante de diferentes públicos e setores da sociedade, Marta Suplicy, embora não detivesse cargo político eletivo na ocasião, já era figura conhecida em todo o Brasil, em outras palavras, uma importante formadora de opinião. E a mensagem de fundo por ela emitida é: vivemos novos tempos em que os homossexuais precisam ser reconhecidos, aceitos e integrados na sociedade. O preconceito e a homofobia - palavra que no discurso aparentemente é utilizada como sinônimo do primeiro - para ela começam a ser "quebrados" e devem ser associados com preconceito e ignorância.

Diferentes matérias posteriores vieram a confirmar que o ingresso de questões relacionadas com o universo LGBT na esfera política e mesmo política partidária era uma tendência sem volta, despertando cada vez mais interesse público, para além daquele segmento específico.

Em 16.06.95, no caderno São Paulo de uma sexta-feira, uma pequena matéria inserida na cobertura da já mencionada Conferência Internacional da ILGA no Rio de Janeiro anuncia:

Deputado quer cartilha antiviolaência

Free-lance para a Folha e da Sucursal do Rio

O deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ) propôs a criação de uma "cartilha de sobrevivência" para ensinar travestis a se defenderem da violência.

Gabeira participou de debate no 3º Encontro Nacional de Travestis, no qual foram apresentados dados sobre violência contra homosse-

xuais no país.

"Além de informar os travestis sobre transmissão de Aids e outras doenças, precisamos também prepará-los para que saiam onde estão sem serem assustados e para que conheçam as situações de perigo que possam vir a enfrentar nas ruas."

Segundo os dados apresentados, a violência mata mais homossexuais do que o vírus HIV no Rio e em São Paulo. Nos últimos dez

anos, 1.200 travestis teriam sido mortos. Em setembro de '94, o Rio teve 25 travestis assassinados, enquanto só 3 morreram de Aids.

São Paulo é considerada a cidade onde a violência é maior, pois a prostituição se mistura com uso e tráfico de drogas.

Preconceito

O travesti Beatriz Senegal, 35, um dos organizadores do encontro,

diz que o preconceito contra homossexuais é mais intenso no vil do que no exterior. "Na Inglaterra, Espanha e Grécia, não senti preconceito".

Coordenadora do departamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis do Aviral, no Rio, Senegal diz que não se sente vulgamente para evitar ser ridicularizada.

(Rita Fernandes e Silvia Noronha)

Fragmento da p. 5 do caderno São Paulo da edição do dia 16.06.95.

O material jornalístico tem por principal referência e voz um político, no caso o então deputado estadual Fernando Gabeira e também uma liderança travesti, sendo que ambos falam do preconceito e da violência sofridos pelos travestis, sem fazer uso discursivo mais específico.

Como antes mencionei, 1996 é ano de eleições para prefeitos, vice-prefeitos e vereadores e, ainda que tímidas, há novidades no front:



Folha do dia 15.07.96, segunda-feira. Primeiro Caderno, p. 9.

É interessante perceber que não obstante a matéria principal seja a que foi acima parcialmente reproduzida, específica sobre o preconceito enfrentado pelos gays, em nenhum momento o texto correspondente, construído tendo por interlocutores ativistas que estavam se candidatando a cargos eletivos, lança mão do termo homofobia. A filtragem remete para

o texto do lado esquerdo, vertical e secundário, com chamada sobre candidata a vereadora lésbica e carioca. A reportagem no decorrer do texto cita diferentes incidentes de violência homofóbica como a invasão de um bar gay por 'carecas" no dia 16 de junho na Rua Consolação em São Paulo, que resultou na morte de um cliente; para mais adiante fazer referência a candidatura de um ativista pelo PT, em São Paulo, resumindo "A campanha de Lilikã que estava embasada na 'educação sexual', agora tem como tema principal a homofobia (medo, ódio ou horror a homossexuais)."

A reportagem sobre os gays que pedem voto contra preconceito, reproduz o seguinte quadro:

Quem vai concorrer em outubro			
Candidato	Partido	Grupo	Cidade/UF
Adamor Guedes	PT	Grupo Gay do Amazonas	Manaus - AM
Claudio Nascimento Silva	PT	Arco-Iris	Rio de Janeiro - RJ
Elias Lilikã	PT	Caehusp	São Paulo - SP
Eudes Cordeiro	PPB	Grumac - Grupo Unico Homossexual Macaibense	Macaíba - RN
Gerardo Santiago	PT	Sindicato dos Bancários	Rio de Janeiro - RJ
José Nogueira (Kátia) Tapeti Sobrinho	PFL	Independente	Colônia - PI
Manoel Freire Moura	PDT	Independente	Manaus - AM
Marco Aurélio de Oliveira	PSTU	Umes	Golânia - GO
Rinaldo Tavares	PGT	Associação Gay de Pernambuco	Jaboatão dos Guararapes - PE
Toni Reis	PT	Dignidade	Curitiba - PR
Virgínia Figueiredo	PT	Independente	Rio de Janeiro - RJ

Fragmento da página 9 do Primeiro Caderno, do dia 15.07.96.

Assim, de acordo com o levantamento efetuado é possível concluir: a) que o fenômeno de candidatas declaradamente LGBT, ainda que limitado, estava espalhado por diferentes regiões do país, b) há uma preponderância de candidatas de partidos ditos de esquerda como o PT, o PDT, o PGT e o PSTU, c) predominam os candidatos gays, seguidos de longe por uma candidata lésbica e outra travesti, d) metade deles é vinculada a grupos LGBT organizados.

Ainda de acordo com a matéria, oito deles reunidos em Salvador, numa iniciativa do Grupo Gay da Bahia, adotaram bandeiras de luta comuns. E entre os sete pontos da "plataforma eleitoral" destacam-se aqui dois que começam a dar passos mais firmes para a futura conquista da condição de uma demanda social: "1. Apresentar projetos de lei que proibam a discriminação baseada na orientação sexual, punindo os infratores com o mesmo rigor do crime racial." e "5. Combater a violência contra gays, lésbicas e travestis, promovendo a criação de conselhos municipais da cidadania e de direitos humanos".

Por fim, a parte inferior da página traz manchete de uma realidade pouco lembrada, num registro que confirma a importância do trabalho do GGB na persistente denúncia da homofobia:

Brasil é campeão em assassinatos de homossexuais



O travesti Brenda Lee, que foi assassinada em maio em São Paulo

EMANUEL NERI
da Reportagem Local

O Brasil é campeão mundial em assassinato de homossexuais. Em 15 anos, de 1980 a 1995, foram mortos 1.242 gays, lésbicas e travestis. Para os grupos gays, esses números estão subestimados.

Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), acrescenta a esse número pelo menos mais um terço de mortes. "Por causa do preconceito, os parentes das vítimas escondem a natureza do crime", diz. Só este ano, segundo estimativa do GGB, foram 60 assassinatos de homossexuais.

Comparado a outros países, o Brasil é o que trata seus homossexuais com mais violência. Entre 92 e 94, foram mortos 151 homossexuais nos EUA, que tem 250 milhões de habitantes. No Brasil, com 150 milhões de habitantes, houve 180 casos no mesmo período.

A média é de um homossexual assassinado a cada quatro dias. Esses números são catalogados por grupos gays por meio de publicações na imprensa. Não há órgão oficial nem entidade de direitos humanos que cuide desses casos.

Mott condena o descaio do governo brasileiro e de entidades de direitos humanos na apuração e na denúncia desses crimes. "Somos

uma minoria desprezada."

Dos 1.242 assassinatos, 934 eram gays, 276 travestis e 32 lésbicas. Um terço tinha menos de 30 anos. O Rio, com 341 casos, registrou o maior número de crimes, seguido de São Paulo (190) e Bahia (188).

O que mais preocupa as ONGs gays é a impunidade. Dos 1.242 assassinatos, em 41% houve identificação dos autores. Apenas 10% dos assassinos foram a julgamento.

As entidades gays têm conhecimento de poucas condenações dos assassinos. "Na maioria dos julgamentos, os advogados dos criminosos alegam legítima defesa da honra para absolvê-los", diz Mott.

Dos assassinatos, 7% deles foram atribuídos pela polícia a esquadras da morte de homossexuais. Mas é a polícia quem mais mata homossexuais — 25% dos crimes. É mais do que os 20% atribuídos a "michês" e garotos de programa.

Um dos casos que mais chamou atenção foi o assassinato do travesti Brenda Lee, em São Paulo (SP), em 29 de maio. Lee mantinha uma casa de apoio para pacientes de Aids desde 1988. Gilmar Felismino confessou ter matado o travesti depois de Lee ter descoberto que ele havia adulterado um cheque. Os dois mantinham um relacionamento, segundo testemunhas.

Colaborou Paulo Giacomin

Fragmento da p. 9 do Primeiro Caderno, do dia 15.07.96.

O fragmento é reproduzido no maior tamanho possível de modo a permitir a reveladora leitura de seu conteúdo, sendo oportuno ressaltar alguns dados: "a média é de um homossexual assassinado a cada quatro dias", sendo que "dos 1.242 assassinatos, 934 era gays, 276 travestis, e 32 lésbicas". Daquele total em somente 41% houve identificação dos

possíveis autores, 7% foram atribuídos pela polícia a esquadrões da morte, "mas é a polícia que mais mata homossexuais, 25% dos crimes", seguida dos garotos de programa. Somente 10% dos casos foram a julgamento.

Os outros dois registros identificados no segmento de declarada conotação política remetem para os anos de 2001 e 2002. Em 16.06.01, um sábado, o Primeiro Caderno traz uma reportagem (p. 6) com discursos sobre a **realidade internacional**, sob o título "Cresce liberdade sexual na política europeia" (sic), explorando diversos casos de políticos europeus que estavam assumindo sua homossexualidade. A relação com a **realidade nacional** é estabelecida mediante uma entrevista com Luiz Mott⁵⁴, ativista do GGB, com larga e constante militância no período que afirma "Há hipocrisia no Brasil".

Já a ocorrência de 2002 - dia 19 de maio, um domingo, no caderno Cotidiano - vem a confirmar a maturação e a densidade conquistada pelas pautas encampadas pelo movimento LGBT, eis que repercute uma iniciativa do Presidente de República (que na época estava no fim de seu segundo mandato eletivo):

CIDADANIA Reações variaram de repúdios a declarações contra o homossexualismo; projeto de lei tramita há mais de seis anos

Apoio de FHC à união gay causa protestos

LEILA SUWAWAN
DA SECURAL DE BRASÍLIA

A imagem do presidente Fernando Henrique Cardoso segurando a bandeira arco-íris e pedindo a aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo — o casamento gay — em cerimônia realizada segunda-feira passada no Palácio do Planalto, gerou protestos ferrenhos na Câmara.

As reações variaram de repúdios a declarações contra o ho-

mois, afirmou Moraes.

Para o deputado Severino Cavalcanti (PPB-PE), líder de movimento contra o casamento gay, FHC "investe na destruição da família brasileira, patrocinando o casamento entre homossexuais e defendendo a prostituição".

Conduta indecorosa

As reações dos deputados não passaram despercebidas. Um assessor parlamentar, homossexual, já pediu providências da

ou contemham incitamento à prática de crimes".

Osmar Gomes, autor da petição, também escreveu ao presidente da República para avisar sobre o "póster" de Bolsonaro. "Trata-se de uma afronta", escreveu.

De acordo com Ademilton Gomes, do GGB (Grupo Gay da Bahia), as declarações dos deputados demonstram **homofobia** e preconceito. "A união civil é uma questão de cidadania", disse. De acordo com Paulo Sérgio Fi-



Página 5.

Os principais interlocutores ouvidos foram deputados contrários à iniciativa, como do hoje conhecido Jair Bolsonaro que disse "Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir (sic) dois homens se beijando na rua vou bater". De Euler Moraes para o qual "aprovar o casamento é

⁵⁴ É ele que faz uso do discurso pinçado ao afirmar em uma resposta: "Infelizmente os políticos supostamente homossexuais interiorizam a **homofobia**, o que os impede de sair do armário. E fazem isso por medo de ter a carreira política prejudicada" (grifo meu).

institucionalizar o perverso, a corrupção, a imoralidade a vergonha e a nudez", ou então, Severino Cavalcante segundo o qual "FHC investe na destruição da família brasileira, patrocinando o casamento entre homossexuais e a prostituição".

O mesmo espaço dá oportunidade para um ativista do GGB que rebate taxando de homofóbicas e preconceituosas as declarações dos deputados, arrematando: "A união civil é questão de cidadania" e fazendo uso da prática discursiva pesquisada complementa: "as declarações dos deputados demonstram **homofobia** e preconceito" (grifo nosso), havendo, como é preponderante, a associação com os homossexuais de modo genérico. O texto é arrematado com a informação de que o Secretário Nacional de Direitos Humanos defende a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Também chama a atenção a grande quantidade de discursos de **opinião** no interstício (30 incidências entre as ocorrências pinçadas), sendo possível perceber algumas características do conjunto: surgimento e consolidação de debates em torno de questões LGBT, com abertura de espaço para a veiculação de opiniões de representantes de diferentes segmentos da sociedade civil, institucionalização de espaço específico para a temática, cabendo aqui fazer referência á coluna semanal GLS que começou a circular na Revista da Folha desde o ano de 1996⁵⁵. Para além dessa constatação o registro encontrado na Revista da Folha de 08.12.96 é revelador. Literalmente em meio a anúncios com forte apelo sexual o movimento LGBT brasileiro tem espaço para divulgar sua existência e suas atividades:

⁵⁵ Uma pesquisa complementar revelou que, na realidade, o espaço assumiu a feição de coluna opinativa naquele ano, mas já existia desde 25 de abril de 1993 quando surgiu no formato de uma coluna informativa sobre casas noturnas, bares e outras alternativas comerciais voltadas para o mercado LGBT.

50

Gay

**Grupo Dignidade, Conscientização e Eman-
cipação Homossexual** • Há quatro anos
em Curitiba, o Dignidade tem como
finalidade respeitar os direitos humanos
e a prevenção à Aids. Entre os projetos
em andamento estão o "Cavalo de Mas-
sa", um trabalho com meninos e meni-
nas de rua de Curitiba, e o "Arrastão da
Vida", dirigido às prostitutas e travestis
de Curitiba.

R. Tobias de Macedo, 55, 2º andar, centro, Curitiba, Paraná.
Caixa Postal 1095, CEP 80001-920. Tel. (041) 222-9999.

Grupo Gay da Bahia • Segundo o pre-
sidente, Luiz Mott, o Grupo Gay da Bahia
(GGB) é a mais antiga entidade do gênero
no Brasil. Fundado em 1980, tem três
objetivos: lutar contra a discriminação
aos homossexuais (**homofobia**), cons-
cientizar os homossexuais de seus direitos
e divulgar informações corretas e
científicas sobre homossexuais na mídia
e nos estabelecimentos de ensino. Acabou
de lançar mais uma publicação: a
cartilha "O ABC dos Gays". A entidade
oferece ainda um serviço telefônico, o
SOS Gay.

R. do Sodré, 45, centro, Salvador, Bahia. Caixa Postal 3552.
CEP 40023-050. Telefone do SOS Gay: (071) 243-4900.

Rede de Informação Um Outro Olhar • O
acervo dessa entidade, que tem cerca de
6.000 itens entre livros e publicações em
jornais e revistas sobre a saúde da
mulher, conta também com uma seção
específica sobre homossexualismo femi-
nino. Além disso, a entidade desenvolve
um projeto de prevenção à Aids, dirigi-
do às lésbicas, com palestras, oficinas e
exibição de vídeos sobre o assunto.
Outra dica é a revista Um Outro Olhar,
também específica para as lésbicas, à
venda em algumas bancas da cidade
por R\$ 4,50.

Caixa Postal 6509a, CEP 01390-970, São Paulo/SP. Tel. (011)
284 5600.

Página 50.

É no espaço relativo ao GGB que há referência à homofobia, que aparece entre parênteses como sinônimo da discriminação contra homossexuais (de modo genérico), sendo o seu combate um dos objetivos do grupo.

As sete ocorrências de opiniões de leitores propriamente ditas e assim identificadas revelam uma maior interlocução do jornal com seu público alvo, bem como o crescente interesse em torno das questões veiculadas pela FSP. Desponta nítida a importância da figura pública do antropólogo e ativista gay Luiz Mott, fomentando debates como o que se deu na época com o deputado federal Hélio Bicudo, do PT, sobre a então

Um policial militar e um dono de uma boate também são ouvidos, sendo que suas falas estão em sintonia com o discurso maior de se associar a homofobia enfrentada pelos homossexuais com o risco de se expor mais a situações de violência.

O tom direto e informativo prossegue em três outras matérias inseridas na parte inferior da mesma página sobre o universo cotidiano não só de gays, mas também de garotos de programa:

Grupos têm código próprio

Da Reportagem Local
Homossexuais usam, além de seus códigos de comportamento, uma linguagem própria (veja quadro ao lado).
As palavras são formadas por gírias e uma mistura de nãgramas com linguagem nãgo, de origem africana.
Pequenos grupos como os de sexo, skatistas e raptores, entre outros, também têm seus códigos que só são compreendidos por eles, segundo o escritor e professor de português Luis Paes, 45.
Ele diz que as expressões de determinados grupos são usadas como forma de proteção.

Garoto cobra R\$ 80 por sexo

Da Reportagem Local
Os garotos de programa não estão só nas ruas do centro de Ribeirão Preto. Eles também se colocam anônimos em jornais e espalham os números de seus telefones em motéis e alguns hotéis da cidade.
Tiago (o nome é fictício), 22, afirma que usa "arranchementos" não feitos principalmente para casais. Ele não nega que continua também manter relações sexuais com homossexuais. "Um preservativo em todos as relações".
Os preços dos programas variam de R\$ 30,00 a R\$ 80,00.
O grupo de programa afirma que nunca foi a boates ou bares homossexuais a procura de "clientes".
O dono da boate Flamingo Prive, Demétrio Passos, 35, diz que a casa recebe um público "liberal". "Mas não tem garoto de programa", afirma.
Ele diz que a boate se tornou como de encontro dos homossexuais da cidade e região.
"A Flamingo Prive, que fica na Vila Tibério (zona oeste de Ribeirão) funciona de sexta a domingo, das 21h até as 0h.
As homossexuais femininas se reúnem no bar Felício, no Jardim Paulista (zona leste da cidade).
Bateu na rua Marcondes Salgado (centro de Ribeirão) também viraram ponto de encontro dos homossexuais da cidade.

Mudança de hábito aumenta procura por vídeo

Da Reportagem Local
Ribeirão Preto tem uma locadora especializada em vídeo erótico homossexual.
A Sistema Vídeo Locadora, que fica no centro da cidade, registra aumento de 40% nas locações de filmes nos últimos meses.
De acordo com o proprietário, Afonso Carrijo de Andrade Filho, 35, a locadora especializada tem um acervo com mais de 500 filmes do gênero.
Segundo ele, a A&B é a falta de segurança nos pontos de venda da cidade colaboraram para o aumento nas locações de filmes homossexuais.
Andréo Filho diz que também trabalha com outros tipos de filmes que têm como temática o mundo homossexual. "Temos filmes românticos e dramas também", afirma.
Vinte cinco anos depois do episódio de Stonewall —onde frequentadores homossexuais norte-americanos entraram em choque com a polícia de Nova York e acabaram transformando o episódio num marco de conquista e luta pelos direitos dos homossexuais nos Estados Unidos— o canadense R.F.S., 26, diz que ainda tem medo de mostrar para amigos e familiares os filmes que loca.
"Eu que é bobagem, mas ainda lido com dificuldades neste assunto", afirma. O estudante

www.reportagem.com

Fragmento da p. 4 da Folha Nordeste do dia 24.07.94.

O longo período transcorrido até a identificação de uma nova ocorrência com esse vínculo com a realidade cotidiana, em setembro de 1999, no entanto, revela que esta ainda não era uma prática discursiva corrente, ainda mais com sua vinculação a práticas homofóbicas. Eis que no dia 19.09.99, no caderno São Paulo da edição dominical⁵⁶ repercutiu:

FOLHA DE S. PAULO domingo, 19 de setembro de 1999 são paulo 3 ■ 5

DISCRIMINAÇÃO Integrantes da Frente Anti-Caos colam cartazes, mandam e-mails e telefonam fazendo ameaças

Polícia investiga grupo antigay em SP

Veja um dos cartazes



ANTONINHA LEMOS da Reportagem Local

Um grupo que faz campanha contra o homossexualismo está mobilizando a polícia, o Ministério Público e a Secretaria de Justiça e Defesa Cidadania.

Os integrantes da Frente Anti-Caos, como eles se autodenominam, pregam cartazes na rua contra o homossexualismo (o símbolo é um homzinho jogando no lixo a sigla G-L-B —gay, lésbica e simpatizantes) e têm um site na Internet (de lá se pode acessar, www.anti-caos.com.br).

meiro pertencem à frente. "Queriam que outras pessoas nos atacassem."

O caso foi registrado por eles no 3º distrito policial de São Paulo, que abriu um inquérito por ameaça. O fato foi encaminhado também à Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania de São Paulo. O secretário Belafante dos Santos Jr. se reuniu com representantes de grupos gays na última segunda-feira para estudar o caso. A secretaria pretende fazer um fórum para debater o caso com outros órgãos, como a Secretaria da Comunicação Pública e de Mídia.

por outros motivos, como inclinação à violência." Outra dificuldade é lidar com atos praticados na Internet. "Não temos uma legislação para a Internet. Estamos pensando em criar uma estratégia com ajuda de FHC e da Interpol."

O presidente do Grupo Gay da Bahia, Luis Mota, acha que a Internet está sendo um novo canal de difusão de preconceitos. "A Internet tem se manifestado muito na rede. E, com os cartazes, eles atingem um outro público."

FOLHA DE S. PAULO repórter de Cidades

Página 5.

O parágrafo inicial resume: "Um grupo que faz campanha contra o homossexualismo está mobilizando a polícia, o Ministério Público e a Secretaria da Justiça e Defesa Cidadania (sic)". A filtragem realizada remete à fala de Luiz Mott do GGB para o qual "a internet está sendo um

⁵⁶ Cuja capa destaca "Desemprego faz FHC bater seu recorde de reprovação".

novo canal para a difusão de preconceitos". A homofobia tem se manifestado muito na rede. E, com os cartazes eles atingem um outro público."Ao lado da voz dele, a outra voz ouvida é a do próprio Secretário de Justiça que, segundo a reportagem "se reuniu com representantes de grupos gays na última segunda-feira para estudar o problema." (grifo nosso). Aqui identifica-se outro indicativo de que a homofobia passa a ser, mais e mais, reconhecida como um problema a ser combatido, gerando uma demanda perante o Estado.

A tendência de ampliação do alcance conquistado pelos discursos sobre a homofobia dá demonstração de força, alcançando um campo de reconhecida resistência e intolerância para com os homossexuais: o mundo do esporte⁵⁷. O rompimento da barreira se dá em 14.04.96, num domingo no qual pela primeira vez o caderno de Esporte da FSP escancara:



Página 8.

A menção à homofobia surge no meio da entrevista quando a tenista declara: "A própria Fundação Feminista de Esportes abraça as lésbicas. Dizem: 'Elas estão presentes em nosso esporte.'Estão tentando combater a **homofobia**. Estão promovendo até workshops sobre isso e incluem o assunto em seus folhetos" (grifo nosso).

O outro registro esportivo do período ocorreu no dia 20.06.98, um sábado, em um caderno especial Copa 98, dedicado ao campeonato mundial de futebol que foi realizado naquele ano na França. Na página 16 a FSP traz reportagens sobre a realidade desse país com matéria sobre as Paradas Gays realizadas em diferentes cidades e também uma pequena matéria sobre o Gay Games que seria realizado naquele mesmo ano na

⁵⁷ Sobre a instigante temática da relação da sexualidade com o esporte cabe fazer referência à recente tese de Wagner Xavier de Camargo (2012) "Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBT".

Holanda. São ouvidos ativistas gays e lésbicas que militam na área esportiva, sendo que um deles afirma; "Não existe relação necessária entre homofobia e esporte. No futebol há tantos homofóbicos quanto em outros lugares."

Os dois casos me levam a acrescentar aos tipos discursivos até aqui considerados e classificados, um sétimo, o **discurso esportivo**.

A mesma tendência de ampliação dos nichos jornalísticos alcançados pelos discursos relacionados com a homofobia atinge o ramo editorial da FSP a primeira vez no dia 22.03.01, uma quinta feira, no visado Primeiro Caderno, sob o título "Racismo cordial". Em mais este tipo discursivo - **editorial** - a FSP emite sua opinião sobre o assassinato do adestrador de animais Edson Nérís da Silva (cuja cobertura da Folha considero em separado ao final deste capítulo), onde faz um paralelo entre o racismo e a homofobia, e cobra rigor na punição dos criminosos⁵⁸.

⁵⁸ O teor do editorial é o seguinte "De todas as formas de matar já concebidas pelo ser humano, uma das mais covardes é o crime de ódio, em que a vítima é abatida apenas em virtude do que é, e não de algo que tenha feito ou deixado de fazer. Nesse sentido, deve-se exigir máximo rigor na punição ao assassinato do adestrador de cães Edson Nérís da Silva.

Edson, "que parecia homossexual", foi selvagemmente espancado por uma gangue de inspiração chauvinista na praça da República paulistana, na madrugada de domingo.

O Brasil, em parte devido a sua composição étnica variegada e a sua história de país de imigração, foi poupado do vírus da intolerância racial, pelo menos em suas cepas mais mortíferas. A inexistência de um racismo do tipo balcânico por aqui, porém, deu lugar ao mito da "democracia racial brasileira". O simples fato de as pessoas não se matarem por causa da cor da pele está muito longe de configurar uma democracia. Se esse termo deve significar igualdade de condições, o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer: os salários recebidos por negros e mulheres são substancialmente menores do que os de brancos na mesma posição; homossexuais são agredidos nas ruas com uma frequência maior do que se suspeita, para citar dois exemplos triviais.

Paradoxalmente, a vantagem da ausência de uma intolerância do tipo forte dificulta o combate ao racismo e à **homofobia**. Não é raro ver manifestações segregacionistas, que deveriam ser suprimidas pela raiz, sendo desculpadas como brincadeira inocente, piada no máximo de mau gosto. Isso ajuda a perpetuar o ciclo geração-aceitação da intransigência.

Em que pese esse caráter furtivo do racismo cordial brasileiro, não resta dúvida de que ele é preferível à barbárie generalizada. Daí a necessidade de combate firme a episódios como o assassinato de Nérís da Silva (grifo nosso).

Três dos cinco registros de discursos **acadêmicos** relacionados com a homofobia identificados são de caráter genérico contemplando somente referência indireta à temática. As exceções ficam por conta do artigo de Luiz Mott em 16.06.96⁵⁹ e um artigo traduzido e publicado no caderno dominical Mais! do dia 05.03.95 (página 6), de autoria do escritor Joe Clarck, que originalmente apareceu no jornal Village Voice, de Nova York. O assunto abordado é "Sexo, esporte e hipocrisia", em página inteira onde autor analisa a cobertura jornalística de eventos esportivos por parte da imprensa norte-americana, concluindo que o "Conteúdo erótico do esporte jamais é discutido" e, em outro momento, que "A **homofobia** na mídia de esporte é sutil e raramente explícita" (grifo nosso).

A consideração de ocorrências com o cruzamento da palavra preconceito com identidades LGBT me leva citar a título exemplificativo matéria contida na Folhateen, voltado para o público adolescente, do dia 14.03.94 (fl.1), uma segunda-feira, a qual aborda o preconceito enfrentado por jovens gays e lésbicas no Brasil. E também outra, que circulou no dia 08.09.96, um domingo, no caderno São Paulo (p. 6), tratando do preconceito enfrentado pelas transexuais, mais uma vez sem o uso do discurso da homofobia.

Entre as noventa e oito páginas levadas em conta no levantamento parcial de modo geral os discursos veiculados tomam o termo homofobia como "dado" ou autoexplicativo, ou então como sinônimo de "preconceito" ou violência praticada contra homossexuais. As raras exceções, com a referência a outras identidades LGBT, com destaque para as lésbicas e as travestis, foram destacadas e analisadas no decorrer deste capítulo. Em somente seis ocorrências houve uma explicação específica ou o fornecimento de uma definição. Foram eles: "o medo e ódio à homossexualidade" constante do artigo opinativo de Luiz Mott de 11.08.96 (p. 3 do Mais!); "medo, ódio ou horror a homossexuais" na matéria sobre a realidade nacional "Gays pedem voto contra preconceito" de 15.07.96 (fl.9 do Primeiro Caderno); "discriminação aos homossexuais" na nota sobre as atividades do GGB publicada na Revista da Folha de 08.12.96 (fl.50 da Revista da Folha); "aversão que a sociedade ainda nutre contra os homossexuais" no espaço cultural em matéria que aborda lançamento de livro sobre a história da homossexualidade (Ilustrada do dia 18.12.96, p. 4); "como a ciência

⁵⁹ Em um Mais! - que sempre circulava aos domingos, no caso, no dia 16.06.96, página 3 - onde o ativista aborda a vulnerabilidade social das travestis a partir do assassinato de Brenda Lee, conforme já analisado neste mesmo capítulo.

chama o ódio doentio à homossexualidade" no já visto artigo com a opinião de Luiz Mott intitulado "Violência anti-homossexual tem cura" (Primeiro Caderno de 03.10.00, p. 3); e na coluna GLS da Revista da Folha dominical de 07.09.03⁶⁰ intitulada "Alerta contra homofobia" (fl. 48), como reação fóbica à visibilidade conquistada por gays e lésbicas.

O quadro abaixo traz a totalização das ocorrências encontradas de 1994 a 2003 considerando o local em que foram veiculadas no jornal:

Local	Ocorrências
Revista da Folha	20
Ilustrada	17
Primeiro Caderno	16
Mais!	12
São Paulo	3
Cotidiano, Folhateen, Vale Folha, Esporte, Especial e 3º Caderno (2 páginas cada)	12
Guia da Folha, Cidades Nordeste, Folha Acontece, TV Folha (1 página cada)	4
Total	84

Fonte: autor, 2014.

Já o seguinte contempla a totalização dos tipos discursivos identificados no mesmo período:

Tipo discursivo	Ocorrências
Opinião	30
Realidade nacional	15
Lazer e cultura internacional	13
Lazer e cultura nacional	10
Realidade internacional	5
Acadêmico	5
Realidade internacional relac. c/ realidade nacional	3
Esportivo	2
Editorial	1
Total	84

Fonte: autor, 2014.

⁶⁰ Edição cuja capa anuncia reportagem especial sobre os dois anos da queda das torres gêmeas de Nova York, no atentado de 11.09.01 e matéria intitulada "José Dirceu defende a redução do ministério".

Tal quantitativo vem a confirmar duas características identificadas no período: uma forte influência internacional e uma consolidação das ocorrências abordando a realidade nacional, com os reflexos decorrentes nas matérias de caráter opinativo.

Por outro lado, verifiquei que o uso de fotos foi regular no período, sempre em preto e branco, com rara aparição de quadros explicativos e material colorido (exclusivo da Revista da Folha, com circulação dominical); em outro claro indicativo da maior visibilidade - e interesse jornalístico - que a temática estava conquistando.

2.5.1 A cobertura do assassinato de Edson Nérís da Silva

Levo em conta no segmento, por fim, os registros de quando pela primeira vez um crime com motivação homossexual repercutiu nacionalmente recebendo da FSP persistente interesse. Na segunda-feira, 07.02.00, dia posterior ao crime, o caderno São Paulo noticia:

VIOLÊNCIA Polícia prendeu 18 jovens suspeitos de participar do crime; duas integrantes do grupo eram garotas

Skinheads espancam e matam homem

ADRIANA SOUZA SILVA
de Repórter Especial

O adestrador de cães Edson Nérís da Silva, 35, morreu na madrugada de ontem depois de ter sido espancado por uma gangue de skinheads na praça da República (região central de São Paulo).

Segundo o depoimento de Darío Pereira Neto, 34, que passava com Silva pelo local, por volta da meia-noite, um grupo de 30 jovens carcerais e vestidos com roupas pretas se aproximou dele.

Presencindo que seriam abordados, os dois amigos saíram correndo. Neto conseguiu escapar, mas Silva foi atingido.

A filosofia skinhead prega o respeito, entre outros, aos homossexuais. Segundo o delegado Antônio Carlos Cândido de Araújo, do 3º DP (Santa Ifigênia), a perseguição teria ocorrido pelo fato de os dois terem sido considerados homossexuais pelos skinheads. Duas testemunhas, que preferem não se identificar, dizem que a agressão contra Silva durou cerca de 20 minutos. "Tudo que se ouvia era o barulho dos socos", afirma uma das testemunhas. "Depois que terminou, o grupo foi embora tranquilamente".

A testemunha arrojou a polícia que encaminhou Silva para a Santa Casa de Misericórdias, onde ele chegou morto.

A polícia iniciou uma ronda pela região e encontrou um grupo de 18 jovens com as características descritas pelas testemunhas. Eles foram indiciados por formação de quadrilha e encaminhados ao 3º DP como os suspeitos do homicídio.

Na delegacia, os 18 jovens (16 homens e duas mulheres, com idade entre 18 e 30 anos) disseram que só falariam em juízo, embora tenham afirmado que fazem parte de um grupo de skinhead. Junto com eles foi encontrado um pedaço de metal combeado como soco-ingles. Pelo menos cinco

dos jovens do grupo foram reconhecidos pelas testemunhas. Revelado, o irmão de Silva, Jamrândir Santos, 32, pediu justiça. "Eles não podem ser soltos, porque aconteceu com os assassinos do índio pinhão", disse.

Silva morava com os pais em Itapevi (Grande São Paulo) e costumava ir à São Paulo para visitar amigos. "Era uma pessoa alegre, sempre disposto a ajudar", disse o vizinho Ovidio Melo, 48. Silva prestou vestibular neste ano para o curso de veterinária.

A IMAGEM DA SUA EMPRESA EM ALTA QUALIDADE

COPIADORA EP 1054
Simplesmente eficiente

15 cópias por minuto
Zoom de 99% a 200%

PAGAMENTO EM ATÉ 10X FIXAS

MINOLITA

- Ocupa pouco espaço
- Alta operacionalidade
- Ótimas cópias
- Alta qualidade de cópia
- Alta confiabilidade
- Preservação do meio ambiente

LOCAÇÃO COM OPÇÃO DE COMPRA
Em 12, 24 e 36 meses. CONSULTE-NOS!

KITANI
Soluções em Informática

PONEFAX (0xx11) 574-8677
www.kitani.com.br

Página 7.

Era o início da cobertura jornalística da morte de Edson Nérís da Silva, adestrador de cães de 35 anos, espancado por uma gangue na madrugada de domingo em plena Praça da República, no centro de São Paulo. A notícia revela que o ataque foi feito por um grupo de trinta jovens e que, segundo o delegado responsável pelo caso, o crime teria ocorrido pelo fato de as vítimas terem sido identificadas como homossexuais. No dia seguinte, 08.02.00, terça-feira, o assunto merece (bem) pequeno destaque na capa do jornal assim:



Fragmento da capa da edição do dia 08.02.00

Nas páginas internas do caderno São Paulo o crime aparece com grande relevo e rende diferentes matérias:



Dia 08.02.00, caderno São Paulo, p. 6-7.

Abaixo da reportagem principal intitulada "Skinhead acusa companheiros por crime", outras matérias dividem espaço, com os títulos "Vítima ia retomar os estudos no curso de assistência social", "O ataque foi premeditado, diz ativista" e "Para polícia e promotor, indícios sustentam prisão em flagrante". Destaco aqui, no entanto, uma quarta a seguir reproduzida em maior tamanho:

Homossexual é principal alvo

da Reportagem Local

Os homossexuais têm sido os principais alvos das gangues de extrema direita. Segundo o assessor de Direitos Humanos da Procuradoria Geral de Justiça, Carlos Cardoso, a ação contra os homossexuais é maior do que contra negros e nordestinos.

"Temos recebido diversas denúncias de grupos que invadem locais de concentração de homossexuais, como bares, para atacá-los", afirma Cardoso.

"Além do motivo moral, do culto ao físico e à masculinidade, o avanço da Aids intensificou essa perseguição. Eles culpam os homossexuais pela expansão da doença na sociedade", diz o sociólogo Tílio Kahn, do Ilanud (Instituto Latino-Americano das

Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente). Desde 1992, ele contabiliza pelo menos oito mortes praticadas por essas gangues no país.

A perseguição contra os homossexuais ocorre em todas as facções desses grupos. Já o preconceito a negros e migrantes não é difundido em gangues como Carecas do ABC e Carecas do Subúrbio, até mesmo porque seus integrantes muitas vezes pertencem a esses grupos.

As gangues skinheads surgiram na Europa no início da década de 70. Com a cabeça raspada, em oposição aos hippies, e vestindo roupas militares, a maioria de seus integrantes era da classe trabalhadora. Em São Paulo, as primeiras facções se organizaram no início da década de 80.

Recorte da p. 6 do caderno São Paulo, do dia 08.02.00

Nela é dada a informação de que os homossexuais são as maiores vítimas dos ataques por parte de gangues de extrema direita, sendo que no Brasil desde 1992 foram contabilizadas pelo menos oito mortes naquelas circunstâncias.

Na página 6 há uma foto do irmão do homem assassinado e na página 7 outra do grupo acusado pelos crimes, sentado em uma escadaria da delegacia de polícia em que foram presos. Em comum está o uso de um subtítulo que lança mão do termo "racismo":

RACISMO Único rapaz que aceitou depor diz que não presenciou o espancamento, mas ouviu o relato dos colegas

Skinhead acusa companheiros por crime

FOLHA DE S. PAULO

terça-feira, 8 de fevereiro de 2000 São Paulo 3 ■ 7

RACISMO Parentes de acusados afirmam que detidos estavam em bar na hora do crime

Parte do grupo não estava na praça, dizem familiares

Página 7.

Detalhes da investigação policial começam a revelar que o crime foi praticado por uma gangue de "carecas do ABC" que prega o extermínio de negros, nordestinos, judeus e homossexuais. A associação do incidente com motivações homofóbicas prossegue, ainda que em momento algum o termo homofobia seja utilizado, em outra matéria: "Homossexual é principal alvo" com a oitiva de um representante do Poder Judiciário que afirma que diversas denúncias são recebidas indicando a atuação de grupos que invadem espaços frequentados por homossexuais com o objetivo de atacá-los. Ao lado a chamada "Ataque foi premeditado, diz ativista" abre espaço para participantes do movimento LGBT, com a menção ao levantamento do GGB segundo o qual "a cada dois dias um homossexual é morto no país".

Na quarta-feira, 09.02.00, mais uma vez o caderno São Paulo dedica página inteira ao tema, mas somente na edição de sábado, 12.02.00, mais uma vez sob a chamada "racismo", a real motivação do crime é noticiada:

FOLHA DE S. PAULO

sábado, 11 de fevereiro de 2000 São Paulo 3 ■ 15



Diágo Pereira Netto, amigo de adestrador morto em São Paulo

RACISMO Rapaz que também apanhou diz que mãos dadas causaram agressão

Vítima não reconhece carecas

SILVA COMEÇA
da reportagem local

O operador de telemarketing Diágo Pereira Netto, 34, principal testemunha da morte do adestrador de cães Ildemar Neto da Silva, 36, disse ontem que não lembra, mas não reconhece entre os 18 jovens presos no ataque do assassinato de seu acompanhante.

Neto da Silva foi espancado até a morte à noite de sábado em um apartamento que passou pela praça da República (antiga praça de São Paulo) em companhia de Neto.

A polícia atribui o crime a um grupo denominado Carecas do ABC—que afirma, numa entrevista, ser negro, homos-

sexual e meridional—e mantém 18 pessoas presas há dois dias. Dêlo, porém, apenas uma identificação—por nome e por uma das quatro testemunhas—de quem Neto foi espancado e a identificação de outros sete jovens presos no ataque.

Motivo Apesar de não ter sido dada a polícia a individualizar a conduta dos acusados, Neto conseguiu esclarecer o motivo do ataque contra um acompanhante dele.

De acordo com Neto, Silva e ele—que se conheciam há dois dias—foram esbaldados entre outros momentos da noite porque estavam andando pela

praça de mãos dadas. "Acordo que aqueles carecas, que sempre estão por ali nos alardeios, tiveram uma instigação muito aguçada ao me ver com Ildemar abraçado", disse o rapaz.

Ele mencionou anteriormente em preso Diágo, como se estivessem indo para a guerra. Percebi que estavam agredidos e fui logo para a rua comigo. Quando me vi para correr, já não tinha mais para onde ir.

Posteriormente, ele conseguiu escapar por um buraco na parede e fugiu de mãos dadas com Ildemar.

Uma marcha em homenagem ao rapaz Diágo, como se estivessem indo para a guerra. Percebi que estavam agredidos e fui logo para a rua comigo. Quando me vi para correr, já não tinha mais para onde ir. Posteriormente, ele conseguiu escapar por um buraco na parede e fugiu de mãos dadas com Ildemar.

Para o promotor de Justiça Marcelo Milani, que acompa-



Página 15.

A foto enxertada é do homem que fugiu (e sobreviveu) do ataque, identificado como amigo da vítima fatal. Em comum todas essas

reportagens encampavam um discurso de formato policial, com a escuta de uma vítima, testemunhas, advogados, autoridades policiais, judiciais e ativistas LGBT. Outro detalhe significativo é que todas elas comungam um subtítulo associando o incidente à prática de racismo, sem lançar mão da palavra homofobia em uma única oportunidade, não obstante estivessem as mesmas cobrindo caso de confirmada motivação homofóbica.

Um registro de oito meses depois, do dia 03.10.00, uma terça-feira, a coluna Tendências e Debates do Primeiro Caderno circulou com o um artigo de Luiz Mott:

Violência anti-homossexual tem cura

LUIZ MOTT

As recentes agressões de grupos neonazistas contra lideranças homossexuais obrigam-nos a refletir sobre —e corrigir— um dos maiores tabus que ainda persistem na maioria de todos nós: o preconceito anti-homossexual.

Homofobia é como a ciência chama o ódio doentio à homossexualidade. Ódio que vai do insulto e discriminação até a violência física e o assassinato. Já em meados do século 20, pesquisas de Ford e Beach revelavam que nem todas as sociedades são homofóbicas: descobriram que 64% das culturas humanas não discriminam os homossexuais, algumas tendo até deuses praticantes do homossexualismo, sendo 36% os povos que odiavam os amantes do mesmo sexo. Nossa cultura ocidental, infelizmente, encontra-se entre as mais intolerantes.

A inspiração ideológica do ódio e da perseguição legal aos homossexuais, assim como da inferiorização da mulher e a justificativa da própria escravidão, tem sua base na Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento, daí a presença marcante da homofobia nas três principais religiões "modernas": judaísmo, cristianismo e islamismo.

Enquanto as mulheres, sobretudo no Ocidente, conquistam cada vez mais igualdade e cidadania —e a escravidão foi abolida em quase todo o mundo—, os homossexuais a continuam as principais vítimas da intolerância e da discriminação —oficialmente condenados à morte pelo fundamentalismo islâmico, considerados ainda "intrinsecamente maus" pelo atual papa, exorcizados como possuídos pelo demônio ou "curados" à força em clínicas evangélicas de norte a sul do país.

O ódio anti-homossexual atinge entre nós patamares insuperáveis: a cada

dois dias, um homossexual —gay, lésbica ou travesti— é assassinado no Brasil, vítima da homofobia. São 1.830 crimes homofóbicos de 1980 a 1999. Somente nos sete primeiros meses deste ano já foram registrados 82 assassinatos de homossexuais, entre eles Edson Nêris, aquele trucidado por 18 "carecas" em janeiro na praça da República.

A inspiração ideológica da perseguição aos homossexuais tem base na Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento

A própria Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça reconhece que os homossexuais são um dos grupos mais vulneráveis de nossa sociedade. Duas são as explicações de tanta fragilidade: enquanto os pais e a família de jovens judeus, negros e demais minorias ensinam seus filhos a ter auto-estima e como enfrentar a hostilidade racial, os pais de adolescentes homossexuais insultam, espancam e expulsam de casa seus filhos.

Recentemente uma popular apresentadora de uma TV evangélica divulgou a seguinte piadinha: "Sabe qual é a maior tristeza de um pai caçador? Ter um filho vesado e não poder matar!" O atual arcebispo de Florianópolis declarou: "Os homossexuais são gente pela metade. Se é que são gente!" O rabino Henry Sobel por duas vezes opôs-se à união civil homossexual, alegando que poderia prejudicar a família e a relação

entre pais e filhos. O pastor Túlio Ferreira, da Assembleia de Deus de São Paulo, disse: "O homossexualismo é uma anomalia, uma maldição de Deus e, por isso, todos os homossexuais serão conduzidos pelo diabo à perdição eterna".

Discursos tão homofóbicos dessas lideranças religiosas funcionam como combustível e legitimação ideológica à escalada da intolerância anti-homossexual registrada nos últimos dias: cartazes nas ruas de São Paulo e Curitiba pregam o extermínio das minorias sexuais; mensagens na Internet ensinam como matar um homossexual, oferecendo recompensa a quem atear fogo na sede de um grupo gay.

Dois líderes do movimento GLS foram perigosamente ameaçados: o presidente do Grupo Gay da Bahia recebeu carta do Movimento Machista Brasileiro, de Fortaleza, ameaçando "empalpar com mandacaru" e uma carta-bomba foi enviada ao presidente da Associação Parada (C.G.) de São Paulo.

Homofobia tem cura: educação sexual científica em todos os níveis escolares, transmitindo às novas gerações "a livre orientação sexual é um direito humano fundamental; investigação rigorosa e punição exemplar dos crimes contra homossexuais; campanha nacional contra homofobia, a começar pelas diferentes religiões, desenvolvendo sentimentos de solidariedade e respeito à diversidade sexual; mobilização dos próprios gays, travestis e lésbicas a se assumirem com dignidade e determinação, denunciando a discriminação e lutando pelo direito à cidadania plena.

Luiz Mott, 54, é professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Bahia e secretário de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis.

Fragmento da tiragem do dia 03.10.00, página 3.

A opinião externada é interessante e em alguma medida dá o testemunho de uma fase de transição, já que em seu título recorre à expressão "violência anti-homossexual", mas em seu conteúdo encampa

3 DISCURSOS AMPLIFICADOS?

O título proposto ao capítulo ao mesmo tempo que destaca o considerável aumento quantitativo das práticas discursivas relacionadas com a homofobia, a contar do ano de 2004, faz uso do sinal de interrogação de modo a evidenciar o questionamento, a problematização que deve acompanhar a análise mais detida deste fenômeno. Neste objetivo, divido o capítulo em duas partes, de modo a - em um primeiro momento - esmiuçar a fermentação discursiva que se deu durante os anos de 2004 até 2009 - e, na etapa subsequente - a explosão discursiva identificada durante os anos de 2010 e 2011.

Levando em conta a grande quantidade do material analisado, com o propósito de tornar a leitura mais clara e objetiva, adotei, ainda, subdivisões para cada uma daquelas duas partes, procedendo as análises em blocos conforme a classificação dos tipos discursivos proposta, indicando as poucas vezes em que houve maior precisão terminológica. Especificamente com relação aos discursos do biênio 2010-2011, dada a quantidade de material, abri subdivisões para facilitar a análise e tornar a exposição mais clara, bem como para acompanhar a série de notícias sobre os ataques homofóbicos ocorridos no período, em especial um deles que se deu com uso de lâmpadas fluorescentes, conjuntamente com os protestos que surgiram na mesma época.

3.1 A FERMENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE A HOMOFOBIA NA FSP (2004-2009)

A exemplo dos períodos anteriormente considerados, neste segmento exploro o material selecionado de 2004 a 2009 procurando, mediante uma descrição e interpretação colocadas a serviço da história, compreender os fatores determinantes da fermentação discursiva identificada, apontando, ainda, suas principais características.

Em termos quantitativos o quadro abaixo traz a totalização das ocorrências encontradas de 2004 a 2009 levando em conta o local em que foram veiculadas no jornal:

Local	Ocorrências
Primeiro Caderno	62
Cotidiano	42
Ilustrada	38
Revista da Folha	18
Esporte	8
Mais!	6
Guia da Folha	5
Informática e Folha Equilíbrio (3 páginas cada)	6
Turismo, Cotidiano 2, Especial, Dinheiro, Revista São Paulo e Especial Família. (1 página cada)	6
Total	195

Fonte: autor, 2014.

A comparação com quadro similar relativo ao período anterior - de início da propagação discursiva (de 1994 a 2003) - revela uma maior presença das práticas discursivas estudadas nos cadernos da FSP voltados para assuntos relacionados com a realidade mundial, brasileira e paulista (Primeiro Caderno e Cotidiano), com o que os antes preponderantes Ilustrada e Revista da Folha (voltados ao mundo cultural, das artes e de lazer) perdem espaço.

A tendência é confirmada pela totalização dos tipos discursivos identificados no período:

Tipo discursivo	Ocorrências
Realidade nacional	71
Opinião	57
Lazer e cultura nacional	23
Lazer e cultura internacional	19
Realidade internacional	14
Esportivo	9
Editorial	1
Realidade internacional relacionada c/ realidade nacional	1
Total	195

Fonte: autor, 2014.

3.1.1 Os discursos sobre a realidade nacional (2004-2009)

Desponta nítida a importância adquirida pelos discursos relativos a **realidade nacional** e é perceptível, ainda, que as questões e demandas colocadas pelo movimento LGBT conquistam um novo patamar de visibilidade, evidenciando disputas existentes no interior da própria sociedade brasileira e, em particular, no mundo político institucionalizado; circunstâncias que em boa medida explicam a efervescência discursiva constatada.

Naquele sentido com toda a certeza o lançamento pelo Governo Lula do programa "Brasil em Homofobia", em maio de 2004, constitui o marco de maior relevo. O registro relativamente tímido de seu anúncio, ocorrido no dia 26.05.04, quarta-feira, no caderno Cotidiano, nem de longe deixa antever a dimensão e a importância da iniciativa:

C 4 quarta-feira, 26 de maio de 2004

COTIDIANO

FOLHA DE SÃO PAULO

CIDADANIA Dez ministérios terão comissões especiais; professores serão capacitados para ensinar alunos a respeitar gays Governo lança programa contra homofobia

GABRIELA ATHIAS
DA SUCRELAB DE BRASÍLIA

O governo federal lançou ontem o programa Brasil sem Homofobia, que tem como principal objetivo combater a violência contra homossexuais. Dez ministérios passam a contar com comitês encarregados de adaptar as políticas já existentes para atender essa parcela da população.

O ministro Nilmar de Miranda (Direitos Humanos) afirmou que a meta mais imediata do programa é reduzir o número de homicídios praticados contra pessoas por elas serem homossexuais.

Dados apresentados pela Secretaria Especial de Direitos Humanos mostram um aumento contínuo das denúncias desse tipo de crime nos últimos três décadas. De 1970 a 1979, foram denunciadas 41 assassinatos. Entre 1990 e 2000, o número passou para 1.256. As comissões de inclusão ho-

mossexual têm atuação de forma diferenciada nas diversas áreas. No Ministério da Justiça, por exemplo, esse grupo já capacitou policiais para falar com transtidos que trabalham nas ruas e combater a discriminação e a violência.

Já no Ministério da Saúde, a função do grupo é ampliar as ações de combate às doenças sexualmente transmissíveis e, principalmente, preparar o SUS (Sistema Único de Saúde) para receber homossexuais.

Na Educação, o governo atuará diretamente sobre os professores

para que eles ensinem os alunos a respeitar os homossexuais. Uma pesquisa realizada em 2000 pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura) e divulgada em março de 2003 indica que professores e pais de alunos no Brasil tendem a silenciar diante da discriminação contra homossexuais.

Outra pesquisa da Unesco, di-

FRASE

Eu queria cumprimentar os gays, as lésbicas e os transgênicos

GASTRO WAGNER
secretário-executivo
Ministério da Saúde

ulgada anteriormente e realizada em 2003, refere a tese de que o preconceito contra homossexuais é a principal causa de violência.

Falando o Conselho Federal de Medicina tenha adotado o homossexualismo da sua etiologia de doença em 1985, em Fortaleza (CE), 22% dos professores ainda classificam como patologia esse tipo de comportamento.

Em Florianópolis (SC), cidade que registra o menor preconceito para essa população, 7% dos docentes ainda dizem que a homos-

sexualidade é uma doença. Em São Paulo, o percentual é de 10%, a certificação do lançamento do Brasil sem Homofobia foi marcada pela desconexão do ambiente, mas também por gafes. Ao ser indagado bem-vinda pelo movimento gay receberam palmas e aplausos ao serem anunciadas. Vários ministros usaram palavras confusas com os casos de erro de interpretação do movimento gay no mundo inteiro.

O secretário-executivo do Ministério da Saúde, Gastão Wagner, ao saudar os ministros, con-

fidenciou "transgênicos" (termos que mudam de acordo com "transgênicos" (epidemiologia geneticamente modificadas). "Eu queria cumprimentar os gays, as lésbicas e os transgênicos", disse o ministro.

Wagner, no entanto, logo se desculpou. "Não vou mais falar esse palavrão para não errar de novo", disse de em seguida, sem-se corrigir-se.



Gays participam do lançamento de programa contra homofobia

Página C4.

O discurso específico surge já no título, com associação direta a uma foto onde duas moças aparecem em destaque, com uma mesa com autoridades ao fundo. Nela é explicada a iniciativa do Governo Federal e o caráter interministerial do programa. O Ministro da Secretaria Especial de Direitos Humanos é ouvido, além de representantes do Ministério da Educação e da Saúde. Em comum: o uso discursivo recorrente na voz de altas autoridades do Estado e, ainda, a ausência de uma definição terminológica.

A cobertura feita pela FSP da Parada da Diversidade⁶¹ realizada na capital paulista poucos dias depois revela que naquele momento, não obstante a ativa e decisiva participação de lideranças LGBT na elaboração do "Brasil sem Homofobia" (FERNANDES, 2011), a luta contra a homofobia ainda não constituía bandeira de luta estratégica do movimento. Assim concluo mediante a leitura da edição do dia 13.06.04, um domingo, no qual o caderno Cotidiano dedicou grande espaço a temas LGBT, tendo por referência a Parada realizada naquele mesmo dia:

FOLHA DE SPÉLIO COTIDIANO domingo, 13 de junho de 2004 C5

COMPORTAMENTO *Formação de família é vista como forma de inclusão; evento pretende reunir 1,5 milhão na av. Paulista*

Gays sonham com casamento tradicional



Os participantes da Parada da Diversidade em São Paulo em junho de 2004. Foto: Roberto de Souza/Agência

"Vivo feliz com meus dois pais" Transforma em apoio materno

...de família tradicionalista. A ideia é de que os pais possam se sentir mais incluídos no processo de formação da família. Isso é muito importante para quem vive em uma família tradicionalista, porque eles não têm a mesma experiência de vida que os pais de uma família tradicionalista. Isso é muito importante para quem vive em uma família tradicionalista, porque eles não têm a mesma experiência de vida que os pais de uma família tradicionalista.

Casais lutam por direitos do parceiro

...de casamento. O casamento é um contrato legal que garante a proteção jurídica dos cônjuges. No entanto, os casais do mesmo sexo não têm acesso a esses benefícios. Isso é muito importante para quem vive em uma família tradicionalista, porque eles não têm a mesma experiência de vida que os pais de uma família tradicionalista.

HOJE NO CADERNO DE MOVIMENTOS

Mais de 1.000 oportunidades de negócios e serviços em comércio eletrônico

CAMARGO SEAR

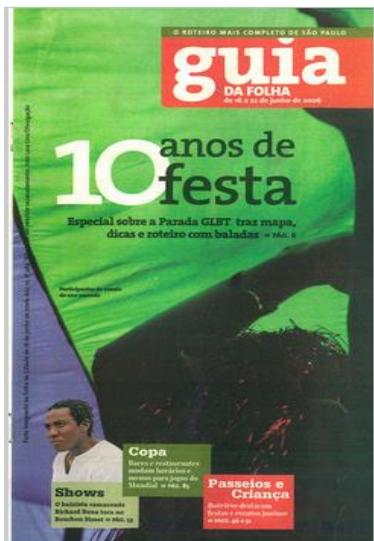
...de comércio eletrônico. O comércio eletrônico é uma forma de fazer negócios que não requer a presença física do vendedor ou do comprador. Isso é muito importante para quem vive em uma família tradicionalista, porque eles não têm a mesma experiência de vida que os pais de uma família tradicionalista.

⁶¹ Como demonstra a tese de Iran Ferreira de Melo a cada ano a FSP realiza cobertura das Paradas paulistas de Orgulho LGBT, muitas vezes com a construção de discursos em que as identidades correspondentes são representadas de modo genérico e numa perspectiva homogeneizada e até com a atribuição de atributos caricaturais (MELO, 2013). Nesta dissertação, no entanto, o interesse está voltado para as práticas discursivas relacionadas com a homofobia, no processo histórico que a consolidou como um problema social.

Na realidade o acesso à página teve por ponto de partida a matéria secundária filtrada intitulada "Casais lutam por direitos de parceiro", dividindo espaço com a principal "Gays sonham com casamento tradicional" e as coadjuvantes "Vivo feliz com meus dois pais" e "Transformista tem apoio materno", todas em sintonia com a o tema maior então encampado pela Parada: "Temos Família e Orgulho".

Na notícia que contempla associação direta com a homofobia o discurso é utilizado pelo presidente da Associação da Parada que afirma "Não podemos adotar crianças, nem casar, nem beijar na rua, nem comprar imóveis, nem incluir nossos parceiros em planos de saúde. O governo lança uma campanha, o 'Brasil contra a **homofobia**', mas não reconhece os homossexuais como cidadãos" (grifo nosso). O mesmo espaço dá voz, ainda, a outros ativistas, a um casal de lésbicas que adotaram um menino, e a um advogado coordenador da defensoria homossexual de São Paulo.

A Parada de 2005 teve por lema "Parceria civil já. Direitos iguais! Nem mais, nem menos" e curiosamente a filtragem realizada tendo por base a palavra homofobia não redundou no direcionamento para uma única matéria relativa ao evento daquele ano. A sintomática lacuna foi rompida em junho de 2006, dando início à tradição de contemplar o repúdio à homofobia em todos as Paradas realizados desde então. Em junho daquele ano a manifestação encampou o mote "Homofobia é crime. Direitos Sexuais são Direitos Humanos", numa demonstração da centralidade e o caráter estratégico que a temática adquiriu:



Capa do Guia da Folha que circulou no dia anterior ao evento, em 16.06.06 (sexta-feira).



Páginas 6, 7, 8 e 9.

A referência à homofobia surge logo no início do texto que apresenta o Guia, na voz de seus redatores assim anunciam a realização da Parada 'Homofobia É Crime' no sábado, já que no dia tradicional, domingo, seria realizado jogo do Brasil contra a Austrália, na Copa do Mundo daquele ano. Numa das páginas um instantâneo em cores de duas drags queens portando a bandeira do arco-íris.

Logo depois, a capa da Folha dominical de 18.06.06 vem bem colorida:

falta de ar num jogo de futebol. **PAU, C. CHAVI**

JOGO DAS EXPULSÕES
Com um jogador a mais, Itália só empata com os EUA **Pág. 97**

Lula distribui concessões de TV a políticos

Gestão petista também destinou 27 rádios educativas a aliados e opositoristas; ministro nega critério político

classificados
11.068
ofertas
82
páginas

veículos
Seguro reduz em até 97% gasto com conserto de peças do carro **Pág. 1**

revista
Baladeiros levam movimento na madrugada para ruas dos Jardins **Pág. 14-17**

ilustrada



POLÍCIA DA CHUVA
A modelo Raica joga para chuva que a SP Fashion Week lança no mês que vem. **Pág. 17**

9 771414 522010



30 ARRAIÁ DA COPA

Lula e a primeira-dama, Marisa, fazem pose durante festa junina de antanho em Brasília, iniciada com procissão e decorada em homenagem a seleção; Geraldo Alckmin foi vaiado na noite de sorte na Festa do Peão de Americana, interior paulista **Pág. 42 e 43**



30 METRÓPOLE GAY

Na sua 10ª edição, a Parada Gay teve recorde de público, com cerca de 2 milhões na av. Paulista —200 mil a mais que em 2005, para a PM; a festa, considerada a maior do mundo, foi animada por 20 trios elétricos e pediu punição para crimes homofóbicos **Pág. 54**

ATMOSFERA **Pág. 62**

Solente quente no capital
máxima: 34°C
mínima: 23°C

EDITORIAIS **Pág. A2**

Lula "Freado no EUA", sobre economia americana e "Bastardos na TV", acerca de propaganda eleitoral.

MAIS **Pág. 64**

Vargas Llosa, aos 70 anos, fala de política e de seu novo romance

EUO GASPARI **Pág. A3**

Agência federal age como quem quer bater na torcida da Varig

ELVIRA LORATO **Pág. 97**

no cinema coreto

Repetindo uma prática de seu antecessor, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva distribuiu em recentes actos concessões de TV e 27 rádios educativas a fundações ligadas a políticos. A administração petista também destinou uma TV e dois rádios educativos a entidades de organizações religiosas.

Foram contemplados deputados e senadores de partidos aliados, como o PT, o PTB e o PMDB, e do oposicionista PSDB. Há ainda deputados estaduais, ex-deputados, prefeitos e ex-prefeitos entre os beneficiários.

Para o deputado federal João Caldas (PT-AL), instituidor de uma fundação contemplada com uma rádio, o envolvimento de políticos com radiodifusão não vai mudar. "As pessoas mais influentes são as que têm meios de comunicação. Comunicação é poder".

O ministro Hélio Costa (Comunicações) e seus antecessores no governo Lula, Miro Teixeira e Emanoel Oliveira, negam os usos de critérios políticos para aprovar as concessões. "O que chega é analisado tecnicamente", afirma Costa. **Pág. 44 e 47**

Motins em cinco presídios de SP fazem 16 reféns

Presos de cinco unidades do sistema prisional da região metropolitana e do interior de São Paulo se amotinaram e fizeram no menos 36 funcionários reféns. No final da tarde, o governo dizia que a situação estava controlada em três presídios. Tropas do Choque da PM invadiram duas penitenciárias no interior para acabar com levantes do PCC iniciados na sexta. **Pág. 47**

Capa da edição de 18.06.06.

A foto da bandeira do movimento, em meio a uma multidão foi colocada logo abaixo de foto do "Arraia da Copa" em que aparecem o presidente Lula e sua esposa Marisa, com a chamada de matéria em vermelho: "METRÓPOLE GAY: Na sua 10ª edição, a Parada Gay teve recorde de público, com cerca de 2 milhões na av. Paulista - 200 mil a mais do que em 2005, para a PM; considerada a maior do mundo, foi animada por 20 trios elétricos e pediu punição contra crimes homofóbicos."

Matéria específica é estampada no caderno Cotidiano, mais uma vez com grande destaque e uso de grandes fotos coloridas:



Casal de namoradas se beija no início da 10ª Parada Gay; evento tomou a avenida Paulista ontem reunindo, segundo a Polícia Militar, 2 milhões de pessoas

Parada Gay resiste à Copa e supera recorde de público

Segundo a PM, 2 milhões de pessoas participaram da festa, 200 mil a mais do que no ano passado

Público festejou com beijos o evento, cujo tema foi 'Homofobia é crime'; verde-amarelo também dominou nos trios elétricos

DANIELA TÓPOLI
de reportagem

Nada melhor do que beijos, muitos beijos, para comemorar o recorde de público nos 10 anos da Parada Gay e levantar a bandeira de que a **homofobia** é um crime que precisa ser punido. Em clima de festa, cerca de 2 milhões de pessoas, segundo estimativa da PM, lotaram a avenida Paulista a rua da Consolação ontem, atrás de 20 trios elétricos com música tocando.

O público bateu o recorde do ano passado (de 1,8 milhão de pessoas, de acordo com a PM) e, assim, a parada de São Paulo continua sendo a maior do mundo, superando em tamanho e de São Francisco, com um milhão de pessoas. As coreografias que previam os projetos organizadores, sem a presença do evento de desfilagem para o desfile paradesista Copacabana.

"A festa também não apareceu, como disse e previu ao longo do tempo. A gente fez manifestação para São Paulo", diz um dos organizadores. O presidente da Associação de Parada, Nelson Matias Pereira, comemora o público: "Estão todos comemorando a vitória e a festa".

"Não faltou amor nos beijos. Atendendo ao pedido de Parada, os trios elétricos foram de



Página C8.

A prática discursiva relacionada com a homofobia, de autoria da jornalista da reportagem local, apareceu ainda no subtítulo e resumo "Público festejou com beijos o evento, cujo tema foi '**Homofobia é crime**'; verde amarelo também dominou nos trios elétricos". A mesma linha é adotada no primeiro parágrafo onde se lê: "Nada melhor do que beijos, muitos beijos, para comemorar o recorde de público nos 10 anos da Parada e levantar a bandeira de que a **homofobia** é um crime que precisa ser punido" (grifo nosso).

No curso da matéria as vozes ouvidas são de participantes da Parada, gays e lésbicas, além de ativistas. Na mesma página outra notícia, intitulada "Drag e barbie ornamentada disputam flash", na qual um dos participantes que desfilou em cima de carro de som, fantasiado de bombeiro é ouvido e afirma "O importante é as pessoas saberem que estão aqui por uma causa, contra a **homofobia**" (grifo nosso).

Em 2007 o lema adotado é "Por Um Mundo Sem Machismo, Racismo e Homofobia". A FSP do dia 11.06.07, segunda-feira, traz uma

série de reportagens sobre o evento, dentre as quais destaca-se a seguinte, de caráter político mais evidenciado:



Organizadores do evento pedem apoio ao projeto que criminaliza a **homofobia**

DA REPORTAGEM LOGICAL

A cerimônia oficial de abertura da Parada Gay foi marcada ontem por críticas à falta de uma legislação que iniba a violência contra os homossexuais. "Mais uma vez a gente vai fazer um grande evento. Infelizmente, a nossa visibilidade ainda não foi suficiente para reverberar em ações de políticas públicas. Ainda somos tratados como cidadãos de segunda", disse Nelson Matias Pereira, presidente da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo.

"Estamos aqui para pedir apoio à lei importante que cri-

minaliza a questão da homofobia", completou, dirigindo-se ao prefeito Gilberto Kassab (DEM-SP) e ao ministro dos Esportes, Orlando Silva.

O projeto é o 122/2003, que tramita no Congresso e torna crime, aos moldes do racismo, a homofobia. "Prefeito Kassab, nosso companheiro, queremos que o senhor peça aos senadores que votem favorável", reforçou Toni Reis, de Curitiba.

O prefeito, que vetou o projeto de lei 440/03 que criminaliza práticas homofóbicas no comércio por acreditar existir problemas na redação do texto, afirmou aos jornalistas que a

maior prova do apoio do município à causa é o investimento de R\$ 450 mil. "A parada merece", disse ele, que enviou à Câmara Municipal um projeto aperfeiçoado sobre o tema.

A ministra do Turismo, Marta Suplicy, que chegou logo após a abertura oficial, disse que falta "vontade política" dos parlamentares para aprovar leis que melhorem as condições dos gays. O chefe de gabinete da Secretaria Especial de Direitos Humanos, Vinícius de Carvalho, disse que a União planeja organizar uma conferência de políticas públicas para GLTB. (ROGÉRIO FAGUNDA)

Pedago da página 3 do Cotidiano do dia 11.06.07, segunda-feira.

Sob aquele título lê-se: "O projeto é o 122/2003, que tramita no Congresso e torna crime, nos moldes do racismo, a **homofobia**. Prefeito Kassab, queremos que o senhor peça aos senadores que votem favorável' (sic), reforçou Toni Reis, de Curitiba" (grifo nosso). E é justamente o mencionado prefeito que aparece um pouco desajeitado em pequena foto colorida acima do texto. A reportagem transcreve, ainda, declarações da Ministra do Turismo, Marta Suplicy e do chefe de gabinete da Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Em 2008 o tema da Parada é "Homofobia Mata! Por um Estado Laico de Fato" (20.05.08, terça-feira, Cotidiano, p. 4 e Guia da Folha de 23.05.08, sexta-feira). A cobertura do encontro ganha destaque em página inteira, a capa do Cotidiano do dia 26.05.08, segunda-feira:

No país, combate à homofobia tem pouco apoio legal

DA REPORTAGEM LOCAL

Tema da festa de ontem na av. Paulista, o combate à homofobia deu um passo importante há dois anos com a criação de um centro de referência na cidade para quem se sente vítima desse tipo de preconceito.

Mas a aprovação de uma legislação que criminalize a prática, reivindicação central da comunidade GLBT, está bem longe de se concretizar no país.

Dois projetos do gênero tramitam no Congresso Nacional, um na Câmara dos Deputados e outro no Senado. Ambos estão parados pelo lobby religioso.

Em São Paulo, uma lei estadual, de 2001, deu alento a movimentos que atuam na área. Seu alcance, no entanto, é limitado: prevê advertência, multa ou, em caso extremo, cassação do alvará de estabelecimentos comerciais que discriminem pessoas

Fragmento da página C1 da edição do dia 26.05.08.

A homofobia é tratada como um "tipo de preconceito", com o acréscimo: "Mas a aprovação de legislação que criminalize a prática, reivindicação central da comunidade GLBT, está longe de se concretizar no país", em discurso encampado na voz indireta do jornalista.

A politização do movimento persiste e atrai a atenção da FSP na cobertura da Parada LGBT de 2009, como confirma a chamada de capa da edição de 15.06.09, na segunda-feira posterior ao evento:

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRILAS FILHO

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2009
ANO 89 • Nº 20.202

EDIÇÃO SÃO PAULO/DF, CONCLUÍDA ÀS 23H11 • R\$ 2,50

<p>ilustrada Presidente da Ellus diz que a moda brasileira precisa de gente mais inteligente Pág. E1</p>	<p>esporte Elano recebe ovos e farinha para celebrar seu aniversário Brasil enfrenta Egito (às 11h, com TV) na estreia na Copa das Confederações Pág. D1 + Palmeiras bate Cruzeiro, e Corinthians empatou Pág. D2 e D3 <small>Antonio Scorzani/France Presse</small></p>	<p>folhateen Saiba como vivem alguns dos 5.300 internos da Fundação Casa Pág. 6</p>
---	--	--

Machado/Imagem/Folha Imagem

Tom político marca Parada Gay
Passante é dominada não só por militantes da causa GLS mas também por grupos de defesa do ambiente e por centrais sindicais. Págs. C1 e C3



Participantes na Paulista, sob bandeira com as cores do arco-íris, símbolo do movimento gay

Bolsistas do ProUni têm nota acima da média

Programa paga as mensalidades

Capa da edição de 15.07.09.

Na capa do caderno Cotidiano correspondente, sob o título "Política avança na Parada Gay de SP", colhe-se o fragmento discursivo onde há referência à homofobia que surge na voz do jornalista: "Com o tema 'Não **Homofobia**', um caminhão de som na Avenida Paulista convidava o público a participar de um abaixo-assinado que defende projeto de lei federal que torna crime discriminar homossexuais" (grifo nosso).

A consistência do movimento LGBT organizado em torno da luta contra a homofobia é revelada, também, pela sequência de notícias estampadas na FSP, fora do tradicional espaço das Paradas da Diversidade, seja na forma de protestos e em reportagens sobre sua organização.

Foi o que ocorreu, por exemplo, no caderno Cotidiano dia 13.03.06, uma segunda-feira:

SEGURANÇA Distantes quase 30 km de área ocupada pelo Exército, manifestantes protestaram contra ataque a casal no mês passado

Sem tropa, Ipanema faz ato anti-homofobia

ITALO NOGUEIRA
COLABORADOR PARA A FOLHA DE SÃO PAULO

Enquanto moradores da zona oeste protestaram contra a suposta violência do Exército, a primeira possivelmente em dez dias na zona sul ocorreu ontem, mas sua preocupação era outra: a violência praticada contra homossexuais.

Na favela do Metrô, zona oeste, 200 pessoas se manifestaram contra o Exército pela manhã. Reclamaram de constrangimentos de moradores por parte de militares. O Exército seguiu e apontou a presença no ato de dois traficantes armados, que chegaram a dar tiros para o alto, segundo o Comando Militar do Leste.

Em Ipanema, distante quase 30 km da área ocupada pelas Forças Armadas mais próxima, cerca de 150 pessoas estavam na rua à tarde. Caspos gays e de direitos humanos se reuniram para prestar conta a violência homofóbica.

No dia 25 de fevereiro, um casal de gays foi agredido ao sair da praia por banhistas. Os manifestantes acusam policiais de omissão no caso. "Protestamos aqui no mesmo local para mostrar que nós não vamos fugir. Não pode-



Participantes de manifestação realizada ontem contra a violência homofóbica na praia de Ipanema

mos ser reféns desse tipo de violência", afirmou Cláudio Nascimento, secretário de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays Lésbicas e Transgêneros.

A operação do Exército em favelas do Rio afetou diretamente a rotina de cerca de 200 mil pessoas que moram em áreas onde houve buscas dos fuzis roubados. A presença das Forças Armadas é tema das conversas, mas a maior parte dos mais de 6 milhões de cariocas não viu tanques ou tropas nas ruas, em especial os da zona sul.

Realidade diversa dos moradores do morro da Providência, na zona portuária da cidade. "Este aqui, aquele ali", dita o memório de três anos, ao arrumar seus pequenos soldados de plástico na entrada do morro. Dez minutos depois, a poucos metros de onde estava, recomeçou a troca de tiros entre traficantes e soldados.

O trânsito não interrompeu o empreendimento do menino em arrumar os pequenos militares e os dois tanques, também de plástico, que os acompanhavam. "Não me incomoda não, pelo menos esse não é plástico", afirmou a mãe, assistindo à cena e ouvindo os tiros.

A medida que a fronteira das favelas ocupadas se afasta, o ambiente da cidade vai perdendo, aos poucos, o clima de estado de sítio apontado por especialistas.

Na Quinta da Boa Vista, próxima à Mangueira, favela ocupada pela operação do Exército, crianças brincavam com os pais, ontem, sem demonstrar preocupação com a presença dos militares perto dali. "Sentir-se mais seguro é manter-se sério. Se os moradores dos morros ocupados que devem estar sofrendo, infelizmente", disse o industrial Rogério

Viana, 55, morador da Tijuca.

Diferentemente de quem vive nas comunidades ocupadas, que relata a imposição de regras de recolhimento, a rotina de pessoas que passaram na encosta da praia do Leblon, da lagoa Rodrigo de Freitas, e na Quinta da Boa Vista não mudou. Tanto de quem aponta como dos que são contra a ocupação.

"Não me sinto mais segura, mas o Exército fazendo algo dá uma satisfação ao povo. É um grito de basta", afirma uma moradora do Leblon que preferiu não se identificar. "Meus amigos me criticam. Achem que eu não deveria apoiar o Exército", explica.

Já o deputado estadual Carlos Márcio (PT-RJ), que participou da manifestação em Ipanema, diz que o Exército tem o direito de buscar as suas armas e voltar.

Sapendo ele, "é compreensível que as pessoas estejam se sentindo mais seguras, devido ao quadro de omissão generalizada". "Da a sensação de que alguém está fazendo alguma coisa. O certo é que as pessoas não querem que uma parte da cidade esteja controlada pelo tráfico de drogas", afirma o deputado.

Página C3 (caderno Cotidiano) da edição do dia 13.03.06.

No caso ativistas da ABLGBT denunciavam a omissão de policiais diante de agressões homofóbicas praticadas em praia carioca. O discurso é encampado pelo jornalista autor da matéria, onde foram ouvidos ativistas, um deputado estadual e moradores do Rio de Janeiro.

Em 24.02.07, sábado, no caderno Cotidiano, uma nova ocorrência na forma de nota rápida:



» **ATO CONTRA [REDACTED] PEDE FIM DA VIOLÊNCIA**
Alessandro Faria, Sergio Pessoa e Angelo Medina no ato Basta! Chega de Violência e Omissão, em SP, promovido por associação de gays ontem; eles dizem ter sido agredidos por serem homossexuais

Página C10.

A polarização nas disputas políticas e discursivas em curso ganha uma visibilidade sem precedentes na FSP, como ocorreu na seguinte matéria veiculada no caderno Cotidiano do dia 26.06.2008, quinta-feira:

C6 cotidiano 26 DE JUNHO DE 2008

FOLHA DE SPAULO

Evangélicos protestam contra lei anti-homofobia no Senado

Projeto aprovado na Câmara tramita na Comissão de Assuntos Sociais do Senado

Para os evangélicos, proposta impede a liberdade de expressão; se aprovado, eles não poderão condenar em cultos o ato homossexual

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Um grupo formado por cerca de mil evangélicos tentou invadir ontem o Senado para protestar contra o projeto de lei que criminaliza a **homofobia** (rejeição ou aversão a homossexual e à homossexualidade). Houve empurrões-empurrões discussões com os seguranças na entrada principal da Casa.

O projeto já foi aprovado na Câmara dos Deputados e, no momento, tramita na Comissão de Assuntos Sociais do Senado. A senadora Fátima Cleide (PT-RO) foi nomeada relatora. Ela já se declarou a favor da proposta. Ontem, no mo-

mento em que os evangélicos tentaram entrar no Senado, ela discutava na tribuna da Casa.

"Nesse maior desafio é reconhecer que somos uma sociedade plural, diversa. E, como tal, devemos cumprir nosso dever constitucional de criar mecanismos para combater qualquer forma de discriminação", disse a senadora petista.

De acordo com o texto do projeto, poderá haver pena de reclusão de dois a cinco anos para quem discriminar homossexual. Para os evangélicos, o projeto impõe a liberdade de expressão. Se aprovado, eles

não poderão condenar em cultos o ato homossexual. Haverá punições também para quem demitir funcionários por causa dessa opção sexual.

"Se um funcionário for dispensado de uma empresa, pode alegar **homofobia** e o dono da empresa vai ser preso por crime hediondo. Queremos um projeto para proteger todas as minorias", disse o deputado Bispo Rodovaldo (DEM-DF), da Igreja Sere Nossa Terra.

Deputados e senadores da frente parlamentar de defesa da família — integrada também por deputados católicos —aju-

daram parte do grupo de manifestantes a entrar na presidência do Senado, onde foram recebidos por Magno Malta (PESB), que é evangélico.

"Trata-se aqui de uma liberdade de ser o que gostaria de ser. Se eu quiser ser homossexual, que seja. Se eu quiser me juntar com alguém, que se junte. Mas eu não preciso aceitar isso. Eu tenho minha opinião e não gostaria de ver meus filhos recebendo educação que considero inadequada dentro de uma escola", disse Fátima Faraj, do Ministério da FÉ, após a reunião.

Pastores de diferentes igrejas evangélicas também visitaram gabinetes de senadores. Mem-

bro da Assembleia de Deus, o pastor Síllus Malafina visitou o gabinete de Alvaro Dias (PSDB-PR). Ele fez questão de gravar a entrega do manifesto contra o projeto ao congressista paranaense.



Evangélicos protestam em Brasília contra projeto de lei

Se um funcionário for dispensado de uma empresa, pode alegar **homofobia** e o dono da empresa vai ser preso por crime hediondo

BISPO RODOVALDO (DEM-DF)

Página C6.

A matéria dá voz à senadora Fátima Cleide do PT que foi nomeada relatora do projeto de lei que criminaliza a homofobia e a líderes dos evangélicos para os quais a proposta impediria a condenação da homossexualidade nos cultos religiosos e, com isso, a liberdade de expressão. E traz uma cada vez mais rara explicação do que se entende por homofobia: "rejeição ou aversão a homossexual e à homossexualidade", na voz indireta do jornalista não identificado da sucursal de Brasília. O deputado federal Bispo Rodovaldo é que faz o outro identificado na prática discursiva ao defender: "Se um funcionário for dispensado de uma empresa, pode alegar **homofobia** e o dono da empresa vai ser preso por crime hediondo" (grifo nosso).

E no dia 13.06.09, um sábado, quando nova matéria enxertada no Primeiro Caderno aborda os meandros das disputas existentes do Congresso Nacional em torno de demandas apresentadas pelo movimento LGBT:

Bancada evangélica emperra projetos de gays no Congresso

Grupos LGBT dizem que reivindicações do movimento foram 'rifadas'; para senador Marcelo Crivella, deve-se 'preservar o livre exercício do culto religioso'

ANA FLOR
DA REPORTAGEM LOCAL

A recente tramitação no Congresso do projeto que criou o Ministério da Pesca escondeu uma batalha em que a Frente Parlamentar Evangélica se saiu vitoriosa — e rendeu críticas ao governo por parte de grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). O descontentamento não se referiu ao novo ministério. O texto também tratava das atribuições da Secretaria Especial de Direitos Humanos e descrevia, entre os grupos atendidos, a população LGBT. Prestia ain-

da a criação de um Conselho LGBT no governo.

Depois do debate na Câmara, o texto final excluiu o termo LGBT — citava apenas "minorias". O Conselho LGBT também não foi aprovado.

A mudança foi comemorada por congressistas ligados a grupos evangélicos. Para grupos LGBT, o governo "rifou" reivindicações do movimento para aprovar o restante do projeto — além do Ministério da Pesca, tratava da área ambiental e criava cargos em comissão.

Segundo Miriam Marinho, da Rede Uno Outro Olhar, o texto aprovado mantém os movi-

mentos, que lutam por visibilidade, invisíveis. "Será uma comissão enrustida [o Conselho contra Discriminação]", disse. O estilista Carlos Tuvesson, integrante do Conselho dos Direitos LGBT do Rio de Janeiro, diz que o governo não tem interesse em priorizar a luta LGBT. "O governo, na sua atividade legislativa, não apóia os pilotes LGBT. Entram milhões de barganhas nas negociações."

Já Luiz Mott, fundador do grupo Gay da Bahia, afirma que é um governo de "boas intenções poucas ações". O responsável pelas políticas LGBT na Secretaria de Direitos

Humanos, Eduardo Santarelo, reconhece que as expressões relativas ao grupo foram retiradas por pressão dos evangélicos. "Qualquer menção no projeto de lei que tivesse a questão LGBT e o combate à homofobia, eles cortaram. Teve-se que negociar para aprovar o projeto como um todo", disse ele.

Homofobia

Homofobia como a maior vitória LGBT no Congresso, a proposta que criminaliza a homofobia poderá se transformar em um novo revés para esses movimentos. Aprovado na Câmara por um "descuido" da bancada

evangélica, o texto precisa passar pelo Senado sem emendas. Caso contrário, volta à Câmara, onde vai "dormir em berço esplêndido", como disse aos colegas a relatora do tema, senadora Fátima Cleide (PT-MG). Depois de mais de um ano de negociação, ela já fala em fazer substituições ao texto para tornar viável sua aprovação.

Uma das principais objeções dos senadores ligados a igrejas é o artigo que pune discriminação a manifestações públicas de afeto. Outro ponto polêmico é a interpretação de que pastores não poderiam mais condenar a homossexualidade em programas

de rádio e televisão.

O senador Marcelo Crivella (PRB-RJ) afirma que é a favor dos direitos de homossexuais, mas é preciso "preservar o livre exercício do culto religioso".

Nos grupos LGBT, há quem defenda a votação sem modificações. Outros preferem mudanças no texto que garantam aprovação. "É melhor que ele [o projeto] seja votado e rejeitado. Via ter de haver o custo político de rejeitar", diz Tuvesson.

O presidente da Associação Brasileira LGBT, Toni Reis, defende diplomacia e mobilização. "Precisamos ter mais força dentro do Congresso", diz.

Fragmento da página 9 do Primeiro Caderno da tiragem do dia 13.06.09.

Declarações de ativistas LGBT e de políticos da chamada bancada evangélica são confrontadas e há menção às resistências enfrentadas sobre o projeto de lei que criminaliza as práticas homofóbicas.

Em outras ocasiões, como mencionado, o próprio movimento LGBT organizado é o assunto principal de interesse das matérias jornalísticas, com a veiculação de discursos associados a homofobia, como se deu no dia 05.06.08, uma quinta-feira, quando o caderno Cotidiano em sua capa noticiou incidente de grande repercussão em todo o país:

cotidiano

Tel: 011/2234-3402 Fax: 011/3234-2289
E-mail: cotidiano@uol.com.br
Serviço de atendimento ao assinante: 0800-775-8030
Circulação: 100 mil exemplares
Ondulstar mac: ondulstar@uol.com.br

HABILITAÇÃO
TRÊS DELEGADOS
SÃO AFASTADOS
DO DETRAN
APÓS FRAUDE

LEIA OUTRAS
NOTÍCIAS NO
CADERNO
COTIDIANO 2

Pág. C5

FOLHA DE SPAULO
QUINTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 2008 • C1

Exército cerca emissora de TV para prender sargento gay

Laci Araújo e o companheiro davam uma entrevista ao programa "SuperPop", da Rede TV!

Exército diz que ele foi preso pois é desertor; na revista "Época", os dois foram apresentados como o 1º casal gay da instituição

LAURA CAPRIGLIONE
DA REPORTAGEM LOCAL



Arquivo/Folha Imagem

direito a um defensor público", disse o advogado Francisco Lauro França, do Comdep.

O coronel Moura, que chefiou a operação, disse à **Folha** que foi "convocado" para cumprir o mandado de busca e prisão na Rede TV!. Por quem? "Pelos Comandante Militar do



Folha Imagem

Página C1 do dia 05.06.08.

No edição daquele dia duas páginas inteiras são dedicadas ao assunto e o discurso relacionado à homofobia surge no momento em que uma das matérias destaca que a criminalização da homofobia será um dos assuntos tratados na 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, que seria aberta dois dias depois, em

Brasília. O próprio encontro torna-se notícia no dia 09.06.08, no caderno Cotidiano de uma segunda-feira:

FOLHA DE S.PAULO

Movimento muda sigla de referência de 'GLBT' para 'LGBT'

A palavra "lésbicas" antecede, a partir de agora, a palavra "gays"; militante diz que troca atende a antiga reivindicação

Conferência cria ainda duas expressões para homofobia: 'lesmofobia', no caso de preconceito contra lésbicas, e 'transfobia', para travestis

DA SUCCURSAL DE BRASÍLIA

A 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada entre o dia 5 de junho e ontem, em Brasília, anunciou uma mudança na nomenclatura de referência do movimento. A palavra "lésbicas", agora, antecederá a palavra "gays". Em vez de GLBT, o nome passa a LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

"A mudança atende a antiga reivindicação das lésbicas, além de seguir o padrão internacional", diz Toni Pires, presidente da Associação Brasileira

de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Segundo ele, a lésbica é discriminada "primeiro por ser homossexual, depois por ser mulher". A mudança é importante, diz, por privilegiá-la e também por combater o machismo, "o pai da homofobia".

Homofobia

Os representantes de várias entidades que participaram da conferência em Brasília decidiram ainda usar duas outras expressões para caracterizar a homofobia: "lesmofobia", quando as vítimas forem as lésbicas, e "transfobia", quando o preconceito for referente às transexuais e travestis.

Pires cita a recente polémica entre o atacante Ronaldo e travestis, no Rio, quando, segundo ele, autoridades e a mídia trataram o tema com preconceito. O

uso do artigo "o" travesti, afirma, é uma "ofensa" a uma pessoa que, "embora tenha o sexo biológico masculino, se enxerga como mulher".

Políticas públicas

A conferência, que contou com o apoio e a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, propôs um plano nacional de políticas públicas para a comunidade, além das criações de um conselho nacional e de uma subsecretaria no governo federal, que ficaria subordinada à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.

"Melhor seria a criação de uma secretaria, como a da Igualdade Racial ou a de Políticas para as Mulheres. Mas ainda não estamos com essa bola toda", concluiu Pires.

ILUCAS FERRAZ

Recorte da p. C8 da edição do dia 09.06.08.

A notícia explica uma das resoluções tomadas durante a Conferência, resultante das disputas existentes no interior do próprio movimento:

A 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada entre o dia 5 de junho e ontem, em Brasília, anunciou uma mudança na nomenclatura de referência do movimento. A palavra "lésbicas", agora, antecederá a palavra "gays". Em vez de GLBT, o

nome passa a LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

"A mudança atende a antiga reivindicação das lésbicas, além de seguir o padrão internacional", diz Toni Pires, presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Segundo ele, a lésbica é discriminada "primeiro por ser homossexual, depois por ser mulher". A mudança é importante, diz, por privilegiá-la e também por combater o machismo, "o pai da **homofobia**".

Homofobia

Os representantes de várias entidades que participaram da conferência em Brasília decidiram ainda usar duas outras expressões para caracterizar a homofobia: "lesbofobia", quando as vítimas forem as lésbicas, e "transfobia", quando o preconceito for referente às transexuais e travestis.

Se até aqui a referência a interlocutores como deputados federais, senadores, representantes de diferentes ministérios e mesmo ministros de Estado está a confirmar o ingresso dos embates discursivos e de poder relacionados com a homofobia em uma esfera mais alta da política institucional, uma série de outras ocorrências pinçadas vem a revelar que essa era uma tendência sem volta e que viria a atingir até mesmo o campo das disputas partidárias e eleitorais, numa demonstração de que paralelamente a esse processo uma nova sensibilidade social, evidenciada pelo interesse dos eleitores em potencial, estava se configurando.

A capa da edição do dia 08.09.06, uma sexta-feira, revela o clima vivaz e politizado que passava o Brasil daquela época. Registro colorido do casal presidencial durante o desfile militar de 7 de setembro disputa espaço e destaque com foto do protesto Grito dos Excluídos, sob as legendas na forma de trocadilho "Ordem" e "Protesto". Logo ao lado lê-se as chamadas "Arcebispo faz críticas à corrupção e à insegurança." e "Corrente da Assembleia de Deus declara apoio a Lula":

FOLHA DE S. PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTÁVIO FRIAS FILHO

SEXTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 2006

EDIÇÃO SÃO PAULO/DF, CONCLUÍDA 0815 • R\$ 2,50



>> ORDEM...
O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua mulher, Marisa, durante o desfile do Sete de Setembro em Brasília, para 30 mil pessoas; evento deu destaque à marcha da Polícia Federal, que teve carros, motos, lanchas e até ônibus. **pag. A6**



>>... E PROTESTO
Manifestantes marcham no centro de São Paulo durante o Grito dos Excluídos, que reuniu cerca de 3.000 pessoas, segundo a PM, e 10.000, de acordo com os organizadores; houve protestos em Aparecida (SP) e em outras capitais. **pag. A8**

Arcebispo de SP faz críticas à corrupção e à insegurança

O arcebispo de São Paulo, dom Cláudio Hummes, condenou a corrupção, que chamou de "grave pecado", na missa que abriu o Grito dos Excluídos —marcha que reúne a Igreja Católica e movimentos sociais—, realizada na catedral da Sé.

"A gente não deve voltar em corruptos", disse, sem referência direta a partidos, mas citando os casos dos mensaleiros e sanguessugas.

Sobre a gestão da segurança em São Paulo, o arcebispo afirmou que há algo errado em um Estado que "precisa construir uma cadeia por mês" e pediu respeito aos direitos dos presos. **pag. A4**

Corrente da Assembleia de Deus declara apoio a Lula

O líder da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil, Manoel Ferreira, diz que "recomendará" votos em Lula e seus cerca de 4,5 milhões de fiéis. **A**

Capa do dia 08.09.06.

O filtro realizado conduziu àquela edição em matéria intitulada "PT quer resgatar debate sobre a descriminalização do aborto", na qual há rápida referência à fala de uma dirigente partidária que afirma que "O governo se empenhará na agenda legislativa que contemple as demandas desses segmentos da sociedade, como o Estatuto da Igualdade Racial, a descriminalização do aborto e a criminalização da **homofobia**" (grifo nosso).

Em plena fase de campanha para as eleições presidenciais aos poucos a discussão de questões LGBT são alçadas para o centro do debate político. Entre diferentes matérias dedicadas à eleições que foram reunidas em nove páginas do Primeiro Caderno do dia 17.10.06, terça-feira, sob a chamada editorial Eleições 2006, foi veiculado o seguinte material:

Candidatos em 20 pontos

10

ABORTO E UNIÃO CIVIL DE PESSOAS DO MESMO SEXO



LULA

Impressões. Quando mais se fala em aborto, mais se fala em união civil. Alguns dizem que o tema não pode ser tratado em uma única matéria. Outros afirmam que não se pode tratar de um assunto sem que se fale do outro. A questão é que se trata de assuntos que se relacionam.



ALCKMIN

Resposta à pergunta. É preciso manter o respeito à diversidade sexual. Não se pode tratar de um assunto sem que se fale do outro. A questão é que se trata de assuntos que se relacionam.

Qsr. é favorável à legalização do aborto?

o Projeto de lei que está no Congresso prevê a opção de aborto em qualquer estágio da gravidez, desde que o feto não seja viável para nascer. Isso é uma opção que respeita a liberdade de escolha da mulher e a dignidade humana.

Qsr. apoiará o projeto que trata de união civil de pessoas do mesmo sexo?

o Projeto de lei que está no Congresso prevê a opção de união civil entre pessoas do mesmo sexo. Isso é uma opção que respeita a liberdade de escolha das pessoas e a dignidade humana.



Recorte da p. 8 da edição do dia 17.10.06, Primeiro Caderno.

Ao responder a questão sobre a projeto de lei de união civil de pessoas do mesmo sexo, Lula faz a seguinte referência: "Nosso governo trabalhou intensamente em políticas afirmativas, promovendo uma cultura de respeito à diversidade sexual, principalmente através do Programa "Brasil sem **Homofobia**", que será ampliado e fortalecido em um segundo mandato" (grifo nosso).

Dois anos depois matéria sobre a disputa pela Prefeitura do Rio de Janeiro, no dia 17.03.08, segunda-feira, Primeiro Caderno, levou o tema da homofobia para o centro do debate mais uma vez, ao lado de outros como aborto e drogas:

Para Crivella e Gabeira, eleição não se mistura com religião

Por razões diferentes, o senador Marcelo Crivella (PRB), 50, e o deputado federal Fernando Gabeira (PV), 67, dizem que as questões religiosas não devem nortear a campanha pela disputa da Prefeitura do Rio.

Gabeira diz que será um erro transformar a eleição municipal em debate sobre suas posições a respeito de aborto, **homofobia** e drogas.

Para **Crivella**, bispo da Universal, política não se mistura com religião. **Pág. A10**

FOLHA DE S. PAULO

Receita vota elevação de tributo sobre o cigarro

apenas R\$ 14,90

Um Certo Capitão Rodrigo

Detalhe da capa da edição de 17.03.08.

No material correspondente, produzido por jornalistas da sucursal da FSP no Rio de Janeiro, o candidato a prefeito municipal Fernando Gabeira afirma "Se campanha for debate sobre drogas e homofobia,

perdemos o ponto central" e Marcelo Crivella, no meio da entrevista, responde à interpelação "O Sr. é aguerrido opositor da lei contra a **homofobia**" (grifo nosso) assim:

A lei cria uma censura porque não permite uma opinião contrária ao homossexualismo. Torna crime por supostamente incitar à violência o pai que pretende ensinar ao filho que isso não é natural. Fere frontalmente as garantias individuais da Constituição. É a instalação da ditadura gay.

No mesmo ano, mas com foco na disputa eleitoral à Prefeitura de São Paulo, propaganda transmitida no programa eleitoral obrigatório da candidata Marta Suplicy, questionado se seu oponente era casado e tinha filhos é denunciada pelo movimento LGBT como homofóbica em matéria do dia 14.10.08, no Primeiro Caderno de uma terça-feira:

Comitê LGBT que apoia Marta diz que publicidade é homofóbica e desagrega

PAULO SAMPAIO
DA REPORTAGEM LOCAL

O "Comitê LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) Marta Prefeita" divulgou ontem um manifesto de repúdio à propaganda eleitoral da candidata petista à Prefeitura de São Paulo, na qual um locutor pergunta se o eleitor procurou saber se o candidato Gilberto Kassab (DEM) é casado e se tem filhos. (O prefeito é solteiro, sem filhos.)

Considerada homofóbica, a propaganda acertou em cheio o orgulho dos militantes homossexuais do próprio PT.

Assinado por três militantes gays do PT, o documento aponta cinco razões para considerar "esse tipo de linha de campanha errada e inaceitável".

De acordo com o texto, a propaganda viola o direito à privacidade e à intimidade; reforça o preconceito e a homofobia; é uma crítica maníaca e preconceituosa, que reitera a heteronormatividade; está em desacordo com a trajetória política de Marta, que é pioneira na defesa do direito de mulheres e homossexuais; e usa um argumento que "desagrega" e afasta e divide a base militante.

"Ficamos perplexos. Eu acho que quem teve essa idéia infeliz dialogou com o senso comum, cometeu um equívoco eleitoral. Então os gays casados, ou lésbicas, não podem ser bons políticos", diz Julian Boeira, do Setorial Nacional LGBT do PT.

O secretário da International Lesbian and Gay Association para a América Latina e Caribe,

Beto de Jesus, que também é petista, considera a propaganda "um desastre". "A primeira coisa que eu fiz hoje foi ligar para a direção do partido e dizer que aquilo não podia estar acontecendo, foi intolerável."

Beto diz que a direção do partido não tinha se dado conta. Julian acredita que "a Marta não está envolvida com isso". "É coisa da coordenação da campanha, do marketing", diz.

"É a velha tática lulista-men-

salônica", do "Eu não sabia", reage o coordenador da Diversidade Tucana, Wagner Gui Tronolone, que diz ter um bom relacionamento com os militantes gays do PT, "mas o embate eleitoral nos colocou em posições diferentes".

Tronolone acredita que, "na prática, a gestão do Kassab é muito mais progressista que a da Marta", "Quando o [Paulo] Maluf a atacou na campanha de 2000, por defender questões LTB, o comitê gay petista foi desmontado", afirma.

"Imagine! Foi dentro do PT que começou a luta partidária LGBT. Se hoje existe diversidade tucana, no DEM, no PMDB, é fruto da luta de anos dos gays petistas", diz Beto.

No fim do manifesto, os signatários solicitam ao PT que retire "imediatamente esses questionamentos preconceituosos do ar".

Ficamos perplexos... Quem teve essa idéia infeliz dialogou com o senso comum, cometeu um equívoco eleitoral

JULIAN RODRIGUES
do comitê LGBT do PT

Intelectuais condenam as inserções do PT

DA REDAÇÃO

A cientista política Maria Victoria Benevides, professora titular da Faculdade de Educação da USP, considera "equivocada" a estratégia da campanha de Marta Suplicy, de questionar a vida pessoal de Gilberto Kassab.

"Entendo que a Marta esteja magoada com tudo o que

mento pode ter sentido nos EUA, uma sociedade extremamente puritana, porque lá a campanha é feita em cima disso. No Brasil, usar a vida pessoal sempre foi algo condenado por um acordo tácito entre as campanhas".

Uma opinião similar é sustentada pela psicanalista Ana Verônica Mautner: "Existente um código atemporal na ética brasileira: a gente não fala sobre a vida privada. Assim como é feio virar casaca, é feio falar sobre a vida pessoal. Os coronéis tinham primeira família, segunda família...

Os interlocutores ouvidos são integrantes ativistas e petistas e, em particular, integrantes do Comitê LGBT que apoia a candidata e divulga nota segundo a qual "a propaganda viola o direito à privacidade e à intimidade, reforça o preconceito e a **homofobia**" (grifo nosso).

Outra constância apurada diz respeito ao aumento dos casos estampados na FSP e que dela ganham condição de ocorrência policial. Numa página dedicada às notícias daquele tipo, o caderno Cotidiano do dia 27.09.04, segunda-feira, traz curta reportagem sobre assassinato de homem no banheiro de um terminal de ônibus na cidade de Santos, com o detalhe pinçado pelo filtro:

Oficialmente, a direção do terminal informou que ele teve uma queda acidental, provavelmente em decorrência de uma crise de convulsão. Para Beto Volpi, da ONG Hipupiara, que atende portadores do vírus HIV e vítimas de descumprimento dos direitos humanos, Costa pode ter sido vítima de **homofobia**. "Suspeitamos de agressão homofóbica porque, embora seus pais não soubessem, ele era homossexual" (grifo nosso).

A tendência do gradual crescimento de notícias que tratam do cotidiano em situações relacionadas a atos de violência é confirmada pelo registro de 23.02.05, uma quarta-feira, na qual o caderno Cotidiano traz, em meio a outros casos policiais, reportagem com o título:

INTERIOR DE SP *Testemunha afirma que motivação foi aversão a homossexuais*

Cozinheiro é espancado em praça

POLIANA PEREIRA

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA RIBEIRÃO

O cozinheiro Carlos Roberto Barbosa, 43, foi espancado por cinco homens e uma mulher na praça São Benedito, centro de Monte Alto (SP), no domingo, em um crime cuja motivação pode ser a **homofobia** (aversão a homossexuais). O cozinheiro teve ferimentos por todo o corpo, principalmente no rosto.

Testemunha do crime, Rivair dos Santos, também servidor municipal, disse à *Folha* que ele e Barbosa são homossexuais e estavam na praça esperando clientes

para fazer "programas" quando cinco homens e uma mulher se aproximaram e atacaram a vítima. "Eles começaram a dizer coisas horróricas para mim quando a Karla [nome que Barbosa usava para fazer programa] chegou e me defendeu. Eles [agressores] diziam que homossexual tinha que morrer mesmo e bateram no rosto da Karla, que caiu", disse.

Em seguida, segundo a testemunha, as seis pessoas chutaram e seguiram dando socos no cozinheiro. "Corri para o telefone público para chamar a polícia", disse Santos, que afirmou poder reconhecer os autores da agressão.

Os criminosos levaram o relógio e um cordão de ouro de Barbosa, que foi internado em um hospital em Ribeirão Preto com fraturas no nariz e na maçã do rosto. Já em casa, Barbosa não pôde conversar com a reportagem.

Segundo o cirurgião plástico Rodrigo Gouveia Franco, o cozinheiro passará por cirurgia na face. "Realizaremos a redução das fraturas e a fixação dos ossos, colocando miniplacas e fios de aço no paciente", disse o médico.

O coordenador da Central de Alimentos de Monte Alto, José Alves da Costa, 34, disse que Barbosa trabalha no projeto Cozinha Pi-

loto há 18 anos. "Ele é uma pessoa muito trabalhadora, nunca tivemos nenhuma queixa dele."

A polícia ainda não sabe se o crime foi motivado por intolerância, mas apura as informações da testemunha. Para o delegado Antônio Carlos Barros de Melo, o caso poderá ser classificado como roubo qualificado ou lesão corporal qualificada, se houver crime de preconceito. "Ainda não podemos afirmar que ocorreu intolerância e preconceito. Precisamos esperar o laudo médico, checar as informações da testemunha e ir atrás dos autores, para depois instaurar o inquérito."

Pedago da p. C8 do caderno Cotidiano do dia 23.02.05.

Homofobia é descrita pela jornalista entre parêntesis como sendo a "aversão a homossexuais, em um dos poucos registros em que o significado do termo é explicado. As outras vezes presentes são de testemunhas, um cirurgião plástico e um delegado.

O fato de que certas ocorrências passam a receber um trato policial, bem como o aspecto de que esse campo passa a ser percebido como sensível e que merece repressão é confirmado também com a seguinte notícia da FSP do dia 30.12.05, na capa do caderno Cotidiano de uma sexta-feira:




PÁGINA C.1 • SÃO PAULO, SEXTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO DE 2005 • CONEXÃO ASSINIS

AULA ANTIPRECONCEITO Curso deverá ser dado na USP Leste, de onde duas garotas foram levadas à delegacia porque se beijaram

PM quer aprender com gays a lidar com gays

**LEILA NETO
ALANCA OSORIO
RICARDO LALÍ**
JORNALISTAS

Com apoio de um transexual e de um bissexual, a Polícia Militar planeja para fevereiro um curso inédito, de dois dias, destinado a um público militar da metrópole da cidade, para capacitar os integrantes da corporação a lidar com gays, bissexuais e transexuais.

O curso, que ainda depende de aprovação do comando da PM, está em fase de articulação pelo 2º Batalhão de Policiamento Metropolitanópolis da Capital. As aulas serão previstas para ocorrer nos dias 9 e 10 de fevereiro na USP Leste, onde, em setembro, duas universitárias foram levadas à delegacia por uma PM porque se beijaram.

Fase a polícia, as aulas ocorrerão em um bloco. As jovens disseram que apenas tocaram um beijo, "um selinho". O caso foi levado à delegacia. Agora, está sendo no Secretariado de Justiça.

Os policiais que assistiram ao curso, com oito horas diárias, terão aulas sobre direitos humanos e a necessidade de prestar atendimento aos minorias. De um participante, citada de uma página em seu perfil no Orkut, disse o tenente-coronel Luiz



Barbara, 22, e Melissa, 18 (novas fetiche), conduzidas à delegacia após beijo na USP Leste, o que levou alunos e alunas gays a protestar



Em locais públicos no Estado. Alina de Assedi, a transexual que fez o curso, foi levada a delegacia por uma PM porque se beijou com ela. Embora promova o curso na USP Leste, o comandante rubens (largo aberto e transformadas, por exemplo) "Tem muita gente que pensa que se travesti e sãdica, mas essas pessoas também

precisam de reconhecimento de que a polícia não é o estado." Investigações internas da PM concluíram que a polícia precisa conscientizar (leia texto nesta página).

Arrastado sobre o chão se a polícia que aborreu os transexuais da USP Leste participou do evento.

"As indicações de quem participou estão sendo analisadas."

O 2º BPM tem cerca de 500 policiais e atua nos bairros da Penha, Cambaia, Itaquera, Maracanã e São Miguel Paulista, onde moram cerca de 500 mil pessoas.

Segundo ele, um dos benefícios do curso será diminuir, entre os policiais, a carga de preconceito contra homossexuais. "A ideia não está a USP Leste, dia, tem população "basta conservadora". A sociedade, de forma geral, é preconceituosa. Você pode encontrar policiais preconceituosos porque eles vivem na sociedade."

Alina, que reconhece preconceito entre seus comandados, Aranda afirmou não esperar ministério por parte dela. "A PM se desdobrou de maneira extraordinária, sofreu um salto de qualidade impressionante. Certo que o tempo vai resolver tudo a longo prazo."

Para a estudante Barbara (nome fictício), 22, aborrida pela polícia quando estava com a namorada na USP Leste, o curso não foi uma ação isolada. "Valeu a pena a gente colocar a boca no monitor. Agora, por mais que a pessoa não goste, vai ter que aceitar". Segundo ela, se momentaneamente não for possível, ela não se associará ao evento no episódio do beijo das universitárias. "Se eu tivesse a sua opinião, eu não me associaria. Pelo menos vai ser para as próximas gerações."

Policial que abordou jovens foi inocentada

JORNALISTAS

A PM que aborreu as duas universitárias que se beijaram na USP Leste foi inocentada da suspeita de ato preconceituoso em operação preliminar do 2º Batalhão da PM. "Terrelli que ela não tem nada a ver com o caso, pois o crime aconteceu no local de destino", disse o tenente-coronel Luiz Eduardo Freire de Arruda, comandante do batalhão. "Não houve [por parte da polícia] nenhum traço de homofobia."

Segundo ele, dependentes de testemunhas apontaram que a jovem tocaram carícias íntimas em público. "A prática das manobras preconceituosas não foi de

COLEÇÃO FOLHA DE MÚSICA CLÁSSICA

FOLHA DE SPULPO

Assinar,te, garanta sua coleção.

PENTAX

Na virada do ano use verde para o dinheiro, azul para a saúde e vermelho para o amor.



A referência à homofobia aparece na matéria secundária na frase em que um tenente-coronel nega a prática no caso abordado. Já a matéria principal noticia a realização de um curso de formação para policiais

militares em São Paulo, com apoio do Instituto de Defesa da Diversidade Sexual, havendo referência expressa ao incidente ocorrido na Universidade de São Paulo onde, em fevereiro, duas namoradas lésbicas foram levadas por policiais à delegacia depois de se beijarem. São conhecidos ativistas, policiais, estudantes e fotos coloridas retratam a manifestação de estudantes da universidade contra o preconceito.

Em 30.12.07, no Cotidiano de um domingo, com pequena chamada de capa, foi identificada notícia policial que pode ser considerada rara ao estabelecer relação entre assassinato de travestis com homofobia:

C6 cotidiano

DOMINGO, 30 DE DEZEMBRO DE 2007

FOLHA DE S. PAULO

Em 20 min, 2 travestis são mortos no Rio

Disparos teriam sido efetuados do mesmo carro, em Jacarepaguá, zona oeste: para delegado, principal hipótese é **homofobia**

Também no Rio, menina de sete anos morreu ao ser atingida na cabeça por bala perdida durante tiroteio de traficantes, na zona norte

MARIA LUIZA BARRELO
DA AGÊNCIA FOLHA

Dois travestis foram assassinados a tiros na madrugada de ontem em Jacarepaguá, zona oeste do Rio. Os dois crimes ocorreram com intervalo de 20 minutos.

O delegado Pedro Paulo Fontes Pinho, responsável pelo caso, disse, em nota, que a principal hipótese para os assassinatos é **homofobia**. As duas direções são suspeitas.

Por volta das 3h30, Maicon Teixeira Karan Mendes, de 20 anos, foi baleado no tórax, na rua Atituba, na Taquara. Se-

gundo testemunhas ouvidas pela Polícia Civil, ele fazia um lance com um colega, que fugiu ao ouvir os disparos. Maicon chegou a ser socorrido no hospital Lourenço Jorge, mas não resistiu aos ferimentos.

Pouco depois, às 3h50, Alex Eduardo Silva, 38, foi baleado na Estrada dos Bandeirantes. O local fica a cerca de 3 km de distância de onde o primeiro crime foi cometido.

Silva não portava documentos e, segundo a polícia, a identificação de corpo foi feita por colegas. Ele deixou uma via e morreu no local.

Dois homens que estavam em um carro Palio, cor prata, são os principais suspeitos, segundo o delegado. A placa do veículo não foi identificada.

Em junho, na Barra da Tijuca, bairro vizinho ao dos crimes de ontem, a empregada doméstica Sirlêi Dias Carvalho Pinto, 32, foi espancada e roubada por cinco jovens quando estava em um ponto de ônibus na avenida Lúcio Costa.

Bala perdida

Uma menina de 7 anos morreu na noite de sexta-feira na zona norte do Rio, após ter sido atingida na cabeça por uma bala perdida.

Andrielly dos Santos Pereira Farias saiu às 21h de uma igreja Batista na rua Ana Maria e estava a poucos metros de casa, no Morro da Cabeça D'Água, em Quintino, quando foi baleada.

No primeiro semestre de 2007, 170 pessoas foram vítimas de bala perdida. A maioria de com maior incidência foi justamente a 9ª AISP (Área Integrada de Segurança Pública), à qual pertence o bairro de Quintino, onde Andrielly morava. Foram 30 casos (8% do total no Estado), um deles com morte. A capital teve 151 casos no primeiro semestre.

De acordo com policiais militares do 3º Batalhão de Polícia Militar (Mêier), havia tiroteio devido a ruse por poder entre traficantes da localidade, da facção criminosa ADA (Amigos dos Amigos), no horário em que a menina foi baleada.

Menina de 4 anos é baleada em assalto no Guarujá

DA AGÊNCIA FOLHA, EM SANTOS

Uma menina de quatro anos foi baleada na perna ontem de manhã durante uma tentativa de assalto ocorrida no Guarujá (87 km da capital). A família é de São Paulo e tinha ido passar o Ano Novo litoral.

De acordo com a Polícia Militar, dois homens entraram na frente do veículo em que a menina estava, um Honda Civic prata, apontando uma arma.

O carro seguiu pela via Lúcio Martins Correa, que é

bastante movimentada e dá acesso à Encosta.

O motorista, que seria primo da criança, deu ré para tentar evitar o assalto. Nesse momento, um dos criminosos atirou contra o veículo e fugiu. A bala atingiu o peito um dos braços do motorista e a perna direita da menina. Outros familiares também estavam no carro, mas os pais da criança iam em outro veículo.

A criança foi atendida no hospital Santo Amaro, no Guarujá, mas não corre risco de morte. Até a tarde de ontem, ela continuava internada, em estado regular, sem previsão de alta, segundo informações dadas pelo plantão do hospital.

OMISSÃO CACERON

Página C6

Mais uma vez o uso do termo homofobia se dá com a compreensão de que o mesmo é autoexplicativo. O jornalista autor da matéria é do Rio de Janeiro e tem por base informações prestadas por um delegado de polícia para o qual "a principal hipótese para os assassinatos é 'homofobia'".

Dois meses depois a Folha abre espaço para a cobertura de outro incidente de cunho policial, com grande destaque já que a matéria contou com chamada na capa e constou da primeira página do caderno Cotidiano, no dia 21.02.08, uma quinta-feira:

cotidiano

FOLHA DE SÃO PAULO

QUINTA-FEIRA, 20 DE FEVEREIRO DE 2008 • C1

ESPORTE ▶
**SANTOS LANÇA
ATACANTE
ARGENTINO PARA
FUGIR DA CRISE**
Pag. 02

O atacante Topolli observa companhias em frente do Santos.

TRÂNSITO ▶
**FROTA DE
VEÍCULOS EM
SP CHEGA A
6 MILHÕES**
Pag. 04



Tráfego de veículos na viaduto do Glicério (centro), às 9h do sábado.

Jovem é multado por ofender gay e chamá-lo de "veado"

É a primeira vez que multa é aplicada desde a aprovação de lei contra a homofobia em SP

Segundo o processo, o rapaz dirigiu-se ao industrial com gritos e sons afetados, além de uma lata de cerveja e o chamou de "veado"

CRIMINALIDADE
DE SÃO PAULO

Um jovem de 27 anos, de Pontal (SP), foi multado em R\$ 14.000 pela Secretaria da Justiça do Estado após chamar de "veado" um homem de 48 anos, homossexual declarado, em um posto de gasolina do Estado.

É a primeira vez que essa multa é aplicada desde a criação da lei estadual nº 93.948, de 2003, e da formação da comissão para julgar os casos de homofobia, em 2002.

A 3ª de setembro do deputado Renato Simões (PT), vinculou-se penas às manifestações atentatórias ou discriminatórias contra homossexuais.

Até hoje houve apenas outras 82 denúncias à comissão municipal de direitos civis, participação por alegada falta de provas.

De acordo com a decisão da comissão, de 11 de janeiro, Luciano da Silva, 27, habitante de Itaquaquecetuba, está obrigado a pagar mil R\$ (R\$ 1.000) ao Estado de São Paulo porque ofendeu verbalmente e fisicamente o industrial e dono de uma mercearia, João Favaretto Neto, 48.

No dia 18 de novembro de 2006, Favaretto Neto foi abordado em seu carro no Auto Posto Pontal. Na ligação com o motorista do posto, Silva falou com insultos. De acordo com o processo, o veículo dirigiu-se ao industrial com "gritos e sons afetados", e, depois, atirou uma lata de cerveja contra Favaretto Neto, dois sem tapar em seu rosto e o chamou de "veado".

O industrial acionou a Polícia Militar, que presenciou Silva

atingindo-o com "veado".

Silva admitiu que chamou Favaretto Neto de "veado" e que atirou uma lata de cerveja contra ele, mas diz que não o atingiu. O litigioso nega que tenha dado um tapa no rosto de Favaretto Neto.

A comissão concluiu, por unanimidade, que houve "restringimento de ordem moral, em razão da sua ostentação sexual, na modalidade de vexação, humilhação, advertência e descoberto".

A Procuradoria Geral do Estado é quem faz a cobrança da multa. O dinheiro vai para os cofres do Estado — caso a multa não seja paga, Silva ficará inscrito na "Divisão Ativa". Ele não pode mais recorrer da decisão na secretaria porque perdeu o prazo, mas ainda pode tentar recorrer à Justiça.

Favaretto Neto também entrou com duas ações, uma que pede a multa e outra por danos morais, no Fórum de Pontal.

◀ LEIAM MAIS



João Favaretto Neto, que disse ter sido ofendido por um gay

Página C1

O uso discursivo se dá por parte da jornalista redatora da matéria em seu subtítulo. Os interlocutores ouvidos, além da vítima que aparece na foto, foram o jovem acusado, o vice-presidente da comissão da Secretaria de Justiça do Estado de São Paulo responsável pelo cumprimento da lei estadual, cujos detalhes são reunidos na matéria subsequente enxertada na página 3 do mesmo caderno. Lá consta a informação de que a lei "estabelece penas às manifestações atentatórias ou discriminatórias contra homossexuais", contando, ainda, com a entrevista das partes envolvidas:

Pitboy queria me humilhar e intimidar, diz homossexual

Industrial chamou a polícia, que chegou a ouvir agressões e testemunhou a seu favor

Neto, que aguarda audiência por danos morais, diz que condenação dada pela Justiça, de pagamento de um salário mínimo, é 'humilhante'

DA AGÊNCIA FOLHA

O industrial Sívio Favaretto Neto, 48, diz que o técnico de laboratório Juliano Araújo da Silva fez gestos como se ele fosse um "homossexual afetado". Neto conta ainda que levou um "tapa na cara" que policiais ouviram os singamentos e que, por isso, testemunharam a seu favor. Segundo ele, a cidade é "homofóbica". (A4)

FOLHA - Como teve início?

NETO - Favaretto Neto. Na hora do almoço, fui abstercer meu carro em um posto. Um grupo de seis rapazes estava na loja de conveniência e um deles, o Juliano, tipo um pitboy, grande, muito grande, estava sem camisa, bebendo, não sei se estava usando outra coisa, mas bebendo outra coisa, porque aí ficou uma latinha de cerveja em mim.

FOLHA - Os outros participaram?

NETO - Ficarei só assistindo. Aí, o Juliano começou a fazer gestos e a dizer: "Ai, ai, vadi-nho". Ficava rebolando, desmumbicando, como se eu fosse um homossexual afetado, mas eu não sou. Eu até poderia ser, mas o que ele tem com isso?

FOLHA - Como se reagiu?

NETO - Perguntei se ele estava falando comigo. Ele respondeu: "Seu veado, cala a boca". Aí, eu respondi que iria chamar a po-

lícia. Ele levantou da mesa e me deu um tapa na cara, não para me equivar, mas para me intimidar e me humilhar.

FOLHA - A polícia presenciou tudo?

NETO - Com a intimidação, eu chamei a polícia que, graças a Deus, chegou muito rápido. Ele continuava me agredindo verbalmente, dizendo: "Este veado está me enchendo o saco", e, depois, "Nem de veado eu gosto". Minha sorte foi essa, porque,

então, só tinha amigo dele e ninguém iria testemunhar a meu favor. No final, os policiais testemunharam a meu favor.

FOLHA - O sr. não ficou satisfeito com a decisão da Justiça de Portal, que condenou Silva a pagar um salário mínimo por agressão?

NETO - Achei tão pequeno, tão humilhante, que nem divulguei para ninguém. Agora, aguardo audiência por danos morais.

FOLHA - O sr. já havia sido agredido em outras ocasiões?

NETO - Já, muitas vezes. Todos os homossexuais da cidade são. Se eu tivesse conhecimento dessa lei [DO 948, de 2003] antes, já teria feito denúncias. Aqui em Portal, quem começa se machucar, sai logo, ou melhora e praticamente espulsa.

FOLHA - O sr. já entrou com alguma outra ação contra agressores?

NETO - Eu tenho um processo contra outro rapaz.

FOLHA - Ficou satisfeito com essa decisão da Secretaria da Justiça?

NETO - Foi uma vitória maravilhosa. Estou pensando em colocar em outdoor. Eu sei que é um grão de areia, mas, pelo menos, pode mudar um pouco a visão das pessoas de Portal, que é uma cidade homofóbica.

outro lado

'Veado é animal, que eu saiba', diz jovem multado

DA AGÊNCIA FOLHA

O técnico da laboratório químico da Usina Bela Vista Juliano Araújo da Silva, 27, diz que Sívio Favaretto Neto começou a briga no posto de gasolina. O técnico admite que chamou o industrial de "veado", mas diz que se refere ao animal. Silva afirma que não tem preconceito contra homossexuais e que tem "amigos assim". (A4)

FOLHA - O sr. iniciou a discussão?

JULIANO ARAÚJO DA SILVA - O que aconteceu foi uma briga. Ele dirigiu palavras para mim primeiro. Ele veio me xingando, quando estava com meus amigos. Ele acha que só porque tem dinheiro pode fazer isso com todo mundo. Ele está processando um monte de gente aqui.

FOLHA - De acordo com o processo, você o xingou de "vegado e sem afetado"?

SILVA - Já foi umas palavras para ele. Mas não imitei nada, não. Eu estava com os meus amigos, mas com um amigo minha que estava passando na rua e ele pensou que eu estava mexendo com ele.

FOLHA - Mas chamou o 'veado'?

SILVA - Veado é um animal, que eu saiba. Veado é um bicho. Eu chamo.

FOLHA - O sr. deu um tapa no rosto dele?

SILVA - Não. Eu joguei uma lata de cerveja nele, mas ela não acertou.

FOLHA - Agrediu Favaretto Neto na frente dos policiais?

SILVA - Os policiais chegaram depois, não tem como terem visto alguma coisa. Não podem testemunhar contra mim.

FOLHA - Já conciliou?

SILVA - Concluiu ele porque tem firma, é empresário. Nunca briguei com ele.

FOLHA - Tem preconceito contra homossexuais?

SILVA - Eu não. Tenho um monte de amigo que é assim. Ele é que tem preconceito com ele mesmo.

FOLHA - Vai recorrer da decisão da Secretaria da Justiça?

SILVA - No final do ano passado, eu recebi uma carta em que o juiz dizia não ter aceitado a acusação dele. Não sei sobre essa decisão de Janeiro. Como o primeiro papel dizia que já estava tudo terminado, nem procurei meu advogado. Mas, se tiver acontecido isso que você está falando, eu vou alegar calúnia e difamação. Eu acho que era ou quem deveria receber alguma coisa. Já prejudicado aqui no trabalho de tanto que fui ao fórum por causa de um cara que tem mais tempo do que eu, que não trabalha e ficou todo inteiro na rua.

JOVEM É MULTADO POR HOMOFOBIA

Medida do governo de SP é inédita

Q. O QUE PREVÊ A LEI

► Punição a qualquer discriminação contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. Em 2002, a Secretaria da Justiça criou uma comissão para apurar os casos.

COMO DENUNCIAR

► Vítimas de discriminação devem ligar para 0800 (11/3291-2722 (horário comercial))

► Por carta (que deve ser assinada), o endereço é: Palácio do Colégio, 134, 2ª andar, s/31 - CEP-03033-040 - SP

QUAIS AS PENAS

► Advertência

► Multa

R\$ 14.880 ou R\$ 44.640

(30 dias de suspensão)

Fonte: Comissão Permanente Especial da Secretaria de Justiça e Defesa da Cidadania

Página C3

Mais específico, o quadro produzido pela reportagem sob o título "Jovem é multado por homofobia" revela que a lei "prevê punição a qualquer discriminação contra homossexuais, bissexuais e transgêneros", informando, ainda, as penas aplicáveis e como as denúncias podem ser encaminhadas.

Notícias cotidianas persistem no caderno Cotidiano de 04.03.09, quarta-feira, com incidente policial ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, em notícia na qual o uso discursivo se dá por jornalista não identificado e foram ouvidas as vítimas e um militante da ONG Arco-Íris:

COM FÔNE

Após dar 'selinho' em amigo, homem é agredido no Rio

DA SUCURSAL DO RIO

Um beijo entre dois homens, um de 30 anos e outro de 19, terminou em agressão na escadaria de Santa Teresa, na Lapa, centro do Rio, na madrugada de segunda-feira.

Segundo as vítimas, o tumulto começou depois que eles se cumprimentaram com um "selinho" (toque rápido dos lábios). Ao ver a cena, eles contam que um grupo de dez pessoas os amea-

çou e um deles levou "socos e chutes". As vítimas acusam PMs de negar socorro.

Militante da ONG Arco-Iris e superintendente estadual de direitos individuais, coletivos e difusos, Cláudio Nascimento notificou a Secretaria da Segurança Pública, a Ouvidoria da PM e o comando do 13º BPM (centro), responsável pela área, pedindo providências. A reportagem não conseguiu contato com os órgãos.

Recorte da página C5 do caderno Cotidiano do dia 04.03.09.

A ampliação discursiva relacionada com a **realidade nacional** alcança outros nichos da FSP, como indica notícia publicada nas páginas do caderno de Informática do jornal na edição de uma quarta-feira, dia 20.05.09 (folha 2), sobre o projeto de lei que trata de crimes cibernéticos em debate no Congresso Nacional. O discurso aparece em rápida nota que cita pesquisa internacional que identificou o alto uso de redes sociais para promover a homofobia ao lado de práticas como o racismo, o antissemitismo e músicas de ódio e terrorismo.

E se repete poucos dias depois, na página 6 do Caderno Dinheiro da edição dominical de 07.06.09, sobre executivos que com sacrifício "rompem preconceito, saem do armário e conquistam espaço no mercado de trabalho". As vozes ouvidas são de executivos e executivas de grandes empresas públicas e privadas que relatam suas experiências pessoais. A folha conta, ainda, com matéria específica sobre os desafios enfrentados por Programas de Diversidade praticados por algumas empresas. A adoção de um discurso declarado e contrário à homofobia aparece no seguinte momento do texto, ressaltando o caráter pedagógico resultante do programa adotado pelo Governo Federal:

As conquistas, como planos médicos e odontológicos empresariais extensivos a seus companheiros, cresceram na mesma proporção das

reclamações a órgãos públicos. Desde que o governo federal implementou o programa "Brasil sem **Homofobia**", em 2004, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) passou a receber mais reclamações sobre discriminação nas empresas (grifo nosso).

3.1.1.1 As pesquisas sobre homossexualidades e homofobia (2004-2009)

O conjunto de páginas selecionadas indica a veiculação de uma considerável quantidade de pesquisas especializadas sobre a homossexualidade e, em especial, o fenômeno da homofobia, confirmando o interesse da FSP em divulgar mais dados sobre uma temática, que aos poucos se consolida como um problema social, gerando em torno dele uma demanda pública.

Tal tipo de material aparece pela primeira vez na Folhateen da edição dominical de 22.03.04 é bem específica, contando com chamada na capa do jornal:



Detalhe da capa do dia 22.03.04.

E na capa do suplemento:

Capa da Folhateen do dia 22.03.04.

As matérias ocupam duas páginas inteiras, com grande destaque e fotos de dois adolescentes entrevistados:

Programas tentam combater o preconceito contra homossexuais

ADOLESCENTES ENTREVISTADOS

ADOLESCENTES ENTREVISTADOS

...mas não é apenas a cultura de medo de ser expulso do ambiente escolar...
 ...a maioria dos jovens que não se identifica com o rótulo de "gay" ou "lésbica" também não se sente confortável com o rótulo de "heterossexual"...
 ...a maioria dos jovens que não se identifica com o rótulo de "gay" ou "lésbica" também não se sente confortável com o rótulo de "heterossexual"...

SINAL FECHADO

...mas não é apenas a cultura de medo de ser expulso do ambiente escolar...
 ...a maioria dos jovens que não se identifica com o rótulo de "gay" ou "lésbica" também não se sente confortável com o rótulo de "heterossexual"...

País ainda não tem legislação federal contra preconceito

Questão divide adolescentes

Questão divide adolescentes

...mas não é apenas a cultura de medo de ser expulso do ambiente escolar...
 ...a maioria dos jovens que não se identifica com o rótulo de "gay" ou "lésbica" também não se sente confortável com o rótulo de "heterossexual"...

SINAL FECHADO

...mas não é apenas a cultura de medo de ser expulso do ambiente escolar...
 ...a maioria dos jovens que não se identifica com o rótulo de "gay" ou "lésbica" também não se sente confortável com o rótulo de "heterossexual"...

Páginas 6 e 7 da Folhateen da edição do dia 22.03.04.

A reportagem faz referência à pesquisa da Unesco então recém divulgada que revelou grande nível de preconceito entre estudantes de nível médio no Brasil contra os homossexuais. São explicadas iniciativas

praticadas na rede de ensino municipal em São Paulo que levam discussão de temas relacionados com a sexualidade às salas de aula, além de programas de capacitação dos educadores. Uma matéria aprofunda que "País ainda não tem legislação federal contra preconceito". É interessante perceber que o texto produzido por uma jornalista da reportagem local encampa um discurso contra a homofobia, em momento algum fazendo uso do termo, que aparece na fala de um estudante universitário, na matéria "Questão divide adolescentes", que diz: "Já sofri preconceito declarado e vários preconceitos velados, mas sou firme. No meu trabalho tem uma pessoa que declarou abertamente a sua **homofobia** e não fala comigo. Acho menos pior de que preconceito disfarçado.", diz Ricardo" (grifo nosso).

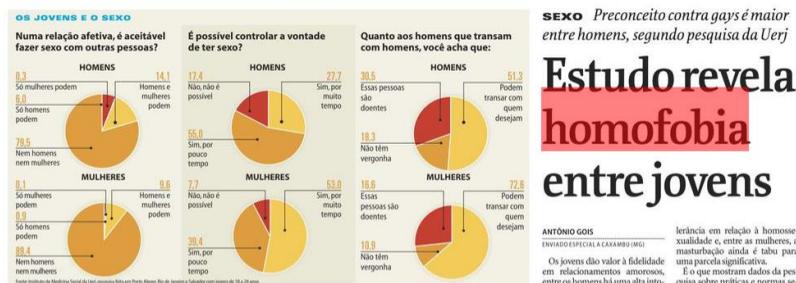
As vozes ouvidas são de educadores, ativistas, um psicólogo coordenador do Grupo de Pesquisa em Orientação Sexual vinculado à rede municipal de ensino, além de estudantes universitários.

Na edição do dia 23.09.04, no caderno Cotidiano de uma quinta-feira uma reportagem repercute pesquisa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro sobre o preconceito enfrentado pelos homossexuais:

FOLHA DE SÃO PAULO

COTIDIANO

quinta-feira, 23 de setembro de 2004 C 7



Página C7 do caderno Cotidiano do dia 23.09.04.

A pesquisa conduzida pelo Instituto de Medicina Social da UERJ⁶² revela que intolerância de jovens de todas classes sociais contra os homossexuais é "significativa":

⁶² O texto explica que a pesquisa foi apresentada no 14º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu (MG) e que a enquête foi feita com 4.634 jovens de 18 a 24 anos nas cidades de Porto Alegre, Salvador e Rio de Janeiro.

O texto principal produzido por jornalistas da sucursal do jornal no Rio de Janeiro menciona diversas pesquisas⁶³ que indicam um alto grau de intolerância de estudantes jovens para com colegas homossexuais, além da falta de preparo dos educadores em lidar com os desafios colocados por aquele contexto preconceituoso. No decorrer da matéria são ouvidos educadores e pesquisadores, sendo eles os autores das práticas discursivas pinçadas: "Desde que fizemos a primeira pesquisa sobre violência entre jovens, há nove anos, encontramos uma situação de **homofobia** muito intensa, e por isso fomos aprofundando essa questão" (grifo nosso), afirmou Miriam Abramovay, do Observatório Ibero-Americano de Violência nas Escolas, que logo a seguir complementou: "Nossa sociedade é **homofóbica**. Tenho certeza de que professores e alunos apenas reproduzem esse quadro. No caso dos professores, é preciso lembrar também que o tema da diversidade é muito pouco discutido nas faculdades de educação" (grifo nosso).

O parágrafo seguinte abriu espaço para mais declarações das pesquisadoras assim:

Na opinião da coordenadora do CLAM, Jane Russo, na raiz dessa **homofobia** há também uma questão de gênero: 'É uma visão tradicional da sociedade que coloca a mulher num papel submisso. Nesse sentido, o homem que é "mulherzinha" é menos respeitado, e isso é mais forte nas classes mais pobres'.

Para Abramovay, outra possível explicação é o fato de esses adolescentes estarem numa fase de resolução da sexualidade: 'Essa **homofobia** pode surgir por medo de parecer igual a alguém que é rechaçado pela sociedade (grifo nosso).

Em outubro de 2007 uma edição dominical da FSP traz um "retrato falado" da família brasileira" em um encarte especial no formato de revista:

⁶³ Da Unesco, da OEI - Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura e do CLAM - Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.



Capa da Revista Família publicada no dia 07.10.07.

Nela são divulgados os resultados de pesquisa do Instituto Datafolha que abordava o comportamento socioambiental da família brasileira em assuntos relacionados com a sexualidade, estabelecendo um comparativo com pesquisas similares realizadas nos anos de 1998 e 2007. Entre outros aspectos os levantamentos revelam uma diminuição do preconceito contra a homossexualidade:



revista *família brasileira* 7 de outubro de 2007 ◀ 7

Recorte da p. 7 da Revista Família que circulou na edição do dia 07.10.07.

Os textos correspondentes e as tabelas anteriores situam que os percentuais apresentados na cor azul dizem respeito aos filhos e em rosa às filhas, sendo que os percentuais do lado esquerdo de cada um dos quadros são os apurados no ano de 1998 e os do lado direito em 2007. Especificamente com relação a pergunta "Acha muito grave o (a) filho (a) namorar alguém do mesmo sexo?", o último levantamento apurou uma queda de 20% e 19%, respectivamente, dos pais que responderam afirmativamente.

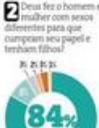
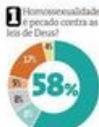
De modo geral os interlocutores ouvidos, a antropóloga Regina Facchini, os professores e ativistas LGBT Luiz Mott e James Green, e o psicanalista Jurandir Freire Costa opinam que os resultados indicam uma queda no preconceito dispensado aos homossexuais, atribuindo à tendência a uma soma de fatores tais como: maior visibilidade do movimento LGBT, o Programa Brasil sem Homofobia do governo federal, o maior número de pessoas se assumindo, além da influência das novelas brasileiras. Dos dois fragmentos discursivos vinculados a homofobia encontrados no decorrer do texto um faz referência ao projeto de lei que objetiva criminalizar a prática e o outro ao mencionado programa governamental.

Confirmando que as pesquisas despertam interesse por parte do público leitor outro estudo especializado é publicado no dia 08.02.09, numa edição de domingo, no caderno Cotidiano:

DIVERSIDADE SEXUAL E HOMOFOBIA

Pesquisa da Fundação Perseu Abramo mostra preconceito sobre gays, bissexuais, homossexuais, travestis e transexuais

Concorda totalmente 58%
Concorda em parte 29%
Concorda em parte 7%
Concorda em parte 2%
Discordo em parte 2%
Discordo totalmente 2%



Legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo



72% gostariam de votar no PT/PSB nas eleições municipais, mas não votaram ainda

92% afirmam não aceitar preconceito contra gays e bissexuais, mas 12% dizem que, atualmente, não aceitam preconceito contra gays e bissexuais, embora não votem

70% afirmam que se importam de ter um colega de trabalho gay ou bissexual, embora não votem

72% afirmam que se importam de ter um colega que ou bissexual, embora não votem

Homossexualidade é pecado para 58%, aponta pesquisa

Estudo mostra que 28% dos brasileiros admitem ter preconceito contra homossexuais

Para Gustavo Venturi, um dos coordenadores da pesquisa, religiões e a cultura machista no Brasil favorecem a discriminação

MARCIO PINHO

Uma pesquisa sobre sexualidade e preconceito revelou a homossexualidade que 58% dos brasileiros consideram um pecado contra as leis de Deus e que 29% a apontam como uma doença a ser tratada.

Muitas igrejas continuam fechadas para comportamentos que fogem do heterossexual "padrão". Além disso, a cultura machista no Brasil facilita que o preconceito seja admitido com mais facilidade. Diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, onde há uma maior aceitação da diversidade sexual, no Brasil há uma cultura mais conservadora, afirma Gustavo Venturi, um dos coordenadores do estudo e professor de sociologia da USP.

Um projeto que pretende mudar esse quadro, transformando a homossexualidade em um tema de discussão pública, após ter sido apreendida na Câmara.

Preconceito

A pesquisa mostra manifestações de preconceito em diferentes situações. A maioria não gostaria de ter um filho gay, mas permitiria aceitar. Há um número menor (22%) de defensores da tese de que im-

plicar "vício" lobica porque não condizem com o modelo de família. No entanto, no Nordeste, afirma Gustavo Venturi, o preconceito é mais acentuado. Mas isso é pouco no vídeo de César Xavier, coordenador de comunicação da APOLEGUE (associação que acolhe a Parada Gay em São Paulo). Para ele, a pesquisa mostrou que a luta contra o preconceito é um desafio maior do que se imagina.

"Temos um estado homofóbico. A televisão tem personagens gays para fazer chacota com eles", critica o diretor.

Religião

Além da ideia de pecado, estudo revelou que 84% concordam completamente com a ideia de que homem e mulher foram criados por Deus para completarem a função de ter filhos, o que é considerado um preconceito machista.

Felipe Antônio Moore, professor de teologia moral, diz que a Igreja Católica tem uma concepção de relação entre homem e mulher criados por Deus, mas busca acolher os homossexuais. "A homossexualidade não existe. O que existem são pessoas. Não podemos julgar, cobrar todos em uma mesma base de heterossexualidade ou homossexualidade. Nossa grande preocupação é a mobilidade, a orientação. Não se ligar para quem você é, mas quem você quer ser. Não se ligar para quem você é, mas quem você quer ser. Não se ligar para quem você é, mas quem você quer ser."

49% se disseram contra união entre mesmo sexo

INTERPRETAÇÃO

Tema controverso, a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo teve 49% dos entrevistados pela Fundação Perseu Abramo em oposição (40% "totalmente contra" e 9% "em parte contra") e os homens tiveram posição mais claramente contrária: 49% entre 56%.

Folha C5 do caderno Cotidiano da edição do dia 08.02.09.

O estudo conduzido pela Fundação Perseu Abramo e pela fundação alemã Rosa Luxemburgo Stiftung constatou um alto índice de homofobia manifestado pelos brasileiros de modo geral, sendo que 58% dos entrevistados consideram a homossexualidade um pecado e 29% a reconhecem como uma doença a ser tratada. Além disso, 49% das pessoas sondadas manifestaram-se contra a união civil entre pessoas de mesmo sexo.

O discurso sobre a homofobia, conceituada como a aversão a homossexuais, aparece em diferentes momentos ao longo do texto, na voz de pesquisadores e ativistas:

Segundo os organizadores, o "primeiro estudo a mapear de forma tão ampla" a **homofobia** deixou claro a facilidade de o brasileiro confessá-la. Isso porque 28% disseram "admitir" ter preconceito contra LGBT, enquanto outra pesquisa também da Fundação Perseu Abramo, de 2003, mostrou que o

preconceito assumido contra negros - problema histórico no país - era de 4%.

"Há a contribuição das religiões na nossa população de maioria católica e evangélica. Muitas igrejas continuam fechadas para comportamentos que fogem da "heteronormatividade". Além disso, a cultura machista no Brasil facilita que o preconceito seja admitido com mais facilidade. Diferentemente da questão racial, não houve até agora uma legislação criminalizando a **homofobia**", afirma Gustavo Venturi, um dos coordenadores do estudo e professor de sociologia da USP.

Um projeto que pretende mudar esse quadro - transformando a homofobia em crime- tramita no Senado, após ter sido aprovado na Câmara.

Preconceito

A pesquisa mostra manifestações de preconceito em diferentes situações. A maioria não gostaria de ter um filho gay, mas procuraria aceitar. Houve um número razoável (23%) de defensores da tese de que mulher "vira" lésbica porque não conheceu homem de verdade. Os maiores níveis de aversão foram no Norte e no Nordeste.

Para Venturi, o grande problema é que, mais do que nas relações pessoais, a discriminação tem participação institucional. Nas empresas, por exemplo. Contudo, reconhece que, nesse quesito, aparece um dos itens em que o brasileiro se mostra mais aberto à diversidade - 70% dizem que não se importariam de ter colega de trabalho gay ou lésbica.

Mas isso é pouco na visão de Cezar Xavier, coordenador de comunicação da APOGLBT - associação que coordena a Parada Gay em São Paulo. Para ele, a pesquisa mostrou que a luta contra o preconceito é um desafio maior do que se intuía.

"Vivemos um estado **homofóbico**. A televisão tem personagens fixos para fazer chacota da homossexualidade. Para o movimento homossexual isso é algo perverso. Afeta desde a criança na escola até o adulto", afirma. Ele lamenta existir preconceito entre os próprios homossexuais, em relação a si mesmos ou entre grupos.

Para Xavier, existe também uma matriz religiosa forte por detrás da **homofobia**, que reforça uma visão já existente de que a homossexualidade é uma opção. Ele afirma que essa matriz influi inclusive na falta de leis.

"Temos um lobby religioso no Congresso que dificulta a aprovação da lei do crime de **homofobia**. Ela é essencial. Vivemos num país de grande violência contra homossexuais" (grifo nosso).

A mesma pesquisa é retomada em reportagem publicada no dia 15.05.09, no caderno Cotidiano de sexta-feira, com grande destaque revelando uma contradição pouco debatida:

C6 cotidiano SEXTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 2009

foco

Homossexuais dizem em pesquisa que parentes são os que mais discriminam

JOHANNA NUBLAT
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Os parentes, excluindo pai e mãe, são os que mais discriminam gays e lésbicas, segundo percepção deles próprios em pesquisa da Fundação Perseu Abramo e do Instituto Rosa Luxemburg Stiftung.

Na pesquisa, 59% dos 413 gays e lésbicas entrevistados disseram já ter sofrido discriminação devido à sua orientação sexual. Os dados foram

coletados em 18 cidades das regiões metropolitanas de SP, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém.

As pessoas que mais discriminam são as que têm relação próxima, de acordo com a pesquisa. Dos ouvidos, 31% disseram ter sofrido preconceito da família ampliada, 27% de colegas da escola, 26% em locais de lazer, 24% de amigos e 22% de pai e mãe, em pergunta estimulada e de

resposta múltipla.

Além disso, 26% também disseram acreditar que o combate à discriminação é um problema apenas pessoal, contra 70% que afirmam achar que questão deve ser tratada pelos governos.

O estudo foi divulgado ontem, no 6º Seminário LGBT, na Câmara dos Deputados.

Líderes de movimentos de gays, lésbicas e travestis apoiaram a intenção do governo de restringir programas de TV com conteúdo homofóbico em horários vistos por crianças e adolescentes, noticiada ontem pela **Folha**. Depois, fizeram um protesto contra a **homofobia** na rampa do Congresso.



Líderes de movimento protestam contra a **homofobia** no DF

Página C6

A matéria vem acompanhada de foto colorida com dois casais de ativistas gays se beijando e foi toda articulada na voz indireta da jornalista da sucursal de Brasília. Nela é reproduzida uma das conclusões da pesquisa no sentido de que "As pessoas que mais discriminam são as que têm relação próxima", e o uso discursivo também se dá na voz indireta da jornalista ao mencionar que os líderes do movimento fizeram um protesto contra a homofobia.

3.1.2 Os discursos de opinião (2004-2009)

A fermentação discursiva do período também foi perceptível no campo dos discursos de **opinião**, num total de 57 ocorrências, com um

incremento tanto na participação de eleitores como de eleitoras se integrando aos debates em torno da homofobia, tendo por base acontecimentos noticiados pelo jornal e/ou opiniões nele veiculadas por articulistas eventuais ou semanais; como se deu no caso da coluna GLS publicada no decorrer de todo o período nas edições dominicais, no suplemento Revista da Folha (o que explica a alta incidência de casos em domingos, em 25 do 57 registros).

Aquela coluna assinada se firma como importante espaço não só para a circulação de informações de interesses da comunidade LGBT, como, também, para a reflexão de diferentes temáticas a ela relacionadas, com destaque para o desafio do combate à homofobia, com confirmam os seguintes fragmentos:

32 plural macho [por Marco Antonio Araújo]

É namoro ou amizade?

Tenho muitas amigas. Na verdade, prefiro a amizade das mulheres à dos homens. Em geral, elas são compassivas, bem mais agradáveis, divertidas, sensíveis e inteligentes. Sorriem quando sou um pouco engraçado, choram quando eu não sou. Não citam livros e autores que nunca liam e discutem temas de moda. Além disso, gostam de dançar, talvez ouvir confissões, bebem dry martini, costumam brigar e são mais perfumadas.

Os poucos homens que conheço e que têm essas qualidades possuem parças tão com mulheres, o que é justo. Em sua maioria, os rapazes se sentem mais seguros no território do clube do que na fila do supermercado. Levam-se a sério, são mais tomados, geralmente ficam sem graça e pensam que precisam parecer raios. São burros, além disso, costumam brincar e beber demais.

A famosa solidão masculina, de fato, existe. Mas consiste em sentir solidão, ser difícil de alargar e não dar em cima de outras mulheres, principalmente quando elas são fiéis. Fora isso, o repertório básico de uma conversa entre machos vai da bunda da Juliana Paes à burrada da Maradona. Claro que há exceções: alguns preferem discutir longamente sobre macroeconomia e conjuntura política. Mas isso é assunto para se tratar com um amigo!

Muitas amigas me dizem que eu sou melhor e que são chatas, competitivas e superficiais. Entre elas, talvez. No sentido físico, se comportam muito bem. E no fim, sou grato por muitas coisas. São um pouco chatas, calças largas e camisas pólo. Sei calcular período de validade e fazer sempre amor. Não olho a Brasil Pê e acho muito bonito, o que eu posso fazer? Nunca mais machoquei uma namorada pensando que

estava lhe dando prazer. Para completar, sou muito perfumado.

Comos amigas, elas só têm uma grande diferença quando se apaixonam, costumam reprimidamente e se apaixonam se o romantismo acaba. Homens não são muito sérios, se desapegam quando seus times não vencem, com modo de gratidão. Porém muitas amigas continuam assim...

Claro que amizade gera intimidade. Se duas pessoas se dão bem, ficam horas conversando, riamos a certa do bar, compartilham notícias e fofocas, apelam a se apoiar e, de repente, percebem que o outro está ali que é bem intencional. Deixa trilha, pelo, comichões, a vida é movimento. E depois tem gente que critica o sexo entre amigos... Querem a que, que a gente trane com amigos?

[e-mail: marcoantonioaraujo@uol.com.br](mailto:marcoantonioaraujo@uol.com.br)

GLS [por André Fischer]

Brasil sem homofobia

Você consegue imaginar nossos pais livres de manifestações violentas de ódio e homofobia? A Secretaria de Direitos Humanos lançou, na terça-feira, um ambicioso projeto de combate ao preconceito contra gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. O programa, Brasil Sem Homofobia - Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual apresenta 53 propostas nos áreas de educação, justiça, segurança, saúde, trabalho e cultura. O projeto expõe linhas gerais de ações do governo federal envolvendo dois ministérios.

Entre as partes destacadas estão o combate à discriminação no ambiente de trabalho, campanhas publicitárias para uma cultura de paz e de não-violência, criação de centros de referência, produção e distribui-

ção de materiais educativos sobre orientação sexual, separação de **homos** para alunos e professores e mudança de atitude de profissionais de saúde no atendimento da população GLTB.

O plano é implantar essas diretrizes até 2007. Na real, se acelerarmos que pelo menos metade esteja em andamento, temos data e a mentalidade dos gestores devem ser um modelo, podemos começar a trabalhar a luz do sinal da ignorância homofóbica, onde indistintamente ainda se encontra boa parte da sociedade brasileira.

Para saber mais sobre o projeto, acesse www.mideh.gov.br/brasilsemhomofobia.

No último semana, o movimento gay organizado sofreu uma redefinição por mais uma gafe do presidente. Em entrevista à mo-

vista "Epoca" sobre o caso "The New York Times", Lula tentou se defender do mal-estar criado por sua reação contra o mal-estar lido entre colunistas: "Depois o pouco aligeiro vai dizer que sou gay e você não sabe se deixar fazer nada". Parece que bebi...

Apesar da gratidão dos conservadores, o estado norte-americano de Massachusetts já está realizando casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Casamento sim, como já fizeram Holanda, Bélgica e Canadá, ignorando ao tradicional homem-mulher. Pernambuco já pode planejar uma viagem turística ao balneário gay de Provincetown incluindo uma paisagem pelo cenário local.

[e-mail: andrefischer@uol.com.br](mailto:andrefischer@uol.com.br)

fale com ele

Insanidade temporária

por Francisco Daudt

Não sei por que, mas todas as vezes que me apaixonou, começo a testar a mulher desprezando-a, gelando-a e maltratando-a para ver se ela me ama mesmo. Elas acabam me abandonando ou eu abandono as que resistem ao teste. Sou doído?

NÃO. A PAIXÃO JÁ É UM problema em si. Ela é um estado de insanidade temporária que serve ao comando de nossos genes: procriar e ajudar para que a cria não morra. A paixão vai ser modulada pelo cérebro que a produz, e ele pode ser sadio ou não. Dessa forma, teremos paixões mais normais (próximas da avaliação da realidade) e outras mais doentes (pré-formatadas pelas doenças do cérebro).

Serão paixões neuróticas, perversas e psicóticas. O cine-madora as últimas: "Mulher Solteira Procura" outra para transformá-la em irmã gêmea morta; "O Colecionador" aprisiona a amada no porão junto com as borboletas de seu hobby. As neuróticas são mais comuns: saímos à procura de alguém parecido com os formadores de nosso aprendizado afetivo e esperamos desse alguém que corrija o mal.

A sua se parece com a paixão perversa, sadomasoquista. Ela se assemelha com a neurótica, mas tem o componente perverso do "dane-se, eu sei, mas vou fazer". Você não quer consentir, quer se vingar dos fantasmas do passado. Devo dizer que seu caso tem salvação, já que você se estranha.

Francisco Daudt é psicanalista e escreve quinzenalmente nesta coluna.
revista.falecomele@grupofolha.com.br

gls

Um clique contra a homofobia

por Vitor Angelo



Foto: R. M. Cavalli

PRIMEIRO VEIO UM E-MAIL de um amigo, depois de outro, até a escritora Clarah Averback que, a princípio tem muito pouco a ver com tudo isso, escreveu em sua página no Facebook: "Bom, eu não costumo passar essas coisas, mas essa é importante". Sobre "essas coisas", ela se refere às odiadas correntes que chegam em nossas caixas de mensagens. Mas o teor desta vez é da maior importância.

De forma viral, parte da sociedade está se mobilizando contra um resultado, que, mesmo simbólico, pode abrir precedentes ruins para o futuro dos homossexuais no país.

Durante todo o mês de novembro, o site do Senado (www.senado.gov.br) colocou na sua home uma enquete sobre o PL/C 122/2006 que torna crime o preconceito contra os homossexuais. Até quinta-feira passada, o resultado estava sugerindo empate com 51% a favor do projeto de lei, contra 49%, que adoram chamar a proposta de "ditadura dos gays", invertendo os conceitos e camuflando a intolerância com um manto religioso. Mais de 290 mil votos já foram computados, e a enquete se encerra amanhã.

Pergunto-me sobre as milhões de "bees" e simpatizantes que aparecem nas passeatas gays do Rio e de São Paulo. Onde foram parar? Também questiono certas igrejas que falam tanto de amor, mas defendem o ódio e a intolerância.

Sim, é uma pequena batalha, não só dos gays, mas de todos que querem ver nossa sociedade avançar.

Vitor Angelo é jornalista e esportista e escreve quinzenalmente nesta coluna.
revista.gls@grupofolha.com.br

Revista da Folha de 29.11.09, Coluna GLS, p. 49

O mesmo espaço passou a ser assinado quinzenalmente pela cantora e compositora lésbica Vangue Leonel a contar de 2001, abordando a invisibilidade imposta às mulheres que gostam de mulheres e de homofobia, como no seguinte exemplo:

(plural)

fale com ele
Como na Grécia Antiga
 por Francisco Duaili



glis
Mulheres invisíveis
 por Várgo Leonel

Quando eu era adolescente, aos 17 anos, um primo mais velho, de 20 anos, de quem eu gostava muito, começou a ser cada vez mais carinhoso comigo. Um dia, ele disse que me amava, que queria me dar prazer e que ia me ensinar como. Ele foi extremamente amoroso e cuidadoso. E eu gostei tanto que sempre me entreguel. Nossa relação durou até os meus 20 anos, quando tive a primeira namorada e parei com aquilo, porque me parecia traição. Mas a verdade é que me lembro dele com amor e saudade. Qual é a minha verdadeira sexualidade?

PELO HISTÓ DA SUA CARTA, entendi que você nunca se sentiu atraído por outro homem. Nem antes nem depois. É capaz de você ser um hetero daqueles para quem o desejo homo nem é um assunto. Mas parece que o mesmo comam às vezes te põe uma palha atrás da orelha. Você deve ter erofitismo anal, ainda incosum em heteros, apesar de eles desconfiarem disso.

Seu primo tinha desejo homo, mas era masculino, forte e protetor. Creio que você tiveram uma história de amor como na Grécia Antiga: o amor parental expresso em desejo pleno de delicadeza. É uma força poderosa. O privilégio encontrando o protetor que lhe emina e acolhe suas fragilidades com respeito.

O prazer de ser passivo é algo perturbador para os heteros (acho que isso é coisa só de gay). A sexualidade humana é complexa e rica. Cada indivíduo tem a sua. Aproveite em paz suas belas lembranças.

Francisco Duaili é jornalista e escritor especializado em texto literário.
 Duaili: fduaili.com.br

“EU ME LEMBO DA PRIMEIRA VEZ em que fui presa. Tinha 21 anos e estava namorando dentro do carro. Fiquei três meses na prisão e fui chicoteada. Quando sai, minha família me obrigou a casar com um parente. Mas eu continuava tendo uma namorada.

Da segunda vez em que fui detida, fui obrigada a confessar meu lesbianismo. Me colocaram numa solitária e me bateram até sangrar. O juiz da corte revolucionária sugeriu que eu cooperasse e entregasse outras lésbicas de Irbilhan. Eu me neguei e fui novamente espancada.

Na prisão, havia outras 28 mulheres encarceradas por serem lésbicas. Eu era torturada todos os dias até que me condenaram à morte por enforcamento. Mas consegui escapar da prisão pagando propina e apelando para pistoleiros.

Saí do Irã e vim para Turquia, refugiada. Mas continuei isolada. O medo é meu companheiro constante. As lésbicas iranianas não podem sequer levar uma vida secreta. Ninguém aceita que uma mulher more sozinha ou sem um homem ao lado. Se eu pudesse, rogava todas de lá.”

Este é o relato resumido de uma lésbica iraniana à HQO (Human Queer Organization), grupo que, entre outras tarefas, tenta impedir a deportação de homossexuais refugiados de volta ao Irã.

Aqui no Brasil, lésbicas estão em situação melhor. Mesmo assim, muitas garotas preferem levar vidas secretas, permanecendo invisíveis. Por que? Medo infundado? Ou **homofobia** (revelada ou disfarçada) ainda persiste aí por aqui?

Várgo Leonel é jornalista, escritora e editora especializada em texto literário.
 vangelionel@uol.com.br

[REVISTA DA FOLHA] 2 de Setembro de 2007 33

Revista da Folha de 02.09.0764, Coluna GLS, p. 49

A circulação de opiniões é incrementada, com diferentes exemplos de intertextualidade como dia 28.07.04, uma quarta-feira, em que a FSP publica na coluna Tendências e Debates do Primeiro Caderno o seguinte artigo do escritor João Silvério Trevisan:

⁶⁴ Edição cuja capa estampa a manchete em destaque "Lula pede ao PT a defesa dos réus do mensalão".

A igreja e a homofobia

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

DESDE a década de 1980, a homossexualidade é um ponto-chave na resaca da política conservadora imposta por Margaret Thatcher, João Paulo 2º e, agora, George W. Bush.

Thatcher ressuscitou antigas leis britânicas contra práticas homossexuais. Em sua campanha pela reeleição, Bush tem levantado a bandeira contra a legalização de uniões homossexuais, tentando até mudar a Constituição norte-americana. João Paulo 2º é um caso ainda mais complicado. Seu longo pontificado se caracterizou pelo desmonte das conquistas do Concílio Vaticano 2º, que buscavam afinar o diálogo da igreja com o mundo moderno. Numa cruzada de fundamentalismo político-religioso, destituiu bispos progressistas, puniu teólogos mais corajosos (Leonardo Boff, entre outros) e endureceu contra costumes "anticristãos".

Em vários países (inclusive no Brasil), a Inquisição católica perseguia, humilhava e condenou homossexuais (então chamados de sodomitas), por seus "desvios" da moral cristã. O Santo Ofício da Inquisição mudou de nome: Congregação para a Doutrina da Fé. Mas o anátema à homossexualidade continua. Dentre a enxurrada de recentes condenações do Vaticano, há o documento "Sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais", publicado em junho de 2003, pela citada congregação. Ali se afirma que "as relações homossexuais estão em contraste com a lei moral natural", pois "fecham o ato sexual ao dom da vida". Por seu "caráter imoral", a união entre pessoas do mesmo sexo é considerada "nociva a um reto progresso da sociedade humana".

Invertindo os pólos da acusação de discriminação, o documento considera as uniões homossexuais "contrárias à justiça", portanto não aceitáveis e uma exigência justa.

No mesmo período saiu o "Lexicon" do Conselho Pontifício para a Família, um calhamaço com a posição eclesial sobre conceitos morais polêmicos. O verbete "homossexualidade" ostenta

A igreja não se dá conta sequer do sofrimento psíquico que impõe a milhares de homossexuais católicos

um extraordinário compêndio de velhos preconceitos, num raciocínio capcioso que chega à arrogância. Contrapondo-se à Organização Mundial da Saúde, define a prática homossexual como "um conflito psíquico não resolvido", que "favorece um desvio", o que a torna "contrária ao vínculo social e aos fundamentos antropológicos". Assim, desautoriza casais homossexuais a constituírem famílias, sob pretexto de se tratar de "atormentados" que sofrem de "impotência ansiosônica".

Numa inversão perversa que torna a sociedade vítima de militantes homossexuais, o documento acusa-os de conspirar para ganhar poder até na ONU e no Parlamento Europeu. E demoniza homossexuais como vilões que minam a moral familiar.

Há cristãos, ao esconder que a própria igreja partilha da responsabilidade de criar atormentados/as. Bastaria um mínimo de sensatez para compreender como o seu poder espiritual afeta gravemente a vida de milhões de pessoas, por minar a auto-estima e estimular o ódio social aos homossexuais. Ao contrário de sua propalada vocação pastoral, a igreja não se dá conta sequer do sofrimento psíquico que impõe a milhares de homossexuais católicos/as e a numerosa parcela homossexual do clero. Prefere uma prática inquisitorial, através de triagem psicológica que, desde a década de 1980, recusa candidatos homossexuais nos seminários para padres. Esse dado me foi confirmado por um seminarista gay, que passou no teste porque não apresentava traços alfinados.

Tenho vários amigos, conhecidos e

leitores que são padres homossexuais. Alguns tentam driblar a instituição. Outros vivem nas cavernas, atormentados pela possibilidade de serem descobertos. Não por acaso, as estatísticas sobre padres HIV positivos e mortos por Aids constituem uma caixa-preta guardada pela hierarquia católica no Brasil.

Em todo o mundo, começam a pipocar reações a essa instituição enrijecida no trato com o mundo moderno. Em Madrid, 1.200 homossexuais entregaram recentemente, ao arcebispo local, declarações de abandono da fé católica. Em São Paulo, a Defensoria Homossexual iniciou uma campanha de ações judiciais em massa contra o cardeal emérito do Rio de Janeiro, dom Eugenio Sales, acusando-o de recorrentes agressões homofóbicas na mídia — por exemplo, ao brandir a Bíblia para dizer que homossexuais devem morrer. E a arquidiocese americana de Portland acaba de pedir falência, por causa das inúmeras indenizações judiciais solicitadas por homens que, na infância, sofreram abuso sexual de padres.

Nem o título de vigário de Cristo autoriza o papa a intervir na vida pessoal dos indivíduos. Afinal, o mundo moderno aboliu faz tempo as teocracias. Enquanto se aferra a leis-egípcias, a instituição católica se mostrará incapaz de compreender a mais extraordinária experiência humana, que é o amor, em suas diversificadas expressões. Se compreendesse, deveria pedir perdão aos homossexuais e demais pessoas que, por séculos, foram punidas fisicamente ou ainda hoje sofrem com a dor da culpa só porque suas formas de amor extravasam diretrizes doutrinárias da mais influente instituição religiosa do mundo.

Assim como a alma humana é maior do que os compêndios eclesiológicos, a justiça está acima dos fariseus e doutores da lei, que usam o nome de Deus para ganhar poder e, com isso, atropelam a mensagem evangélica do amor.

João Silvério Trevisan, 65, escritor e roteirista, é autor de "Em Nome do Deus", "Desvios no Paradiso" e "Adeus em Veneza" (ambos publicados pela ed. Record).

Fragmento da p. A3 do Primeiro Caderno do dia 28.07.04.

Nele o articulista investe de modo franco e direto contra a homofobia patrocinada pela Igreja católica através das manifestações intolerantes de suas principais lideranças que repercutem na mídia. O uso do termo aparece no título e no curso do artigo⁶⁵.

No dia seguinte, 29.07.04, quinta-feira, o mesmo Primeiro Caderno publica a opinião de um leitor integrante do Grupo Católicas pelo Direito de Decidir, com o seguinte teor:

⁶⁵ Na afirmação: "Em São Paulo, a Defensoria Homossexual iniciou uma campanha de ações judiciais em massa contra o cardeal emérito do Rio de Janeiro, dom Eugenio Sales, acusando-o de recorrentes agressões homofóbicas na mídia - por exemplo, ao brandir a Bíblia para dizer que homossexuais devem morrer."



Homofobia

“Corajoso! É assim que classifico o artigo de João Silvério Trevisan (‘A igreja e a homofobia’, ‘Tendências/Debates’, 28/7). Nele, Trevisan fala como a homossexualidade é catalogada de maneira negativa pela hierarquia da Igreja Católica.

Nem todas as pessoas católicas — sejam padres, bispos, cardeais ou religiosas — concordam com esse posicionamento. Entre essas pessoas estamos nós, ‘católicas pelo direito de decidir’.

Acreditamos que a diversidade sexual não seja nenhum pecado e deva ser vivida de maneira plena e prazerosa, porque Deus nos criou livres e nos quer felizes. Além disso, os direitos sexuais são direitos fundamentais para a realização e dignidade das pessoas.”

Yury Puello Orozco, integrante do grupo
Católicas pelo Direito de Decidir
(São Paulo, SP)

Recorte da p. A3 do Primeiro Caderno do dia 09.07.04.

O setor de cartas do Suplemento dominical Revista da Folha, onde a coluna GLS é semanalmente publicada também é um espaço de diálogo constante com os autores, com o trânsito de discursos sobre a homofobia:

(curtas cartas)



DE OLHO NELES (capa)

Parabéns pela excelente reportagem e por ficar de olho e mobilizar os consumidores populares com muita emoção. **Marco Roza, 54, publicitário**

A Escola Adventista não é "mais uma dessas escolas de R\$ 300 da periferia". A opção pela periferia tem muito mais a ver com a origem cristã do colégio do que com seus ideais capitalistas, não abrindo mão da ótima formação intelectual, moral, espiritual. Gostaria ainda de comentar que o colégio oferece bolsa de ensino a crianças carentes. **Rodrigo de Souza Araújo, 33, funcionário público**

Moro na alameda dos Guainumbis. Tive o prazer de ter como hóspede espontâneo um pássaro preto pelo período de quase um ano. São inúmeros os acontecimentos que ele gerou para nós e para os vizinhos. **Regina Célia Rasmussen, 54, publicitária**

PLANO ANTI-HOMOFOBIA (gls, ed. 867)

Como alguém pode achar que a homossexualidade pode ser uma doença? Além do mais, o que há de errado em gostar de uma pessoa do mesmo sexo? Os sentimentos são os mesmos, o carinho é o mesmo e, às vezes, até mais sincero e respeitoso. Gostaria muito de um dia poder andar de mãos dadas na rua com minha parceira sem que ninguém ficasse olhando com ar duvidoso, assim como poder adotar uma criança sem tantos requerimentos e dar a ela uma visão completamente diferente das regras estabelecidas no mundo de hoje. Gostaria de viver como qualquer casal heterossexual. **Andressa Bassi Russo, 19, estudante**

Revista da Folha de 07.06.09, Coluna GLS, p. 4.

3.1.3 Os discursos de lazer e cultura nacional e internacional (2004-2009)

Levando em conta o largo período estudado - de 2004 a 2009 - em termos proporcionais é perceptível uma queda na quantidade de matérias com a veiculação de discursos de **lazer e cultura nacional e internacional**, num total de 23 e 19 casos, respectivamente. De outra parte há uma tendência de maior segmentação do público alvo, com a abordagem de assuntos de interesse da comunidade LGBT, em matérias como as seguintes:



Estadão/Flavia - Thiago Costa, 25, melancólico por quando foi ao encontro pessoal do Ex-Boy com uma parceira de festa de carnaval.



Boates e festas, a comunidade e a festa
 festa de carnaval, a comunidade e a festa
 festa de carnaval, a comunidade e a festa

Boates e festas, a comunidade e a festa
 festa de carnaval, a comunidade e a festa

Boates e festas, a comunidade e a festa
 festa de carnaval, a comunidade e a festa

Boates e festas, a comunidade e a festa
 festa de carnaval, a comunidade e a festa

Boates e festas, a comunidade e a festa
 festa de carnaval, a comunidade e a festa

Boates e festas, a comunidade e a festa
 festa de carnaval, a comunidade e a festa

Boates e festas tem
Boates e festas tem
Boates e festas tem

Não é mais suficiente para
 festas de carnaval, mas
 festas de carnaval, mas
 festas de carnaval, mas

Boates e festas tem
 festas de carnaval, mas
 festas de carnaval, mas

Boates e festas tem
 festas de carnaval, mas
 festas de carnaval, mas

Teste comparativo avalia
pagode lésbico e frenesi gay

Festa das mulheres termina quando a outra está praticamente começando

GAYS E LÉSBICAS

Boates e festas tem
 festas de carnaval, mas
 festas de carnaval, mas

Boates e festas tem
 festas de carnaval, mas
 festas de carnaval, mas

O fragmento discursivo relacionado com a homofobia veio na voz do jornalista autor da matéria da reportagem local, que frequentando boates, churrascos e festas de pagode, percebeu traços homofóbicos entre muitos frequentadores desses locais, apesar de voltados ao público gay e lésbico, cujas vozes aparecem no decorrer do texto.

Alguns espetáculos encampam de modo declarado a luta contra a homofobia, como no caso divulgado na Ilustrada do dia 23.12.04, uma quinta-feira:

TEATRO *Zé Celso lembra o assassinato do irmão, Luis Antônio, ocorrido há 17 anos* Oficina faz 'A Luta' contra homofobia

VALMIR SANTOS
DA REPORTAGEM LOCAL

Cada vez mais o diretor José Celso Martinez Corrêa tem a percepção de que o assassinato de seu irmão (com cerca de cem facadas, num apartamento no Rio), o também ator, diretor, autor e professor Luis Antônio Martinez Corrêa (1950-87), despertou a

consciência da sociedade para a homofobia no Brasil.

"O bode que foi sacrificado é o bode que a Oficina canta nesses dias em sua lembrança. Hoje, em plena ditadura da violência assassina homofóbica, é importante realizar esse ato teatral público de portas abertas, sem cobrança de ingressos", escreve Zé Celso, 67. O grupo Oficina Uyzna Zona

incorporou ao seu calendário, como último ato do ano, a data e o horário do episódio para uma celebração a ser repetida hoje.

Corrêa foi assassinado em 23/12 de 1987, por volta das 14h30. É o horário em que está programado o ensaio aberto do início da Quarta Expedição em "A Luta", a terceira parte de "Os Serões", obra de Euclides da Cunha que o Oficina transcreu para o teatro e deve ser completada em 2005. Trata-se do trecho em que o Exército ataca o Portal de Luzes das Cunañas, vegetação que protege o arraial de Camudos, para dar passagem à "matadeira" (apelido do Withworth, um canhão importado), que iria destruir o sino da Igreja Velha de Camudos, na Bahia.

"O Oficina faz um rito à desmarmorização dos corpos e à alegria, marca essencial de seu trabalho teatral", afirma Zé Celso. "É

um dia para cada presente assinar os desgostos e desamores, atravessar o ano cristão no rito pagão de fazer sangrar, abrir o fluxo, para dar passagem aos mais importantes sentimentos."

Nascido em Araraquara (SP), como Zé Celso, Corrêa foi assistente do irmão em "Gracias Señor" (1972) e assinou a primeira direção naquele ano, com "O Casamento do Pequeno Burguês", de Brecht, que fez turnê europeia.

Destacou-se na pesquisa musical com os espetáculos "Theatro Musical Brasileiro - Parte 1 (1860/1914)", de 1985, e "Parte 2 (1914/1945)", de 1987. O site do grupo (www.teatrooficina.com.br) estreia hoje a sua "TV Uyzna".

ENSAIO ABERTO DE "A LUTA". Dnde: teatro Oficina II, Anjoquin, 520, tel. 3104-9678. Quando: hoje, às 14h30, sem ponto. Quanto: entrada franca.



Parte da p. E6 da Ilustrada do dia 23.12.04.

No material pinçado o uso discursivo se dá tanto pelo jornalista da reportagem local, como pelo artista ouvido, no caso o diretor teatral José Celso Martinez Corrêa, que monta uma peça para homenagear o irmão que foi vítima de uma assassinato com motivação homofóbica na década de 1980.

Numa indicação da silenciosa mudança de tempos e de sensibilidades que se processava, começaram a ser destacadas notícias diferentes no campo cultural e de lazer, não sobre iniciativas, obras e espetáculos engajados na luta contra a homofobia, como era de praxe. Mas, sim, denúncias e notícias sobre espetáculos, filmes, músicas ou programas cuja nova sensibilidade social passa a identificar e denunciar como fomentadores da homofobia. Neste sentido a filtragem que remeteu para a Ilustrada do dia 18.10.05, uma terça-feira, é um bom exemplo:

TELEVISÃO

Procuradora pede fim de **homofobia** na Globo

DANIEL CASTRO
COLUNISTA DA FOLHA

O Ministério Público Federal deu dez dias para a Globo e a TV Gazeta tirarem do ar quadros dos programas "Zorra Total" e "Sérgio Mallandro", respectivamente, que induziriam à **homofobia**.

No último dia 10, a procuradora regional dos direitos humanos no Distrito Federal, Lívia Tinóco, encaminhou às duas emissoras recomendação para que elas cessem a veiculação de "quadros que incorram na prática de discriminação por orientação sexual" contra gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. E pede "compensação" com a abertura de espaço em programas para esses grupos se manifestarem, durante três meses.

Se as emissoras não se manis-

tarem até dez dias após o recebimento do documento, acitando a recomendação ou se justificando, Tinóco entrará com ação civil pública contra elas, pedindo, via decisão judicial, a suspensão de quadros que tenham ofensas a gays.

Isso afetaria quadro do "Zorra Total" em que um homossexual delicado, Patrick (Rodrigo Fagundes), é sempre ridicularizado por "machões". Mas Patrick é violento. Seu bordão é "Olha a faca!".

A Gazeta confirma ter recebido a recomendação, mas argumenta que "em momento algum assumiu postura discriminatória" e diz que recomendou a Sérgio Mallandro que use o "bom senso".

A Globo diz que ainda não foi notificada. Em audiência pública, defendeu que o "Zorra Total" tem apenas a "pretensão de divertir".



LOIRA Guta Stresser, Marco Nanini e Marieta Severo em "Grande Família: Justiça", episódio de "A Grande Família" em que Bebel (Stresser) e Agostinho (Pedro Cardoso), separados, vão a tribunal

Página E8

A referência à homofobia surge já no título em destaque, sendo associada no decorrer do texto à "'prática de discriminação por orientação sexual', contra gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros", tal como compreendido pela procuradora regional dos direitos humanos no Distrito Federal, presente em voz indireta.

A mesma tendência de convívio de práticas discursivas ora enaltecendo a engajada luta contra a homofobia, ora condenando iniciativas consideradas homofóbicas, é perceptível no âmbito do tipo discursivo de **lazer e cultura internacional** sobressaem-se notícias indiretamente relacionadas com a temática da homofobia, com prevalência (seis entre os nove casos) de matérias divulgando ou então criticando filmes estrangeiros como os norte-americanos "Borat" e "Bruno", o norte-americano e canadense "Brokeback Mountain", o germano-americano "Kinsey, vamos falar de sexo" e o francês "Entre os Muros". Constatei, no entanto, uma tendência que os exemplos abaixo deixam transparecer:

SOIEDADE Florencia de la V é estreta de telenovela e ganha a simpatia de uma sociedade antes conhecida por sua **homofobia**
Travesti vira celebridade na TV argentina

CLAUDIA DIANI
 15.09.04 (A1)

A mulher mais famosa da TV argentina hoje é um travesti. Florencia de la V interpretou Laia, a personagem mais popular da novela "Los Roldán", uma comédia familiar que vai ao ar todos os dias no horário nobre da Idéfix.

Desde que estreou, em fevereiro, a novela tem bilhete recorde de audiência com média de 8,3 pontos, segundo a medição do Ibope, mas chega a atingir picos de 10, principalmente nos capítulos que envolvem os momentos cruciais da vida de Laia, personagem que debuscou até a "Sex-tinhal" Andrea Fígeroa, ex-modelo e apresentadora de TV, que também participou do elenco.

A trama da novela se desenvolve em torno da disputa entre os Roldán, uma família simples de classe média baixa, que se muda para um bairro chique, e os sofisticados Uriarte. Laia interpreta a irmã travesti do chefe de família, Tho Roldán. É justamente por

Laia que o enredo e caado Enri- lo Uriarte se aguçam a ponto de "monetizar" quando flagra Laia no banho.

O sucesso de um travesti na televisão argentina é uma das curiosidades homofóbicas que, até 1998, prendia o travesti pelo estereótipo de estar sempre de mulher.

Em 1998, porém, o Legislativo de Buenos Aires aprovou o "Código de Convivência", que acabou de ser reformado e que permitiu a circulação de prostitutas travestis.

Travestis protestam

"O travestismo da novela é aceito pela sociedade porque tem em uma versão 'light', longe da realidade de violência social e preconceito a que são submetidos", diz a antropóloga Josefina Ferrerías, autora do livro "Corpo Desobediente", que discute o travestismo.

"O sucesso de Laia foi uma surpresa. A obra e a simpatia do público se deve ao fato de que Laia mostra o lado humano dos travestis. Ela é só mais um membro

da família, que tem uma vida normal e vive um drama por causa de sua condição sexual. Laia não é um personagem ético, portanto, não choca", disse María Schipani, uma autora da novela.

Para a especialista em TV do curso de comunicação da Universidade de Buenos Aires, Nora Muziozi, é justamente pela falta de estereótipo em seu personagem que o público aceita um travesti como celebridade. "Ao mesmo tempo em que ela mexe com fantasias das pessoas, por sua ambiguidade sexual, é um personagem do tipo simpático, quase infantil, portanto não causa confronto com a mulher, por exemplo".

Francisca, sorridente e sem registros escandalosos, Florencia faz mais um travesti que, como ela, encarna a carinha no teatro de revista, do que costuma ser o "rei-ô" de Roberta Close.

Apesar de fama, Florencia não tem unanimidade. De acordo com a presidente da Associação de Laia pela Identidade Travesti, Lohana



A travesti argentina Florencia de la V durante um espetáculo



Dia, 26.09.04, Domingo, Primeiro Caderno, p. 22.

FOLHA DE S.PAULO



A sexóloga Mariela Castro (dir.) ao lado de um ativista em evento contra a homofobia em Havana

Com show de drags, filha de Raúl promove jornada gay em Cuba

Sexóloga militante, Mariela Castro quer aprovar união homossexual na ilha

DIREÇÃO

Paradas, improvisação e shows de transformistas movimentaram uma espécie de "Parada Gay" à cubana no último sábado, em Havana, com chancela oficial e cobertura de imprensa. À frente dos eventos pelo Dia Mundial contra a Homofobia, Mariela Castro Estin.

Mountain" (2005), sobre um affair entre dois cowboys americanos. Um cineclube mensal com temática gay também foi anunciado.

Tudo isso sob o slogan "Diversidade é a regra", guardando certa ironia com a propensão à disciplina do regime socialista, cujo passado homofóbico conta com stans excludentes de escolas

tem evitado de todo temas políticos mais amplos em entrevistas recentes. Fala de si como militante do Partido Comunista e quer uma ilha socialista "com menos proibições" e coisas "lógicas".

Sobre o pai, diz que antes o via como "homofóbico", mas que ele mudou. "Ele [Raúl] nos anula muito, não só a mim mas

Dia 20.05.08, terça-feira, Primeiro Caderno, p. 17.

Ou seja, no campo dos discursos relacionados com a **lazer e cultura internacional** há uma abertura de espaços para o contexto latino-americano. Os interlocutores ouvidos são ativistas, artistas, com destaque para uma travesti que vira celebridade na Argentina ao participar de uma telenovela exibida em horário nobre, além da sexóloga Mariela Castro que organiza uma jornada gay em Cuba, com eventos contra a homofobia. Nos dois casos transparece a noção de que o conceito de homofobia é autoevidente.

3.1.4 Os discursos sobre realidade internacional e sobre realidade internacional associada a realidade nacional (2004-2009)

Entre as quatorze matérias identificadas no segmento discursivo relativo a **realidade internacional** primeiro faço menção ao material pinçado no Primeiro Caderno do dia 10.12.04, uma sexta-feira, quando uma notícia intitulada "França deve vetar discurso homofóbico" explica a tramitação na Assembleia Nacional daquele país de um projeto de lei que tem por objetivo reprimir discursos preconceituosos ou difamatórios com base na orientação da orientação sexual de qualquer pessoa. A referência à homofobia surge na fala do Ministro da Justiça para o qual a lei é necessária para coibir o aumento de homofobia no país. Na mesma página 12 há outra notícia em destaque, guarnecida de uma foto colorida de um casal gay, com o título "Supremo do Canadá libera casamento gay."

Em 19.06.05 a filtragem remeteu para a notícia "Igreja reage a união gay na Espanha", encontrada em um domingo, Primeiro Caderno, folha 25, sendo que o fragmento discursivo de interesse apareceu na voz indireta do jornalista redator ao fazer referência à nota divulgada pela Federação LGBT daquele país contra a homofobia, sendo ouvidos, ainda, representantes da Conferência Episcopal Espanhola, políticos e ativistas.

Já no dia 21.05.07, uma terça-feira, o Primeiro Caderno em sua página A12 traz notícia relativa a realidade peruana. O discurso surge em uma nota⁶⁶ do Movimento Homossexual de Lima que denuncia a perseguição do Grupo Sendero Luminoso aos homossexuais do país.

A fórmula preponderante de associação de matérias sobre a **realidade internacional** com a **realidade nacional** característica do período inicial de surgimento de discursos sobre a homofobia perde

⁶⁶ "Nos panfletos distribuídos em várias regiões do país na madrugada do Dia Internacional de Luta contra a Homofobia (17 de maio), a organização Sendero Luminoso também comemorou o 27º aniversário de sua luta armada e ameaçou a comunidade homossexual."

espaço, eis que nos seis anos em foco tal prática foi identificada somente em uma oportunidade:

SOCIEDADE Para a ONG, movimentos de afirmação homossexual precisam reconhecer a maior de "coulizato" conservadora

Ativismo gay causa homofobia, diz Anistia

DE BRASÍLIA

Os movimentos de afirmação homossexual, que lutam por direitos iguais, também podem estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Em recente conferência de imprensa, a Anistia Internacional afirmou que a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.



Parada gay não barra avanço da homofobia em SP

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Para a ONG, Brasil é modelo bom e ruim

Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional. Segundo o relatório, a luta por direitos iguais pode estar contribuindo para a homofobia, segundo a Anistia Internacional.

Dia 18.07.04, Domingo, Primeiro Caderno, p. 17.

A matéria sobre a **realidade internacional** traz o título "Ativismo gay causa homofobia, diz anistia", embora sua leitura indique que, na realidade a afirmação da entidade tenha sido no sentido de que a maior visibilidade conquistada pelas demandas LGBT, estava gerando um refluxo conservador e homofóbico. No mesmo espaço é divulgado um estudo da Anistia Internacional, com dados sobre a homofobia ao redor do planeta inserida numa lógica de promoção de direitos LGBT como direitos humanos. As práticas discursivas destacadas são encampadas pelo jornalista redator da matéria, de Londres e da pesquisadora britânica responsável pelo estudo.

Já na parte inferior da página a **realidade brasileira** é explorada em reportagem produzida por jornalista da redação local - "Parada gay

não barra avanço da homofobia em SP" - da qual transcrevo aqui a seguinte parte:

São Paulo lidera

Na ausência de dados oficiais sobre a homofobia, são os próprios ativistas do movimento gay que fazem o levantamento, com base em reportagens e denúncias.

Esses levantamentos colocam São Paulo como o Estado líder em assassinatos de homossexuais: 71 casos entre os anos 2000 e 2002, segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB).

"Os dados com certeza são subestimados. Faltam informações de sete Estados e, em muitos casos, a família esconde a homossexualidade da vítima ou a polícia não a revela", explica Luiz Mott, fundador do GGB. Ainda assim, a média no Brasil é alta: um assassinato a cada três dias.

Outros ativistas enfatizam que boa parte dos casos de violência se dá no âmbito doméstico e familiar, e elogiam o lançamento do "Brasil sem Homofobia".

3.1.5 Dos discursos esportivos (2004-2009)

Nove casos de discursos relacionados com a homofobia foram identificados como do tipo **esportivo**. O manejo e estudo do bloco se revelou instigante. No intervalo compreendido entre a primeira (17.09.04) e a quarta (06.10.06) ocasiões filtradas se passam pouco mais de dois anos em que de modo tímido discursos relacionados com a homofobia aparecem em pequenos espaços relacionados com outros países:

atendimento de atletas, R\$ 1 milhão do Banco do Brasil e R\$ 300 mil da Embraer).

A medalha esportiva econômica não acontece apenas a nível interno. Há primeira vez na história, os países não terão que pagar para participar.

Em Sydney 2000, o valor era de US\$ 400 por membro da delegação. Segundo o CPTI, Comitê Paralímpico Internacional, a medalha contribui para o acesso de mais países à competição. Neste ano serão 143 nações participantes, contra 123 nos Jogos Paralímpicos. Entre eles estão 186, mas Mônaco, Vanuatu e Papua Nova Guiné desistiram. A cerimônia de abertura fica às 18h30.

O Brasil inicia sua primeira campanha paratempática pelo Café na próxima madrugada.

Sua primeira e completa são as atletas de basquete em cadeira de rodas, as 76. Os brasileiros, que se esforcem em Moscou-04 e Seul-08, sem passar da primeira fase, entraram contra os atuais campeões mundiais e paratempáticos canadenses.

Outro esporte coletivo a entrar

ERBERTO ALVES E HILTON DIVINO, atletas do basquete em cadeira de rodas, primeira modalidade em que o Brasil competirá na Paratempática de Atenas, que co...

Medalha de ouro vale quatro vezes mais

RES 3.000 mil, R\$ 1.000 mil, R\$ 1.200 mil. Os bônus não são acumulativos.

Os atletas, portanto, que competem em 2004, não poderão ganhar mais de R\$ 1.200 mil, mesmo que tenham ganhado uma medalha de ouro em uma competição paratempática, o CPTI que lançou o benefício para cerca de 200 atletas que poderão chegar a Atenas.

O valor das medalhas é muito menor de que o estabelecido para os premiados durante a Olimpíada.

O maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima, que foi agarrado quando lutava a prova que fez o Brasil ganhar o ouro, foi reconhecido com um prêmio de R\$ 700 mil.

Medalhistas paratempáticos ganham um bônus de acordo com sua retrocesso no tempo. Os campeões recebem mais

FUTEBOL São Paulo aposta em surpresa no clássico

Lobo quer o posto dos leões e volta ao ataque para surpreender o Corinthians, domingo. Segundo Calisto, a falta é dar mais opções na hora de definir o jogo. Além disso, o volante Ali e o lateral direito, que deve entrar, repõe liberdade para atacar.

FUTEBOL Clube árabe de Israel comemora derrota

O técnico Eyal Lachman, do Be'er Sablan, festejou os 2 a 0 contra o Newcastle, pelo Copão da Liga. "Acharam que iam perder de novo. Eles só fizeram o primeiro porque ainda estavam se acostumando a atmosfera." Na volta, em Tel Aviv, ele espera surpreender.

FUTEBOL Uruguái será investigado por homofobia

Logo depois, o técnico de seleção argentino, escapa de um dilema: que não convocar a homossexual para a Copa. A investigação será baseada em um artigo de Colágeno Pradol que prevê punição de seis meses a um ano para discriminação por orientação sexual.

GRUPE Copa Ryder começa hoje em Michigan

O tradicional torneio por equipes, que reúne 12 golfistas norte-americanos e 12 europeus, começa hoje (07) em Detroit, nos EUA, e vai até domingo. A competição reúne a presença de Vijay Singh, número um do mundo, que é de Fiji.

Automobilismo

Toyota anuncia contratação de Trulli

Qualitativo, que não foi anunciado, foi anunciado a equipe para a temporada 2004.

Trulli será contratado pelo Toyota.

Trulli será contratado pelo Toyota.

Trulli será contratado pelo Toyota.

Futebol: técnico de seleção uruguia julgado por homofobia, em 17.09.04, sexta-feira, caderno Esporte, p. D1 (fragmento).

rádio dos Estados Unidos, com histórico de piadas misóginas e homofóbicas.

Todos esses antecedentes revelam um período de mudança nas práticas discursivas relacionadas com o mundo do esporte que, pouco a pouco, através da imprensa especializada passou a dispensar aos temas relacionados com a homossexualidade e a homofobia um novo enfoque, sendo decisiva e clara neste sentido a influência internacional.

Em agosto de 2007, no entanto, um incidente no futebol brasileiro ganha as manchetes dos jornais e redes de televisão de todo o país. Para entender o caso é necessário recuar ao dia 03.08.07, uma sexta-feira, quando a capa da FSP, dividindo espaço com a manchete principal "Lula compara crise aérea com metástase", estampa a seguinte foto-chamada:



Detalhe da capa da edição do dia 03.08.07.

No caderno de Esporte correspondente colhi a informação de que o caso teve início em um programa da TV Record onde um diretor do clube Palmeiras citou o nome do jogador Richarlyson ao responder uma pergunta sobre "homossexualismo" (sic) no futebol. O atleta envolvido aciona a justiça criminal e tem seu pedido recusado por um juiz que ao arquivar a causa lança mão de uma série de frases de cunho homofóbico:

'Futebol é varonil, não homossexual'

Juiz rejeita queixa-crime de Richarlyson e escreve que 'esta situação, incomum, do mundo moderno, precisa ser rebatida'

Sentença é considerada 'homofóbica' por advogado do jogador, que recorre e pede processo disciplinar contra o magistrado no CNJ

MARIANA BASTOS RICARDO PEREIRA DA REPORTAGEM LOCAL

Depois de gerar polêmica no futebol, o episódio que envolve o São-Paulino Richarlyson e o diretor administrativo do Palmeiras, José Cyrillo Jr., ganhou contornos mais agudos na Justiça. A queixa-crime apresentada pelo volante contra o cartola foi arquivada pelo juiz Manoel Maximiano Joaquim Filho, que, em sua sentença, classifica o futebol de "jogo viril, varonil, não homossexual".

O jogador foi à Justiça após o dirigente eler o seu nome ao responder uma pergunta sobre



Página D4

Logo em seu início o jornalista da reportagem local fornece um subtítulo assim: "Sentença é considerada 'homofóbica' por advogado do jogador, que recorre e pede processo disciplinar contra magistrado no CNJ". No decorrer do texto o discurso contra a homofobia aparece em mais de uma vez na voz do advogado, sendo transcritas também algumas frases ofensivas utilizadas pelo juiz em seu despacho.

O dia seguinte é um sábado, 04.08.07 e a FSP traz em sua capa chamada destacando a repercussão do caso assim:

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★ WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S.PAULO

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

SÁBADO, 4 DE AGOSTO DE 2007
ANO 87 • Nº 28.612

EDIÇÃO SÃO PAULO/DF, CONCLUÍDA ÀS 23H32 • R\$ 2,50

brasil
LULA DIZ ESTAR
'MUITO
RECUPERADO'
DAS VAÍAS
DO PAN Pág. A1



esporte
GOVERNO E
MINISTROS DO SUPREMO
CRITICAM JUIZ DO CASO
RICHARLYSON
POR HOMOFOBIA
Pág. D1



POLÍCIA FEDERAL
DIZ QUE
BOXEADORES
CUBANOS SERÃO
DEPORTADOS
Pág. D2

Capa do dia 04.08.07

O correspondente caderno de Esporte confere grande destaque ao assunto em sua capa:

esporte

FOLHA DE SÃO PAULO

Avolta dos números do Datafolha no BS-07

subjude

Ministros atacam discriminação no caso Richalyson

Juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, que nega ação do jogador com argumento de que "futebol é viril", se cala

Paulo Roberto Espinal dos Santos e **Luiz Carlos de Figueiredo** defendem a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão

Organizações gays querem processar juiz

Paulo Roberto Espinal dos Santos e **Luiz Carlos de Figueiredo** defendem a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão

Organizações gays querem processar juiz



O atacante Vampeta, de Curitiba, brinca após o jogo, no Maracanã, contra o Atlético

Sem dedo do chefe, Corinthians busca fim de jejum no Nacional

Não dá joguê sem veneno, time sofre com mudanças e infiltrações no time

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Archozeiros esperam que jogadores que sempre foram considerados íntimos pessoais de Roberto não sejam jogados para o lixo

Vampeta faz sua estreia na 'Toguetta'

Para São Paulo, atleta não terá desempenho afetado

Na matéria são reproduzidas as vozes de diferentes autoridades condenando a atitude do juiz. O ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, Paulo Vannuchi afirma que a sentença tem "evidente conteúdo homofóbico", declara apoio "à intenção do advogado do atleta de levar o caso ao Conselho Nacional de Justiça" e enfatiza a necessidade de nova legislação. E complementa "Ressaltamos, diante desses fatos, a necessidade de aprovação com urgência pelo Congresso Nacional do Projeto de Lei 122/06, que criminaliza condutas homofóbicas."

Ministros do Supremo Tribunal Federal também condenam o entendimento do juiz, sendo que Marco Aurélio de Mello afirma: "parece que ele [Junqueira] esqueceu que corporifica o Estado, que não pode ser preconceituoso", ao lado de declarações de representantes da Ordem dos Advogados do Brasil e da Associação Juízes para a Democracia em um quadro enxertado na página lideranças do movimento LGBT também são ouvidas.

O caso continua a repercutir dias depois, na quarta-feira, 08.08.07, mais uma vez no caderno Esporte que entrevista o jogador diretamente envolvido:

FOLHA DE SÃO PAULO

QUARTA-FEIRA 8 DE AGOSTO DE 2007 esporte D2

Painel FC
RICARDO FERREI
ricardof@folha.com.br

Sem gelo

A Ambev deve desistir de organizar o jogo anual a que tem direito como patrocinadora do CBF. Estuda a venda da partida para o mesmo grupo que comprou o outro amistoso de seleção brasileira. Assim, a fabricante de bebidas deixa de se arriscar numa seara que não é sua. E se livra de eventuais críticas em relação ao evento, como a respeito do ambiente e do local escolhidos. A imagem de influenciar em decisões técnicas da equipe nacional também é negativa para o patrocinador, que sempre negou exercer tal ingerência.

Mil e uma. Ronaldo saiu de volta do centro de reabilitação da Copa de 2014 Fifa como o melhor jogador do mundo no mundo de colarinho branco de Henrique Rêgo. Andam que ele não demonstraria o mesmo nível há um mês, mas, depois de uma jornada "fantástica" nas declarações.

Chute? Sem arrancar de

Vigilado. Alberto Dall'Aglio, do CBF, e o Conselho Administrativo de Operações da Beesite Federal (Cafed) estão a aguardar o resultado de um processo judicial que visa impedir a venda de cerveja.

Por todos. Danilo e Nelson, jogadores de futebol, foram convocados para o jogo de abertura da Copa de 2014 Fifa.

'O preconceito denigre o Brasil', diz Richarlyson

São-paulino critica argumentos do juiz que arquivou ação contra dirigente rival

Violente crítica aos critérios e sua ganha pela defesa de direitos a um trabalho sobre preconceitos que faz parte o curso de educação física

... sobre o preconceito que acontece no Brasil. Foi aí que aprendi a não aceitar isso. Se

Juiz vira alvo do CNI e de grupo gay

... de informações.

Manoel Maximiano Junqueira Filho terá 15 dias para explicar ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ) a conduta do juiz Sérgio Cassel Richarlyson, do CNI, que arquivou uma ação dos advogados do atleta, decidida por duas instâncias.

uma pessoa viva de um jeito e ela assim, do jeito que ela tem de parar com isso, cada um tem de cuidar da sua própria vida. O preconceito dentro o Brasil", disse Richarlyson, acrescentando ter recebido duas cartas de profusão palmaria de apoio. Foi de seis dias antes mesmo que o termo do preconceito sexual foi discutido no manual do futebol, ele fez questão de agradecer ao São Paulo ("tudo é realmente uma família") e ao seu nome também muito apoio pelo apoio recebido. "Meu pai é o jogador Leão e muito mais, porque sofreram muito de que eu sou uma criança, de meu irmão Alexandre. Se eu falar mais deles aqui, vou me emocionando".



Richarlyson, do São Paulo, celebra no treino de ontem.

Visualizador

Ver o conteúdo desta página em PDF

América - 2007

Página D2

O interessante é que o discurso sobre a homofobia não surgiu naquele material propriamente dito, mas, sim, em pequena nota inserida logo abaixo na mesma página D2 onde se lê: GAFE: "Richarlyson é vítima de homofobia e preconceito, no entanto, ao se defender, por desinformação, usa a expressão preconceituosa 'denegrir', um termo da cultura racista", diz Dojival Santos, da ONG ABC Sem Racismo (grifo nosso).

A particularidade justifica aqui a consideração do discurso de **opinião** do mencionado Ministro do Supremo Tribunal Federal, Marco Aurélio Mello, publicado no Primeiro Caderno da edição dominical de 19.08.07, "A igualdade é colorida", com corajoso subtítulo, num declarado manifesto contra a homofobia:

A igualdade é colorida

MARCO AURÉLIO MELLO

São 18 milhões de cidadãos considerados de segunda categoria: pagam impostos, votam, sujeitam-se a normas legais, mas, ainda assim, são vítimas de preconceitos, discriminações, insultos e chacotas.

Em se tratando de **homofobia**, o Brasil ocupa o primeiro lugar, com mais de cem homicídios anuais cujas vítimas foram trucidadas apenas por serem homossexuais.

Números tão significativos acabam ignorados porque a sociedade brasileira não reconhece as relações homoafetivas como geradoras de direito. Se o poder público se agarra a padrões conservadores, o dia-a-dia cria o fato, obrigando as instituições a acedê-las.

Um caso revelador dessa omissão aconteceu no Sul: após 47 anos de vida em comum, falecido o parceiro, cujo patrimônio se formara antes do vínculo, o Estado reivindicou a herança, alegando não haver herdeiros legais. O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, porém, reconheceu a relação afetiva do casal, assentando o direito do sobrevivente aos bens.

O Judiciário gaúcho sobressai pela modernidade, havendo sido o primeiro a julgar ações ligadas a vínculos homoafetivos na vara de família, e não na civil. A diferença é significativa.

No primeiro caso, reconhece-se o vínculo íntimo, de familiaridade; no segundo, o societário, e aí, findos os anos de convivência, os parceiros são tidos como sócios, dividindo-se o patrimônio adquirido. Se nada for obtido na constância da relação, nada será devido. Tal postura mostra-se, no mínimo, injusta, porque não admite que a origem, a base da união é o afeto, não a vontade de compor sociedade.

São 18 milhões de cidadãos considerados de segunda categoria. Em se tratando de homofobia, o Brasil ocupa o primeiro lugar

A jurisprudência vem avançando. Começa a firmar-se o entendimento de que essa parceria se equipara à união estável, sobretudo para evitar o enriquecimento de outrem. Na maioria das vezes, parentes que costumam alijar do convívio o homossexual reclamam a herança por este deixada.

A Justiça vem admitindo o direito de casais homoafetivos à guarda e adoção de crianças. Na Bahia, há pouco se estabeleceu o direito de visita da ex-parceira ao filho gerado pela outra. Em São Paulo, permitiu-se que dois parceiros adotassem quatro irmãos. Em geral, no entanto, só um adota — a lei permite que solteiros o façam —, em prejuízo do adotado, que perde o direito à proteção conjunta.

No rastro de decisões judiciais, o Executivo, compelido pela realidade e mediante atuação do INSS, estendeu aos homossexuais o reconhecimento do vínculo, a gerar o direito ao plano de saúde e a pensão.

Se, no âmbito federal, as mudanças vêm a fórceps, as legislações municipais e estaduais se mostram mais adequadas às transformações sociais. Desde 1999, vige, em Salvador, a lei nº 5.275/97, que proíbe a discriminação homofóbica.

Aguarda ainda apreciação pelo Senado o projeto de lei nº 5.003/2001, que enquadra a **homofobia** como cri-

me, já aprovado na Câmara dos Deputados, onde tramita também projeto que proíbe os planos de saúde de limitar a inscrição de dependentes no caso de parcerias homossexuais.

Essa **homofobia** não deixa de ser curiosa ante a tradição de tolerância dos brasileiros quanto à diversidade cultural e religiosa. E foi aqui que se realizou a maior parada gay do mundo, superando a pioneira São Francisco, na Califórnia.

É fato: nos últimos anos, alguns tabus foram por água abaixo, como a concepção de que homossexuais não poderiam adotar. Desde 1984, quando retirara a homossexualidade do rol das doenças, esse argumento deixou de respaldar práticas abusivas, como tratamentos psiquiátricos. A melhor notícia parece ser a censura social: hoje em dia é politicamente incorreto defender qualquer causa que se mostre preconceituosa. Se a discriminação racial e a de gênero já são crimes, por que não a **homofobia**?

Felizmente, o aumento do número de pessoas envolvidas nas manifestações e nas organizações em prol da obtenção de visibilidade e, portanto, dos benefícios já conquistados pelos heterossexuais faz pressupor um quadro de maior compreensão no futuro.

Mesmo a rebouque dos países mais avançados, onde a união civil homossexual é reconhecida legalmente, o Brasil está vencendo a guerra desumana contra o preconceito, o que significa fortalecer o Estado democrático de Direito, sem dúvida alguma, a maior prova de desenvolvimento social.

MARCO AURÉLIO MELLO é ministro do Supremo Tribunal Federal e presidente do Tribunal Superior Eleitoral.

Recorte da p. A3 do Primeiro Caderno que circulou no dia 19.08.07.

Transcrevo o mencionado subtítulo "São 18 milhões de cidadãos considerados de segunda categoria. Em se tratando de homofobia, o Brasil ocupa o primeiro lugar", além da pergunta lançada no meio do texto: "Se a discriminação racial e de gênero já são crimes, por que não a **homofobia**?" (grifo nosso).

3.1.6 Os discursos do tipo editorial (2004-2009)

Por fim, levo em conta o único caso de discurso do tipo **editorial** encontrado no período, veiculado no dia 31.05.04, Primeiro Caderno de uma segunda-feira, em que a FSP elogia o lançamento do programa Brasil sem Homofobia do Governo Federal:

SEM PRECONCEITO

FELIZMENTE, há no Brasil um ambiente de convivência pacífica no que diz respeito a várias minorias e grupos. Por aqui, judeus e árabes dão um exemplo ao mundo de que seu convívio pode ser amistoso. Por aqui, não se tem notícia das guerras de religião que infestam muitas regiões do planeta.

Infelizmente, o fenômeno da tolerância não se aplica a todos os grupos sociais como deveria. Por aqui, a discriminação contra negros é um grave problema nacional. Por aqui, pessoas ainda são mortas em virtude de sua orientação sexual.

De acordo com a Secretaria Especial de Direitos Humanos, do governo federal, entre 1970 e 1979 o poder público recebeu denúncias de 41 homicídios praticados contra homossexuais por serem homossexuais. Entre 1990 e 1999, as queixas somaram 1.256. É claro que parte do aumento das denúncias pode ser atribuída aos crescentes níveis de conscientização da comunidade gay, mas há razões para temer que também a violência esteja se intensificando.

Diante desse quadro, é oportuna a

iniciativa do governo de lançar o programa Brasil sem Homofobia, pelo qual dez ministérios deverão atuar para integrar melhor os homossexuais e para reduzir a discriminação contra esse grupo. Pela proposta, o Ministério da Justiça, por exemplo, deverá capacitar policiais a lidar com travestis. O Ministério da Educação deverá orientar professores a ensinar o respeito aos homossexuais. Na Saúde, a prioridade será o combate a doenças sexualmente transmissíveis.

É claro que não se devem esperar resultados muito significativos nem imediatos. Há mesmo o grande risco de a iniciativa nem chegar à sociedade, perdendo-se na burocracia das comissões ministeriais a que foi confiada. É preciso, porém, reconhecer que enfrentar a ignorância e o preconceito não é algo que se faça através de decretos e portarias. Trata-se de um trabalho muito mais difícil de esclarecimento e persuasão, e o fato de o governo federal ocupar-se desses assuntos já é um sinal positivo.

Quem sabe um dia a proverbial tolerância do brasileiro se torne real para todos os grupos sociais.

Recorte da p. A2 do Primeiro Caderno da edição do dia 31.05.04.

Nele a FSP qualifica de oportuna a iniciativa do Governo Federal em propor o "Brasil sem Homofobia", ainda que apontando as dificuldades colocadas no enfrentamento da ignorância e o preconceito.

3.1.7 Poucas definições (2004-2009)

O fornecimento de uma definição ou explicação do significado do termo homofobia continuou raro, sendo o mesmo utilizado na maioria das vezes como sinônimo de preconceito ou violência contra os homossexuais (de modo genérico), tendo ocorrido somente em nove páginas assim: "quando as pessoas contrárias à homossexualidade começam a advogar a violência e a discriminação contra os gays, isso se torna um problema, que tem nome: homofobia" (coluna GLS da Revista da Folha de 22.08.04, folha 32), "aversão à homossexualidade" (coluna GLS da Revista da Folha de 30.01.05, p. 41), "prática de discriminação por orientação sexual contra gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros" (Ilustrada de 18.10.05, p. 8). Ou, ainda, "é uma violência psicológica velada que é perigosa porque muitos acham que não passa de uma brincadeira" (em matéria

sobre pesquisa sobre homofobia realizadas pela Unesco e a UERJ no caderno Cotidiano de 25.07.06, p. 6), "rejeição ou aversão a homossexual e à homossexualidade" (Cotidiano do dia 26.06.08, fl.6) e como "aversão à homossexualidade na notícia sobre a pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria com a alemã Rosa Luxemburgo Stiftung (dia 08.02.09, caderno Cotidiano, fl.5).

É recorrente o uso de gráficos, mapas, tabelas, quadros, todos coloridos. Ainda houve no período poucas fotos em preto e branco, mas preponderam as coloridas, de maior tamanho e melhor resolução, nos mais diferentes espaços; em mais uma demonstração de que a construção discursiva da homofobia como algo negativo, que merece ser combatido, adquire cada vez mais um espaço qualificado no jornal.

3.2 A EXPLOSÃO DISCURSIVA SOBRE A HOMOFOBIA NA FSP (2010-2011)

Uma análise prévia do material pinçado nos anos de 2010 e 2011 desde logo revela que a explosão ocorrida no período foi uma explosão discursiva sobre a própria questão da homofobia, elevada à condição de tema protagonista que mobiliza e divide opiniões na sociedade brasileira, alcançando até mesmo as disputas pela mais alta instância de poder do país. Seguindo a classificação discursiva proposta no decorrer da presente dissertação apresento o seguinte quadro indicador dos quantitativos encontrados no biênio:

Tipo discursivo	ocorrências
Realidade nacional	103
Opinião	52
Lazer e cultura nacional	20
Realidade internacional	8
Esportivo	6
Lazer, cultura internacional	6
Editorial	5
Total	200

Fonte: autor, 2014.

Do universo de 200 páginas apontadas, a soma das ocorrências relacionadas com assuntos internos brasileiros em sentido amplo, ou seja, com a consideração dos discursos vinculados à **realidade nacional** em sentido estrito (103 ocorrências), os discursos de **opinião** (52 casos),

esportivos (6 casos), além dos de tipo **editorial** (5 casos), daqueles do tipo **lazer e cultura nacional** (20 páginas), conduz à totalização de 186 páginas, ou seja, 93% do total. Nenhuma prática discursiva associada à homofobia do tipo acadêmico foi identificada no período.

De outra parte, os dados relativos a distribuição daquele material entre os espaços veiculados na FSP redundou na formação do seguinte conjunto que vem a confirmar, mais uma vez, que espaços voltados para assuntos com o contexto interno brasileiro foram maciçamente prevalentes na veiculação discursiva correspondente:

Local	Ocorrências
Primeiro Caderno	75
Cotidiano	59
Ilustrada	40
Esporte	6
Cotidiano 2, Revista da Folha, Folhateen, 3 cada	9
Ilustríssima e Gazeta Russa, 2 cada	4
Poder 2, Revista Serafina, Eleições 2010, Especial São Paulo, Turismo, Revista São Paulo e TEC	7
Total	200

Fonte: autor, 2014.

Do ponto de vista qualitativo o manejo do *corpus* selecionado revelou que, ao contrário do que eu pensava inicialmente, quando da elaboração do projeto de pesquisa, a novela da Rede Globo que de modo declarado abordou a questão da homofobia - *Insensato Coração* - que foi exibida de janeiro a agosto de 2011, muito pouco teve a ver com aquela avalanche discursiva. Na realidade, poucas circunstâncias revelaram-se detentoras de um alto potencial detonador, digo assim, da explosão em análise, com destaque para alguns desdobramentos da campanha presidencial e a volta de ataques com motivação homofóbica na Avenida Paulista em São Paulo no ano de 2010. E, em 2011, a decisão histórica do Supremo Tribunal Federal que reconheceu a legalidade das uniões estáveis homossexuais⁶⁷, o recuo do governo federal na distribuição do

⁶⁷ Cláudia Regina Nichnig (2013) em sua tese interdisciplinar em Ciências Humanas explora a história da luta pelo reconhecimento das uniões homossexuais no Brasil.

chamado kit "anti-homofobia" e os debates em torno da aprovação do projeto de lei que criminaliza a homofobia.

Há frequente uso de fotos, imagens, gráficos e tabelas, em formato grande e bem colorido (em alta definição), sendo que também chamou a atenção o uso continuado de fotos com foco ampliado tendo por alvo ferimentos ou vítimas feridas. Houve, também, a utilização frequente de imagens de fragmentos de vídeos em formato de fotografia (como no caso do ataque da avenida Paulista com lâmpadas fluorescentes ou, então, na situação dos vídeos que integravam o chamado kit "anti-homofobia").

O grande número de casos apurados me levou a subdividir o segmento por ano de ocorrência.

3.2.1 Os discursos sobre a realidade nacional (2010)

2010 foi um ano peculiar, marcado por disputas por poder com eleições para Presidente da República depois de oito anos de mandato petista do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, conjuntamente com eleições para governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Foi, também, ano de Copa do Mundo de futebol.

Foi inserida naquele contexto maior que a temática ganhou uma visibilidade sem precedentes na sociedade brasileira, ingressando na agenda e nos debates estabelecidos até mesmo na esfera mais alta do poder político institucionalizado. O caráter de disputa político e discursivo, vale dizer, de poder, inerente ao processo histórico foi escancarado. Houve, assim, uma maior polarização nessas disputas, com uma definição perante a sociedade dos sujeitos políticos nelas envolvidos, sendo revelada e debatida com maior clareza a posição ocupada dentro dos dois polos discursivos e de poder.

De modo tímido algumas ocorrências, cujo transcurso do tempo veio a revelar serem proféticas, começaram a despontar em meados de 2010. Em 02.05.10, a edição dominical da FSP traz em seu caderno Cotidiano, página 7, uma matéria assinada por sua correspondente em Brasília, intitulada "Congresso empurra para justiça questões polêmicas". Nela a jornalista resume:

Enquanto temas relevantes de família, como a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, são decididos pelo Judiciário e mudam a configuração da sociedade, o Congresso Nacional engaveta matérias menos controversas, como a

criminalização da **homofobia** e a instituição do divórcio direto.

Conservadorismo, medo do eleitorado, religião e distância da vida real explicam, segundo especialistas, a demora na análise de projetos que atingem a família tradicional. A criação de um crime específico para coibir a **homofobia** é tema de projeto de lei em análise desde 2001. Depois de ficar três anos parado no Senado, uma versão enxuta do projeto foi aprovada pela Comissão de Assuntos Sociais, em novembro passado. Ainda assim, o projeto continua parado (grifo nosso).

O uso discursivo aparece na fala indireta da autora da matéria que dá voz, ainda, a deputados favoráveis e contrários a reformas legais relacionadas a temas como divórcio, parceria civil entre pessoas do mesmo sexo e a criminalização da homofobia. Poucos dias depois uma nota rápida inserida no caderno Cotidiano de uma quinta-feira, 20.05.10, a filtragem conduziu a um registro fotográfico revelador de uma época de maior polarização que estava por vir:



Edição do dia 20.05.10, caderno Cotidiano, p. C8

Os organizadores da Parada do Orgulho paulista daquele ano mantiveram a estratégia de encampar a luta pela criminalização da homofobia como prioritária, merecendo, mais uma vez, destacada cobertura da Folha:

MENOS COR no arco-íris

Em ano eleitoral, Parada Gay vitou colorido para defender projeto que torna **homofobia** crime; nenhum pré-candidato à Presidência apareceu

RICARDO WEITEN
MARCOS FERREI
DE SÃO PAULO

Neste ano, a Parada Gay de São Paulo foi menos colorida que habitual.
Em vez de as tradicionais bandeiras do arco-íris e da palavra **Gay**, as espalhafatosas drag queens vestiram blusas em tons mais escuros.
Poucos dançarinos — cerca de cinco, pensa Tina Turner — e apenas algumas vitórias foram apresentadas.
Não que a 18ª edição da Parada que tenha sido considerada desanimada.
Pelas críticas dos organizadores, 2,5 milhões de pessoas encheram a avenida Paulista e a rua da Consolação deixando atrás de si um rastro — de 1981 a hoje — que no ano passado, a PGL



Reynolds/PA/Reuters

CONGRESSO

Projeto contra a **homofobia** está parado no Senado

DE SÃO PAULO

Em tramitação desde 2009 no Congresso, o projeto de lei que torna crime a **homofobia** foi aprovado na Câmara e agora precisa ser votado pelos senadores para entrar em vigor.
A criação de um crime específico para combater a homofobia é discutida desde 2001 no Legislativo.
Depois de ficar três anos parado no Senado, um veredito emenda do projeto foi aprovada pela Comissão de Assuntos Sociais,



Caderno Cotidiano do dia 07.06.10, p. C4

A referência à homofobia é encontrada no subtítulo do material principal inserido na página, guarnecido de grande foto colorida e centralizada retratando a multidão em marcha que, segundo os organizadores, teria atingido a cifra de 3,5 milhões de pessoas. O uso discursivo se dá no decorrer do texto correspondente surgindo na voz indireta do jornalista autor da matéria que afirma "A razão da falta de cor foi política. A Parada quer que os pré-candidatos à Presidência da República se comprometam com um projeto de lei, no Congresso Nacional, que transforma a **homofobia** em crime, da mesma maneira que o racismo" (grifo nosso), em espaço no qual também foram ouvidos participantes da manifestação, além de ativistas.

E também na matéria lateral menor com o título "Congresso. Projeto contra a homofobia está parado no Senado", onde mais uma vez na forma da voz indireta colhe-se a informação de que depois de aprovado na Câmara dos Deputados, o projeto de lei emperrou no Senado Federal.

No meio da controvérsia novos casos de ataques homofóbicos surgem. Em 06.07.10, uma terça-feira, o caderno Cotidiano traz matérias que chamam a atenção pela quantidade de discursos relacionados com a homofobia:

O trabalho produzido por jornalistas do Rio de Janeiro faz uma análise da penetração geográfica das intenções de voto declaradas em favor da candidata petista, cobrindo o primeiro evento pós primeiro turno. O título adotado: "Dilma debate homofobia com evangélico" conduz ao texto onde há a explicação de que a candidata "afirmou ser contra a legalização do aborto e disse ter restrições à lei de criminalização da **homofobia**, segundo relato de participantes" (grifo nosso).

A conveniência eleitoral leva a um desfecho a poucos dias da realização do segundo turno, revelado no dia 16.10.10, sábado, na edição cuja capa traz a chamada principal "Dilma mantém vantagem sobre Serra, diz pesquisa" e comporta outra chamada menor "Carta de petista a evangélicos não promete veto a aborto", com o uso da palavra homofobia, ao final do pequeno texto. O Primeiro Caderno aprofunda:

A10 poder ★ ★ SÁBADO, 16 DE OUTUBRO DE 2010 FOLHA DE SÃO PAULO

UNIVERSIDADE Temos um processo bem-sucedido de interiorização da universidade. Nas cidades menores, continuaremos a expandir a Universidade Aberta do Brasil

SERRA Aperfeiçoar a avaliação de universidades que recebem verbas do Proim. Garantir às universidades federais condições adequadas

Em carta, Dilma não promete veto a aborto

Mensagem não atende exigência, feita por evangélicos, de barrar qualquer projeto para descriminalizar prática

Texto foi considerado ambíguo por igrejas e desagradou entidades do movimento gay por não rechaçar homofobia

MÁRCIO FALCÃO DE SOUZA

Em mensagem divulgada ontem para "acalmar" evangélicos, a candidata da PT à Presidência, Dilma Rousseff, se compromete a não apresentar projeto para descriminalizar o aborto, mas não a vetar a medida caso seja aprovada pelo Congresso.

Em reunião com a coordenação da campanha do PT, na última quinta-feira, 11 representantes de igrejas evangélicas estiveram em Dilma's



Marlene Bergamini/VEP/Agência

Leia a nota "Mensagem da Dilma" na íntegra

1. Dilma Rousseff não quer votar a favor, como candidato o projeto que menciona em que se inclui o caso de Brasília, cada vez mais perto da aprovação do Congresso de deixar ao próleto o que parecerem para não ocorrer. É com esta condição que o projeto foi enviado ao Congresso Nacional e às Casas Legislativas por meio de uma mensagem presidencial.

Para não permitir que prevaleça a vontade como uma forma de voto, um texto da mensagem que prevê a possibilidade de ser sancionado em diferentes condições e a liberdade de voto dos parlamentares (art. 67, inciso III, da Constituição Federal).

2. Não estou pessoalmente contra o aborto e defendo a manutenção da legislação atual sobre o assunto. A única proposta de lei que, não temerei a oposição de quem não compartilhe de nenhuma posição,

Edição do dia 16.10.10, sábado, Primeiro Caderno.

Trata-se de outra matéria assinada pelos correspondentes do jornal em Brasília que comporta diferentes discursos relacionados com a homofobia:

Outra cobrança dos evangélicos era o veto ao projeto que criminaliza condutas homofóbicas (PLC 122).

Na mensagem, porém, Dilma diz apenas que, se a proposta for aprovada, o "texto será sancionado nos artigos que não violem liberdade de crença, culto e expressão".

O temor dos evangélicos é que o projeto impeça sermões e pregações referentes aos homossexuais.



Dilma não cita diretamente outros tabus para os religiosos, como casamento homossexual e adoção por pessoas do mesmo sexo.

Movimentos gay, por sua vez, criticaram as campanhas de Dilma e José Serra (PSDB) pela forma como têm discutido a temática.

A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, que reúne 237 entidades, criticou em carta a "instrumentalização de sentimentos religiosos e concepções moralistas" na campanha.

A associação cobra coerência dos dois candidatos e sugere que a discussão, como tem sido conduzida, dá espaço à **homofobia** (grifo nosso).

Mais uma vez as vozes ouvidas no texto, além dos próprios jornalistas e declarações contidas na nota divulgada pela candidata, são de lideranças políticas e religiosas, além de ativistas do movimento LGBT.

3.2.1.1 A cobertura do ataque com lâmpadas fluorescentes na Avenida Paulista e dos protestos decorrentes

Em 15.11.10, o caderno Cotidiano de uma segunda-feira, repercutiu outro ataque homofóbico ocorrido na Avenida Paulista. Era o início da cobertura de um incidente cuja análise considerei estratégica no projeto da presente pesquisa, justamente por se tratar de caso típico de violência motivada por homofobia, com ampla repercussão nacional. Ainda na fase preliminar de seleção do material de pesquisa percebi nessas reportagens iniciadas com o fragmento abaixo a oportunidade de estabelecer um confronto, uma comparação dos discursos circulantes em torno da homofobia, ou seja, comparando o trato jornalístico dispensado pela FSP a este caso ocorrido em 2010, com o assassinato de Édson Nérís no ano 2000.

O início da série se dá na capa da edição do dia 15.11.10 que destaca: "Grupo de classe média ataca 4 indica na av. Paulista", para logo a seguir informar que "Política diz ver indícios de homofobia em dois dos ataques":

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRASS-FILHO

ANO 90 • SEGUNDA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 2010 • Nº 25.811

EDIÇÃO SP/SP • CONCLUSÃO ÀS 23H 45 MIN



O atleta
carioca
Vinicius
Zito,
venceu o
campeonato
em Abu Dhabi

ESPORTE
Vettel vence GP
e é o maior jovem
campeão da
história da F-1
Pag. 9-12

BOLSA
Em 2011, Bolsa
Familia deve ser
pago por celular
A Caixa Econômica
fornecerá o sistema
de crédito de
pagamento
para o celular
em 2011. A
Bolsa Família
deve ser paga
por celular em
2011. Pag. 8-11

FLUMINENSE
Fluminense só
empata em casa
com o Goiás:
Centurionas
assegura ponta
Pag. 9-12

FOLHAEEM
Conheça melhor
João Pedro 26

Banco de Silvio Santos pode ter rombo maior

BC planeja mudar a legislação para evitar fraudes com a venda de crédito

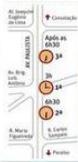
O rombo no Banco Pan-
americano e na empresa de
cartão de crédito do apre-
sentador Silvio Santos pode
ser maior do que os R\$ 2,5
bilhões informados até aqui.
Deve valer, R\$ 400 mil-
hões além da lista de cartões
de crédito, que não inclui fi-
cativas do Banco Central.

O valor do rombo com-
partilha foi informado pela
perícia executiva do gru-
po, sem nenhuma divulga-
ção dos detalhes do BC im-
portante Erika Frege e Ma-
ria Cesar Carvalho. A nova
diretora também confere se
o rombo do Banco é maior
do que os R\$ 2,5 bilhões.

Por conta dos proble-
mas Panamericano, prevê
venda a venda para outros
bancos de crédito que já
está para receber, o BC já
tem mudado sua legisla-
ção. Uma das hipóteses
em discussão é a criação de
central para registro de ven-
das de crédito de crédito.

Uma das grandes no ban-
co é a venda de crédito para
vendedores para outras
instituições financeiras que
fazem a coleta de clientes
que tornam-se empregados,
mas contabilizam como se
continuassem em o crédito.
O registro reduz o custo
de risco. Pag. 14-15

LOCAL DAS AGRESSÕES



Enfi, estudantes, foi um dos agredidos ontem de manhã em São Paulo por tema de jovens

Grupo de classe média Gastos estaduais com ataca 4 na av. Paulista juro quadruplicam

Cinco jovens de classe
média de São Paulo, quatro
deles menores de 18 anos,
foram detidos acusados de
uma série de ataques a pes-
soas que passavam pela re-
de da avenida Paulista.
Das quatro vítimas, duas fo-
ram levadas a hospital.

Elas foram espancadas com
socos, chutes e bastões de
luz fluorescente.
A polícia diz ter indícios
de homofobia em dois dos
ataques. Advogado e pa-
rentes dos acusados, que re-
fudam no momento investigá-
ção, negam. Pag. 4-13

Os governos estaduais
quadruplicaram os gastos
com juros em 2010 quando
o Banco Central. A dispo-
nibilidade ajuda a explicar o abor-
do governamental a fi-
nanciar o resgate da dívida
da dívida estadual. A dívida
do Estado de São Paulo,
de acordo com o ministro
Gustavo Palau.

A ideia de suspender a di-
vida foi lançada pelo parati-
do Getulio Adolfo (PSD),
que administra a maior dí-
vida e a maior estrutura de
operação, mas é desapor-
tada. O Rio Grande do Sul,
que será governado pelo PT,
está no quarto. Pag. 16

Capa da edição de 15.11.10.

Chama a atenção a foto escolhida para a capa em que a face machucada e com curativos de um dos agredidos é mostrada em close, ao lado de um pequeno mapa com a localização de onde as agressões foram realizadas. O assunto abre o caderno Cotidiano, com a reportagem sob o mesmo título estampado na capa. A matéria não assinada informa que um grupo de cinco rapazes de classe média (quatro deles menores) realizaram uma série de ataques que, segundo a polícia, tiveram motivação homofóbica, com socos, chutes e bastões de luz (fluorescente) branca. As vozes ouvidas pela reportagem foram de testemunhas, policiais, vítimas (uma delas identificada como lavador de carros) e advogados dos acusados. A cobertura segue na página 8 do caderno, mais uma vez com uma foto de um dos agredidos:

VIOLENCIA Grupo foi atacado a tiros na região de Avenida Paulista



El estudante Silvestre Andrade, 18, vítima da primeira agressão



'Ouvi eles atrás de mim, rindo', diz agredido

Um estudante de 18 anos, Silvestre Andrade, foi agredido a tiros na região de Avenida Paulista, em São Paulo, na noite de domingo (7). O jovem sofreu uma ferida de bala na cabeça e foi levado ao Hospital Sírio-Libanês. Segundo ele, os agressores riam enquanto o atacavam. Andrade afirma que não sabe quem são os autores do crime e que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

Quem são os agressores?
Andrade não sabe quem são os agressores, mas afirma que eles estavam rindo enquanto o atacavam. Ele também afirma que não tem medo de falar o nome deles.

CONTRO LABO

Pais e advogados negam que rapazes sejam violentos

Parentes afirmam que agressão contra jovens não tem relação com homofobia e que filhos agiram em defesa

Famílias e advogados dos jovens agredidos afirmam que não há relação entre o ataque e homofobia. Eles afirmam que os jovens agiram em defesa e que os agressores são indivíduos violentos que não têm nada a ver com a orientação sexual dos jovens.

'Violência é exclusivamente' de agressores'

Os pais dos jovens agredidos afirmam que a violência foi exclusivamente dos agressores e que os filhos não tinham nada a ver com o ataque. Eles afirmam que os jovens estavam apenas se defendendo.

'Meu filho não sai mais de casa até os 18'

Um pai de um dos jovens agredidos afirmou que seu filho não sai mais de casa até os 18 anos. Ele afirmou que seu filho é muito tímido e que ele sempre esteve ao lado dele.

Advogado afirma que não há relação com homofobia

O advogado dos jovens agredidos afirmou que não há relação entre o ataque e homofobia. Ele afirmou que os jovens estavam apenas se defendendo e que os agressores são indivíduos violentos.

Fuga de sete jovens de ex-Febem causa motim e fere três agentes

Batalhão na Fundação Casa de Anaraquara depois de horas

Sete jovens fugiram de um centro de reeducação em Anaraquara, causando um motim e ferindo três agentes. Os jovens foram levados para o Hospital Sírio-Libanês.

Agentes afirmam que não há relação com homofobia

Os agentes afirmam que não há relação entre o ataque e homofobia. Eles afirmam que os jovens estavam apenas se defendendo e que os agressores são indivíduos violentos.

Agentes afirmam que não há relação com homofobia

LEVO



Participantes da COP-Praça Gay, realizada ontem, na saída de Copacabana, no Rio

Discursos contra homofobia marcam passeata gay no Rio

Uma passeata em defesa da diversidade sexual marcou o domingo em Copacabana, no Rio de Janeiro. Os participantes ouviram discursos contra a homofobia e marcharam com uma bandeira do arco-íris.

Agentes afirmam que não há relação com homofobia

A notícia principal traz um resumo "Parentes afirmam que agressões contra jovens não têm relação com homofobia e que filhos apenas se defenderam", em que pais e advogados dos agressores dão declarações de defesa. Outra vítima ouvida foi um estudante de dezoito anos que estava voltando de buffet onde havia trabalhado. O material relativo ao incidente dividido em três matérias disputa espaço com outras notícias: uma sobre a fuga de menores da ex-Febem e outra sobre a Parada LGBT realizada no domingo no Rio de Janeiro, com uma grande foto colorida em que um casal se beija debaixo da bandeira do arco-íris.

No dia seguinte, terça-feira, 16.11.10, o assunto mais uma vez recebe destaque de capa:

A interlocução é mantida principalmente com o Tribunal de Justiça (cuja fonte não é revelada) e com o advogado dos acusados para o qual "[...] a decisão considerou que o crime não tinha relação com a **homofobia** e que os adolescentes têm famílias estáveis e não oferecem perigo para a sociedade se soltos" (grifo nosso), além de testemunhas.

Na quarta-feira, 17.11.10, o interesse de cunho policial ainda rende pauta específica na FSP, mais uma vez com breve chamada de capa. Mas, é no caderno Cotidiano que encontrei uma foto que em boa medida exprime o momento histórico que estou aqui a contar:



Imagem colhida da p. C5 da edição da FSP de 17.11.10, onde consta o crédito correspondente ao fotógrafo Luiz Guarnieri da Futura Press.

A reportagem correspondente é assinada por jornalista que ouve educadores, policiais que ainda falam com cautela em "indícios de homofobia", um advogado, e vítimas que reiteram que durante os ataques eram chamadas de "bichas":

Acusados de agressão na Paulista coclecionam 'expulsões' de escolas

Dois dos adolescentes que participaram de incidente do fim de semana têm histórico de indisciplina

Objetivo diz que os dois não conseguiriam acompanhar ritmo de escola; amigos dizem que eles são brigantes

TALITA BERNHELI
DE SÃO PAULO

Um dos adolescentes acusado de agredir quatro rapazes na avenida Paulista, na noite de sábado, tem um histórico de indisciplina nas escolas por onde passou.

Após estudar por sete anos no Insua Alagbare, o rapaz de 17 anos "foi condecorado" e não se matriculou na escola, em 2009, devido a problemas disciplinares.

Segundo o colégio, ele se envolveu em discussões verbais e por escrito e pelo menos seis suspensões durante o ano.

Amigos do rapaz afirmam que ele mudou para o colégio Objetivo em 2009, ele vendeu também foi expulso após atitudes "sem noção, como fazer xixi na sala de aula", diz um ex-colega de colégio.

Nesse ano, ele foi para uma escola estadual na Vila Mariana, onde também teve problemas de indisciplina. Há cerca de 20 dias, ele não frequenta as aulas do local.

Além de acordo com amigos, o adolescente de 16 anos também acusado de agressão foi expulso do Objetivo após se envolver numa briga. "Ele pegou um 'voador' jogou em cima da mesa e ficou dando papeleta", descrevem em uma rede social.

O Objetivo diz apenas que os dois foram expulsos "por que não conseguiriam acompanhar o ritmo do colégio".

A Folha não localizou as famílias dos jovens citados. A Folha não localizou as famílias dos jovens citados. A Folha não localizou as famílias dos jovens citados. A Folha não localizou as famílias dos jovens citados.

Os alunos dizem que eles já haviam lido em um bo-



Adolescentes suspeitos de participar de agressão na avenida Paulista deixam a Fundação Casa na tarde de antontem

ANÁLISE

Concepção atual de justiça fala ao intelecto, e não às emoções

MÉLO SCHWARTZMAN
ENTREVISTA A TEREZA

Ole. E resultados em pesquisas "guy boys" que tiram agredido um grupo de rapazes igualmente serem liberados pelas autoridades em menos de 24 horas. Esse é um dos lados da questão.

O outro é que, por mais injusto que pareça, é isso que a Constituição determina: todos são inocentes até serem considerados culpados. Como tal, direito de responder ao processo em liberdade.

Ficou claro: enquanto aguarda julgamento é que deveria ser dada medida cautelar, a ser aplicada apenas quando o acusado pode fugir ou frustrar a in-

teração do processo.

Nessa abordagem diante da violência se explica. Há, "grupos de delinquentes", duas categorias de delinquentes. A primeira é mais antiga e conhecida como Lei de Tullio. Muitos policiais de zonas interiores locais, preocupados o "olho por olho, dente por dente" do antigo Testamento.

Tecnicamente, ela leva o nome de justiça retributiva, ou mesmo vingança, concebida como ato a "mercer". Essa noção é clara, só para ser pé-se-temos à nossa disposição um Deus e a noção de justiça retributiva.

A justiça retributiva impõe ao longo da maior parte

Itália investiga elo de pai de acusado com Cosa Nostra

DE SÃO PAULO

Um dos adolescentes acusados das agressões na Paulista, de uma família investigado por suspeita ligação com a Máfia italiana, conhecido como Cosa Nostra. O pai da família, que morreu em 2004, foi um dos mais famosos chefes.

Em 2009, a pedido do governo italiano, o pai foi preso em São Paulo e só foi libertado depois de pagar a Justiça de Palermo 1 milhão de euros em fiança.

Em agosto passado, o pai foi preso em São Paulo e só foi libertado depois de pagar a Justiça de Palermo 1 milhão de euros em fiança.

No pedido, ele disse ser um brasileiro confundido com o italiano. Ditem, ele é um advogado foram procurados, mas não atenderam a portagens.

A embaixada da Itália diz não haver dúvida de sua identidade.

(MÉLO SCHWARTZMAN)

DECISSÃO DE HOMOFÓBIA NÃO FOI CITADA

O Tribunal de Justiça de SP afirmou ontem que a questão da homofobia não foi abordada na decisão que libera quatro suspeitos de agressão da Fundação Casa. Ditem, um advogado de um deles, Orlando Machado, disse que o juiz havia considerado que não havia discriminação, como afirmou a polícia.

Página C5 do caderno Cotidiano do dia 17.11.10.

A mesma página dá espaço à divulgação de uma nota do Tribunal de Justiça esclarecendo que, ao contrário do divulgado por um advogado e pela imprensa, a questão de ter havido motivação homofóbica ou não nos ataques, não foi considerada na decisão de soltar os acusados de agressão.

Em 20.11.10, sábado, a Folha volta à carga, novamente com uma pequena chamada de capa que divide espaço no canto esquerdo com notícia e foto sobre a Presidente da República recém-eleita, conferindo grande destaque ao assunto:

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 90 • SÁBADO, 20 DE NOVEMBRO DE 2010 • Nº 29.816

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 22H19 • R\$ 2,50

Depoimento piora situação dos 5 acusados de agressão

Depoimento do vigia de um prédio complicou a situação dos cinco acusados de agressões na av. Paulista, no domingo. Segundo o vigia, a vítima não pôde se defender. Após o depoimento e o vídeo do ataque, a polícia fala em tentativa de homicídios; os jovens podem voltar a ser detidos. **Pág. C1**

Alunos ficam até seis meses sem professor em SP

Alunos de escolas da rede estadual de SP ficam até seis meses sem professor porque o governo não consegue contratar docentes para cobrir licenças temporárias. O Estado admite o problema e estuda mudar a lei das contratações. **Continua 2**

BRAZILIO VARELLA

Cigarro não pode ficar exposto ao



Dilma se emociona e chora ao falar com militantes do PT

Durante reunião do Diretório Nacional do



Brasil se abstém de condenar Irã por violar direitos

Resolução da ONU contra violência à mulher foi motivada por caso de Sakineh, iraniana condenada a morrer apedrejada

O Brasil se absteve de votar nas Nações Unidas resolução que condena a pena de morte e a violência contra a mulher. O debate foi motivado pelo caso de Sakineh Ashrafi, iraniana acusada de adultério e condenada por 42 países, sob a liderança do Canadá, e levado ao comitê de direitos humanos da Assembleia Geral.

A resolução foi aprovada por 80 votos a sete, com 57 abstenções. O debate foi motivado pelo caso de Sakineh Ashrafi, iraniana acusada de adultério e condenada por 42 países, sob a liderança do Canadá, e levado ao comitê de direitos humanos da Assembleia Geral.

Goveto quer que os fundos reforcem o trem-bala já

O Flaminio ordena que Previ (BB), Petros (Petro

Silvio Santos decide mudar sede de grupo para o SBT

Para ficar mais perto do comando de seu grupo após

Capa da edição do dia 20.11.10.

O caderno Cotidiano correspondente repercutiu a divulgação de novos testemunhos e de um vídeo em que um dos agressores ataca as vítimas com lâmpadas fluorescentes:

FOLHA DE S. PAULO

cotidiano¹

Jovem atacado na Paulista escapou da morte, diz polícia

Após vídeo e testemunha, delegado agora fala em tentativa de homicídio

Vigia que se envolveu em discussão com jovens de um prédio em Paulista, no domingo, acabou sendo espancado e atacado com lâmpadas fluorescentes.

LANÇAMENTO - SANTOS
A melhor cidade para morar e investir.

BOSSA NOVA
Participativa e sustentável para o futuro.

3 dorms. - 1 suíte

150 m² de área útil, privativa
com garagem. Para 4 pessoas de 100
kg cada.

Região com potencial
de desenvolvimento imobiliário
e melhor preço por m² de região.

VISITE O DECORADO
Av. Dr. Placido Ribeiro, 97 - Jardim do Oratório
Cidade 11 9251-8842 | www.lancamentosantos.com.br

ASIM LOPES Abayara tati TECNISA

Página C1 do caderno Cotidiano do dia 20.11.10.

Os discursos relacionados com a homofobia são encampados por novos interlocutores com a homofobia são encampados por novos interlocutores que se somaram aos dos dias anteriores, como um deputado estadual que organizou uma manifestação contra a prática na própria Avenida Paulista, ato que foi retratado em fotografia enxertada no alto do lado direito da página e no qual foram colhidas assinaturas em apoio ao projeto de lei que criminaliza a homofobia.

Promotor vê omissão de pais de agressores

Para Tales Cezar de Oliveira, promotor da Infância e Juventude da capital, "bom pai é o que diz 'não'" aos filhos

"Um bom pai jamais permitiria que o filho, menor de 18 anos, ficasse só na rua numa balada", afirma ele

ANDRÉAS PINHEIRO DE SOUZA

O promotor Tales Cezar de Oliveira, da Infância e Juventude da capital, critica os pais dos adolescentes envolvidos na agressão contra o músico Jovina na avenida Paulista, em São Paulo. "Um pai é o que diz 'não'", afirma ele. "Um pai é o que diz 'não'", afirma ele. "Um pai é o que diz 'não'", afirma ele.

VIOLÊNCIA NA AVENIDA PAULISTA



Dois grupos de meninos andavam em direção oposta. Um grupo está em frente à loja de roupas fluorescentes.

Imagens de câmeras de segurança derubram versão de agressores



Aparentemente sem motivo, ele atacou um rapaz de outro grupo e quebra uma lâmpada no chão. A agressão ocorre em sua direção.

OUTRO LADO



Os meninos ficam um tempo fora da alameda da câmara. No fim, o promotor vê o grupo em que estava o agressor fugir do segurança da rua.

Defesa diz que imagens não são esclarecedoras



O advogado Alexandre Dias Almeida, defensor de um dos jovens de 17 anos, questiona a credibilidade do depoimento de Jovina e diz que não serviu como base no vídeo. "O vídeo está editado, não vê na imagem. Como a imagem não é conclusiva, não serve e não tem nenhum valor". Sobre o depoimento de Jovina, disse que "carece de credibilidade". "Não se qual a distância que ele estava para encontrar isso. Inclusive, disse que a vítima era 'vendo'".

Fofha - Qual foi o motivo de sua veia ao invés de uma agressão? A agressão, como eu disse, aconteceu com o meu filho de 17 anos. Ele estava com o pai e eu não estava lá. Ele estava com o pai e eu não estava lá. Ele estava com o pai e eu não estava lá.

Como você reagiu ao ver o vídeo? Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo.

Como você reagiu ao ver o vídeo? Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo.

Como você reagiu ao ver o vídeo? Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo.

Como você reagiu ao ver o vídeo? Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo. Eu não sabia que existia esse vídeo.

Tiro em jovem gay foi acidental, diz Exército

Para coronel, sargento não teve a intenção de disparar contra rapaz em parque no Rio

para o rapaz O sargento da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Fernando Brito, afirmou que não teve a intenção de disparar contra o jovem gay em um parque no Rio de Janeiro. "O tiro foi acidental", afirmou ele.

O sargento Fernando Brito afirmou que não teve a intenção de disparar contra o jovem gay em um parque no Rio de Janeiro. "O tiro foi acidental", afirmou ele.

O sargento Fernando Brito afirmou que não teve a intenção de disparar contra o jovem gay em um parque no Rio de Janeiro. "O tiro foi acidental", afirmou ele.

O sargento Fernando Brito afirmou que não teve a intenção de disparar contra o jovem gay em um parque no Rio de Janeiro. "O tiro foi acidental", afirmou ele.

O sargento Fernando Brito afirmou que não teve a intenção de disparar contra o jovem gay em um parque no Rio de Janeiro. "O tiro foi acidental", afirmou ele.



Rapaz gay abraçado por militar no Rio mostra coragem

Página C4 do caderno Cotidiano do dia 20.11.10.

A página D4 acima reproduzida traz duas matérias, sendo que a primeira relativa ao incidente paulista traz imagens do vídeo divulgado no exato momento em que o ataque com lâmpadas fluorescentes ocorreu. Nela o promotor da Infância e da Juventude, responsável pelo caso, dá entrevista. E na outra, produzida por jornalista colaborador do Rio de Janeiro, é retomado o caso envolvendo militares naquela cidade revelado dias antes. Apesar de ambas estarem relacionadas diretamente com a homofobia em momento algum os discursos encampados lançam mão da terminologia.

Poucos dias depois, em 10.12.10, sexta-feira, o jornal destaca outro ataque e, do lado esquerdo da folha, com uma série de fotos extraídas de

um vídeo, continua a explorar o caso do ataque com lâmpadas fluorescentes:

FOLHA DE SÃO PAULO

SEXTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 2010 ★ ★ cotidiano C9

Mais 2 gays são agredidos na região da Paulista

Ataque aconteceu na madrugada de domingo, na rua Frei Caneca

Imagens divulgadas ontem mostram jovens derrubando uma das vítimas com soco; amigo também apanhou

DE SÃO PAULO

Imagens de câmeras de segurança divulgadas ontem mostram mais um ataque com aparente motivação homofóbica na região da avenida Paulista.

A agressão aconteceu na madrugada de domingo. Após deixarem uma festa, dois jovens caminhavam pela rua Frei Caneca e são seguidos por um rapaz branco, de roupas escuras. Com um soco inglês entre os dedos, ele bate na cabeça de um dos jovens e o derruba no chão. Seu amigo é atingido seguidamente.

As agressões só acabam depois que uma mulher segura o autor e o papa para sair do local, conforme mostram as imagens, exibidas pelo "SP1TV", da TV Globo. Com esse caso, chega a dez o

bia na região da avenida Paulista nas últimas semanas.

A secretária da Segurança Pública diz que a Delegacia de Crimes Raciais e de Intolerância iniciou as investigações e encontrou detalhes que podem ajudar na identificação do autor, que é um homem branco e caubete.

A suspeita é que, nesse caso, o agressor pertença a um grupo de skinheads. Segundo a polícia, as vítimas dizem que são homossexuais.

OUTROS CASOS

No sábado, dois amigos disseram que foram agredidos por quatro homens e duas mulheres perto da estação de metrô Brigadeiro. Nenhum suspeito foi preso.

Antes, no dia 16 de novembro, cinco rapazes (apenas um deles maior de idade) agrediram cinco pessoas em momentos diferentes. Semanas depois, um agente de viagens disse que, em março, foi vítima do mesmo grupo. Os quatro adolescentes apontados como agressores foram internados na Fundação Casa. O jovem de 19 anos

AGRESSÕES NA AVENIDA PAULISTA

Câmeras de segurança registram mais um caso de violência

5. DEZ



Por volta das 4h30, dois homens andam na calçada quando outro se aproxima e começa a seguí-los.



Com um soco inglês, ele agrediu um dos rapazes, que fica caído. Em seguida, vai atrás do outro e também o agrediu.



Depois, uma mulher aparece e tenta impedir que as agressões continuem. As duas vítimas conseguem, então, fugir.

4. DEZ

Dois amigos saem juntos de uma festa, por volta das 4h30.

Eles andam abraçados pela avenida quando são surpreendidos por seis pessoas.

Os dois são espancados e, segundo eles, havia duas mulheres entre os agressores.

14. NOV



Dois grupos de meninos andam em direções opostas. Um garoto está com duas lâmpadas fluorescentes na mão.



Ele ataca um rapaz do outro grupo e quebra uma lâmpada na cabeça dele. Ataca de novo e o agredido corre em sua direção.



No fim, o grupo em que estava o agressor foge correndo. Ele não suspeita de mais duas agressões no mesmo dia.

'Depois dos gays, homofóbicos saíram do armário?'

VINÍCIUS QUEIROZ GALVÃO
DE SÃO PAULO

Liderança do movimento gay no Brasil, Toni Reis, presidente da ABGLT, associação que congrega os principais grupos de defesa dos homossexuais, vê as agressões na avenida Paulista de uma outra perspectiva.

Depois dos gays e lésbicas, agora são os homofóbicos que saíram do armário -- e

Folha - Agressões a homossexuais têm aumentado?

Toni Reis - «Cairíamos com isso diariamente. Agora é que as pessoas têm coragem de denunciar. As vítimas estão saindo do silêncio e têm menos medo.

Que atribui essa violência?

A diferença agora é que os homofóbicos saíram do armário. Depois das eleições

Mas a aversão a homossexuais sempre existiu.

Ajá, a década de 90 fomos tratados como doentes. Depois, fomos politicamente incorreto falar mal da homossexualidade, mas a questão do pecado, da doença, do fora da lei ficou enrustida. As pessoas se animaram a falar das suas preconceitos e exercê-los. As discussões do casamento gay e da criminalização da homofobia contribuíram com esse preconceito.

conseguem sensibilizar as autoridades para a criminalização da homofobia?

Falta punição aos agressores? As pessoas acham que a homofobia é normal, que é coisa de adolescente.

Por que a avenida Paulista, simbólica com a parada gay?

É a avenida mais movimentada do Brasil e possivelmente a mais filmada, mas essa violência ocorre em to-

Página C9 do caderno Cotidiano do dia 10.12.10.

No particular cabe mencionar que, na realidade, o filtro realizado conduziu à entrevista do presidente da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais enxertada na parte lateral da mesma página. A pesquisa deste material, no entanto, conduziu para a consideração da notícia secundária que constituiu o contexto imediato, a causa ensejadora das matérias, como visto acima. É nesta entrevista que a prática discursiva aparece onde o entrevistado afirma "As discussões do casamento gay e da criminalização da **homofobia** contribuíram com esse preconceito.", "Espero que essas imagens consigam sensibilizar as autoridades para a criminalização da **homofobia**" e "As pessoas acham que a homofobia é normal, que é briga de adolescente" (grifo nosso).

Para além das matérias de cunho policial a sucessão de incidentes acabar por motivar uma repetição de protestos como o noticiado no caderno Cotidiano de uma segunda-feira, 13.12.10, na forma de nota:

FOCO



Drag queen beija rapaz durante manifestação contra a **homofobia** na região da Paulista

Casais gays fazem beijaço contra ataques homofóbicos

JURI DE CASTRO TORRES
DE SÃO PAULO

Cerca de 150 pessoas participaram ontem de uma manifestação contra atos homofóbicos ocorridos em São Paulo, no último mês. No protesto, 15 casais homossexuais se beijaram em frente a uma doçaria, nos Jardins.

O protesto começou em frente à Ofner, onde o gerente de vendas Lúcio Serrano diz ter sofrido preconceito.

Segundo ele, um funcionário o repreendeu quando seu namorado encostou a cabeça em seu ombro. Ele teria dito "isso aqui é lugar de família" e que "dois homens se pegando é coisa de bicha". A

Ofner não se pronunciou sobre o caso ontem.

Os manifestantes andaram até o número 777 da Paulista, onde relembrou os ataques sofridos por homossexuais neste ano.

A polícia reforçou o policiamento na região desde a semana passada e nenhuma ocorrência de agressão a homossexuais foi registrada no final de semana.

Entre a noite de sexta-feira e a de ontem, 30 policiais fizeram rondas nos locais com mais casais GLS.

Recorte da p. 6 do caderno Cotidiano da edição do dia 13.12.10.

O evento ocorreu na frente de uma doceria em São Paulo, sendo que a cobertura teve por interlocutores os participantes do protesto, além de policiais. O discurso sobre a homofobia surge na legenda logo abaixo da foto chamativa. Na semana seguinte foi a vez de um ato defendendo a aprovação do projeto de criminalização da homofobia, conforme caderno Cotidiano do dia 22.12.10, quarta-feira, com grande destaque:

Ato em SP defende lei contra **homofobia**

Entidades LGBT se reúnem hoje na rua Libero Badaró (centro) para apoiar projeto que criminaliza a discriminação

Especialistas dizem que o projeto não afeta a situação da liberdade de expressão no país e é constitucional

SERÁ NA CIDADE

Realização do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) organizam hoje em São Paulo um ato a favor do projeto de lei 122/06, que criminaliza a homofobia.

Segundo organizadores do evento, hoje às 18h30 na rua Libero Badaró, 1791, a ideia é

antecipar uma agenda de mobilizações para cobrir a onda de violência contra gays.

"Não queremos que o final do ano interrompa a discussão sobre a homofobia, e a batalha pela aprovação do PL 122 é central", afirma Ivo de Jesus, ex-presidente da Paródia/OrgulhoGay.

Proposto originalmente em 2001 pela ex-deputada lésbica Lara Hernandez (PT-SP), o projeto foi aprovado em 2004 pela Câmara. Seguiu para o Senado, onde sofreu alterações — o substitutivo tem apenas quatro artigos.

Atualmente o PL 122/06 está na Comissão de Direitos Humanos do Senado, após o substitutivo da senadora Flávia Cunha (PT-BR) ter sido

PL CONTRA **HOMOFOBIA**

1 O QUE ACONTECE SE O PL 122/06 FOR APROVADO?

Serão alterados trechos de três artigos da lei 7.716/89 (arts. 1º, 8º e 20) e um do Código Penal (art. 140); o que hoje vale para o racismo, por exemplo, passará a valer também para a **homofobia**, entre outros casos.

Entenda as principais alterações propostas pelo PL 122/06

2 O QUE MUDA NESES ARTIGOS?

> Atualmente, a lei fala em "crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional".

> Se o PL 122/06 for aprovado, a lei falará em "crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, condição de pessoa idosa ou com deficiência, gênero, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero".

3 O PROJETO PREVÊ MUDANÇA NA PENA PARA ESSES CRIMES?

Não, caso o Projeto de Lei seja aprovado, as penas previstas por esses artigos serão as mesmas que já existem atualmente (reclusão de um a três anos e multa).

aprovado pela Comissão de Assuntos Sociais. Depois, precisa passar pela Comissão de Constituição e Justiça e pelo plenário. Se aprovado, volta à Câmara.

PREOCUPAÇÃO

A ainda longa tramitação preocupa os ativistas. Usam o Cláudio não foi reeleita, parte do movimento LGBT recusa sua rejeição do projeto caia nos mãos de algum cristão(a) propôs.

O senador Marco Malta (PS-ES), da base do governo, é um exemplo. Ele afirma que o PL 122/06 é inconstitucional e fere a liberdade de expressão, sobretudo das

igrejas que criticam o homossexualismo.

CONSTITUCIONAL

A Folha ouviu seis especialistas em direito constitucional: o ministro Marco Aurélio Mello, do Supremo Tribunal Federal, um segundo ministro do STF, que falou em caráter reservado, Ives Gandra da Silva Martins, Virgílio Afonso da Silva, Carlos do Hólder Mendes e Octavio Luiz Matta Ferraz.

"São unanimemente a favor do projeto e não ameaça a liberdade de expressão. O principal argumento é o fato de a Constituição dizer em dois artigos (1º e 2º) que a discriminação e o preconceito

deverão ser combatidos pela lei. É o que já ocorre, por exemplo, com a prática discriminatória, cuja condenação legal é aceita desde 1968.

O que o projeto anti-homofobia faz é considerar a atitude de homofóbica tão criminosa quanto a racista. Não há a "criação" de um crime novo.

"SEGUNDA CLASSE"

Para Marco Aurélio Mello, "não o que realmente busca um tratamento igualitário e respeitoso é bem vindo." Ele lembra que não há direitos absolutos na Constituição e afirma que "a liberdade de expressão não pode chegar ao ponto de menoscabar a dignidade, gerando

ofensas de segunda classe". Concedo Hólder Mendes, professor licenciado do Distrito da DF, diz que se o PL "impõe limites à liberdade de expressão, são limites que podem ser bem justificadas pela própria Constituição. Criminalizar tais condutas é aplicação da legalidade".

O advogado Ives Gandra da Silva Martins também não vê "inconstitucionalidade, mas diz ter "receios quanto ao efeito do projeto".

Ele argumenta que "explicar demais" pode levar à "discriminação às avessas". Tem, por exemplo, que sejam proibidas letras de "canções sagradas" que falam contra o homossexualismo.

Justiça decreta prisão de agressor da av. Paulista

— DA SÉRIE

A Justiça decretou a detenção do Ministério Público e decretou ordem de prisão preventiva do doador maior de idade entre os cinco acusados de agressões na região na av. Paulista em 16 de novembro. Jonathan Lauson Domingues, 39, é agora preso pela polícia.

A Promotoria e o detentor da segunda-feira sob acusação de três lesões corporais, furto e tentativa de homicídio tripartite qualificado. O advogado do jovem não foi localizado pela reportagem.

Quatro adolescentes estão internados na Fundação Casa desde novembro, após a divulgação de imagens de câmeras de segurança na avenida que documentam as agressões.

Com base no depoimento da vítima que acusa uma vítima, a polícia suspeita que tenha havido motivação homofóbica nas agressões. www.fox.com.br

Página C4.

A reportagem feita por jornalista local dá voz a lideranças do movimento LGBT organizadores do ato e 6 especialistas de direito constitucional para os quais o projeto de lei é constitucional e não compromete o direito de liberdade de expressão, sendo que a própria Constituição prevê a tomada de medidas legais contra a discriminação e o preconceito. O material comporta o seguinte quadro explicativo:

PL CONTRA **HOMOFOBIA**

Entenda as principais alterações propostas pelo PL 122/06

1 O QUE ACONTECE SE O PL 122/06 FOR APROVADO?

Serão alterados trechos de três artigos da lei 7.716/89 (arts. 1º, 8º e 20) e um do Código Penal (art. 140); o que hoje vale para o racismo, por exemplo, passará a valer também para a **homofobia**, entre outros casos.

2 O QUE MUDA NESES ARTIGOS?

> Atualmente, a lei fala em "crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional".

> Se o PL 122/06 for aprovado, a lei falará em "crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, condição de pessoa idosa ou com deficiência, gênero, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero".

3 O PROJETO PREVÊ MUDANÇA NA PENA PARA ESSES CRIMES?

Não, caso o Projeto de Lei seja aprovado, as penas previstas por esses artigos serão as mesmas que já existem atualmente (reclusão de um a três anos e multa).

3.2.2 Os discursos de opinião (2010)

De igual modo os sucessivos ataques reverberam nas práticas discursivas de **opinião**, em situações como a de um leitor que discorda de outro que anteriormente tinha afirmado que "homofobia ser crime é sinônimo de ditadura", como ocorreu no domingo, 13.06.10, Primeiro Caderno, na página A3 relativa a seção dos leitores. Eram tempos em que o fenômeno da intertextualidade declarada ou não corria solta como um artigo publicado uma semana depois pode sugerir. Em "A ditadura do crime de ódio", publicado na coluna Tendências e Debates da página 3 do Primeiro caderno da edição dominical de 20.06.10, Carlos Giannazi, deputado estadual paulista pelo o PSOL afirma:

No Brasil, uma pessoa de orientação homoafetiva é assassinada a cada três dias, tornando o país um dos mais **homofóbicos** do mundo, com a tenebrosa estatística anual de 198 mortes violentas nessa área. Enquanto isso, o vereador paulistano Carlos Apolinário, que parece viver ainda na Idade Média, brinca com coisa séria folclorizando e reforçando, em seus posicionamentos, os crimes de ódio contra seres humanos -sujeitos de direitos fundamentais-, que ousam manifestar publicamente a sua orientação sexual "diferente".

Em artigo publicado neste espaço [a coluna Tendências e Debates, do jornal "Folha de S. Paulo"], no dia 7 de junho, intitulado "A ditadura gay", ele tenta vender a ideia de que algumas ações do poder público e leis que visam combater o preconceito, a discriminação, a intolerância e a violência da qual essa população é vítima não passam de exclusividade e privilégio patrocinados com o erário público.

[...]

Assim como o racismo é crime inafiançável e imprescritível pela Constituição e a violência contra a mulher é criminalizada pela Lei Maria da Penha, temos a luta pela criminalização da **homofobia** presente no projeto de lei 122, em trâmite no Congresso Nacional.

Apolinário, no seu texto, afirma que a criminalização da **homofobia** coloca em xeque o direito de liberdade de expressão, quando, na verdade, os homossexuais é que são privados desse

direito e, não raramente, mortos por exercê-lo (grifo nosso).

Entre os meses de novembro e dezembro de 2010, no auge da sucessão de ataques, multiplicando-se opiniões de leitores, como ocorreu nos dias 05 e 08.12.10, chegando ao ponto de a FSP apresentar um quadro da semana do leitor, em 05.12.10 (um domingo), destacando que "O assunto é LEI DA HOMOFOBIA" e divulgando opinião contrárias de leitores sobre um editorial publicado dias antes:

SEMANA DO LEITOR folha.com.br

TEMAS MAIS COMENTADOS: GUERRA AO TRÁFICO 38,6%, AEROLÍNEA 4,9%, MINISTÉRIO 2,8%, TOTAL: 648 mensagens

Ministério
É impressionante a escolha por litigância dos ministros aqui no Brasil, onde não se considera a integridade moral e a capacidade técnica do escolhido. Vimos agora a indicação para a pasta da Saúde de Sérgio Cosen, que deixou rastros de polêmicas em suas gestões na secretaria estadual. Como é que um cidadão que já teve seu nome tão questionado publicamente pode administrar a saúde de todo o país? A saúde pública, uma das obrigações mais importantes que o governo tem em relação aos cidadãos, estará em próximas mãos. E por essas e por outras que a eleição será encerrada no final do mandato.

MINISTÉRIO (COMENTÁRIO DE QUINTEIROS, RJ)
Seleção e cerveja
Lamento muito o procedimento

O ASSUNTO É LEI DA HOMOFOBIA

“O editorial “Lei da Homofobia” (28/11) comete erro crasso. Essa lei quer amadurecer os que não concordam com a propaganda que a mídia faz do homossexualismo. Trata-se de reprimir o povo em suas legítimas manifestações. Quanto aos crimes, já estão previstos no Código Penal.”

JAVIER CASTRO (São Paulo, SP)

“Em 28/11, a Folha praticamente dá carta branca aos que não aceitam o fato de existir outra orientação que não a heterossexual. Usa discursivos princípios da liberdade e questionar o rigor das punições.”

CARLOS ALBERTO RAMALHO (São Paulo, SP)

TUITADAS

Não eram irrelevantes?
@Mikereza sobre: "Pessoalmente prefiro fazer a natureza da dignidade da moral", etc. LOL"

Vai ser difícil dizer não ao pai dela
@marjela sobre: "FIC é o que Dilma terá que impor dentro de um período de governo não?"

Aos de FHC também...
@josemaria sobre o mesmo texto

Começou a migração
@marjela sobre: "Bom dia com de Deus do Rio para São Paulo e depois de São Paulo?"

Ah, políticos
@daniel sobre: "Médico responsável em 27 milhas e devolve o diagnóstico em SP"

Agressão na avenida Paulista, em São Paulo

Fragmento da p. A8 do Primeiro Caderno do dia 05.12.10.

Semanas depois, em 21.11.10, mais uma vez em um domingo, surge outro discurso de **opinião** na coluna Tendências e Debates (p. A3 do Primeiro Caderno). Navi Pillay, Alta-Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos escreve sobre a "Homofobia e a violência da intolerância", abordando a série de ataques homofóbicos que estava varrendo o mundo, destacando que ao lado da discriminalização da homossexualidade, estavam os desafios mundiais colocados pela luta contra a homofobia.

No mês seguinte, em 04.12.10, um sábado, é a própria FSP que fomenta a discussão, lançando questionamento na mesma Coluna Tendências e Debates (do Primeiro Caderno) assim: "O Congresso deve aprovar o projeto que criminaliza a homofobia? Dois articulistas respondem. Pierpaolo Cruz Bottoni, advogado e professor de direito da USP, defende que sim sob o título "Discriminação é negação do

pluralismo"⁶⁸. E o já mencionado Carlos Apolinário, vereador paulista do DEM, defende que não sob a chamada "A lei da mordça"⁶⁹.

3.2.3 Os discursos do tipo lazer e cultura nacional (2010)

Como visto, somente 10% das páginas pinçadas no biênio 2010-2011 foram identificadas como voltadas para discursos de **lazer e cultura nacional**, num total de 20 casos, sendo que metade delas no ano de 2010. Desse conjunto seleciono aqui poucas ocorrências que percebi como mais significativas. A primeira foi pinçada na Ilustrada do dia 15.01.10, sexta-feira, envolve um programa da Rede Globo, Big Brother Brasil:

E14 ilustrada SEXTA-FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 2010

Outro Canal

Homofobia no "BBB" preocupa governo

Mais do que a possibilidade de os gays do "Big Brother" chocarem telespectadores mais conservadores, o que preocupa Ministério da Justiça, responsável por monitorar a televisão, é o potencial de o programa mostrar homossexualidade entre os três candidatos que se declararam homossexuais.

Segundo a **Falhas** apressa, o Departamento de Classificação Indicativa de programas, órgão do ministério, está alerta para a maneira como a Globo irá tratar os três participantes drag queen Dióscoro, Sérgio e Angélica. Um funcionário da pasta afirmou à **Falhas** que há um temor de que eles possam se tornar "boto da girândola" (o peixe submersível a sacrifício ou humilhação).

No noite de antontem, em uma festa, a produção levou a música "Tô Sozinho", hits gay, e Dióscoro e Sérgio, enquanto dançavam, deram um beijo "selvagem" sem que os lábios se tocassem brevemente).

A cena foi mostrada pelo canal pago Multishow, que entra ao vivo após o término do programa da Globo.

Antes do beijo, um dos participantes, Marcelo, comentou: "Está tocando o hino deles, Melhor não ficar perto, sendo complicado". Na estreia, enquanto os gays consentavam sua orientação sexual em um quarto, os outros saíram para conhecer o resto casa, e Sérgio comentou: "Oh, os outros já saíram de perto". O reality é classificado para maiores de 14 anos.



TONY FUGE DO HOSPITAL EM "PODER PARALELO"
Para que Tony (Gabriel Braga Nunes), acusado de assassinato, não seja preso depois de ter alta, Domi (Augusto Zacchi) vai se passar por enfermeiro e ajudá-lo a fugir; cena vai ao ar no dia 19

Página E14 da Ilustrada do dia 15.01.10.

⁶⁸ De onde se extrai o fragmento: "A constatação da Unaid (órgão da ONU, para a Aids) de que a cada três dias um homossexual é morto no mundo e as estatísticas brasileiras de cem homicídios anuais por **homofobia** revelam as razões do legislador para o uso do direito penal.

A lei penal, nesse caso, não tem finalidade pedagógica, não visa ensinar a tolerância e o convívio -finalidade alcançada por outros mecanismos, como a educação -, mas apenas impedir que sejam negados direitos a certos grupos sociais" (grifo nosso).

⁶⁹ Onde afirma "Viveríamos debaixo de uma cultura do medo, já que qualquer ato ou fala poderiam ser interpretados como crime de **homofobia**" (grifo nosso).

O interlocutor ouvido pela coluna não assinada é um funcionário do Departamento de Classificação Indicativa de Programas do Ministério da Justiça sobre possíveis cenas com situações de homofobia velada ditas no programa Big Brother Brasil, sendo que o uso discursivo se dá no título.

No registro seguinte, do dia 21.01.10, o caderno Ilustrada de uma quinta-feira, dá conta da veiculação de discursos sobre homofobia num espaço diferenciado, de humor:

FOLHA DE SÃO PAULO QUINTA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 2010 ilustrada visualizador

JOSÉ SIMÃO

Buembá! Eu sou filho do Zé Mayer!

E o machão homofóbico do 'BBB' que se chama Dourado?! E a bibinha emo parece um Smurf

mesopotâmica campanha Morte ao Tucumã. E que no interior do Pará tem um restaurante chamado Come em Pó! Agoniado Mas Gostoso! Uel! Isso é Dias Gomes puro. Mais direto impossível. Viva o antitucumã! Viva o Brasil!

E atenção! Cartilha do Lula. O Orélio do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. **Homofobia**: companheiro com fobia a sabão em pó! Bararã! O lulã é mais fácil que o inglês. Não se febre, mas não goze. Heje só amanhã!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinôgeno!

E quem não tiver colírio pode pingar Ajacem Panta Uel.

simao@uel.com.br

Página E13 da Ilustrada do dia 21.01.10.

Nela o jornalista faz chiste "E o machão homofóbico do 'BBB' que se chama Dourado?! E a bibinha emo parece um Smurf", para logo a seguir no arremate do texto lançar "E atenção!Cartilha do Lula. O Orélio do Lula.Mais um verbete pro óbvio lulante. **Homofobia**: companheiro com fobia a sabão em pó!" (grifo nosso).

As declarações de cunho homofóbico veiculadas no programa Big Brother Brasil voltam à pauta no dia 26.02.10, sexta-feira, quando a Ilustrada dá grande destaque à seguinte notícia:

Homofobia no "BBB" gera debate no exterior

Acusações contra integrante foram comentadas por revista gay e Roy George



Controvérsia começa quando público prefere manter participante que disse que só homossexuais têm Aids e eliminou lésbica

CONTROVÉRSIA

Na última noite, um público ímpio no "Big Brother Brasil" manteve no ar o participante 27 até o fim da noite de votação. O resultado foi surpreendente: o participante 27 venceu a votação de 6 milhões de votos em apenas 15 minutos.

No quarto, o participante 27, conhecido como "Mocinho", venceu a votação de 6 milhões de votos em apenas 15 minutos. Ele é um participante de origem brasileira que chegou ao programa em uma das primeiras semanas.

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

Ele é o participante 27, conhecido como "Mocinho". Ele é um participante de origem brasileira que chegou ao programa em uma das primeiras semanas.

Ele é o participante 27, conhecido como "Mocinho". Ele é um participante de origem brasileira que chegou ao programa em uma das primeiras semanas.

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

Ele é o participante 27, conhecido como "Mocinho". Ele é um participante de origem brasileira que chegou ao programa em uma das primeiras semanas.

Ele é o participante 27, conhecido como "Mocinho". Ele é um participante de origem brasileira que chegou ao programa em uma das primeiras semanas.



Participante em cena de abertura, por volta de 19 horas, quando Dorian e o participante 27 estavam no programa.

'BBB' traz nova luta de classes

NOVA LUTA

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".

de Paulo. Mas, que momento não acontece entre ele e o drag queen Dorian. Ele é o drag queen "Dorian".



Edição do dia 26.02.10, Ilustrada, p. E7.

A reportagem assinada por jornalista colaboradora da Folha traz foto do participante do programa (que mais tarde viria a vencer a disputa) acusado de proferir declarações homofóbicas e resume: "Controvérsia começou quando público preferiu manter participante que disse que só homossexuais têm Aids e eliminou lésbica.", e faz referência a repercussão do fato em uma revista gay internacional. Junto vem uma crítica ao programa assinada por um colunista da FSP sob o título "BBB traz nova luta de classes".

Mais tarde, em 04.03.10, uma quinta-feira, o caderno Ilustrada vez retoma o assunto:

Globo é alvo de inquérito em caso de **homofobia** no “BBB”

A Procuradoria da República em São Paulo instaurou inquérito civil público para apurar a responsabilidade da Globo sobre a declaração, exibida no “Big Brother Brasil” no último dia 9, na qual Marcelo Dourado insinua que apenas homossexuais contraem o vírus da Aids.

Segundo o procurador Jefferson Dias, da regional dos direitos do cidadão, se comprovada a responsabilidade, a emissora terá que elaborar, no próprio programa, uma resposta à declaração. Exemplo: uma campanha educativa para diminuir os danos causados pela informação equivocada.

Tanto o procurador quanto o infectologista Ronaldo Hallal, coordenador das diretrizes de tratamento de Aids no Ministé-

rio da Saúde, afirmam que, ao contrário do que disse Pedro Bial no programa, “a Globo tem responsabilidade, pois deu voz ao participante veiculando a declaração em rede nacional”.

Para o médico, a fala “reforça o estigma de que só homossexuais são portadores do HIV”.

No mesmo dia, os acessos ao site www.aids.gov.br subiram de 7.000 para 17 mil. “Mas isso não se compara ao número de pessoas que viram o ‘BBB’ e não foram ao site”, diz Hallal.

A Globo declarou, pela assessoria, que desconhece o inquérito e que, portanto, não poderia comentar o assunto. Reafirmou não ser responsável pelas “declarações e opiniões pessoais de participantes de reality shows”. (JAMES CAMINO)

Fragmento da p.A16 da Ilustrada do dia 04.03.10.

A matéria estabelece interlocução com um Procurador da República de São Paulo que havia instaurado inquérito civil público para apurar as responsabilidades da Rede Globo de Televisão, que permitiu a veiculação de declarações homofóbicas do mencionado participante de um reality show, associando os homossexuais à difusão do vírus da AIDS.

José Simão retoma volta a fazer humor com a temática no caderno Ilustrada em dois sábados seguidos em outubro de 2010 (dias 09 e 16), época de campanha das eleições presidenciais, sendo que transcrevo aqui fragmento da primeira ocorrência:

O BRASIL VIROU O IRÃ, Parte 2! Índio ataca ou não ataca os gays? Polêmica! O vice do Vampiro, Índio da Costa⁷⁰, se juntou a pastores para atacar gays. Depois ele desmente! Mas vive em reunião com o pastor Malafaia! **Homofóbico** raivoso! Num tô entendendo mais nada! Pelo sim, pelo não: todos para o forte Apache. Bibas do Brasil, todos para o forte Apache. Ataque de índio! Rarárá! Gay já sofre ataque de pitboy e ataque de neonazista. Agora tem ataque de índio?

⁷⁰ O texto de humor faz reiterada referência ao então candidato a vice-presidente da Presidente da República na chapa de José Serra, o deputado federal Índio da Costa.

Ereções 2010: aborto, **homofobia** (Página E 19 da edição do dia 09.10.10, caderno Ilustrada, grifo nosso).

E perceptível a drástica redução de notícias sobre espetáculos teatrais ou musicais, sendo que no segmento somente houve um registro do primeiro tipo, numa crítica ao musical Gaiola das Loucas (em 24.11.10, quarta-feira, Ilustrada, página E3).

3.2.4 Os discursos sobre a realidade internacional e de lazer e cultura internacional (2010)

Os discursos sobre a **realidade internacional** perdem espaço numa drástica redução em comparação às ocorrências pinçadas nos períodos anteriores, num total de quatro registros em 2010, bem específicos sobre o movimento e avanços no cenário LGBT internacional: a comemoração do Dia Mundial contra a homofobia com um "beijão" em Paris (17.05.10, terça-feira, caderno Cotidiano, p. C10), a autorização dada pela Suprema Corte Mexicana para a adoção por casais gays (p. A14 do Primeiro Caderno do dia 17.08.10, terça-feira), as Paradas gays na Sérvia (dia 11.10.10, segunda-feira, caderno Cotidiano, fl.C10) e sobre as eleições americanas em que havia um candidato a governador homofóbico (dia 02.11.10, terça-feira, Primeiro Caderno, p. 14).

De igual modo são poucas as práticas discursivas sobre homofobia no campo do **lazer e cultura internacional** em 2010, num total de cinco páginas, fazendo indicação a quatro filmes estrangeiros e um desenho seriado da televisão norte-americana nos quais houve referência à homofobia (todos no caderno Ilustrada como segue: dias 28.02.10, domingo, fl. 7; 13.05.10, quinta-feira, página 4; 24.05.10, segunda-feira, fl. 3; 19.11.10, sexta-feira, página 6 e 1º.12.10, quinta-feira, p. 8).

3.2.5 Os discursos esportivos e do tipo editorial (2010)

Em 2010 somente houve um caso de prática discursiva do tipo **esportiva** e outro do tipo **editorial** sobre a homofobia. Foi o que ocorreu em 13.02.10, quando o caderno Esporte de um sábado (p. D4) traz uma análise intitulada "O último reduto do macho", em que um colunista esportivo defende que "No futebol, até mesmo falar publicamente contra a discriminação dos gays é um tabu que parece invencível", citando exemplos de jogadores do futebol internacional que depois de revelarem

sua homossexualidade foram perseguidos e viram suas carreiras ofuscarem.

E na edição dominical do dia 28.11.10 (na p. A2 do Primeiro Caderno), quando em um editorial específico sobre a "Lei da homofobia" a FSP defende que "Legislação deve punir atos de discriminação contra homossexuais, mas precisa ser equilibrada para não ferir a liberdade de opinião." e assume um tom conservador, deixando de reconhecer que o que se pretende coibir é a proliferação de discursos, de caráter religioso ou não, com conteúdo homofóbico:

A polêmica em torno do assunto ganhou intensidade nas últimas semanas. Houve, em primeiro lugar, as justificadas reações de choque e de repúdio diante dos recentes casos de agressão, supostamente por preconceito antigay, de jovens na avenida Paulista.

Pressionar pela aprovação da Lei da **Homofobia** surge, assim, como forma de dar vazão institucional às condenações que o episódio justificadamente suscita.

Reações contrárias ao projeto, contudo, surgem nos setores religiosos, que contam com a crescente influência da bancada evangélica para barrar a iniciativa.

Nos dois lados do debate, há quem se veja vítima de censura e preconceito. O direito constitucional à liberdade de expressão e consciência, sem dúvida, é um dos valores que cumpre reiterar na análise do assunto.

[...]

Há um risco potencial de que a aplicação dessas legislações fira o princípio da liberdade de expressão, embora não conste que ele tenha sido, até aqui, afrontado.

Do mesmo modo, espera-se que ninguém estará impedido pela nova lei de considerar o homossexualismo atentatório aos mandamentos de Deus; até a Bíblia teria de ser censurada, nesse caso.

[...]

Mas o bom senso e o equilíbrio são, sem dúvida, as primeiras vítimas quando está em jogo, mais uma vez, a explosiva mistura de sexualidade e religião. Dessa verdadeira neurose do mundo

contemporâneo, o Brasil tem-se saído razoavelmente bem, dada a autoimagem, nem sempre confirmada na prática, de tolerância que cultivam seus habitantes.

É essencial preservá-la; mas, a julgar pela celeuma com relação ao projeto, e pelos recentes casos de perseguição a homossexuais, o espectro da intolerância resiste e se renova sem descanso (grifo nosso).

3.2.6 Os discursos sobre a realidade nacional (2011)

O ano de 2011 não é diferente e a explosão de discursos relacionados com a homofobia aumenta ainda mais, se considerarmos o número de 121 casos apurados em comparação com as 79 ocorrências do ano anterior, mais uma vez com decisivo peso nas questões relacionadas com assuntos internos brasileiros.

Ainda nos primeiros dias de 2011 a coluna Painei, da seção Poder, do Primeiro Caderno da edição de 11.01, na página A4 antecipou uma controvérsia relacionada com o combate a homofobia que logo chegaria às manchetes do mesmo jornal e redundaria na multiplicação de discursos relacionados à temática no decorrer de todo o ano:

Segundo round.

Kit contra a **homofobia** em gestação no Ministério da Educação está mobilizando lideranças evangélicas que, passados dez dias da posse de Dilma Rousseff, agem nos bastidores para barrar o envio do material às escolas do ensino médio. Integra o pacote, que será finalizado este ano, vídeo intitulado "Encontrando Bianca", sobre um adolescente homossexual.

O grupo evangélico que encabeça a reação afirma que desempenhou papel decisivo na eleição de Dilma e agora cobra nova fatura. Na reta final da disputa presidencial, eles pressionaram a petista a assumir compromisso de que não formularia políticas públicas sobre temas como casamento gay e aborto (grifo nosso).

Os protestos iniciados no fim de 2010 prosseguem. Neste sentido a FSP abre espaço para uma nota publicada na edição dominical de 20.02.11 (página A14 do Primeiro Caderno) sobre uma passeata contra a

homofobia que foi realizada na Avenida Paulista; um jogo de drag queens contra a homofobia (no dia 21.03.11, segunda-feira, caderno Cotidiano, pg. C5) e uma marcha contra a homofobia em Brasília (em 23.04.11, sábado, Ilustrada, p. E2), dentre outros.

Na edição do dia 06.05.11, uma sexta-feira, a capa traz uma notícia histórica:

FOLHA DE S. PAULO

90 ANOS

*** UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS TIHO

ANO 91 • SEXTA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 2011 • Nº 29.043

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 23H30 • R\$ 2,30

Brasil aprova união estável gay

Em julgamento histórico, STF decide que casais homossexuais também formam uma família, com iguais direitos e deveres

O Supremo Tribunal Federal decidiu, em um julgamento histórico, que casais homossexuais formam uma família com os mesmos direitos e deveres que os casais heterossexuais. O placar foi unânime, 10 a 0.

A decisão dá a casais gays segurança jurídica em relação a benefícios como pensão, herança e compartilhamento de plano de saúde, além de facilitar a adoção. Segundo especialistas, o julgamento abre caminho para que o Congresso aprove o casamento gay.

A interpretação do STF foi feita com base em princípios da Constituição sobre a união estável. Para efetivar a decisão, o Congresso precisa mudar o Código Civil. Na opinião da ex-desembargadora Benedita Dias, especialista em direito homossexivo, "nenhum tribunal pode dizer que não há direitos [aos casais gays]".

Hugo Cisneiros, advogado da CNBB, criticou o reconhecimento da relação homossexual: "Temos agora um novo modelo constitucional que não foi discutido pela sociedade numa Casa Legislativa e que é contrário à vontade dos legisladores de 1988". *Continua*

FERNANDO DE BARROS E SILVA
Não é pouco no Brasil o Estado laico ter vencido

JOAQUIM FALCÃO
Muda a aplicação da Carta sem exigir emenda ao texto

Opinião AA

Cotidiano C3

Na avenida Paulista, em SP, local da maior parada gay do mundo, grupo celebra a decisão do Supremo Tribunal Federal

Capa da edição do dia 06.05.11

A veiculação de discursos sobre a homofobia surge na cobertura correspondente enxertada no caderno Cotidiano, página C1, mais especificamente no espaço destinado à oitiva de diferentes opiniões, dentre as quais a do representante da Frente Paulista Contra a Homofobia e de um jurista que declarou: "Não poderá haver mais leis que discriminem. A decisão serve de verdadeira lição de cidadania e forma indireta de combate à **homofobia**" (grifo nosso). Os outros interlocutores ouvidos foram o advogado da CNBB, um gay que vive com seu companheiro, um vereador de São Paulo, além dos próprios ministros.

No dia seguinte, 07.05.11, sábado, o Cotidiano ainda repercute a decisão do STF no seguinte material:

Num espaço de grande visibilidade (com um "raio X" e foto do entrevistado) o deputado federal investe contra as iniciativas do governo federal que integram o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. O contraponto fica por conta de declarações do presidente da ABLGBT e do secretário executivo da Secretaria Nacional de Direitos Humanos que, de acordo com o texto, "disse que o deputado "usa de má-fé" ao criticar o kit anti-**homofobia**, pois sabe que ele não será distribuído a crianças de seis anos, com o adendo em voz direta: "O kit não tem conotação de estímulo a comportamentos" (grifo nosso).

Dois dias depois, em 13.05.11, no Cotidiano de uma sexta-feira a discussão é retomada:

FEIRA DE SPINHO
SEXTA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 2011
• • • cotidiano C7

Evangélicos tentam no Congresso limitar direitos dos gays

Bancada formada por religiosos afirma que STF feriu a Constituição ao reconhecer união civil homossexual

Agito protestos de igreja, comissão do Senado adia votação de texto que reconheceria a prática

Uma bancada evangélica formada por 63 deputados e 3 senadores anunciou nesta quinta-feira (12) que vai lutar no Congresso para limitar os direitos dos gays e lésbicas. A bancada afirma que o Supremo Tribunal Federal (STF) feriu a Constituição ao reconhecer a união civil homossexual em 2010.

Os integrantes da bancada, liderada pelo deputado federal Paulo Sérgio (PPS-SP), afirmam que a decisão do STF é "inconstitucional" e que a prática homossexual não é protegida pela Constituição. Eles também afirmam que a decisão do STF é "inconstitucional" e que a prática homossexual não é protegida pela Constituição.

Senado O Senado aprovou nesta quinta-feira (12) o texto que reconheceria a união civil homossexual. O texto foi aprovado por 12 votos a favor e 12 votos contra. O texto prevê que a união civil homossexual será reconhecida como entidade familiar, com todos os direitos e deveres da família.

STF O Supremo Tribunal Federal reconheceu a união civil homossexual em 2010. A decisão foi baseada no artigo 226 da Constituição, que define a família como entidade formada por homem e mulher. O STF afirmou que a união civil homossexual também se enquadra nessa definição.

ABLGBT A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (ABLGBT) afirmou que a decisão do STF é "inconstitucional" e que a prática homossexual não é protegida pela Constituição. A ABLGBT também afirmou que a decisão do STF é "inconstitucional" e que a prática homossexual não é protegida pela Constituição.

Senhora A senadora Luciana Tróccoli (PSD-SP) afirmou que a decisão do STF é "inconstitucional" e que a prática homossexual não é protegida pela Constituição. Ela também afirmou que a decisão do STF é "inconstitucional" e que a prática homossexual não é protegida pela Constituição.



Foto: Reprodução/Agência Brasil

Bancada evangélica
Congresso vota a favor dos direitos homossexuais, mas causa grito

Clamor
63 deputados e 3 senadores afirmam que o STF feriu a Constituição ao reconhecer a união civil homossexual.

Impugnaram
A bancada evangélica impugnou a decisão do STF, afirmando que a união civil homossexual não é protegida pela Constituição.

Protestos em Brasília
Centenas de pessoas participaram de protestos em Brasília nesta quinta-feira (12) para exigir a anulação da decisão do STF.

Propostas em tramitação
O Congresso Nacional está analisando propostas para limitar os direitos dos gays e lésbicas.

Atividade
A ABLGBT realizou uma atividade em Brasília nesta quinta-feira (12) para comemorar a decisão do STF.

Ilustrada em cima da hora



Beijo gay adiado foi ao ar ontem à noite na novela do SBT

Cena foi protagonizada por Gláucia Tigné e Luciano Tróccoli em "Amor e Revolução".

NESTA SEXTA-FEIRA,
O MACKENZIE TERÁ
UM PROFESSOR MUITO
ESPECIAL:
O VICE-PRESIDENTE
DA REPÚBLICA,
MICHEL TEMER.



A Universidade Mackenzie celebra com a honra de receber o senhor Vice-Presidente da República, **Michel Temer**, para uma aula especial sobre **Democracia Política**, nesta sexta-feira, 13 de maio, às 19 horas.



O conjunto da página opõe de modo transversal uma foto da discussão acalorada entre congressistas (sendo um deles o então já conhecido antagonista do movimento LGBT), com outra na parte inferior retratando um beijo entre duas mulheres que apareceu numa novela do grupo SBT. Há referência direta à uma ofensiva contra decisão do STF organizada por uma Frente Parlamentar Evangélica no Senado Federal, onde uma votação do projeto de criminalização da homofobia foi adiada por pressão dos representantes evangélicos. Houve tumulto envolvendo uma senadora defensora do projeto, havendo referência, ainda, à senadora Marta Suplicy, relatora que de acordo com a matéria "vai incluir um artigo que protegerá os cultos da criminalização". Na mesma página um quadro específico fornece mais dados e revela detalhes:

BANCADA EVANGÉLICA

Congressistas defendem o fim dos direitos concedidos aos casais gays

Composição da bancada

CÂMARA
63 deputados

de um total de 513

SENADO
3 senadores

de um total de 81

PROTAGONISTAS

- > Dep. Anthony Garotinho **PR-RJ**
- > Dep. Eduardo Cunha **PMDB-RJ**
- > Dep. Benedita da Silva **PT-RJ**
- > Dep. João Campos **PSDB-GO**
(presidente da bancada)
- > Dep. Lauriete **PSC-ES**
- > Sen. Marcelo Crivella **PRB-RJ**
- > Sen. Magno Malta **PR-ES**



Propostas em discussão entre evangélicos

- > Plebiscito para questionar a população brasileira sobre a decisão do STF
- > Proposta de Emenda Constitucional para proibir a união civil entre pessoas do mesmo sexo
- > Representação contra ministros do STF por "interferência" no Legislativo



Efeitos práticos

Advogados constitucionalistas afirmam que o Congresso não tem poderes para anular a decisão do STF, mesmo com mudanças na Constituição



Propostas em tramitação no Congresso

- > Projeto estabelece que relações entre pessoas do mesmo sexo não podem se equiparar ao casamento
- > Projeto veda a adoção de crianças e adolescentes por casais do mesmo sexo
- > Projeto susta portaria do Ministério da Saúde que autoriza cirurgia para mudança de sexo

Fragmento da p. C7 do caderno Cotidiano da edição do dia 13.05.11.

Outros interlocutores referenciados são pastores e advogados.

Em 19.05.11, quinta-feira, o jornal volta à carga e notícia na capa de seu caderno Cotidiano:

FOLHA DE SÃO PAULO
 quinta-feira, 18 de agosto de 2011

cotidiano

Após pressão, governo irá reavaliar kit anti-homofobia

Ministro vai ao Congresso se explicar após ameaça de bancadas religiosas

Material traz vídeos sobre tolerância que seriam exibidos para alunos do ensino médio após crivo de docentes

Garotinho conversa com o ministro Haddad na Câmara

LANÇAMENTO - MOOCA

NA RUA CUIABÁ, LANÇAMENTO IMPERDÍVEL NESTE FINAL DE SEMANA. APROVEITE AS CONDIÇÕES ESPECIAIS.

RESERVAÇÃO

INSPIRATTO

3 ou 2 TERRAÇO C/CHURRASQUEIRA
 2 VAGAS DETERMINADAS
 DORMS (SUÍTE) DEPOSITO PRIVATIVO

APRESENTE ESTE ANÚNCIO NO STAND DE VENDAS E GANHE UM KIT "OCCITANO".

Página C1

O parágrafo introdutório resume: "Pressionado pelas bancadas evangélica, católica e de defesa da família do Congresso, o ministro da Educação, Fernando Haddad, disse na quarta-feira (18) que poderá alterar o conteúdo do chamado kit anti-**homofobia** (veja os vídeos abaixo), programado para ser entregue a professores do ensino médio de todo o país" (grifo nosso). E mais adiante o texto complementa:

O ministro foi se explicar após as bancadas religiosas ameaçarem "não votar nenhuma matéria" caso o kit não fosse "recolhido".

Haddad disse que o MEC sequer distribuiu o material. Ele não quis apontar responsáveis pelo vazamento. Aos deputados, o ministro atribuiu a divulgação do kit, que segundo ele ainda não está pronto, a quem o produziu.

Há referência, ainda, a um parecer da Unesco que considerou "adequados" os vídeos produzidos pelo Ministério da Educação. A controvérsia e o interesse despertado ainda dá ensejo a uma série de

reportagens no final do mês de maio, como a seguinte publicada no caderno Cotidiano do dia 26, de uma quinta-feira, que inclusive contou com chamada de capa:

Dilma freia ações em temas polêmicos

Presidente decide submeter à consulta pública campanhas com material considerado sensível por grupos religiosos

Reação de católicos e evangélicos e temor pelo futuro político do ministro da Educação infiltraram no decisão

ANA RIBEIRO

Após cancelar a produção e distribuição do kit anti-homofobia do Ministério da Educação, a presidente Dilma Rousseff determinou que todo o material do governo que se referir a costumes terá que passar, a partir de agora, pela crivo do Palácio do Planalto e por processo de consulta à sociedade.

Uma reunião com o presidente Dilma Rousseff foi realizada na tarde desta quinta-feira (26) para discutir o cancelamento do kit anti-homofobia do Ministério da Educação. O presidente Dilma Rousseff determinou que todo o material do governo que se referir a costumes terá que passar, a partir de agora, pela crivo do Palácio do Planalto e por processo de consulta à sociedade.

KIT CONTRA HOMOFOBIA
Cinco vídeos seriam distribuídos a escolas públicas. Três deles foram exibidos à imprensa em janeiro em versão preliminar



1 'Educação' bloqueia
A decisão do governo de suspender a distribuição do material anti-homofobia a escolas públicas foi considerada um passo importante da bancada evangélica e católica. Biago da Igreja Universal e integrante da bancada evangélica do Senado, Manoel Carlos (PPB-RR) disse que a presidente Dilma Rousseff tomou a decisão "sábia" e admitiu que pressões de Planalto foram decisivas.



2 'Tempo' para
Dilma Rousseff tomou a decisão de cancelar o kit anti-homofobia do Ministério da Educação. Ela admitiu que a decisão foi tomada após uma reunião com o presidente Dilma Rousseff em janeiro em versão preliminar.



3 'Problemas' de
A decisão do governo de suspender a distribuição do material anti-homofobia a escolas públicas foi considerada um passo importante da bancada evangélica e católica. Biago da Igreja Universal e integrante da bancada evangélica do Senado, Manoel Carlos (PPB-RR) disse que a presidente Dilma Rousseff tomou a decisão "sábia" e admitiu que pressões de Planalto foram decisivas.

Bancada religiosa exige suspensão de kit em escolas

A decisão do governo de suspender a distribuição do material anti-homofobia a escolas públicas foi considerada um passo importante da bancada evangélica e católica. Biago da Igreja Universal e integrante da bancada evangélica do Senado, Manoel Carlos (PPB-RR) disse que a presidente Dilma Rousseff tomou a decisão "sábia" e admitiu que pressões de Planalto foram decisivas.

4 Membros que tentam
Membros que tentam influenciar a decisão de Dilma Rousseff.

A decisão gerou críticas dentro do governo também. Tempo da Educação será a secretaria da Educação Básica do Ministério da Educação, Maria do Pilar Lacerda, disse mensagens enviadas a seus seguidores no Twitter sobre o governo.

6 Tempo das
Tempo das decisões.

Kolunga

COBERTURA DUPLEX
453m² A.U. | 4 vagas | 4 suítes
Piscina | churrasqueira | Adegas Climatizada
2 Dorms. de Empregada
Valor: R\$ 3.000.000,00
(Estudamos permuta)
HIGIENÍPOLIS • R. Eng. Edgard Epitácio de Souza
Agende sua visita: (11) 3031-0255 / 9637-4276

Entidades criticam 'retrocesso' do governo

Entidades que defendem os direitos dos homossexuais reagiram com "repulsa", "consternação" e "indignação" à decisão do governo de suspender a distribuição de vídeos contra a homofobia nas escolas. O texto também critica a atuação da bancada evangélica e católica no Congresso Nacional, que tem sido alvo de críticas por parte de grupos religiosos.

Página C8 (recorte).

A reportagem da parte superior da página continua o seguinte texto (fragmento):

Após cancelar a produção e distribuição do kit anti-homofobia do Ministério da Educação, a presidente Dilma Rousseff determinou que todo o material do governo que se referir a costumes terá que passar, a partir de agora, pelo crivo do Palácio do Planalto e por processo de consulta à sociedade. A ordem da presidente ocorreu após uma reunião do ministro Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral da Presidência, com as bancadas evangélica e

católica do Congresso e integrantes da frente parlamentar da família.

O grupo ameaçou propor a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar o Ministério da Educação caso o governo não cancelasse a produção dos materiais. O kit anti-**homofobia** é formado por uma cartilha e cinco vídeos que o governo planejava distribuir a alunos do ensino médio em escolas públicas. Três vídeos chegaram a ser exibidos à imprensa pelo ministério em janeiro e circularam na internet. Os vídeos desagradaram às bancadas evangélicas e católicas do Congresso, que alegam que os vídeos poderiam estimular o homossexualismo (grifo nosso).

O material iconográfico correspondente merece trato mais detido. A imagem inserida na parte superior da notícia, fazendo referência a um dos vídeos produzidos pelo Ministério da Educação, contextualiza e associa a prática da homofobia numa pequena estória sobre a travesti Bianca:

KIT CONTRA HOMOFOBIA
 Cinco vídeos seriam distribuídos a escolas públicas. Três deles foram exibidos à imprensa em janeiro em versão preliminar



1 "Encontrando Bianca"
 A travesti Bianca diz que não se sentia bem com roupas de menino, pois sempre se sentiu mulher. Ela sofre preconceito na escola, onde teme ser agredida, e quer ser chamada por seu nome de mulher e poder usar o banheiro feminino

Fragmento da p. C26 do caderno Cotidiano do dia 26.05.11.

E os outros dois vídeos citados relacionam homofobia com a estória de duas lésbicas:



2 "Torpedo"

Duas alunas que têm um relacionamento têm fotos divulgadas na internet. Elas enfrentam olhares nos corredores do colégio, mas, no pátio da escola, elas se abraçam e decidem namorar

Fragmento da p. C26 do caderno Cotidiano do dia 26.05.11.

E de um bissexual:



3 "Probabilidade"

Contado em animação, o vídeo conta a história de Leonardo, que, ao mudar de cidade, se descobre bissexual. Conhece Rafael, primo de Mateus, um amigo que ele descobre ser gay, e percebe que sente pelo rapaz o mesmo que sentia por Carla, sua ex-namorada

Fragmento da p. C26 do caderno Cotidiano do dia 26.05.11.

Representantes do Ministério da Educação são ouvidos e afirmam que o material, produzido por ONGs ainda não estava pronto. A reportagem informa, ainda, que essas versões preliminares foram aprovadas por grupos do movimento LGBT para as quais o jornal abre espaço com o seguinte discurso (fragmento):

Entidades que defendem os direitos dos homossexuais reagiram com "perplexidade", "consternação" e "indignação" à decisão do governo de suspender a distribuição de vídeos contra a **homofobia** nas escolas.

Em nota, a ABLGBT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que reúne 237 organizações, e as associações de lésbicas, transexuais e travestis

dizem que a ação macula a imagem internacional do país sobre direitos humanos e fere o Estado laico (grifo nosso).

Os interlocutores referenciados vão desde a Presidenta da República, passando por Ministros de Estado, representantes de ministérios, entidades nacionais do movimento LGBT e da Unesco.

A edição do dia 27.05.11, uma sexta-feira, vem recheada de páginas comportando discursos relacionados com a homofobia, num total de 5 ocorrências⁷¹, das quais destaco a seguinte - que contou com chamada de capa - e parecia noticiar um fim melancólico para a controvérsia:



Página C1.

Quase ao final do longo texto - onde foram transcritas declarações da própria Presidente da República e de diferentes representantes do

⁷¹ As outras quatro foram uma nota rápida inserida na página A10 do Primeiro Caderno, a reportagem intitulada "Veto a kit só considera igreja, diz educador" na página C3 do caderno Cotidiano, uma opinião de uma leitora transcrita na página A3 do Primeiro Caderno assim vazada "Por meio do ato sensato de cancelar a produção do kit anti-homofobia, do MEC, (**Poder**, ontem), a Presidente defendeu as pessoas religiosas, seguidoras de diversas crenças, de violento 'bullying intelectual'" (grifo do autor) e uma rápida referência indireta em um artigo sobre o "Vazio político" inserida na página C2 do caderno Cotidiano.

movimento LGBT - ouve-se a voz do Ministro da Educação que procura justificar o recuo afirmando que "A presidente entendeu que esse material não combate a **homofobia**" (grifo nosso).

O mesmo se dá no dia seguinte, 28.05.11, sábado, quando o assunto merece destaque em diferentes espaços da Folha, contando inclusive com chamada de capa:



Detalhe da capa da edição do dia 28.05.11.

Ao material de maior destaque que explica a disposição do Ministério da Educação em reformular o kit anti-homofobia (constante da página C6), somam-se a opinião de um leitor que afirma ter visto um dos controvertidos vídeos e concluído que "É proselitismo do comportamento homossexual, mas não é contrário à **homofobia**" (p. A3, grifo nosso), além de rápidas referências ao tema em um dos editoriais e numa coluna de humor.

A edição dominical do dia 29.05 persiste na exploração da temática e lhe reserva diferentes espaços pequenos e/ou referências indiretas, tendo a filtragem realizada identificado sete páginas, sendo significativa a informação de que na semana anterior a homofobia foi o terceiro assunto mais comentado pelos leitores do jornal, num total de 5,4% das 649 mensagens recebidas, dividindo a atenção com o segundo tema de maior interesse (a tardia prisão do jornalista Pimenta Neves com 6%) e sobre os escândalos envolvendo o Ministro Palocci (em primeiro lugar com 42%).

Fortalecida diante da fragilidade do governo federal em virtude daqueles escândalos, a chamada bancada evangélica do Congresso Nacional dá demonstrações de força como revela a notícia no dia 01.06.11, quarta-feira:

PONTOS DE ATRITO
Fragilizado pela crise envolvendo Palocci, governo enfrentará votações importantes no Congresso

NA CÂMARA

COPA E OLÍMPIADA
Governo tentará novamente aprovar texto que agiliza obras relacionadas aos eventos

COMISSÃO DA VERDADE
Grupo para investigar crimes de ditadura é formado como prioridade por Dilma, mas ainda não há acordo nem prazo para instalação

PEC 300

Proposta, que cria um piso salarial para os pedágios, pratica ser votada em segundo turno na Câmara. Se aprovada, terá prazo para o Executivo

NO SENADO

LEI ANTI-HOMOFOBIA
Projeto que criminaliza a homofobia enfrenta resistência da bancada evangélica

CÓDIGO FLORESTAL

Governo quer derrubar emenda que, em agosto de 1998, foi aprovada na Câmara

NOVA TRAMITAÇÃO DE MPAs
Senado tenta incluir relatório de Aécio Neves (PSDB-MG) que limita os poderes do Executivo em relação de medidas provisórias

CPI

Governo teme que a aprovação de lei em 27 assembleias para instalar a CPI, que pretende investigar a avaliação patrimonial do ministro Palocci

OS NEGÓCIOS DO MINISTRO

Governo agora admite rever pontos da lei anti-homofobia

Sob pressão da bancada evangélica, proposta passará por modificações

Relator do projeto, Marta Suplicy sinaliza manter no texto como crime só a violência por preconceito sexual

DE BRASÍLIA

Com uma crise com sua base aliada, o governo decidiu evitar temas polêmicos no Congresso nos próximos 15 dias e sinaliza um recuo em pontos da lei anti-homofobia. A proposta, que está no Senado, passará por modificações para atender a bancada evangélica.

Na semana passada, a presidente Dilma Rousseff se viu obrigada a fazer concessões, após deputados evangélicos e católicos protestarem contra o material didático que se-

ria distribuído pelo Ministério da Educação.

Para pressionar o governo, os evangélicos ameaçaram encerrar o ministro Antonio Palocci (Casa Civil), enfraquecido desde a revelação, feita por Folha, da multiplicação de seu patrimônio.

O governo negocia com os evangélicos no Senado uma alternativa para suavizar o projeto, que prevê a criminalização da homofobia. O acordo ainda não foi fechado, mas o relator Marta Suplicy (PT-SP) se mostrou disposto a atender os religiosos.

Na primeira versão, o projeto definia como crime "publicar, incluir ou incluir a divulgação, incluir ou incluir a divulgação, incluir ou incluir a divulgação de orientação sexual ou identidade de gênero".

Marta já havia garantido aos religiosos a liberdade pa-

ra criticar a homossexualidade em pregações, mas os evangélicos não ficaram satisfeitos com essa alteração.

Agora, a senadora está disposta a manter no texto como crime só o ato de "incluir a qualquer prática de violência de qualquer natureza motivada pelo preconceito de sexo, orientação sexual ou identidade de gênero".

O senador Marcelo Crivella (PDB-RJ) disse que o texto ainda será levado para hearings religiosos. Só depois será batido o martelo. "Continuarei o principal, que é derrubar o crime de liberdade de culto e de expressão de pensamento", afirmou.

Ele sugeria também que sejam previstas penas maiores a grupos que usarem violência contra homossexuais. A pressão vai aumentar

hoje com manifestação de líderes evangélicos, liderados pelo pastor o Sílus Malafina, na frente do Congresso.

Quero sinal de recuo veio da Secretaria dos Direitos Humanos, que declarou ontem que "não há posição fechada dentro do governo sobre o projeto". No mês passado, a ministra Maria do Rosário falou abertamente em favor da punição para grupos radicais contra homossexuais.

Para o deputado Jean Wylles (PCB-RJ), que defende a causa gay, o projeto tem que combater a prática "o discurso do ódio". "Não dá para separar a prática violenta, como boões e assassinatos, do discurso difamatório contra homossexuais", afirma. **ANISA GUANABARA, MARTA CARRA CARRA, CARRA A CARRA E ANISA**



MEC agora quer distribuir kit anti-intolerância

DE BRASÍLIA

Após polémica envolvendo o chamado "kit anti-homofobia", o governo agora estuda ampliar o seu envio

A informação foi dada ontem pelo ministro Fernando Haddad (Educação) em audiência no Conselho de Educação do Senado.

O kit, composto por cinco vídeos e um manual para o professor, seria distribuído ainda neste ano a escolas de ensino médio, mas foi alvo de ataques de congressistas e acabou tendo a produção

Página A6 do Primeiro Caderno do dia 01.06.11.

O acompanhamento do texto produzido pela sucursal de Brasília revela um cruzamento sem precedentes da temática do combate à homofobia com as mais altas instâncias (e disputas) de poder decorrentes da relação do governo petista com sua base de sustentação no Congresso Nacional, num momento delicado:

Com uma crise em sua base aliada, o governo decidiu evitar temas polêmicos no Congresso nos próximos 15 dias e sinaliza um recuo em pontos da lei anti-homofobia. A proposta, que está no Senado, passará por modificações para atender a bancada evangélica.

Na semana passada, a presidente Dilma Rousseff se viu obrigada a fazer concessões, após deputados evangélicos e católicos protestarem contra o material didático que seria distribuído pelo Ministério da Educação.

Para pressionar o governo, os evangélicos ameaçaram convocar o ministro Antonio Palocci (Casa Civil), enfraquecido desde a revelação, feita por Folha, da multiplicação de seu patrimônio.

O governo negocia com os evangélicos no Senado uma alternativa para suavizar o projeto, que prevê a criminalização da homofobia. O acordo ainda

não foi fechado, mas a relatora Marta Suplicy (PT-SP) se mostrou disposta a atender os religiosos (grifo nosso).

A disputa discursiva e de poder prossegue nas ruas, algumas vezes com o uso de armas dos oponentes:

Carta da Parada Gay critica conservadores

Organização do evento, no dia 26, divulga documento com o slogan 'Amai-vos uns aos outros: basta de homofobia'

Carta pede o fim da guerra entre religião e direitos humanos; Polícia Militar quase dobra efetivo da parada

GIBA BERGAMINI JR.
DE SÃO PAULO

Com o slogan "Amai-vos uns aos outros: basta de homofobia", a Parada do Orgulho Gay acontece no próximo dia 26, na av. Paulista, em São Paulo. A organização espera 3 milhões de pessoas.

O tom religioso, com o uso da frase bíblica, da 15ª edição do evento ocorre em meio às discussões para a aprovação do projeto de lei contra a homofobia no Congresso Nacional, que acirrou o embate entre evangélicos e entidades de defesa dos homossexuais.

"Como podem essas pessoas [religiosas] tomar para si uma frase para fazer exatamente o contrário do que ela determina", afirmou Ideraldo Beltrame, coordenador do

evento, numa crítica a católicos e evangélicos.

Beltrame lançou a campanha com uma "carta aberta contra o conservadorismo e o fundamentalismo". Com a frase, a organização pede o "fim da guerra entre religião e direitos humanos".

A Folha não localizou ontem membros da bancada evangélica no Congresso.

A Igreja Católica diz que concorda com o slogan. "Mas a igreja se reserva o direito de ser contra a união homossexual", disse o padre Antônio Pereira, porta-voz da Arquidiocese de São Paulo.

Quem deve fazer a abertura da Parada do Orgulho Gay é a cantora Preta Gil, que discuti na TV com o deputado Jair Bolsonaro (PP-SP), contrário aos direitos dos homossexuais. Preta o acusou de discriminar negros e gays.

Para comemorar os 15 anos da parada, foi lançado o livro "Dandão Azul", já que o evento vai "habitar" "50 mil e um bairro de 1 milhão de casas" na av. Paul-

lista", disse Beltrame.

A organização prevê também um show de encerramento, mas as atrações ainda não estão definidas.

SEGURANÇA REFORÇADA

A PM anunciou um reforço no policiamento da parada deste ano em relação a 2010, quando o público foi o mesmo estimado para agora. Foram 800 PMs na edição passada; serão 1.500 este ano.

A polícia orienta os participantes a andar sempre acompanhados e a evitar locais ermos. Em novembro de 2010, quatro adolescentes atacaram três amigos gays que passavam pela avenida Paulista. Uma das vítimas foi ferida no rosto após ser atingida com lâmpadas fluorescentes.

Na noite de ontem, hackers invadiram o site oficial da Parada Gay. "Deus criou o homem e a mulher, não existe terceira opção [site hackeado]", dizia a página principal. Os organizadores disseram que não vão registrar um boletim de ocorrência.

O Senac cresce na capital e no interior, para você crescer também.

MULTIPLIQUE SUAS CHANCES. FAÇA SENAC.

CURSOS LIVRES
CURSOS TÉCNICOS
POPULACIONALIZAÇÃO
EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA

Cláudia Heib
Aluna do curso
Confeiteira em
Pão de Açúcar

CONFIRA A LINHADE MAS PERTO DE VOCÊ:

- 24 de Maio
- Conceição
- Anápolis
- Itaquira
- Jaboticabal
- Laje Paulistão

Cursos nas

- Administração e Negócios
- Arte e Cultura
- Arquitetura

Página C3 do caderno Cotidiano do dia 07.06.11.

A matéria noticia a Parada Gay que seria realizada no final de semana seguinte:

O tom religioso, com o uso da frase bíblica, da 15ª edição do evento ocorre em meio às discussões para a aprovação do projeto de lei contra a **homofobia** no Congresso Nacional, que acirrou o embate entre evangélicos e entidades de defesa dos homossexuais (grifo nosso).

E dá voz aos organizadores da Parada, a um padre e policiais militares, com o registro de que lideranças políticas evangélicas foram procuradas mas não encontradas.

Em julho de 2011, no dia 20.07.11, quarta-feira, no caderno Cotidiano, outra ocorrência diretamente relacionada com a homofobia emplacou impactante chamada de capa:

Em 26.08.11, sexta-feira, o assassinato de dois homens (um analista de sistemas e um modelo) em um apartamento da Rua Oscar Freire, em São Paulo é notícia. É na matéria secundária intitulada "Twitter em nome de suspeito fala de homofobia" que se dá o uso discursivo em declarações do próprio suspeito dos crimes que, segundo policiais ouvidos, estava hospedado no mesmo apartamento.

Já outra reportagem publicada no dia 30.08.11, terça-feira, mais uma vez no Cotidiano, notícia que dois homens foram atacados na região central de São Paulo, revela que as vítimas, dois arquitetos, sofreram agressões físicas em virtude de um ataque realizado por um homem homofóbico. O jornalista vai além e destaca a dificuldade das vítimas em terem suas queixas devidamente encaminhadas e apuradas pelas autoridades policiais:

Vítimas têm que insistir para polícia investigar agressão

Arquitetos agredidos na Paulista tiveram que levar boletim para delegacia iniciar apuração dois dias após o crime

Denúncia de agressão passou por duas delegacias antes e só chegou à unidade especializada ontem

me, 31, uma das vítimas. Thomé e seu amigo, o também arquiteto Rafael de Medeiros Ramos, 30, foram agredidos por um grupo de jovens que os chamaram de "voador".

Os dois, que não são homossexuais, ficaram feridos. Thomé levou sete pontos na cabeça e quebrou um dente. Ramos ficou com hematomas pelo corpo. O grupo fugiu.



► **BUFA MATERNIDADE** Kaylla Brito Santarelli (centro) e suas mães, Iara e Janaina; menina será 3ª criança brasileira a ter o nome de 2 mulheres no certidão de nascimento

APÓCRO DEBITES DE LAO PAULI
A Polícia Civil de São Paulo ainda nem começou a investigar a agressão contra dois homens recentemente **homossexuais**.

O crime ocorreu na madrugada de sábado, em frente à estação de metrô Conselheiro, na região central da cidade. O caso só chegou ao Deca (Departamento que investiga crimes raciais) depois que as próprias vítimas levaram o boletim de ocorrência e o exame de corpo de delito do IML (Instituto Médico Legal) para os policiais.

Antes, as informações passaram por duas delegacias a central de flagrantes da seccional central (na Mooca) mandou o documento para o 4º Distrito Policial (Conselheiro), a 19 km de distância. De lá, o documento teria que percorrer cerca de 3 km até o Deca, na Luz. Porém, no fim da tarde de ontem, um policial-informante da Folha que a documentação necessária para iniciar a investigação não tinha chegado ao local.

"Vim pessoalmente ao Deca porque acho que é um crime que precisa ser punido. Se fosse algo menor, nem insistiria tanto", afirmou o arquiteto Bruno Chiamini Tho-

Na mesma página foto noticia o caso da terceira criança brasileira a ter registro civil reconhecido com o nome de duas mães, em pose que enfatiza o afeto envolvido na relação entre mães e filha.

Depois de uma lacuna de alguns meses o assunto relativo a tramitação do projeto de lei que visa criminalizar a homofobia volta à pauta da FSP na edição do dia 07.12.11, uma quarta-feira, inclusive com chamada de capa:



Recorte da capa da edição do dia 07.12.11.

The image shows page C3 of the newspaper Cotidiano, dated December 7, 2011. The main headline is "Marta quer livrar culto de lei que torna homofobia crime". Below the headline is a sub-headline: "Senadora diz que projeto não se aplicaria à manifestação decorrente da liberdade de crença e de religião".

The page is dominated by a large advertisement for Casas Bahia. The ad features the following elements:

- Top Section:** "CASAS BAHIA" logo and "LITTO TERO" tagline.
- Product Offers:**
 - TV 3D: 119
 - TV 3D: 149
 - TV 3D: 1.190
 - TV 3D: 1.999
 - TV 3D: 1.999
- Bottom Section:** "O PREÇO CAIU IPI REDUZIDO" and "LAVADORAS, REFRIGERADORES E FOGÕES".
- Product Prices:**
 - Washing Machine: 1.299
 - Refrigerator: 899
 - Stove: 1.999
- Additional Text:** "CASA BAHIA" logo and "LITTO TERO" tagline.

Página C3 do caderno Cotidiano do dia 07.12.11.

A reportagem elaborada por jornalistas de Brasília explica que a senadora Marta Suplicy, relatora do projeto de lei que criminaliza a homofobia, fez algumas concessões à bancada religiosa do Congresso Nacional, procurando preservar de modo declarado as liberdades de pensamento, consciência e religião.

Dois dias depois, em 09.12.11, sexta-feira, a Folha retoma a questão, em nova matéria que inclusive mereceu chamada de capa. O caderno Cotidiano destaca:



Representante dos religiosos, contrária à lei da homofobia, discute com manifestantes que defendem a causa durante reunião em comissão no Senado

“A nossa luta é todo dia, contra o racismo e a homofobia”

Uma das manifestantes LGBT discute a revisão da Comissão de Direitos Humanos do Senado

Glória, glória, aleluia, vencemos em Jesus contra os católicos e os evangélicos de dentro e de fora!

Seria interessante uma lei que unisse todos contra a intolerância, contra evangélico, pobre, homossexual, nordestino. Que não ponha um brasileiro acima de outro

MARCELO CRIVELLA, ministro evangélico do STF, em projeto de lei criminalizando a homofobia

Votação de projeto sobre homofobia é adiada

Com risco de derrota, senadora Marta Suplicy decide reavaliar seu parecer no texto que torna crime preconceito contra gays

Houve bate-boca entre religiosos e ativistas do movimento gay no Senado, que terminou com duelo de cantorias

JOSIANA NOBLET DE BRASÍLIA

Com clima desfavorável e risco de derrota, a senadora Marta Suplicy (PT-SP) decidiu reexaminar seu parecer do problema gay no Senado. Ela adiou para 2012 a votação, prevista para ontem no Comissão de Direitos Humanos do Senado.

Foi o principal motivo levado pelo movimento gay num ano em que conseguiu empolgar para um lado e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Com evangélicos e católicos em maioria de um lado e ativistas dos direitos LGBT do outro, a reunião foi tensa, com bate-boca entre os grupos, terminando com uma disputa de cantorias. Cerca de 250 pessoas estavam no local. O texto proposto eleva penas para crimes de lesão corporal e homicídio se motivados por preconceito de sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Inclui pena de prisão para quem não trabalha, em reações de con-

sulta e na prestação de serviços públicos induzindo à violência. Numa tentativa de concessão com a bancada religiosa, Marta incluiu um trecho que isentaria do crime de homofobia frases ditas nas pregações. Ela chegou a precatar a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) em busca de mais apoio. Em nota, a CNBB disse aceitar que lei supunha e que a luta combate "todo tipo de discriminação", mas negou acordo com Marta. O movimento não foi suficiente para convencer. A previsão contida no texto, com a ida ao Senado do pastor Silas Malafaia, presi-

dente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ferrezo opositor à proposta, ele fez lobby contra o projeto. Com o risco de derrota, Marta decidiu retirar lei "concessiva". Um dos mais exultantes, o senador evangélico Magno Malta (PP-ES) disse que a aprovação do projeto criaria um "mapa da homossexual". Marcelo Crivella (PES-BR), também evangélico, defendeu a elaboração de um texto geral sobre intolerância, e foi apoiado por colegas. Para Marta e o movimento gay, uma lei genérica não resolve. "Se aprovado, o texto seguirá para a Comissão de Constituição e Justiça,

PROJETO CONTRA A HOMOFOBIA

Votação de proposta foi adiada

- O QUE CRIMINALIZA**
 - Preconceito de sexo, gênero e orientação sexual
 - Indução à violência contra homossexuais por causa da sua condição
 - Discriminação no trabalho, na prestação de serviços públicos ou no atendimento em restaurantes, por exemplo
- ALTERA**
 - O Código Penal, aumentando as penas para quem comete crimes como lesão corporal ou homicídio motivado por algum desses preconceitos
- RESSALVA**
 - Fraze proposta, a lei "não se aplica à manifestação pacífica de pensamento decorrente da fé e da moral fundada na liberdade de consciência, de crença e de religião"

Página C3 da edição do dia 09.12.11.

A reportagem explica o recuo da relatora do projeto de lei em encaminhar a votação correspondente na Comissão de Direitos Humanos do Senado, numa sessão tumultuada onde evangélicos e católicos se desentenderam com ativistas LGBT. Além da própria senadora, a matéria considerou uma nota divulgada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, e reproduziu declarações do pastor Silas Malafaia, Presidente da Assembleia de Deus Vitória em Cristo e de senadores evangélicos. Nela o quadro abaixo reproduzido e ampliado traz informações sobre o projeto de lei:

PROJETO CONTRA A HOMOFOBIA
 Votação de proposta **foi adiada**

 <p>O QUE CRIMINALIZA</p> <ul style="list-style-type: none"> > Preconceito de sexo, gênero e orientação sexual > Indução à violência contra hêteros e homossexuais por causa da sua condição > Discriminação no trabalho, na prestação de serviço público ou no atendimento em restaurantes, por exemplo 	 <p>ALTERA</p> <ul style="list-style-type: none"> > O Código Penal, aumentando as penas para quem comete crimes como lesão corporal ou homicídio motivado por algum desses preconceitos
	 <p>RESSALVA</p> <ul style="list-style-type: none"> > Pela proposta, a lei "não se aplica à manifestação pacífica de pensamento decorrente da fé e da moral fundada na liberdade de consciência, de crença e de religião"

Fragmento da p. C3 do caderno Cotidiano dia 09.12.11.

Em momento algum é fornecido um conceito do que se entende por homofobia, propriamente dita, sendo que na coluna "o que criminaliza" as expressões utilizadas são "preconceito", manifestada em razão do sexo, gênero e orientação sexual, além da "indução à violência" contra heterossexuais e homossexuais, e da discriminação manifestada em diferentes contextos.

3.2.7 Os discursos de opinião (2011)

O interesse por parte dos leitores pelas questões abordadas pela FSP é confirmado pela considerável parcela de discursos de **opinião** pinçados pela filtragem realizada em 2011. No subgrupo sobressaem-se as opiniões de leitores do jornal⁷² e aquelas externadas em artigos ou colunas semanais de colaboradores regulares do jornal.

⁷² Entre os quais destaco as seguintes manifestações: de um leitor que em 03.04.11 (página A8 do Primeiro Caderno) defendeu o direito do deputado federal Jair Bolsonaro de manifestar-se livremente; de outro que em 13.05.11, na página A3 do Primeiro Caderno, parabenizou "os parlamentares que barraram a aprovação da lei contra a alegada **homofobia**"; outro que questionou "porque obrigar todo mundo a concordar com o comportamento deles?" ao referir-se aos homossexuais (página A3 do Primeiro Caderno do dia 20.05.11; ou ainda, a outro que no dia 02.08.11, mais uma vez na coluna "opinião dos leitores" - página A3

O discursos sobre homofobia em circulação dizem respeito de modo preponderante com os debates em torno do projeto de lei que objetiva criminalizar a prática. A polarização percebida nos discursos noticiosos relacionados com a realidade nacional é neles replicada.

No curso do já estudado mês de maio de 2011, como visto agitado e nervoso em virtude da decisão do Supremo Tribunal Federal e das idas e vindas do governo federal em torno do chamado kit "anti-homofobia", é publicado artigo de Leandro Colling, identificado como professor da UFBA e presidente da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura e membro do Conselho Nacional LGBT. Isso se dá na coluna de tendências e debates na página A3 do Primeiro Caderno de uma terça-feira, 17.05.11, dia internacional do combate à homofobia. Sob o título "Desnaturalização da heterossexualidade" o autor defende a necessidade de denunciar a heterossexualidade compulsória, associando-a à homofobia, que é referenciada em diferentes momentos do texto.

Em 06.08.11, um sábado, Marta Suplicy escreve em sua coluna semanal, na página A2 do Primeiro Caderno, sob o título "Amemos uns aos outros" numa perspectiva mais ampla, não deixando, no entanto, de se referir ao problema da homofobia ponderando a necessidade de uma legislação protegendo a minoria dos homossexuais, necessidade esta que é confirmada pelo grande número de casos de violência.

Na Ilustrada do dia 10.11.11 (p. E15), um sábado, o psicanalista Contardo Calligaris escreve sobre "Homofobia e homossexualidade" e afirma que "Experiência mostra que indivíduos homofóbicos sentem excitação diante de estímulos homossexuais", fornecendo um raro conceito assim: "O termo de **homofobia** (sic), inventado no fim dos 1960, designa, mais do que um preconceito, uma reação emocional à presença de homossexuais (ou presumidos homossexuais), num leque que vai do desconforto à ansiedade, ao medo e, por fim, à raiva e à agressão" (grifo nosso).

"Homofobia não é crime" é a defesa feita por João Pereira Coutinho publicada na página E10 da Ilustrada do dia 13.12.11, uma terça-feira, com o argumento de que criminalizar a prática representa uma forma institucionalizada de discriminação daqueles que têm o direito de não gostar dos homossexuais.

do Primeiro Caderno - que afirmou: "A senadora Marta Suplicy (PT-SP), ao fazer concessões aos segmentos religiosos para que seus líderes não respondam pelo crime de **homofobia** ("Cotidiano", ontem), deturpou o projeto e, infelizmente, cedeu para o conservadorismo e a discriminação" (grifo nosso).

A edição dominical de 18.12.11, no seu Primeiro Caderno, traz a informação de que a temática da homofobia foi a mais comentada por leitores durante a semana num total de 20,55% das 720 mensagens recebidas no período.

3.2.8 Os discursos de lazer e cultura nacional (2011)

A área das redes abertas de televisão continua a despertar interesse e de algum modo é reconhecida como espaço de discussões e disputas em torno da homofobia, vista como um problema recorrente:



televisão
OUTRO CANAL KEI

Globo corta cenas e bandeira gay de 'Insensato Coração'

A Globo resolveu jogar um balde de gelo nos gays de "Insensato Coração".

A **Folha** apurou que os autores da novela, Gilberto Braga e Ricardo Linhares, foram chamados na semana passada para uma conversa com o diretor-geral de entretenimento da emissora, Manoel Martins. Na pauta: a determinação da Globo para que a história dos homossexuais Eduardo (Rodrigo Andrade) e Hugo (Marcos Damigo) fosse completamente esfriada no folhetim.

As novas cenas de Hugo e Eduardo, assim como as cenas de conversa sobre o assunto entre Eduardo e sua mãe, vivida por Louise Cardoso, serão inutilizadas.

Aos autores e atores a Globo pediu silêncio. Nada de instigar o beijo gay nem a ira de entidades que possam encerrar a iniciativa como preconceito. A ordem é esfriar o assunto sem polemizar.

Além do corte das cenas, os autores foram instruídos a não carregarem bandeira política, a pararem de fazer apologia pela criação de uma lei que puna a **homofobia**, já as cenas engraçadas da personagem Romi (Leonardo Migliorin) estão liberadas.

Procurada, a Globo, via assessoria, diz que a televisão é um veículo de massa que precisa contemplar todos os seus públicos e faz parte do papel da direção zelar para que isso aconteça.

Fragmento da p. E6 da Ilustrada do dia 19.07.11.

Em julho de 2011 o humorista José Simão reaparece em novo registro, na Ilustrada de uma quarta-feira, 20.07.11, página E13, quando se manifesta sobre o tema desta vez sem fazer graça: "E essa: "Pai e filho confundidos com casal gay são agredidos em São João da Boa Vista". E o que a bancada evangélica tem a me dizer sobre isso? Lei contra a **homofobia!** Pronto, falei" (grifo nosso).

Logo depois o assunto sobre personagens homossexuais em programas de televisão é retomado em matéria de página inteira na capa da mesma Ilustrada:

FOUR DE SPÉDIO
16 de julho de 2011, às 18h, R\$ 5,90

ilustrada

LEIA CENAS CENSURADAS DE 'INSENSATO CORAÇÃO'

emissoras no ARMÁRIO
Globo e SBT afirmaram ter **cortado** cenas de beijo e de afeto entre **homossexuais** a pedido do público e para evitar 'exaltação'

MINI ONE
R\$ 69.950.

Colaboração
At. 0800 000000, 790
At. 11 3093-1000

Sentinelas
At. 0800 0000 2.787
At. 11 2387-7000

Autostar
Santa Amélia
At. 0800 000000, 18.471
At. 11 3256-9999

Modelo 1.6 • 4 marchas • 8 válvulas • direção elétrica • ABS • volante dobrável de estabilidade • Luz ambiente com 11 cores

Cinto de segurança salva vidas.

Página E1 da Ilustrada do dia 24.07.11.

A extensa matéria transcreve falas de cenas censuradas de "Insensato Coração" em que um de seus personagens revela sua homossexualidade e trava ríspido diálogo com seu distante pai que é homofóbico. Mais adiante, o texto é articulado por dois jornalistas em colaboração sob o título "Emissoras no Armário" e subtítulo "Globo e SBT afirmaram ter **cortado** cenas de beijo e de afeto entre **homossexuais** a pedido do público para evitar 'exaltação' " (grifos nosso).

São feitas referências à notas das duas redes de televisão mencionadas e a uma decisão do Ministério da Justiça. As vozes ouvidas são de atores, um ex-empregado da rede Globo, havendo referência,

ainda, à opinião de especialistas, pesquisadores acadêmicos que - em outra página (E3) do mesmo caderno - são entrevistados e/ou articulam uma breve "opinião", tudo sob o título "Questão gay evoluiu na TV, dizem estudiosos. Para eles isso estimula mudanças de opinião entre os espectadores". No mesmo sentido, reportagem associada à mesma telenovela da Globo aparece no dia 08.12.11, uma quinta-feira, num registro revelador:



Fragmento da página E9 da Ilustrada do dia 08.12.11.

A matéria não assinada faz uma análise dos "Programas de TV que sofreram mudanças na classificação indicativa em 2011" e ao analisar

"Insensato Coração" trouxe o seguinte registro: "O Ministério cogitou elevar a faixa etária da novela para 14 anos por conta de cenas com nudez e violência, mas desistiu após a obre levar ao ar o debate sobre **homofobia** que teria 'relevância social'" (grifo nosso).

3.2.9 Os discursos sobre a realidade internacional e lazer e cultura internacional (2011)

Só foram apuradas quatro páginas em 2011 com discursos sobre a homofobia vinculados a países estrangeiros (**realidade internacional**). Com a exclusão daquelas em que houve menção rápida ou indireta, destaco o material encontrado no dia 06.01.11, uma quinta-feira, com a particularidade de ter sido veiculada num espaço não usual, um caderno de Turismo. Dedicadas ao "mundo GLS", as matérias estão a confirmar as estreitas relações que podem ser estabelecidas entre mercado e militância:



Capa do caderno Turismo que circulou no dia 06.01.11.

O caderno tem em suas páginas as seguintes matérias: "Brasil dá passos iniciais no turismo GLS", "Em hotéis de Fort Lauderdale, roupa na piscina é alternativa", "Hotelaria surfa onda 'hetero' friendly", "Berlim é a bola da vez da comunidade gay", "Floripa surge como destino

internacional". A referência à homofobia aparece na página F3 onde é apresentado um levantamento de algumas conquistas LGBT no Brasil e no mundo e há menção às agressões homofóbicas ocorridas na Avenida Paulista, em São Paulo.

A única ocorrência de discurso do tipo **lazer e cultura internacional** em 2011 foi no dia 17.05.11, terça-feira, caderno Ilustrada, folha 12, sobre uma banda de rap dos Estados Unidos acusada de promover homofobia com as letras de suas músicas.

3.2.10 Os discursos esportivos e do tipo editorial (2011)

Todos os registros esportivos do ano remetem para o mês de abril de 2011 quando um incidente envolvendo um jogador profissional de vôlei repercutiu por alguns dias em todo o país, merecendo destaque nos principais meios de comunicação. O caderno Esporte do dia 06.04.2011, uma quarta-feira, dá início à série em material produzido por jornalista paulista:

D12 esporte
QUARTA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2011
FOLHA DE SÃO PAULO

MARIANA BASTOS
DE SÃO PAULO

Em 1999, o jogador de vôlei Luiz Cláudio Alves da Silva, o Lilico, falou publicamente que era gay. Fez a revelação para se queixar de um fato de que sua orientação sexual teria lhe fechado as portas da seleção brasileira.

Dois anos se passaram, a homossexualidade no esporte permanece um tabu, mas o preconceito "expulsa" Michael, 27, de armário.

No sábado, o meio de rede do Vôlei Futuro foi vítima de uma manifestação generalizada de **homofobia** vinda das arquibancadas do ginásio do Riacho, em Cotia (MG), casa do time rival, o Cruzeiro. "Foi a primeira vez que ouvi um ginásio inteiro gritando 'bicha', 'alvo bom sou'", disse.

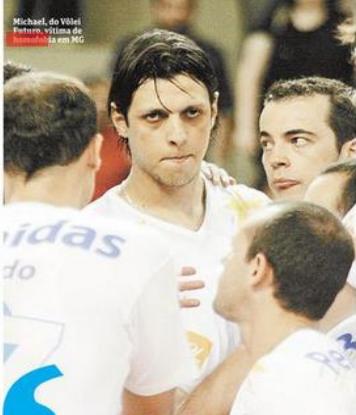
Ainda assustado, Michael disse à Folha que não poderia se calar diante de tal situação. Para isso, teve que se expor e revelar publicamente sua homossexualidade.

Ele, porém, não se considera um ícone, como Lilico, motivo em 2002 vítima de um AVC (acidente vascular cerebral). "Não quero ser um símbolo. Só quero contribuir para que isso [manifestações homofóbicas] não aconteça de novo. Acho que vai acontecer, mas, pelo menos, dê um primeiro passo", disse.

Lilico Futuro e Cruzeiro voltam a se enfrentar neste sábado, em Anápolis (SP).

Achava normal?
Normal não achava, mas eu ia brigar com 50 pessoas! São pessoas ignorantes. Mas, em Cotia, foi pior porque tinha até criança, senão, muita gente gritando.

Foi uma iniciativa sua repercutir isso?



Michael, do Vôlei Futuro, vítima de homofobia em MG

ENTREVISTA MICHAEL

Foi a primeira vez que vi o ginásio todo gritando 'bicha'

APÓS SER HOSTILIZADO POR TORCIDA, JOGADOR DE VÔLEI EXPÕE SUA HOMOSSEXUALIDADE E ERGUE BANDEIRA EM PROL DA TOLERÂNCIA NO ESPORTE

Minha e do Vôlei Futuro. Não sei se teria força para fazer isso sozinho. Eu queria falar sobre preconceito, mas, para isso, teria que me expor. Acho que isso tinha que ser feito. Não podia deixar passar. Já dei de passar muitas vezes, mas um ginásio inteiro... Eu tinha que falar.

É complicado se expor?
Não falo claramente que sou gay porque não tem necessidade, todo mundo sabe. Sei que tomei essa causa, mas não precisa ouvir da minha boca que eu sou gay.

Os jogadores apoiam?
Somos muito parceiros, até damos risada se algum cara ignorante me xinga. Mas, quando a torcida começa a gritar, alguns me perguntam se eu estava assustado. Eu disse que sim, mas tudo bem, vamos jogar.

Os singamentos interferiram no seu rendimento?
Sim. Fiquei assustado. Eu tinha que jogar porque, se não jogasse, eu ia ficar derrotado. Então fiquei a cabeça. Depois que acabou o jogo, fui para o vestiário, e um monte de gente veio atrás. Já pensei: "Carabala, eu sou um monstro, então".

Você já sofreu algum preconceito de colegas ou técnicos?
Nunca. Se sofri, passou despercebido.

Você se considera um símbolo, assim como foi o Lilico?
Não, nem quero. Só não posso ficar calado como se nada tivesse acontecido. Acho que vai acontecer de novo, mas pelo menos eu dei um passo inicial para que isso não aconteça mais.

CVZ DIZ QUE NÃO PODE RECEBER PUNIMENTO
O Vôlei Futuro havia antecipado o julgamento de suas denúncias contra o Cruzeiro para antes do último jogo da semifinal, no dia 15. Devia mesmo da torcida, e cabe mesmo ao clube mesmo não poder punir o jogador. Mas, segundo a assessoria da entidade, o CVZ não pode interferir no prazo.

No espaço centralizado da página, com grande destaque, um instantâneo do momento em que o jogador estava sendo hostilizado pela plateia e, ao mesmo tempo, recebendo apoio de seus colegas de time. A foto vem acompanhada dos dizeres "Michael do vôlei, vítima de homofobia em MG". A reportagem faz uso do termo homofobia no meio do texto ao contextualizar o incidente assim: "No sábado, o meio de rede do Vôlei Futuro foi vítima de uma manifestação generalizada de **homofobia** vinda das arquibancadas do ginásio do Riacho, em Contagem (MG), casa do time rival, o Cruzeiro". Pouco mais adiante deu voz ao próprio jogador que afirmou: "Não quero ser um símbolo. Só quero contribuir para que isso [manifestações **homofóbicas**] não aconteça de novo. Acho que vai acontecer, mas, pelo menos, dei um primeiro passo" (grifo nosso).

Nos dias seguintes o assunto é retomado pelo mesmo caderno de Esportes: "Governo de MG desculpou-se com Michael, diz time", em matéria que contém afirmação de que "O vôlei Futuro divulgou em nota que um representante do governo mineiro se desculpou pelo caso de homofobia contra Michael" (edição do dia 08.04.11, sexta-feira, p. D12).

"Cruzeiro recebe multa por homofobia" é notícia no dia 14.04.11 (fl. D9), quinta-feira. "Michael revê palco da polêmica" no dia 15.04.11 (p. D6). E "Torcida provoca Michael de novo", com subtítulo "Jogador do Vôlei Futuro, que perdeu do Cruzeiro, é hostilizado, mas sem homofobia." (16.04.11, sábado, p. D12), quando o jogador é ouvido novamente, além de torcedores, havendo, ainda, menção ao fato de que a "Prefeitura de Contagem, que administra o ginásio, também espalhou faixas contra o preconceito":



Michael bloqueia no jogo de ontem contra o Cruzeiro; no destaque, torcedoras com cartaz com mensagem a ele, alvo de homofobia na semana retrasada

Torcida provoca Michael de novo

VÔLEI Jogador do Vôlei Futuro, que perdeu do Cruzeiro, é hostilizado, mas sem homofobia

RAPHAEL VELEDA
DE CONTAGEM

Em um jogo que definiu um dos finalistas da Superliga masculina, a torcida dividiu as atenções com o espetáculo proporcionado dentro da quadra do ginásio do Riacho, em Contagem (MG).

Era o reencontro entre Michael, meio de rede do Vôlei Futuro, e a torcida que o hostilizou com gritos homofóbicos duas semanas atrás.

Na quadra, o Cruzeiro venceu o Vôlei Futuro por 3 sets a 0 (25/22, 25/23 e 25/20) e se classificou para a final, que será disputada contra o Sesi.

O time mineiro foi empurrado por uma torcida vilan-

zes e pelo sistema de som, que não prejudicasse seu time. Os torcedores evitavam o uso de insultos homofóbicos, mas provocaram o jogador de maneira indireta.

Michael era ostensivamente vaiado ao se preparar para o saque. A cada erro dele, a torcida local vibrava.

"Quando o atleta saía de quadra, o coro de "vacilão" tomava conta do ginásio. O público chegou a gritar o nome de "Richarlyson", jogador de futebol do Atlético MG que é alvo de preconceito de torcidas rivais, que insinuam que ele é homossexual.

Para a bancária Amélia Soares, 29, torcedora do Cruzeiro, a torcida não foi des-

de. "Todo cruzeirense de verdade deveria se envolver com esse comportamento", disse o professor Olavo Abrahão, 39. "Essas pessoas não entendem os valores do esporte, só espalham ódio".

Houve manifestações de apoio a Michael. Um cartaz pediu "desculpa pelos atos de alguns ignorantes". Também havia uma faixa com o nome da cantora americana Lady Gaga e da música "Born This Way", que fala a respeito de homossexualidade.

A Prefeitura de Contagem, que administra o ginásio, também espalhou faixas contra o preconceito. No fim, Michael, homos-

Segundo clube, Stacy fala 'yes' ao acordar

MARILIANA BASTOS
DE SÃO PAULO

O estado da libero Stacy Sykora, 33, internada no hospital Sírio Libanês desde terça devido a um traumatismo craniano, melhorou.

Segundo informações de seu clube, o Vôlei Futuro, a americana acordou e falou pela primeira vez desde o acidente com o ombre-de-fino, que tombou em Osasco.

"O médico, ao tirar o tu-

guês. Porém a resposta veio da própria libero, com um sonoro "yes", disse a assessora de imprensa do time.

Entem, o Vôlei Futuro treinou pela primeira vez desde terça. Fabiana e Jorginho, que se recuperam de dores nas costas provocadas pelo acidente, não participaram das atividades.

A CBV (Confederação Brasileira de Vôlei) ainda não remarcou a data para a realização do primeiro duelo da semifinal entre Vôlei Futuro e Osasco, cancelado devido ao acidente. Rio de Janeiro e Pinheiros fazem hoje, às 10h, o segundo duelo válido pela outra

Página D12.

Os editoriais multiplicam-se no período e aqui são analisados por sua ordem cronológica. O primeiro registro remete para a edição dominical do dia 27.03.11 (p. A2 do Primeiro Caderno), quando a FSP reivindica da Prefeitura a divulgação de dados sobre violência por bairros na cidade de São Paulo, fazendo referência indireta à homofobia. O segundo circulou no dia 17.05.11, uma terça-feira (p. A2 do Primeiro Caderno) e trata da tramitação do projeto de lei de criminalização da prática que tramita no Senado Federal. Dúbio, por um lado defende a necessidade da medida legislativa, mas de outra parte questiona alguns aspectos jurídicos da questão, alertando para o risco de comprometer o direito de liberdade de expressão em contextos religiosos, o que reputa legítimo.

Numa demonstração da importância que o tema adquiriu, poucos dias depois outro editorial - do dia 28.05.11 - um sábado, sobre "Lula e Dilma" aborda a fragilização da Presidenta da República no momento em que repercutiam escândalos em torno do então Ministro da Casa Civil Antônio Pallocci, com a seguinte alusão ao chamado kit "anti-homofobia":

Faltava, nesse cenário de enfraquecimento do Planalto e de volatilização de sua confortável maioria no Congresso, a contribuição de outra bancada tradicional, a dos deputados evangélicos. Manifestaram-se - e foram atendidos pelo Planalto - no caso do chamado kit anti-**homofobia**. O recuo de Dilma foi imediato e constrangedor, ao menos para o ministro da Educação, Fernando Haddad (grifo nosso).

Por fim, em 11.12.11, em mais um domingo, na página A2 do Primeiro Caderno, outro editorial retoma essa questão bem específica, analisando o recuo da senadora Marta Suplicy em alguns pontos do projeto de lei e defendendo a necessidade de ajustes com o conservadorismo já manifestado em outras oportunidades, assim:

O parecer da senadora tentou excluir do crime de **homofobia** o que chamou de "manifestação pacífica de pensamento decorrente da fé e da moral". Transparece, nessa fórmula, o desajeitado salvo-conduto que se pretendia conceder a líderes religiosos.

Mas a questão, obviamente, não é de fé nem diz respeito apenas aos pregadores desta ou daquela igreja. Pode-se ter opiniões contrárias ao homossexualismo por outras razões, que não cabe à lei discriminar nem coibir.

Com efeito, a **homofobia** deve ser punida nos casos de injúria, de agressão, de discriminação, ou seja, quando palavras se transformam em ações concretas de ataque.

Não quando alguém apenas diz o que pensa sobre o assunto - sendo religioso ou não.

Também a proposta se engana ao estabelecer pena de prisão para atos discriminatórios, que deveriam ser objeto de sanções alternativas, no caso de o transgressor não representar ameaça física à sociedade. Não faz sentido, por exemplo, trancafiar por três anos num presídio - provavelmente superlotado - quem, por preconceito, tenha tentado dificultar a contratação de um homossexual numa empresa ou órgão público.

O projeto, sem dúvida, está a exigir ajustes. É de esperar que o adiamento da votação propicie a oportunidade de realizá-los (grifo nosso).

3.2.11 Poucas definições (2010-2011)

Nas 200 páginas levadas em conta no biênio 2010-2011 houve o fornecimento de uma definição clara e detida do que se considerava homofobia em somente 4 ocasiões. No debate estabelecido na seção "Tendências e Debates do dia 04.12.10 (Primeiro Caderno, p. A3) em torno da pergunta "O Congresso deve aprovar o projeto de lei que criminaliza a homofobia?", sendo que ao responder um dos articulistas a define como "discriminação pela opção sexual". Em 07.12.11 no Primeiro Caderno (fl.A3) quando a senadora Marta Suplicy é entrevistada em uma matéria sobre a controvérsia em torno do projeto de lei que criminalizada a prática e os jornalistas situam que o mesmo "define em lei crimes resultantes de preconceito de sexo, orientação sexual ou de identidade de gênero em situações no mercado de trabalho, na prestação de serviço público, além de indução à violência". Outra vez no dia 13.12.11, no caderno Ilustrada, página E10, em que o articulista defende que "Homofobia não é crime", definindo-a como "mera aversão" a homossexuais e por fim, no dia 26.12.11, na folha A12 do Primeiro Caderno, no material onde o deputado federal Jean Willys critica as propostas reformuladas da senadora Marta Suplicy para o projeto de criminalização da homofobia que, como apresentadas, ficariam restritas a "uma mera questão de agressão e assassinatos".

Tal carência de definições, que se repetiu em todos os períodos estudados, pode ser percebida como sintomática. Para além da constatação quantitativa da inegável explosão discursiva ocorrida, o esforço de análise realizado permitiu um estudo qualitativo das fontes e, assim, uma maior problematização em torno das limitações e potencialidades daquelas práticas discursivas, com o que conduzo o trabalho para as considerações finais a seguir articuladas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A confirmar que um caminho se faz à medida que se avança na caminhada, a pesquisa que resultou na presente dissertação ganhou corpo aos poucos, conforme avançou o estudo pormenorizado dos períodos propostos, com o manejo das fontes históricas. Assim foi possível a percepção de constâncias e a partir delas continuidades, descontinuidades, permanências, eventuais rupturas, mudanças, avanços, recuos e contradições. Na maioria das vezes esse processo criativo se deu sem eu perceber a série de inferências e conclusões possíveis, que somente o tempo, a maturação do trabalho, me permitiram tardiamente formular.

O ponto de partida foi a curiosidade histórica em saber como e quando surgiram os discursos sobre a homofobia na FSP, e como foi o processo de difusão discursiva posterior que, com o tempo, desaguou no reconhecimento do fenômeno enquanto um problema, gerando em torno dele uma demanda social. Com que sentido e com que alcance se deu essa vulgarização de práticas discursivas?

Sendo evidente aquela transformação na história recente do Brasil, a necessária problematização foi facilitada e potencializada pela influência do referencial teórico reunido preliminarmente. Afinal, referir-se à homofobia é falar de sexualidade, e falar de sexualidade é falar de relações de poder, disputas por poder e lutas discursivas. São relações, combates e conflitos que têm em sua base uma hierarquia das sexualidades ditada por um modelo heterossexual, a partir do qual, de acordo com uma maior adequação ou subversão das expectativas, atuam processos de inferiorização e distribuição desigual de poder, gerando homofobia.

A percepção de que o poder está por toda parte e em constante tensão vai além da denúncia de uma heteronormatividade compulsória, mas alcança o interior das próprias identidades LGBT e dos coletivos que procuram as representar. Essa identidades e coletivos também são alcançados por aquele regime hierárquico, com o que processos de subalternização prosperam também no interior das homossexualidades, com cada uma das possibilidades dessa imensa "sopa de letrinhas", disputando espaços e voz, sem falar nas infundáveis classificações existentes no interior de cada uma dessas instáveis, relacionais e contingentes possibilidades.

Que homofobia é essa que a FSP tanto (?) falou? Qual delas? Quando? Aonde? Porque?

Na busca de respostas a essas perguntas expliquei que nos primeiros tempos (1986-1993), quando as práticas discursivas surgiram

na FSP, de modo restrito, ocasional e vacilante, isso aconteceu na voz de acadêmicos, sob forte influência internacional. Tempos difíceis, nos quais as práticas discursivas sobre a homofobia ganharam força impulsionadas pelo assombro e pânico gerados pela epidemia da AIDS. Não sem razão, portanto, ao lado dos jornalistas, os outros interlocutores identificados no período foram médicos, ativistas, integrantes de *Gapas* e artistas.

O mundo das artes, tão atingido pela doença e, em decorrência, pela homofobia, é um dos primeiros a reagir, a protestar contra o imobilismo da sociedade e dos governos em particular, denunciando a omissão no necessário enfrentamento da doença e a onda de violência e preconceito contra os homossexuais que ela incrementou. Os discursos de lazer e cultura internacional revelaram-se uma porta de entrada para novas práticas discursivas. Tímidas matérias sobre a realidade brasileira surgiram associadas a reportagens sobre a realidade estrangeira, como que a pedir espaço e legitimidade.

Um bom número de ocorrências dessa época trazia com elas propostas conceituais, nas quais prevaleciam termos fortes como medo, ódio, aversão, reação fóbica e violência. Preponderou o uso discursivo generalista, com recorrente associação direta aos gays e, em menor medida, às lésbicas.

Expliquei também que os discursos sobre a homofobia começam a se propagar entre 1994 e 2003, num uso ainda restrito, eventual, mas contínuo. Se de uma parte a forte ascendência internacional persistiu, com o papel decisivo do movimento LGBT articulado entre diferentes países, por outro lado, houve um aumento de discursos inseridos no contexto nacional, conjuntamente com uma maior interlocução com a sociedade brasileira em geral e com os leitores da FSP em particular. Mais e mais pessoas começam a falar e opinar sobre a temática que, assim, gradualmente ganhou maior visibilidade e atingiu diferentes nichos do universo jornalístico, conquistando, inclusive espaços permanentes de participação discursiva (colunas).

A forma de propagação dos discurso sobre homofobia nesse momento histórico revela que os discursos em circulação aspiravam respeitabilidade e adquiriram crescente componente político e, assim, se entrelaçaram com outras bandeiras de luta - e discursos - encampados pelo movimento LGBT brasileiro, que nessa época adquiria maior consistência e organicidade. Houve um vacilante, mas gradual aumento de espaços voltados para situações brasileiras e cotidianas (com tímido início de ocorrências policiais). Figuras públicas e políticas passaram a ser cobradas por suas posturas e declarações, e despontaram lideranças do movimento dispostas a disputar cargos políticos.

As falas ouvidas no período ainda são dos jornalistas e de ativistas internacionais, mas cada vez mais, de militantes brasileiros, de políticos ou aspirantes, antropólogos. E houve novidades boas no *front*, policiais, lideranças travestis, esportistas e a própria FSP engrossam as fileiras do que falam sobre homofobia, com poucos casos em que houve explicação de seu significado e, ainda assim, de forma geral referindo-se aos gays, ocasionalmente às lésbicas e, excepcionalmente, durante realização de encontro mundial do movimento ou em material acadêmico, às travestis, ou às transexuais (no meio acadêmico).

Pouco a pouco ficou mais visível um quadro de fermentação que se processou de 2004 a 2009 em todos os tipos discursivos, ao mesmo tempo que foram conquistados novos espaços de veiculação na FSP, com prevalência daqueles relacionados com a realidade e o campo de lazer e cultura nacionais, sendo que muitas pesquisas sobre a homossexualidade e em especial sobre o fenômeno da homofobia foram divulgadas. As questões e demandas colocadas pelo movimento LGBT adquiriram novo patamar de visibilidade, com destaque para a importância do programa "Brasil sem Homofobia" lançado em maio de 2004, as campanhas contra a homofobia e pela criminalização correspondente encampadas a partir de 2006 pelas (cada vez maiores e politizadas) Paradas da Diversidade. Protestos públicos repetiram-se ao mesmo tempo que incidentes com motivação homofóbica foram mais noticiados, recebendo um trato policial, e o próprio movimento LGBT passou a interessar a pauta jornalística.

Para além de uma visibilidade sem precedentes, as disputas políticas e discursivas apresentam-se cada vez mais polarizadas, opondo ativistas, figuras públicas e políticas pró LGBT de um lado e, de outro, lideranças religiosas e integrantes da chamada bancada evangélica no Congresso Nacional. Deu-se o início de disputas discursivas em contextos eleitorais de diferentes níveis. A fermentação discursiva repercutia discursos opinativos ao mesmo tempo que os promovia, com grande participação de leitores do jornal que passaram a se manifestar sobre assuntos LGBT com maior desenvoltura.

As práticas discursivas do tipo lazer e cultura nacional e internacional ainda noticiavam eventos e produções engajadas no combate da homofobia, mas também denunciavam iniciativas consideradas homofóbicas. Incidentes até então invisíveis no mundo esportivo passaram a receber um tratamento diferenciado e a virar notícia, inicialmente de modo tímido e com referência a fatos estrangeiros e a contar de agosto de 2007, no âmbito do futebol, o esporte mais popular do país.

Às tradicionais vozes ouvidas, como mencionado nos parágrafos anteriores, outras se somam, revelando um quadro maior bastante sintomático: falaram ministros da Saúde, da Educação, da Justiça, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, do Turismo, do Supremo Tribunal Federal, o próprio Presidente da República, além de advogados, inclusive um da defensoria homossexual de São Paulo, jogadores de futebol, testemunhas, policiais, um "pitboy", um empresário, militares, casal de lésbicas que adotou criança, a própria FSP e educadores, dentre outros.

Definições continuaram raras, sendo corrente o uso do termo homofobia como sinônimo de preconceito e discriminação contra homossexuais de modo genérico, com ocasionais referências às lésbicas, às travestis e transexuais, além dos bissexuais. Foi recorrente o uso de gráficos, mapas, tabelas, quadros, todos coloridos, de maior tamanho e melhor resolução, nos mais diferentes espaços.

Chegaram os anos 2010 que com eles trouxeram uma explosão de discursos tendo por tema específico o fenômeno da homofobia que, elevado à condição de temática que mobiliza e divide opiniões na sociedade brasileira, alcançou até mesmo as disputas pela instância de poder mais alta do país. Firmou-se, assim, um problema protagonista de notícias, análises, opiniões e debates (que inclusive passaram a ser incentivados pela FSP).

A explosão verificada indicou uma clara tendência de aguda ascensão, atingiu todos os tipos de discursos, com exceção daqueles relacionados com a realidade, o lazer e cultura internacional.

Em 2010 sobressaíram-se dois acontecimentos marcantes que atuaram como detonadores discursivos: os desdobramentos da campanha presidencial e a onda de ataques com motivação homofóbica na Avenida Paulista, em São Paulo. Em 2011 o mesmo se deu com a decisão histórica do Supremo Tribunal Federal reconhecendo as uniões estáveis homossexuais, o recuo do governo federal na controvérsia instalada em torno do então chamado kit "anti-homofobia", e os debates em torno do projeto de lei que pretende criminalizar a homofobia. Houve também uma progressiva preponderância de notícias com cunho policial, ainda que envolvendo, de modo geral, personagens urbanos, gays, de classe média e brancos. Protestos viraram notícia como nunca.

O caráter de disputa de poder, discursiva e mesmo político-partidária foi escancarado, com uma ainda maior e mais clara definição perante a sociedade dos sujeitos políticos nela envolvidos, sendo além de reveladas, debatidas as posições ocupadas pelos dois polos discursivos e de poder. A própria FSP se integrou à discussão através de uma série de

editoriais publicados sobre a temática específica. O trato de notícia policial aos casos de violência homofóbica firmou-se ainda mais, assim como os protestos por eles motivados. Programas da televisão aberta começaram a despertar um interesse diferente: aqueles que veiculam mensagens e discursos homofóbicos passaram a ser publicamente questionados.

O uso de fotos, imagens, gráficos e tabelas, em formato grande e bem colorido (em alta definição), tornou-se ainda mais frequente, assim como de fotos focadas em ferimentos ou vítimas feridas.

As vozes referidas no período de fermentação discursiva continuaram a falar, cabendo acrescentar a elas as seguintes: o governador do Estado de São Paulo, um promotor da Infância e da Juventude, bispos evangélicos, a nova Presidenta da República, representantes do grupo "Carecas do Brasil", jogadores de vôlei, a CNBB, especialistas em programas de televisão, o autor de uma coluna semanal de humor, participantes de protestos públicos, pais de acusados, a Unesco, especialistas em direito constitucional, dentre outras.

A definição clara e objetiva do que se entendia por homofobia continuou rara, com a persistência das características gerais apontadas nos períodos anteriores, sendo percebida a influência, ainda, do debate de cunho jurídico sobre os teor do projeto de lei que tramita no Congresso Nacional com o objeto de criminalizar a homofobia.

Foram muitas as mudanças discursivas e os usos feitos dos diferentes discursos nesses mais de vinte anos estudados. Neste sentido, o confronto entre as coberturas jornalísticas feitas pela FSP do assassinato de Edson Nérís da Silva nos idos do ano 2000 e, dez anos depois, de um ataque homofóbico com uso de lâmpadas fluorescentes que ocorreu na Avenida Paulista, é bastante revelador.

As matérias de fevereiro de 2000 foram bem mais tímidas, conquistando uma única e (bem) pequena chamada de capa no segundo dia de divulgação do crime. O uso de fotos foi parcimonioso e curiosamente diversas notícias vieram estampadas no jornal sob o subtítulo "racismo", sem que tenha havido um discurso sobre a homofobia, nominada como tal, em uma única oportunidade. O fato de que "Skinheads espancam a matam homem" foi noticiado já no dia seguinte ao crime, conjuntamente com a informação de que a motivação do mesmo teria sido o fato de que as vítimas foram identificadas como homossexuais. Somente alguns dias depois foi noticiada a circunstância de que se tratava de um casal de namorados gays que estavam andando de mãos dadas. As vozes ouvidas nas diferentes matérias, além dos

redatores, foram as de um irmão da vítima assassinada, testemunhas, além de autoridades policiais, judiciais e advogados.

Já a cobertura do ataque com lâmpadas fluorescentes na Avenida Paulista, em novembro de 2010, foi diferente a principiar pelo fato de que já no primeiro dia de divulgação do caso, o assunto mereceu razoável destaque na capa da edição correspondente (dia 15.11.10), com a inserção de uma foto colorida em close, retratando o ferimento no rosto de uma das vítimas do ataque. A estratégia se repetiu nos dias subsequentes, novamente com chamadas de capa e o uso recorrente de muitas fotos coloridas.

Mas é no âmbito das práticas discursivas escritas que as diferenças se mostraram mais importantes. A referência à homofobia se deu já no primeiro dia em que foi noticiado o incidente e na capa da FSP. O uso discursivo repetiu-se espalhado por todas as matérias subsequentes e surgiu na voz dos jornalistas, parentes das vítimas, as próprias vítimas, advogados, testemunhas, um deputado estadual, o presidente da ABLGBT, policiais e participantes de protestos.

Tal confronto, associado ao histórico desenvolvido no decorrer da dissertação vem a confirmar que a afirmação de que nas últimas décadas a FSP ao mesmo tempo fomentou, protagonizou e testemunhou uma explosão de discursos sobre a homofobia. Tal constatação, contudo, como esbocei desde a formulação do projeto de pesquisa, necessita ser devidamente questionada e problematizada.

Talvez somente agora fique mais clara minha escolha em intitular dois capítulos da dissertação com as expressões "restritos" e "amplificados, guarnecendo-os com um ponto de interrogação. Afinal, a condição rarefeita e intermitente, ou eventual e contínua identificadas no período de surgimento e início de propagação discursiva sobre a homofobia já justificavam, à princípio, a escolha da palavra "restritos" para qualificar as práticas discursivas estudadas no segundo capítulo. A constatação qualitativa de que o uso discursivo estudado se dava em altas esferas acadêmicas ou então, tendo por objeto acontecimentos ou produções culturais estrangeiras, com declarada e preponderante associação do fenômeno da homofobia com a epidemia da AIDS e suas principais vítimas, os gays, veio a confirmar como oportuna a adjetivação escolhida.

Já com relação aos discursos "amplificados" as conclusões não podem ser tão rápidas. De uma parte, a fermentação discursiva identificada de 2004 a 2009 e a explosão subsequente que ocorreu durante aos anos de 2010 e 2011 justificam, sim, a qualificação proposta. Mas,

por outro lado, a análise qualitativa empreendida veio a dificultar ainda mais a tomada de uma conclusão.

Sim, pois, como visto, é inegável que durante os períodos de fermentação e explosão discursiva, para além da confirmação de que nunca se falou tanto em homofobia, veio junto a constatação de que esse processo se deu em um amplo espectro de vozes (atingindo até mesmo as mais altas instâncias de poder do país) e nas mais diferentes situações, ao mesmo tempo alcançadas e ensejadoras daquelas práticas.

Mas, por outro lado, numa camada mais profunda, mais fácil de ser intuída do que percebida, e ainda mais difícil de ser evidenciada, restou confirmada a desconfortável percepção de que de modo geral a homofobia de que tanto se falou foi uma homofobia em que foram vítimas gays brancos, das camadas médias e urbanos, mais próximos de um modelo normalizado, padronizado e integrado à sociedade. E, por outro lado, os algozes identificados foram homens brancos, de camadas médias e urbanos. Sintomaticamente foi assim nos dois casos vistos de violência homofóbica que mais repercutiram em toda a história da FSP e na maioria dos (raros) casos que mereceram a atenção do jornal.

A homofobia de que tanto se falou (e se fala), portanto, de modo geral foi (e é) um problema, uma demanda social gerada em torno de indivíduos integrados na sociedade, homossexuais, brancos e de camadas médias.

Edson Nérís da Silva, espancado até a morte em fevereiro de 2000, era um adestrador de cães que queria retomar os estudos de assistência social, gay e branco. Na quadrilha de skinheads que o atacou todos eram brancos, havia um auxiliar de escritório, um barman e um vendedor.

Os jovens atacados com lâmpadas fluorescentes de madrugada do dia 14.11.10 na Avenida Paulista, eram brancos, gays e estudantes. Foram seguidos e feridos por um grupo de jovens brancos, estudantes e no dizer da FSP "de classe média".

Raros registros surgidos na forma de notícia que foram pinçados na pesquisa denotam uma contradição, que por se dar no nebuloso terreno das invisibilidades, é de difícil demonstração. Já nos idos de 1996 (em 16.06), Luiz Mott, do GGB, ao falar do assassinato da travesti Brenda Lee fez referência ao reconhecido levantamento efetuado pelo grupo, segundo o qual entre 1980 e 1995 ocorreram 1.242 assassinatos de homossexuais no Brasil, sendo que 22% das vítimas eram travestis.

Oito anos depois no meio da matéria publicada no dia 18.07.04 e intitulada "Parada gay não barra homofobia em São Paulo", foi possível extrair a informação de que, segundo o mesmo GGB entre os anos de 2000 e 2002 ocorreram 71 assassinatos com motivação homofóbica no

Estado de São Paulo, sendo que o levantamento nacional efetuado a cada ano, naquele momento já indicava a média de um assassinato daquele tipo a cada três dias.

Pois bem, os números considerados, ainda que poucos e imprecisos, são fortes o suficiente para revelar que a FSP em particular, e os meios midiáticos em geral, pouco falaram e falam daquele tipo de violência extrema, assim como pouco ou nunca abordaram ou abordam outras violências não menos graves que não resultam em mortes, isso sem referir-se àquelas perpetradas no campo simbólico e psicológico, cotidianamente vivenciadas nas mais distantes, diferentes e contrastantes regiões do país.

Como visto, prevaleceram notícias sobre raros casos em que as partes envolvidas eram brancas, dos extratos médios da população, urbanas e quase sempre, homossexuais masculinos. Nunca ou muito raramente foram noticiados casos de violência extrema ou não, em que as vítimas foram negras ou pardas, pobres ou remediadas, ainda mais se residentes em áreas rurais. Pouco ou nunca se falou das lésbicas, das travestis e das transexuais. Portanto, aquela foi uma explosão discursiva que, contraditoriamente, não foi ampla, mas, sim, restritiva. Problemas por aqueles segmentos despertados não constituem até o momento uma demanda social reconhecida pela sociedade brasileira em geral e pela maioria dos mediadores sociais midiáticos, a FSP em particular.

Todas essas restrições estão a indicar que a necessidade de visibilidade por parte das minorias sexuais pode ter na mídia parceiros ocasionais importantes, mas que, por outro lado, dita parceria tem suas limitações. No Brasil a produção midiática de modo geral é dominada por grandes redes de caráter privado e comercial. E justamente por isso muitos destacam a importância de um acesso mais democrático aos meios de comunicação, afinal é complicado atribuir aos mesmos um papel quase que exclusivo na tarefa de fomentar e disponibilizar espaços públicos para “mediações sociais”. O maior desafio colocado para os muitos segmentos do movimento LGBT, invisibilizados e silenciados, passa pela conquista do poder de falar e ser ouvido, interferindo nas lutas discursivas, com a difusão de uma noção de homofobia que não a feita por uma maioria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÓN PUENTES, Johnny; MOZANT, J. L. História e Historiografia: construção de novas tendências teóricas. In: PÔRTO JÚNIOR, Gilson (Org.). **História do Tempo Presente**. Bauru: Edusc, 2007. p. 297-309.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Macropolíticas do armário. A chave do armário. Homossexualidade. Casamento. Família. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 1005-1026, set./dez. 2011,

ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 27-39.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECKER, Howard. S. Outsiders. **Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENTIVOGLIO, Júlio. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Dimensões**, Vitória, v. 24, p. 114-134, 2010.

BENTO, Berenice. Política da diferença: feminismos e transexualidades. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 79-110.

BERLANT, Laura; WARNER, Michel. Sexo en público. In: MÉRIDA JIMÉNEZ, Rafael M. (Ed.). **Sexualidades transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria, 2002. p. 229-257.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: História de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRITZMAN, Deborah. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, Luiz Heron. **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis, Vozes, 1998. p. 154-171.

BUTLER, Judith. Críticamente subversiva. In: MÉRIDA JIMÉNEZ, Rafael M. (Ed.). **Sexualidades transgresoras**: Uma antologia de estudios queer. Barcelona: Icaria, 2002. p. 55-79.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido por heterossexual. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 21, p. 219-260, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais**: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. **Trans-Form-Ação**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 65-78, 2006.

CARRARA, Sérgio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. **Bagoas**, Natal, n. 05, p. 131-147, 2010.

CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19.05.05, Mais!, p. 5, 2005.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 65-99, jan./jun. 2007.

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999, p. 93-102.

COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011.

COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. **Aracajú dos anos 90**: crimes sexuais, homossexualidade, homofobia e justiça. Tese

(Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

DAVID CÓRDOBA, García. Teoría Queer: reflexiones sobre sexo, sexualidad e identidad. Hacia una politización de la sexualidad. In: CÓRDOBA, David; SAÉZ, Javier; VIDARTE, Paco (Eds.). **Teoría Queer. Políticas Bollerías, Maricas, Trans, Mestizas**. Barcelona-Madrid: Egales, 2005. p. 21-66.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. Conexões, processos políticos e movimentos sociais: uma reflexão teórica-metodológica a partir do movimento LGBT. **Advir**, Rio de Janeiro, p. 6-20, jul. 2012,

FACCHINI, Regina. Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**, Natal, n. 4, p. 131-158, 2009.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2008.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. **A agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)**. 2011. 375f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. Homofobia como uma teórica no Brasil (2008): notas preliminares sobre a produção de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses a partir de pesquisa na plataforma Lattes (<http://lattes.cnpq.br>). In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 3, 2008, Rio Grande, **Anais...** FURG/RS, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. 6. ed. rev. e atual. Curitiba: Positivo, 2004. 895p.

FERREIRA, Glauco B. Arco-íris em disputa: a 'Parada da Diversidade' de Florianópolis entre políticas, sujeitos e cidadania. 120 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

FLEURY, Alessandra Ramos Demito; TORRES, Ana Raquel Rosas. **Homossexualidade e Preconceito**: o que pensam os futuros gestores de pessoas. Curitiba: Juruá, 2010.

FONE, Byrne. **Homophobia**. A history. New York: Metropolitan Books, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio Assis. Do "gueto" ao mercado. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2005. p. 309-336.

FRIZZARINI, Maria Goreti Juvencio Sobrinho. Análise da cobertura do jornal Folha de São Paulo sobre a globalização, a política externa e a reinserção do Brasil na economia mundial durante 1995-2006. In: II CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA. **Anais...** Belo Horizonte/MG, 2007.

FRY, Peter. Não foi uma briga de bar. **O Estado de São Paulo**. Aliás. 09.10.2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,nao-foi-uma-briga-de-bar,783143,0.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GARCIA, Wilton. Da performance à diversidade: estudos contemporâneos. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 137-152.

GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 289-297, jan./jun. 2003.

GOMES, Daniel Berquó. **Homofobia**: a regulação dos espaços por meio da discriminação de homossexuais. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia de Serviço Social)- Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2008.

GREEN, James N. "Mais amor e mais tesão": história da homossexualidade no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000b.

GREEN, James N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 10, n. 18-19, p. 17-39, 2003.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000a.

GREEN, James N. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagú**, Campinas, v. 15, p. 271-295, 2000c.

HEMMINGS, Clarice. Contando estórias feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 215-241, jan./abr. 2009.

HENNING, Carlos Eduardo. **As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

HEREK, Gregory M. Beyond "Homophobia". Thinking About Sexual Prejudice and Stigma in the Twenty-First Century. Sexuality Research & Social Policy. **Journal of National Sexuality Resource Center**, San Francisco State University, v. 1, n. 2, p. 6-21, 2004. Disponível em:

<http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=114860>. Acesso em: 05 maio 2012.

HOLANDA, Janete Abreu; PANIAGO, Maria de Lourdes F.S. O discurso jornalístico como espaço de constituição da verdade. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG, **Anais...** - Jataí: História e Mídia, 2001. Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%202022.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

INSENSATO CORAÇÃO. Globo. 21h, 17.01. a 19.08.11. De Gilberto Braga e Ricardo Linhares, com direção de Vinícios Coimbra, Gustavo Fernandes e Cristiano Marques. Gravada em DVD. 2011. Acervo do aluno.

JAWSNICKER, Cláudia; BILHAR, Tatiana Fasolo. Folha de São Paulo: tendências e inovações. Uma análise a partir do impacto do web-jornalismo no impresso. **Revista Advérbio**, Cascavel-PR, n. 6, maio 2008. Disponível em: <<http://www.fag.edu.br/adverbio/artigos.html>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas**, v. 1, p. 1-22, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/index.php/bagoas/article/viewFile/2256/1689>>. Acesso em: 01 maio 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: EduPUC-Rio, 2006.

KRONKA, Graziela Zanin. Corpo, desejo e poder: identidade e subjetividade no discurso (homo) erótico. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 10, n. 18-19, p. 155-180, 2003.

LAQUEUR, Thomas. As relações sexuais estão no cerne da cultura (Entrevista). **Revista do Instituto Humanitas Uninsinos - IHU**, 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=469&secao=199>. Acesso em: 11 abr. 2013.

LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999, p. 93-102.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. **Jornalismo e Homofobia no Brasil. Mapeamento e reflexões**. São Paulo: Intermeios, 2012.

LÓPEZ PENEDO, Susana. **El laberinto queer**: la identidad en tiempos de neoliberalismo. Barcelona-Madrid: Egales, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 2008a.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.

MACHADO, Roberto. Introdução de FOUCAULT, Michel. In: _____. **Microfísica de poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade**: Identidade Sexual e Política no Brasil da Abertura. Campinas: Unicamp, 1990.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2005. p. 291-308.

MELLO, Luiz. Familismo (anti) Homossexual e Regulação da Cidadania no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 497-508, maio/ago. 2006.

MELLO, Luiz; AVELAR, Rezende Bruno de; MAROJA, Daniela. Por onde andam as Políticas Públicas para a população LGBT no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 289-312, maio/ago. 2012.

MELO, Iran Ferreira de. **Ativismo LGBT na Imprensa Brasileira**. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa)- Universidade de

São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo, 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História Visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 45, p. 11-36, 2003.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma análise da normalização. In: 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE), 2007, Campinas. **Anais...** Campinas, 2007, v. 1, p. 1-19. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/24805135/427522231/name/prog03_01.pdf>. Acesso em: 01 maio 2013.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma análise da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos - reflexões quer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 37-56.

MOTT, Luis. Homo-afetividade e Direitos Humanos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 509-521, maio/ago. 2006.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR. (Org.). **História do Tempo Presente**. Bauru: Edusc, 2007. p. 17-29.

NICHNIG, Cláudia Regina. "**Para ser digno há que ser livre**": reconhecimento jurídico da conjugalidade entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. 2013. 312f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p. 199-223, jan./dez. 2004.

PAIVA, Raquel. Mídia e Políticas de Minorias. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (Orgs.). **Comunicação cultural das minorias**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 15-26.

PARKER, Richard. **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEDRO, Joana Maria Pedro. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEDRO, Joana Maria. O feminismo de "segunda onda". Corpo, prazer e trabalho. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**, São Paulo, 2012. p. 238-259.

PELÚCIO, Larissa. É o que tem pra hoje - Os limites das categorias classificatórias e as possíveis novas subjetividades travestis. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011. p. 111-136.

PEREIRA, Roberto Mendes Ramos. Os desafios da história (política) do tempo presente. **Opsis**, Goiânia, v. 7, n. 9, p. 151-165, jul./dez. 2007.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Folha**. São Paulo: Publifolha, 2012.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidade: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortês, 2008.

RAMOS, Silvia. Violência e Homossexualidade no Brasil: as políticas públicas e o movimento homossexual. In: GROSSI, Miriam Pillar et al. (Org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond: 2005.

RIAL, Carmem. Mídia e Sexualidades: breve panorama dos estudos de mídia. In: GROSSI, Miriam et al. **Movimentos sociais, educação e sexualidades**, Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 107-136.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: HALPERIN, David. (Ed.). **The Lesbian and Gay Studies Reader**. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. London, New York: Routledge, 1992. Disponível em:

<<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2013.

SÁEZ, Javier. El contexto sociopolítico de surgimiento de la teoría queer. De la crisis del sida a Foucault. In: CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco. **Teoría Queer. Políticas Bolerías, Maricas, Trans, Mestizas**. Barcelona-Madrid: Egales, 2005. p. 67-76.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SCOTT, Joan. W. **Gender: a useful category of analyses**. Gender and politics of history. Traduzida por Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: <http://wesleycarvalho.com.br/wp-content/uploads/G%C3%AAnero-Joan-Scott.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2013.

SEDGWICK, Eve Sedgwick. **Epistemología del armario**. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.

SEFFNER, Fernando. Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011, p. 57-78.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 46-70, maio/jun. 2010.

SPARGO, Tamsin. Foucault y la teoría queer. Barcelona: Gedisa, 2004.
TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VELHO, Gilberto (Org.). **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WEEKS, Jeffrey. **El malestar de la sexualidade**: significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: Talasa, 1993.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.

WEEKS, Jeffrey. **The world we have won**: the Remaking of Erotic and intimate Life. New York: Routledge, 2007.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460/482, 2001.

ZAMBRANO, Elizabeth. Do privado ao público: a homoparentalidade na pauta do jornal Folha de São Paulo. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Org.). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 321-340.

ANEXO A: Quadro auxiliar: Banco de Dados Acess 2007

Identificação e Análise da Matéria

Código:	1	Contexto imediato/Causas Antecedentes:	Embasado no livro recém-lançado de Suseely Rolnik e Félix Guattari "Micropolítica-Cartografias do Desejo."
dia:	01/06/1986	Quais interlocutores referenciados?	Autores científicos/acadêmicos nacionais e estrangeiros como Gilles Deleuze e Levi-Strauss.
caderno:	Folhetim	De quem é a voz no texto?	Do autor antropológico.
Seção:	- DOMINGO	Sujeitos/GLBT?	G
Página:	7	Posição (+), (-) ou (x/-):	+
Chamada de capa?	n	Sentido da palavra é explicado?	não
Destaque na folha:	caderno específico	Associações:	com movimento feminista (fotos), dos atingidos pela AIDS nos EUA (fotos) e dos
Autor identifica do?	Sim, Nestor Perlongher, professor da Unicamp, Antropólogo.	Cruzamento:	
Mais de uma matéria?	Sim, integra folhetim sobre "A terceira margem da sociedade. Novas espécies de alianças nas relações amorosas."	Com que objetivo?	Explicar pesquisas no campo da sexualidade
Tema (eixo discurso):	"Os deuses mirmotários."	Faz citação a outro texto?	sim, diversos
Tipo de discurso:	Acadêmico.		

Registro: 1 de 490 | Com Filtro | Pesquisar